

*EM ESPÍRITO,
DE ESPÍRITO,
POR ESPÍRITO*

Diz-lhes este livro, caro leitor, prudentíssima leitora:

Quando, um dia, num momento, ainda que seja um só momento, vocês, que suas mãos me sustentem, tiverem o alcance da minha essência, com certeza essas suas mãos sentir-me-ão como uma brasa viva e, logo, vocês cuidarão de me repassar adiante, a outrem.

EM ESPÍRITO, DE ESPÍRITO, POR ESPÍRITO

*Textos avulsos para reflexões
(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)*

Doriel Veloso Gouveia

Este livro não é seu, no sentido de tê-lo em sua casa numa prateleira de sua biblioteca; você é que é tido(a) como pessoa especial, para, após a oportunidade de tê-lo em suas mãos por meio de uma doação a uma entidade filantrópica, fazer-lhe a leitura e, logo em seguida, repassá-lo a quem se dispuser a fazer a doação tal como você fez, escolhendo o objeto e a entidade a ser beneficiada, para também ler e repassá-lo, tudo para que assim se propague o livro e para que assim as doações aconteçam sempre em favor de necessitados, que somos todos e cada um de nós. Então, não quebre esta corrente; e o Céu permanecerá em festa. A doação de objetos pode ser como os de uso pessoal (roupas, sapatos, joias, novos ou usados), como os representados em alimentos não-perecíveis, como os de expressão de valor monetário em espécie ou em cheque etc., cada um em quantitativo que você estipular para uma entidade filantrópica de sua livre escolha. Após doar e ler (ou resolver não doar nem ler), faça o favor de indicar o nome da pessoa para quem você encaminhou o livro e o seu respectivo e.mail para o e.mail dorimar.dorimar@gmail.com ou mesmo devolvê-lo para o autor. É ainda importante dizer que não se deve deixar que pessoa próxima, qualquer que seja o vínculo, só por conta de uma intimidade, seja estimulada a ler este livro sem o correspondente ato de doar. Enfim, deixa-se expresso o reconhecimento quanto à precariedade, tanto da diagramação desta obra, quanto da sua impressão. Mas o importante é a mensagem que se pretende transmitir sem pretensões acadêmicas, sempre, porém, associada ao sentido do bem que se deve fazer a necessitados, nos quais todos nos devemos incluir.

Em tempo: Caso você queira ficar com um impresso como este, em sua biblioteca, visite o site www.dorielvelosogouveia.com.br, busque o arquivo correspondente e, a partir deste, numa Copiadora, peça que o imprima e o encaderne.

Todos os direitos cedidos pelo autor ao Projeto Subindo o Monte.

Proibida a reprodução total ou parcial da obra sem autorização.

Dedicatórias

A todo aquele que, diante de uma
oportunidade, somente consentiu conquistá-la,
porque não seria um sacrifício para si nem para o próximo.

Aos dignos pensadores de todos os tempos,
o agradecimento pela luz alcançada e pela seta
que representam; sem eles, a caminhada teria
ponto inicial de partida no meio de densas trevas.

Aos amigos - verdadeiramente
aqueles que não impõem sacrifícios.

Aos meus íntimos: minha esposa Maristela,
meus filhos Doriel, Doriella e Diara,
minha nora Patrícia,
meus netos Miguel, Paloma e Pedro
e, também, aos meus pais Milton e Adelita
(*in memoriam*).

SUMÁRIO

01. *A boca que fala.....pág. 15*
02. *Valioso nada explicado.....pág. 17*
03. *Não se sente fome, quando em espírito.....pág. 21*
04. *A melhor parte.....pág. 23*
05. *Presença.....pág. 25*
06. *A carne para nada aproveita ou o nada aproveita a carne?.....pág. 27*
07. *O Eu não é, mas pode vir a ser.....pág. 29*
08. *Acerca da multiplicação dos pães.....pág. 31*
09. *Paz vivificada.....pág. 37*
10. *Natal.....pág. 39*
11. *Em espírito, de espírito, por espírito.....pág. 41*
12. *Tentado-sem-queda versus queda-posta-no-tentado.....pág. 43*

13. *“Morte” das ilusões do mundo.....pág. 47*
14. *Eu que “morre”pág. 49*
15. *Comunicar.....pág. 51*
16. *Adversário fraco.....pág. 53*
17. *Túmulo vazio ante plenitude de espírito no Eu-divino.....pág. 55*
18. *Somas de Deus.....pág. 57*
19. *Coisa acidental e eterno essencial.....pág. 59*
20. *Entre sabedoria e verdade.....pág. 61*
21. *Espiritualidade?.....pág. 63*
22. *Espírito/homem x porcos/matéria.....pág. 65*
23. *Ressurreições.....pág. 67*
24. *Tolo pregar x intuído esperar.....pág. 69*
25. *Que sonhos enganem, mas intuitivamente a quem.....
.....pág. 71*
26. *Cuidado com as coisas.....pág. 73*

27. *Não depende de carne*.....pág. 75
28. *Sempre em espírito*.....pág. 77
29. *O (meu?) credo*.....pág. 79
30. *Quem quereis ser? ..., coitado do vosso querer*.....pág. 81
31. *Num segundo jardim*.....pág. 85
32. *Amarre Deus o seu satanás, leitor; é promessa dele*.....pág. 87
33. *Kyrie Eleisom*.....pág. 89
34. *Ser judeu é graça cristã, assim”de profundis clamavi ad te, Domine”*pág. 91
35. *Um quis melhor explicado*.....pág. 93
36. *Eus religados, incompreensíveis para a carne*....pág 97
37. *Quando se dá conta do haver sido ainda sendo*
.....pág. 101
38. *Meu animal e (meu?) Eu*.....pág. 103
39. *...de uma bolinha e de um anjo*pág. 107
40. *Isso tudo é “praia dele”*.....pág. 109

41. *Lupus est homo homine lupus- que triste.....pág. 111*
42. *Grande mal nada ligado ao Senhor de amor, que tudo pode.....pág. 113*
43. *Corona vir (us) em espírito, nunca.....pág. 115*
44. *Como pode ser isso?.....pág. 117*
45. *Só aprender basta?.....pág. 119*
46. *A esperança já é..., no infinito e no eterno.....pág. 123*
47. *Poder em espírito e poder em trevas.....pág. 125*
48. *Ninguém me entenda - é perigoso; mas intuir o que ficou dito, não.....pág. 127*
49. *A ressurreição é do eu.....pág. 129*
50. *O que somos realmente.....pág. 133*
51. *Bendita estratégia.....pág. 139*
52. *Poder de Deus, poder de Lúcifer.....pág. 141*
53. *Deus aparente, Deus verdadeiro.....pág. 145*
54. *O nada aproveita a carne.....pág. 147*

55. *Mergulho profundo em espírito - assim é.....pág. 149*
56. *Em espírito, de espírito, por espírito puríssimos.....pág. 151*
57. *“Bicho” que é em mim de carne e em ti de carne também, leitor.....pág. 153*
58. *Cristificação de carne.....pág. 155*
59. *Graça que vem sem nunca se saber para quem.....pág. 159*
60. *Enganáveis somos.....pág. 161*
61. *Viva voz viva, voz viva voz.....pág. 163*
62. *Por mais que diga esse meu mim, nada diz.....pág. 165*
63. *O santo do vivo e o santo do eu espírito.....pág. 167*
64. *Transparente, transparente, transparente.....pág. 169*
65. *Desprezados.....pág. 171*
66. *Tenho opiniões, sim e não as posso esconder...pág. 173*
67. *Redil e líder, líder e redil.....pág. 175*
68. *Jesus é Pai de Maria? - Não, a Divindade (Maria) é que lhe é mãe!.....pág. 177*

69. *Pregador de Espírito, pregador de carne.....pág. 179*
70. *Santo Espírito, sopra-me.....pág. 183*
71. *Coisa accidental, não-coisa essencial.....pág. 185*
72. *Explicações acerca de “Dois Discípulos, simplesmente”.....pág. 187*
73. *Quem acha vive se perdendo.....pág. 189*
74. *Corpus Christi sem corpus.....pág. 191*
75. *Insignificante passageiro.....pág. 193*
76. *Sem Noé de fogo.....pág. 195*
77. *Cristo Redentor.....pág. 197*
78. *A verdade conhecida.....pág. 199*
79. *Prepúcio resgatado.....pág. 201*
80. *Incensar em espírito, de espírito, por espírito, jamais.....pág. 203*
81. *Idade limite, espírito sem limite, ria-se este daquela, sempre.....pág. 205*
82. *Que olhos veem infinitamente melhor?.....pág. 207*

83. *Pensando e sarando*.....pág. 209
84. *Libertação x imposições (?)*.....pág. 211
85. *Imortais raposas ou enigmas do tempo*.....pág. 221

01.***A BOCA QUE FALA BEM***

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

A boca fala do que está cheio o coração. Então, admitamos um coração puro, de início, de menino ou de menina, que vai crescendo, no físico e no intelecto, e, neste último caso, vai buscando o cerne das coisas, dos sentidos, de tudo, enfim; vai *dis-cernindo*, produzindo, pois, o corte do cerne, de tudo e de todos; das pedras, das águas, da carne, do homem, da mulher, do mundo, do eterno e do infinito, enfim de tudo. E é pois esse *dis-cernimento*, sempre crescente, investigativo, onde muitas vezes se dá o passo mais largo do que suportam as pernas, que vai produzindo alimentação no coração do sentimento. E, então, a boca vai sempre adiante e sai falando do que ele coração está cheio. Mas quem o abasteceu foi você, homem ou mulher, porque ele, o coração, não se auto-abastece, nunca. Foi você, na inquietude natural das informações diárias que lhe são trazidas, dos pais, dos irmãos, dos amigos, de familiares outros, dos colegas, na escola, na praça, nas ruas, nos estádios, nas saunas, nas salas de cinema e nos teatros; teatros da vida, vida sempre palpitante e exigente de um agir esperto de quem não deve, por ser vergonhoso, ver-se passado para trás.

Então, seu coração é ainda vazio? É porque você é criança. Espere, eu falo com você também, já de cabelos brancos, e, mesmo com *dis-cernimento*, vejo que você procurou optar, escolher por abastecimentos saudáveis do seu coração de sentimento. E, nisso, o seu coração de carne em muito lhe agradece. Óbvio que não vou dizer que o seu coração é vazio. Não é. “A verdade que liberta”, a do espírito no espírito, por um veículo de carne, o da carne desse seu coração que vem pulsando no curso do tempo, opera-se, salutar, e faz de você como se criança fosse, embora os desgastes do tempo, por serem naturais aos Adãos e às Evas deste mundo, continuem inexoráveis, até o fim do que é puramente ilusão de um mundo de carne.

Ora, eu assisto, feliz, a esse estado que não posso dizer ser ele de sua propriedade, num sentido de posse, porque esta lhe fere o sensível coração acostumado aos abastecimentos seletivos que você vem promovendo no curso, aí sim, de sua vida. Por isso, agrada-me estar com você, de um coração de sentimentos bem alimentados. Eu vejo isso a partir das opções, de início sendo prudente no falar pouco, pois é certo que muito erra quem muito fala. Ah, boca, você fala, porque você não é muda e é, mas para toda a sorte de superfluidade.

– Fala sempre assim, boca!

02.

VALIOSO NADA EXPLICADO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

I

Nada me perturba.
Inquieto, investigo
seu poder de nada ser
e, mesmo assim,
perturbar-me.
Só mesmo o que não sou
para preenchê-lo
de nada de um nada
poderoso e essencial e eterno.

II

Pretensioso, tento explicar
esse nada que digo
me perturbar e me inquietar.
Claro que não sou eu
quem o perturba
e o inquieta;
é ele quem me perturba
e me inquieta,
mesmo sem nada ser.
E chego à inevitável conclusão:
só mesmo buscando
e encontrando em mim
esse essencial nada
para, com ele,
preencher a ele próprio,
ou seja, de nada de um nada
que não vejo
e é poderoso,
que não tem realidade
e é essencial,
pois o nada é nada
e só e somente nele
é residente
e, mais que isso,
se consubstancia,
intangível,
o único que é valioso:
o eterno.

III

Foi em oração
que um homem,
gênero de todos
quanto Ele,
assim se assumiu
esse e nesse nada,
bendito nada,
diferente, por conversão,
do próprio Adão,
também gênero de todos
quanto assim o são,
por Criação,
quem viu, em espírito,
esse nada valioso,
vivificando-se,
e passado a eterno,
ressurgido da “morte”,
“morte” morrida das ilusões
deste ilusório mundo,
sem, entretanto,
dele fugir.

IV

Que “morra” eu
e você também, leitor,
tal como Ele,
sem chibatadas,
sem espinhos,
sem sofrimento de cruz,
– medidas de homem –
e passemos ao eterno
exatamente como Ele,
também “morrendo”
a “morte” daquelas ilusões,
na mesma adversativa
e comprometida condição.

V

Quem de vocês,
leitores,
pode expressar
um amém
sobre tal explicação?
Refleta e responda,
mas passando,
antes,
necessariamente,
pelo subtítulo
do título

19 de 227

deste poema,
onde me detenho
e me demoro,

sempre:

“Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos”.

Então, nada o perturba também,
leitor?

03.

NÃO SE SENTE FOME, QUANDO EM ESPÍRITO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Quem é pleno em espírito e enquanto vive a essência dessa plenitude não se deixa distrair pelas circunstâncias de carne. É certo que o homem-carne Jesus viveu experiência de espírito, em carne, quando, no rio Jordão, se viu batizado, em água, por João, ato de importância accidental, menor, em relação ao essencial da voz ecoada do Céu, dizendo: “Este é o meu amado Filho, escutai-o”. Foi nesse estado de essência em misto accidental de carne que, logo em seguida ao Batismo, foi levado ao deserto, em espírito; a Palavra assim o diz e não engana. Pois, em espírito, jejuou durante quarenta dias e não teve fome, nesse lapso temporal, que só pertence, evidentemente, à carne. E a força do espírito, por ser essência, é tão presente, que, no curso desses quarenta dias de jejum, não sentiu a menor sensação de fome. Essa sensação somente veio lhe assaltar a carne, quando exatamente terminou para esta a situação plena de essência de espírito. Leia-se, com bastante atenção, o que escreveu Lucas, no Capítulo 4, versículo 2 do seu Evangelho: E quarenta dias foi tentado pelo diabo e naqueles dias não comeu coisa alguma; e, “terminados eles, teve fome”. Dá para se ter dúvida? O “terminados eles, teve fome” indica que a carne, ainda em processo de ressurreição da “morte” das ilusões do mundo, foi deixando a influência de um estado de essência em espírito, exercitando, destarte, o retorno à condição de carne não tanto como a de antes do batismo. Era já uma carne que direcionava para o clímax que deverá ser o *Gtesêmani*: “Não seja feita, Pai, a minha, mas a tua vontade”. Nesse intervalo de tempo, entre a ida ao deserto, após o batismo, sempre em espírito, e a culminância do *consumatum est* da “morte” das ilusões do mundo, uma carne com poderes até mesmo espetaculares fez de Jesus o terapeuta que o homem em tempo outro algum nunca pôde contar com uma proximidade tão próxima, por Jesus, quanto distante, até mesmo pelos seus discípulos, tantos deles revelados ainda como de fé nenhuma. Pois basta que ela, a fé, seja pequena, mas seja fé, ainda que do tamanho mesmo de um grão de mostarda; com ela, se é capaz de uma terapia tão significativa, que a fidelidade com Deus, por meio dessa fé pequena, capacita a se dizer não somente, mas efetivar o mando, segundo o qual um monte se transporte de um para outro lugar.

Que possamos viver a fé e que, em espírito, jejuemos, dias por dias, até mais do que quarenta, certos de que a fome não tem lugar onde o espírito em essência atua. Por certo, a fome será grande, mas os anjos aparecerão no caminho e logo a carne encontrará o alimento de que não se pode dispensar...

04.

A MELHOR PARTE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Basta a cada dia o seu mal, o seu fardo, o seu trabalho.

(Evangelho de Mateus, 6,34)

O homem, regra geral, vive distraído; distraído pelos afazeres do mundo, tal como uma Marta, irmã de uma Maria, esta Maria que, segundo Jesus, é toda aquela (ou aquele também) que escolhe a melhor parte; parte que, por ser especial e por ser melhor, jamais pode ser tirada de ninguém (Lucas, 10, 38 a 42).

Portanto, já vejo que o mal, o fardo, o trabalho natural de cada dia é precisamente o daquele que se faz alvo exclusivo de distrações, quem quer que seja este, porque ele (o mal, o fardo, o trabalho) é natural. Então, se me distraio por ele e por conta dele (do tal mal, do tal fardo, do tal trabalho), distancio-me daquela melhor parte. Por isso, hei, pois, de ter consciência de um limite diário de um mal, de um fardo, de um trabalho e com eles, naturalmente, conviver, ou seja, tenho que ser uma Marta, sim, pois não tenho como me desfazer dos meus afazeres, enquanto sou a carne deste mundo, neste mundo de minha passagem (páscoa) do meu mim de carne para o amor, consequência inevitável do elo fiel e harmônico intuído entre o Eu do meu pobre mim e a Divindade. Assim, hei de me manter em sintonia, enquanto sendo um Eu sintonizado com o Divino, integrado a este, porém sem mérito de um merecer de carne, para a carne e pela carne, como fruto de um novo nascimento em espírito, por espírito; e esta é a melhor parte, verdadeiramente.

O Cristo e o seu Evangelho cedem espaço e tempo a um Cristianismo que se desenvolve dentro do natural do mal, do fardo, do trabalho de cada dia, com os quais se vêm distraindo os cristãos, assim chamados todos pelo oficialismo das práticas assim ditas, ou seja, cristãs. Mas vejo que essas cessões de espaço e de tempo se fazem naturais, inevitáveis, como de uma postura de Marta a que o bom senso sempre se deve curvar, sendo que, a despeito dela, o mesmo Cristo e o seu mesmo Evangelho não se comprometem, minimamente que seja. No espaço do tal espaço e no tempo do tal tempo, o Cristo e o seu Evangelho, sobretudo o primeiro, não são realidades de uma periférica-dinâmica-acidental, mas, sobranceiramente, de uma irrealidade central-estática-essencial. Por isso, tudo passa, menos o Cristo e o seu Evangelho. E os que, em espírito, evidente e necessariamente, não se deixam sufocar no mal, no fardo, no trabalho próprios de cada dia de uma passagem, passagem de um corpo e de uma alma, estes somam, ao passar de cada dia, o Eu respectivo num conjunto de harmonia e de alta fidelidade, que, enfim, traduz-se no próprio D-Eus.

Fiquemos, pois, pelo Eu de um novo nascimento, a cada dia, conscientes do seu mal, do seu fardo, do seu trabalho, mas também conscientes e possuidores e até mesmo proprietários, por infinita e eterna e bendita misericórdia divina, de uma melhor parte que não pode ser de ninguém, porque é, sim, de Deus e do Eu a ele integrado (D-Eus), por via dessa bendita melhor parte.

Assim seja!

05.

PRESENÇA

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Petulante é todo aquele
que abre a boca e se diz,
em oração,
na presença de Deus.
A presença é a do homem que ora,
Deus não tem presença
de ser
Espírito que é.
Mas tal presença
acaba a petulância
quando o orar
se opera em espírito
por espírito,
a carne em veículo,
o nada aproveitando
o corpo por inteiro,
a forma,
o cheiro,
o suor,
aroma de vida,
de bem vivida vida.
Nada que é nada
e importante nada,
que se consubstancia
com a carne
que é tão fraca,
mas deixa de sê-la
pela consubstanciação
com o bendito
nada.
E então não há petulância
de quem é presença,
em presença que não se vê
nem se pode ter.

06.

**A CARNE PARA NADA APROVEITA
OU
O NADA APROVEITA A CARNE?
(João, v. 63, cap. 6)**

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Confesso que passei tantas vezes por este versículo 63 do capítulo 6 do Evangelho de São João e nunca me dei conta do que agora, neste momento, alcanço, e acho que, mesmo na carne em que permaneço, ela é apenas veículo – pois me faço meditativo para isto e não meramente intelectual – ela é apenas veículo – dizia – para abrigar a verdade da linha daquela verdade que liberta em espírito e por espírito. Quando em carne simplesmente eu lia “A carne para nada aproveita”, nutria em mim a certeza de que ela para nada valia, sem atinar para o nada propriamente que, *in casu*, é que é o cerne da citação bíblica, o elemento que não é elemento, porque é nada, mas, mesmo em sendo nada, é que se lhe há de dar importância, em essência, em essência de centro-estático-infinito-eterno, que não é, ou seja, que inexistente, poderosamente.

Difícil de entender?

Quero dizer, leitor, numa leitura-fruto de meditação, que o nada, que é o importante, no texto, é quem aproveita a carne. É só substantivá-lo, para a linguagem humana, já que na linguagem divina nem ele nem qualquer outra palavra se pode substantivar. E, assim, se pode ver com os olhos de espírito de quem já é nascido de novo, como um vento que não se sabe donde vem nem para onde vai, que esse nada aproveita a carne, no sentido de voz passiva de que ela é aproveitada pelo nada, em qual circunstância?, quando, precisamente, pela obediência à Divindade, se “morre” a “morte” das ilusões deste mundo, ressurgindo-se, em consequência, para o eterno e o infinito, pois como está dito no começo do tal versículo “O Espírito é o que vivifica”. Então, se eu substantivo (do verbo substantivar) o Espírito, de modo determinado com o artigo definido (o) a determiná-lo, é só percorrer essa via em relação à palavra nada (o nada), de forma (que não é forma) que possam o autor e os leitores se dar conta, não pela carne, mas por espírito e em espírito, do despojamento de uma realidade, a partir das próprias letras formadoras das palavras... Então, para aquela “morte” das ilusões do mundo, aquilo que é certeza acerca do que não se vê (a fê) é elemento sem o ser (elemento) do mundo real, que o conhecimento meditativo há de centralizar e essencializar e, estaticamente, longe, muito longe, por conseguinte, do conhecimento instintivo (este puramente animal), como assim também longe, muito longe do conhecimento intelectual (este o perigoso por excelência, pois próprio da sinuosidade da serpente, aquela que persegue todos nós enquanto habitantes de um jardim...) ter-se, destarte, (sem se ter) a carne consubstanciada com o nada e resgatada, enfim, por meio da ressurreição, em meditativas posturas não de simples refúgio de conventos ou de mosteiros, mas de comprometimento com pobreza de pobres, de fome de esfomeados, de prisão de prisioneiros, de sede de sedentos, de doenças de doentes, de prisões de prisioneiros, em todos eles, considerados todos os seus tipos possíveis, os físicos e, sobretudo, os de ordem espiritual, como, por exemplo, a sede dos sedentos de Deus... tudo isso na linha do amor de Deus, conjugada à linha do amor do homem-espírito.

– Seja a nossa carne assim aproveitada por esse poderoso nada, leitores.

.....

Eis um chamamento para os que, na carne, pelo espírito, vivenciam a ressurreição (da carne), tal como diz o Credo de uma religião...

07.

O EU NÃO É, MAS PODE VIR A SER

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O Eu nunca deveria, na linguagem imperfeita do homem, se dizer fui ou se dizer serei. Também lhe seria impróprio se dizer sou. O Eu não pode se dizer sou, porque, em essência, como centro-estático-essencial, não é, não existe. É que esse Eu, acerca do qual vimos percorrendo, não se expressa, para o mundo, com importância alguma. E esse mundo só quer mesmo saber do ego; este, sim, é cheio de ocupações; e de pre-ocupações, também. O ego é dono de tudo, porque existe, tem uma presença indisfarçável. Ele é como é, e estamos conversados. Nele funciona bem a linguagem imperfeita do mundo, com uma aceitação e uma atração envolventes.

Vocês que leem este texto saibam que é preciso não saber nada nem de nada, para, em linguagem divina, se acercar, ao menos, em espírito e por espírito, do Eu. É que “a verdade que liberta”, qual um vento que sopra e não se sabe de onde vem nem para onde vai, termina consubstanciando o Eu com a carne, em face do amor e da misericórdia divinas. O Eu não existe, porém termina existido, porque a carne, veículo que é, puro ego, termina consubstanciada com o Eu, pela via da ressurreição, para aquele em que o espírito nela residido é bem operante e eterno e infinitamente operado.

O Cristo, sempre eterno e infinito, como 2ª Pessoa da Trindade, ele e o Pai quiseram, num querer que não cabe ao homem, enquanto ser finito, perscrutar a seu respeito, quiseram – dizíamos – por humildade de ambos, após o surgimento misterioso do mal, no Céu, pelo anjo de luz que assistia junto a ambos, Lúcifer, envolvendo-se em guerra e dela saindo perdedor em combate contra Miguel e seus anjos, quiseram (perdão pela incisiva flexão verbal do verbo querer) que o mundo existisse, por meio dos fiats, não sem, ao mesmo passo, permitirem que o perdedor daquela guerra fosse precipitado para a terra daquele mundo por eles criado. E nessa terra desse mundo criado, pelo verbo, que é a palavra sagrada, se apenas o quis do Pai pôde criar esse mundo, pelo agir singular, seu amor e misericórdia se expressam verdadeiramente no plural do querer do façamos, no último dia da Criação, para fazer a humildade do húmus que é o homem e a mulher, esta de uma costela apenas daquele. Todavia, com a permissão dada a Lúcifer, agora demônio, no “Paraíso” de Adão e de Evas do mundo, aquele vive a passear por toda ela (a terra), não perdendo a oportunidade do disfarce em serpente para o engano conducente à desobediência dos habitantes do Jardim.

Num tempo verbal que sugere o futuro que, entretanto, é presente, sempre e atual, a promessa de Deus se exhibe na flexão verbal porei (não à toa futuro do presente) em permitir que, concomitante ao engano e à desobediência consecutiva fosse definitivamente posta a inimizade entre a descendência da mulher e a descendência da serpente, promessa esta que se produziu num Paraíso que não é só de ontem, mas de sempre e que se manifesta no ferimento do calcanhar daquela, mas, enfim, sendo ferida a cabeça desta.

Aquele Eu em Adão (e Evas), estes que, na carne, tentados, submetem-se ao engano da serpente disfarçada, persiste em não-ex-stência, porque repousa como centro-estático-essencial e disso não se afasta jamais, pois se essencializa a si, mesmo sem se projetar no e ao mundo (objetivação), mesmo, igualmente, sem se personificar no e ao homem (subjetivação).

O bom e o maravilhoso é que a carne, sempre residida pelo Eu, desde que trilhando em posição diametralmente oposta à desobediência de sua adâmica condição (e de Eva, também), se presta a veículo do espírito e por espírito que realiza, enfim, a vontade de Deus (obediência); e

nasce, então, de novo, após “morrer” a “morte” das ilusões do mundo, ressurgindo para o eterno e o infinito, consubstanciando, destarte, o Eu-valioso e a carne, esta que era antes tão fraca e tão desprezível...

08.

ACERCA DA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Mateus, 14

13 E Jesus, ouvindo isto retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, apartado; e, sabendo-o o povo, seguiu-o a pé desde as cidades.

14 E Jesus, saindo, viu uma grande multidão, e possuído de íntima compaixão para com ela, curou os seus enfermos.

15 E, sendo chegada a tarde, os seus discípulos aproximaram-se dele, dizendo: O lugar é deserto, e a hora é já avançada; despede a multidão, para que vão pelas aldeias, e comprem comida para si.

16 Jesus, porém, lhes disse: Não é mister que vão: dai-lhes vós de comer.

17 Então eles lhe disseram: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes.

18 E ele disse: Trazei-mos aqui.

19 E, tendo mandado que a multidão se assentasse sobre a erva tomou os cinco pães e os dois peixes, e erguendo os olhos ao céu, os abençoou, e, partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos à multidão.

20 E comeram todos, e saciaram-se; e levantaram dos pedaços que sobejaram, doze alcofas cheias.

21 E os que comeram foram quase cinco mil homens, além das mulheres e crianças.

Mateus, 16

1 E, chegando-se os fariseus e os saduceus, para o tentarem, pediram-lhe que lhes mostrasse algum sinal do céu.

2 Mas ele, respondendo, disse-lhes: Quando é chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está rubro.

3 E pela manhã: Hoje haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Hipócritas, sabeis diferenciar a face do céu, e não conheceis os sinais dos tempos?

4 Uma geração má e adúltera pede um sinal, e nenhum sinal lhe será dado, senão o sinal do profeta Jonas. E, deixando-os, retirou-se.

5 E, passando seus discípulos para a outra banda, tinham-se esquecido de fornecer-se de pão.

6 E Jesus disse-lhes: Adverti, e acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus.

7 E eles arrazoavam entre si, dizendo: É porque não nos fornecemos de pão.

8 E Jesus, percebendo isso, disse: Porque arrazoais entre vós, homens de pouca fé, sobre o não vos terdes fornecido de pão?

9 Não compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens, e de quantas alcofas levantastes?

10 Nem dos sete pães para quatro mil, e de quantos cestos levantastes?

11 Como não compreendestes que não vos falei a respeito do pão, mas que vos guardásseis do fermento dos fariseus e saduceus?

12 Então compreenderam que não dissera que se guardassem do fermento do pão, mas da doutrina dos fariseus.

Marcos, 6

32 E foram sós num barco para um lugar deserto.

33 E a multidão viu-os partir, e muitos o conheciam; e correram para lá a pé de todas as cidades, e ali chegaram primeiro do que eles, e aproximavam-se dele.

34 E Jesus, saindo, viu uma grande multidão, e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor; e começou a ensinar-lhes muitas coisas.

35 E, como o dia fosse já muito adiantado, os seus discípulos se aproximaram dele e lhe disseram: O lugar é deserto, e o dia está já muito adiantado.

36 Despede-os, para que vão aos lugares e aldeias circunvizinhas, e comprem pão para si; porque não têm que comer.

37 Ele, porém, respondendo, lhes disse: Dai-lhes vós de comer. E eles disseram-lhe: Iremos nós; e compraremos duzentos dinheiros de pão para lhes darmos de comer?

38 E ele disse-lhes: Quantos pães tendes? Ide ver. E, sabendo-o eles, disseram: Cinco pães e dois peixes.

39 E ordenou-lhes que fizessem assentar a todos, em ranchos, sobre a erva verde.

40 E assentaram-se repartidos de cem em cem, e de cinquenta em cinquenta.

41 E, tomando ele os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao céu, abençoou e partiu os pães, e deu-os aos seus discípulos para que os pusessem diante deles. E repartiu os dois peixes por todos;

42 E todos comeram, e ficaram fartos.

43 E levantaram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe.

44 E os que comeram os pães eram quase cinco mil homens.

Marcos, 8

1 Naqueles dias, havendo mui grande multidão, e não tendo de comer, Jesus chamou a si os seus discípulos, e disse-lhes:

2 Tenho compaixão da multidão, porque há já três dias que estão comigo, e não têm que comer.

3 E, se os deixar ir em jejum para suas casas, desfalecerão no caminho, porque alguns deles vieram de longe.

4 E os seus discípulos responderam-lhe: Donde poderá alguém satisfazê-los de pão aqui no deserto?

5 E perguntou-lhes: Quantos pães tendes? E disseram-lhe: Sete.

6 E ordenou à multidão que se assentasse no chão. E, tomando os sete pães, e tendo dado graças, partiu-os, e deu-os aos seus discípulos, para que os pusessem diante deles, e puseram-nos diante da multidão.

7 Tinham também uns poucos de peixinhos; e tendo dado graças, ordenou que também lhos pusessem diante.

8 E comeram, e saciaram-se; e dos pedaços que sobejaram levantaram sete alcofas.

9 E os que comeram eram quase quatro mil; e despediu-os.

10 E, entrando logo no barco com os seus discípulos, foi para as partes de Dalmanuta.

11 E saíram os fariseus, e começaram a disputar com ele, pedindo-lhe, para o tentarem, um sinal do céu.

12 E, suspirando profundamente em seu espírito disse: Porque pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não se dará sinal algum.

13 E, deixando-os, tornou a entrar no barco, e foi para a outra banda.

14 E eles se esqueceram de levar pão, e no barco não tinham consigo senão um pão.

15 E ordenou-lhes, dizendo: Olhai, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes.

16 E arrazoavam entre si, dizendo: É porque não temos pão.

17 E Jesus, conhecendo isto, disse-lhes: Para que arrazoais, que não tendes pão? Não considerastes ainda? Tendes ainda o vosso coração endurecido?

18 Tendo olhos, não vedes? E, tendo ouvidos, não ouvis? E não vos lembrais,

19 Quando parti os cinco pães entre os cinco mil, quantos cestos cheios de pedaços levantastes? Disseram-lhe: Doze.

20 E, quando partiu os sete entre os quatro mil, quantas alcofas cheias de pedaços levantastes. E disseram-lhe: Sete

21 E ele lhes disse: Como não entendeis ainda?

Lucas, 9

10 E, regressando os apóstolos, contaram-lhe tudo o que tinham feito. E, tomando-os consigo, retirou-se para um lugar deserto de uma cidade chamada Betsaida.

11 E, sabendo-o a multidão, o seguiu; e ele os recebeu, e falava-lhes do reino de Deus, e sarava os que necessitavam de cura.

12 E já o dia começava a declinar; então, chegando-se a ele os doze, disseram-lhe: Despede a multidão, para que, indo aos lugares e aldeias em redor, se agasalhem, e achem que comer; porque aqui estamos em lugar deserto.

13 Mas ele lhes disse: Dai-lhes vós de comer. E eles disseram: Não temos senão cinco pães e dois peixes; salvo se nós próprios formos comprar comida para todo este povo.

14 Porquanto estavam ali quase cinco mil homens. Disse então aos seus discípulos: Fazei-os assentar, em ranchos de cinquenta em cinquenta.

15 E assim o fizeram, fazendo-os assentar a todos.

16 E, tomando os cinco pães e os dois peixes, e olhando para o céu, abençoou-os, e partiu-os, e deu-os aos seus discípulos para os porem diante da multidão.

17 E comeram todos, e saciaram-se e levantaram, do que lhes sobejou, doze cestos de pedaços.

João, 6

1 Depois disto partiu Jesus para a outra banda do mar da Galiléia, que é o de Tiberíades,

2 E grande multidão o seguia; porque via os sinais que operava sobre os enfermos.

3 E Jesus subiu ao monte, e assentou-se ali com os seus discípulos.

4 E a páscoa, a festa dos judeus, estava próxima.

5 Então Jesus, levantando os olhos, e vendo que uma grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pão, para estes comerem?

6 Mas dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que havia de fazer.

7 Filipe respondeu-lhe: Duzentos dinheiros de pão não lhes bastarão, para que cada um deles tome um pouco.

8 E um dos seus discípulos, André, irmão de Simão Pedro, disse-lhe:

9 Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos: mas que é isto para tantos?

10 E disse Jesus: Mandai assentar os homens. E havia muita relva naquele lugar. Assentaram-se pois os homens em número de quase cinco mil.

11 E Jesus tomou os pães e, havendo dado graças, repartiu-os pelos discípulos, e os discípulos pelos que estavam assentados; e igualmente também dos peixes, quanto eles queriam.

12 E, quando estavam saciados, disse aos seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca.

13 Recolheram-nos pois, e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobejaram aos que haviam comido.

.....
Os sete pães e os poucos peixes e as sobras em sete alcofas e os que, no deserto, se fartaram, cerca de quatro mil e o pão único, no barco, depois de fariseus terem tentado pedindo um sinal do céu, advertência quanto ao fermento deles, cinco pães e cinco mil saciados e sobras em doze cestos (Marcos 8:1-21)

Foi um dia muito ocupado. Jesus, os discípulos e uma grande multidão estavam fora no deserto. Imagine o Senhor conduzindo e atrás o seu povo a segui-lo e você vai conseguir o que quer quando

for o caso. Na frente, em primeiro lugar, o Senhor Jesus Cristo guiando o caminho e, atrás dele, todos nós. Em seguida, Marcos 8, versículos 1-3 nos diz:

Marcos 8:1-3

“Naquele dia, sendo grande a multidão e não tendo nada para comer, Jesus chamou os seus discípulos e disse-lhes: “Tenho compaixão da multidão, porque já estão comigo há três dias e não têm nada para comer. E se os mandar embora com fome, para suas casas, desfalecerão no caminho, porque alguns deles vieram de longe.”

O Senhor teve compaixão das necessidades dos homens. Ele se compadeceu daqueles que o seguiram pelo caminho. Ele é misericordioso para com toda e cada alma que o segue e cuida de seus cuidados. “Lance todo seu cuidado sobre Ele, pois Ele tem cuidado de vós” (1 Pedro 5:7), o Espírito Santo disse mais tarde através de Pedro, um dos discípulos que estavam lá naquele dia. Continuando com o registro de Marcos, o Senhor teve compaixão do multidão e chamou os seus discípulos. Ele poderia fazer tudo sozinho. No entanto, ele preferiu chamar seus discípulos e comunicar-lhes sua preocupação com os outros. Então, os discípulos pensaram bem e responderam começando com um como:

Marcos 8:4

Então, seus discípulos lhe responderam: “Como alguém pode satisfazer essas pessoas com pão aqui no deserto?”

Jesus não lhes pediu para dizer “como”, mas foi para lá, para esse “como” que suas mentes foram imediatamente. O Senhor comunica conosco as coisas, mas em vez de dizermos “Sim, Senhor, que grande!”, dizemos “Como isso pode ser feito?”, olhando provavelmente para nós mesmos e para as nossas próprias habilidades. O Senhor respondeu à sua pergunta, com outra pergunta:

Marcos 8:5

Ele perguntou-lhes: “Quantos pães tendes? E eles disseram: “Sete.”

O que era realmente sete pães para uma multidão de pessoas? Bem, nas mãos do Senhor, eles eram mais do que suficiente. Tudo o que é colocado em suas mãos é multiplicado. E assim foi com os sete pães:

Marcos 8:6-7

Então Ele ordenou à multidão que se sentasse no chão. E, tomando os sete pães, deu graças, partiu-os e os deu aos discípulos para que eles colocassem diante da multidão. Eles também tinham alguns peixinhos; e, tomando-os, os abençoou e disse: “ponde estes também diante deles.”

O Senhor não pediu aos discípulos para ir e fazer o pão. A única coisa que Ele lhes pediu foi para que lhe dessem os sete pães e os poucos peixes que tinham e, em seguida, tomar a abundância de pão e de peixes de suas mãos e colocá-las diante do povo. Aos servos de Deus não foi pedido para fazer o pão, mas para tirar o pão das mãos do Senhor e servi-lo ao povo. E o versículo 8 continua:

Marcos 8:8

Então, eles comeram e se fartaram, e recolheram sete grandes cestos que haviam sobrado.

Apenas a comida que vem das mãos do Senhor é capaz de encher a casa do Senhor. O nosso próprio “alimento”, os sete pães, irá manter-nos e manter as pessoas a quem os entregamos com fome. Sua comida, no entanto, é suficiente para fazer todo mundo inteiro e até mesmo deixar sobras.

Você se lembra?

Mas nossa história não para por aqui. Versículos adiante, lemos:

Marcos 8:14-16

Agora, os discípulos se esqueceram de levar pão, e eles não tinham mais do que um pão com eles no barco. Em seguida, Jesus ordenou-lhes, dizendo: “Olhai, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes”. E eles discorriam entre si, dizendo: “É porque não temos pão”

Essas pessoas eram as mesmas pessoas que tinham distribuído pão feitos milagrosamente a quatro mil homens. E, no entanto, poucas horas depois, eles estavam raciocinando que eles não tinham

pão. Obviamente, o que o Senhor tinha feito não os tinha tocado. Sim, eles tinham feito o trabalho, haviam distribuído o pão, mas seus corações estavam intactos. Não é suficiente apenas fazer o trabalho, mas também fazê-lo com o seu coração. Se você não o fizer com seu coração, você pode ter distribuído muitos pães da mão do Senhor e ainda se preocupar com o seu próprio pequeno pão. Então o Mestre respondeu:

Marcos 8:17-21

Mas Jesus estando ciente disto, disse-lhes: “Por qual razão vocês se perguntam sobre o não ter pão? Vocês não percebem nem entendem? É o vosso coração endurecido? Tendo olhos, não vedes? E tendo ouvidos, não ouvis? E não se lembram? Quando parti os cinco pães para cinco mil, quantos cestos cheios de pedaços vocês recolheram? Disseram-lhe: 12. E quando eu parti os sete para as quatro mil, quantos cestos cheios de pedaços vocês pegaram? E eles disseram: Sete. Então disse-lhes: Como é que vocês não entendem?”

Como realmente não se lembravam? Como realmente não nos lembramos? Lembre-se, meu amigo, lembre-se de todas as coisas maravilhosas que o Senhor fez por você. Aparte a sua mente de raciocínios e pensamentos, de si mesmo e de pequeno pão. Se sua caminhada é pela vista e não pela fé, você só vai longe enquanto tiver pão. Contudo, o Senhor pode fazer pães a partir do nada. O pão que você vai colocar em suas mãos trará milhares de outros, capazes de alimentá-lo e muitos outros. Em Lucas 22:35 Ele perguntou aos discípulos:

E disse-lhes: “Quando vos mandei sem bolsa, mochila e sandálias, faltou-vos alguma coisa? Então, eles não disseram nada”.

Nada é necessário para servir ao Senhor, exceto obediência a Ele, e nada vai faltar a partir de quando você servi-lo.

Marcos 10: 28-30

Então Pedro começou a dizer-lhe: “Vê, nós deixamos tudo e te seguimos.” Então Jesus respondeu e disse: “Em verdade vos digo, não há ninguém que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, esposa ou filhos, ou terras, por amor de mim e do evangelho, que não receba cem vezes tanto, já neste tempo – casas, e irmãos e irmãs, mães, filhos e terras, com perseguições – e no tempo que virá, a vida eterna”.

OBS.: Título-resumo de minha autoria e texto obtido da internet

.....

E, agora, digo eu e, dizendo eu, digo mais, assim humildemente acho: dentre todos os quatro evangelistas, aquele que mais profundamente trata acerca da matéria da multiplicação dos pães é o evangelista Marcos, porque ele clarifica o envolvimento não somente de multidão de seguidores de Jesus, mas também de seus próprios discípulos, como destinatários do que se tem como milagre, milagre que o seria do ponto de vista físico, porém o ponto de vista bem chamativo desejado pelo Mestre é o de uma multiplicação advinda do coração, do sentimento de uma compaixão. E fica provado em Marcos como os discípulos agiram em carne, na carne e pela carne, questionando os poucos pães que tinha a multidão e o único pão que tinham eles no barco em que estavam. Jesus pode multiplicar, fisicamente, qualquer matéria, tamanha é a sua sintonia cósmica, decorrente da “morte” que, em espírito e por espírito, decretou nas ilusões do mundo, sem dele mundo, entretanto, fugir; pelo contrário, foi como um vivo desta vida abundante que ele fez tantas curas e tantos milagres e nesse caso da multiplicação dos pães, pelo menos em Marcos, este evangelista exibe a força espiritual do Mestre que, entretanto, fica, por parte dos discípulos, na tentativa de uma assimilação no plano do conhecimento intelectual, aquele que se prende a uma soma de dois mais três pães a formar cinco, por exemplo, e disso não pode passar jamais, enquanto Jesus faz transformar qualquer quantidade numa multiplicação que choca e que agride o limite limitado, sempre limitado da matemática dos homens. Os discípulos, coitados, agindo tocados pela natureza humana, haviam recebido a oportunidade, da parte de Jesus, de assistirem não somente à, mas

assistirem a distribuição de pães que a força espiritual os transformou em abundância própria dessa força. Ainda assim, o coração deles permaneceu duro, preferindo o fermento dos fariseus e de Herodes, como a dizer que eles não tinham pão porque só eles tinham o poder de lhes dar e não lhes tinham dado. Como um verdadeiro tapa na cara, Jesus, agora no barco só com eles e quando contavam com um pão somente, pelo coração, o Mestre, em operação nada natural, mas em matemática celeste, transformou em tantos outros até que sobraram doze cestos cheios deles. Para ver como a carne é fraca e sempre encontra razão nas razões do mundo para se limitar ao mundo, esse relato evangélico traduz a importância maior do espírito, em espírito e por espírito, no lugar da visão estreita em que o coração endurecido dos discípulos permaneceu, mesmo se tendo operado, momentos antes, por suas próprias mãos, a ação espiritual pelo sentimento de compaixão de quem, como Jesus, já tinha a sua carne ressurecta da “morte” que decretara nas ilusões do mundo. E todos quantos, amando a Deus de todo o seu coração e de todo o seu entendimento, prioriza a Deus, num plano de “indimensão” que, entretanto, produz efeitos no plano desta dimensão de mundo de nossos olhos de carne, são, como Mestres, por serem Mestres, os que veiculam, por suas e em suas carnes, o Eu nelas residido, operante e operado, em “indimensão” espiritual, eterna e infinita, já não ligadas ao mundo, unicamente, porque ressurectas. Para tanto, nada é preciso, além da “morte” que, em espírito, por espírito, resulte decretada em relação às ilusões deste mundo. Quem se entrega nos braços dessa “morte” não conta os pães matematicamente, mas, com o ingrediente do amor exclusivo a Deus, torna-se em sintonia cósmica na qual e pela qual a dimensão deste mundo se apequena e é vencida pela ressurreição daquela “morte” e se opera em espírito e por espírito no eterno e no infinito do aconchego da Divindade. Portanto, multipliquem-se em todos e em cada um dos homens a visão dos olhos de espírito, em espírito e só assim a dimensão limitada dos pães do mundo torna-se em indimensão e já não mais permanece presa aos limites e às quantidades a que se prendem os homens meramente de carne.

09.

PAZ VIVIFICADA

(Para iniciados e iniciando-se, letras mortas para profanos)

João, 14, 27

Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá.

Filipenses, 4, 7

E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus

2º Coríntios, 3, 6

O qual nos fez também capazes de ser ministros dum novo testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, e o espírito vivifica

Resgarde-se-me o espírito, em espírito, por espírito e o único e mesmo espírito que reside em sua carne, meu leitor, resgarde-se-lhe, também, para que a sua e a minha carne se livrem de entendimentos, próprios do conhecimento, este, por sua vez, resultado, sempre, de uma relação necessária entre um objeto conhecido e um sujeito conhecedor. Digo assim como que nos devendo abstrair dessas carnes e desses entendimentos, para, no eu do espírito residido nessas carnes, nos livrarmos destas letras que vamos arrumando num texto e num contexto, próprios de quem é carne e se envereda pelo entendimento e, destarte, destarte?, ora, sem nem com arte mesmo, vivificar-nos a paz de Deus. Logo, o coração, de carne, e os sentimentos, sedes do entendimento, ultrapassemos-los, não com o limite de ultrapassagem humana, para um viver puramente espiritual, eterno, infinito; pois, se a letra mata de verdade e o espírito é de verdade o único que vivifica, o eu no mim de minha carne e o eu no seu de sua carne, leitor, reserva-se (assim mesmo, no singular, por ser o eu, em essência, um só), reserva-se – vinha dizendo – intocado, glorioso, em que pese a ingloria consentida daquelas carnes (agora sim, no plural), que foram obras de humildade e de amor da sempre gloriosa Divindade; e a paz de Deus se opera, vivificada, permanecendo, estática, na essência do eterno e do infinito, mas também dinâmica e reflexivamente, tal como ocorre com os acréscimos prometidos pelo Cristo em seu Evangelho, permanecendo em vigor no acidente do mundo em que devemos viver, por um tempo, acidente esse em que palpítamos até quando, obviamente, quiser a Divindade, com a sua bendita paz nos ajudando e nos sendo plenamente favorável nesse limite limitado do nosso pobre entendimento. Disso resulta que essa paz de Deus que Ele não no-la dá como o mundo no-la dá, termina, enfim, permeada da mesma glória de antes do princípio, pois o plano do amor divino não disporia de outro modo, eis que grandiosa é a sua Misericórdia para com cada um de nós. E é por isso que, de forma direta, diz o Evangelho que Deus dá a paz não como o mundo a dá, porém, de qualquer forma, bom é que se tenha essa paz do mundo

10.***NATAL***

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Advento do Natal é tempo de, sem penitências, preparar o caminho do Senhor e de endireitar o que está torto. Então, varra-se, espante-se, lustre-se a casa, deixando-a perfumada, janelas e portas abertas, música, uma música suave, angelical, e o seu coração de carne, leitor meu, sendo sede de uma simbologia do sentimento, sentimento sobretudo das muitas vontades de Deus, fazendo o Eu-divino residido na sua carne, leitora minha, por via de um conhecimento intuitivo, integrado, em definitivo, à Divindade, tudo isso não como coisa de homem, mas em espírito, de espírito, por espírito, sem, entretanto, olvidar a carne, a sua carne como sendo veículo dessa maravilha que, como advento, está por chegar, em aspecto comemorativo, de modo constante, ininterrupto, ufa, terminei o primeiro período! E, enfim, agora iniciando o segundo período, lembre-se de que, quando se disse casa, lá no primeiro período, se quis com este nome fazer referência direta a sua vida, a sua existência, ao seu cotidiano, o que come, o que bebe, o que o alimenta, física e culturalmente, nesta se sobressaindo, propriamente, as boas e edificantes leituras, as músicas, as sonatas, as sinfonias e os clássicos populares, as viagens, tudo isso como satisfação de carne e pela carne, sem, todavia, olvidar que ela, a carne, é veículo, em espírito, de espírito, por espírito, do morador excelente em nós – Deus – e que, nesse viés, ela, ainda como veículo do residido, por intuídas posturas, mediante conhecimento intuitivo, portanto, segue olhando para aqueles que estão ao redor de si, ricos e pobres, brancos e negros, homens ou mulheres, meninos ou meninas, são ou doentes, presos ou livres, vestidos ou nus, estrangeiros ou não, fazendo-lhes sempre o bem, somente o bem, sem interesse algum no aspecto pessoal, evidentemente.

Então, Natal, por sua vez, é não apenas uma data de calendário, como o 25 de dezembro. Natal é tempo de todos os dias, o homem-carne como veículo do Eu-divino, consciente, em intuídas posturas, de uma Divindade que se humilhou e que, do não-ser de centro-estático-essencial, descentraliza-se para o ser do periférico-dinâmico-acidental, sem se abstrair desse centro em que o não é centro e o não é estático e o não é essencial ainda precisam dessa negação de uma existência, porque o ser desses atributos (centro, estático, essencial) confundem-no com a periferia do dinamismo acidental do mundo. E esse humilhar-se vem de húmus, terra, terra da qual, com o sopro da Divindade, esta tornou o homem, criado da terra, mais exatamente do barro, um ser vivente, alma vivente. É claro que o não-ser, por uma vontade, de profundo amor, infinito, eterno, sem se confundir com o ser, porém aceitando-o, acreditou neste, morando no barro do mundo criado por uns fiats, sendo o primeiro de todos o fiat lux, até que, em dia de coroamento criativo, ao invés de um fiat singular, preferiu, com o seu Unigênito Filho, primeira manifestação individual sua, e com o caminho veicular do seu Espírito Santo, fazer existir esse ser de última criação – o homem -, por meio de um façamos, sem deixar de nele ter morada, como já o dissemos. É este o verdadeiro Natal, não o que se celebra numa data certa de calendário – repetimos -, em a qual jamais pode se fazer agasalhar uma consciência bem consciente quanto à humilde condição de Deus consistente em, de não-ser, derivar-se em ser, sendo aquele essencial, este acidental; aquele central, este periférico; aquele estático, este dinâmico. Então, a humildade verdadeira não se há de limitar ao encantamento de relato algum, por mais terno que seja, acerca de uma condição social humilde de quem tem negado lugar para nascer numa hospedaria e, enfim, ter que nascer numa manjedoura, junto a animais, no meio deles. O Natal verdadeiro é o Natal de Deus, da Divindade que se fez mais do que

representar, se fez, isto sim, ser do mundo em humilde condição, tornando-se conosco, porque criou o mundo e a nós homens, também, neste ponto sendo Emanuel, fazendo-se residido em cada um dos Adãos de todos os tempos, pouco importa sua condição social, sua raça, sua cor, sua religião, inclusive por um milagre prometido (v. Ezequiel, 36, 25 a 27), fazendo com que um de nós, do mesmo barro que somos, conjugasse o Eu-divino nele residido em perfeita sintonia com a Divindade, revelando, em definitivo, o que foi decepção em definitivo para o anjo caído que por mistério terminou abrigando uma semente maldita que ainda hoje impera, menos para os que, na carne, mas de espírito, em espírito, por espírito, reconhecem no residido aquele que foi, é e será sempre, aquele que era desde antes que o próprio Abraão tivesse sido, como disse o Homem de Nazaré e que agora este reles escriba se posta desejosamente grávido do anseio, via intuição, daquele mesmo milagre profetizado por Ezequiel, do qual a carne daquele homem se tornou possuída.

Assim seja o Feliz Natal para todos!

11.

EM ESPÍRITO, DE ESPÍRITO, POR ESPÍRITO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Em espírito, de espírito, por espírito, os homens, no curso do tempo, sob o domínio dos usos e dos costumes e do peso das institucionalizações, como, agora, este escriba, à semelhança do que acontece com qualquer homem, em sua carne, é inapelavelmente recluso de tais aprisionamentos, de espírito, em espírito, por espírito – começávamos dizendo – Deus se manifesta e se revela, infinito e eterno, a nós, seres finitos, que somos de carne? Nunca, nunca, muito embora assim se venham julgando, em todos os tempos, os seus pretensiosos aprisionadores (os Anás e os Caifaz), muito embora, igualmente, assim se venham arvorando, em todos os tempos, os aprisionadores dos homens (os Herodes e os Pilatos).

Leitores, leitoras minhas, esta carne que ora tecla neste tablet não pode, por si, expressar-se em indimensão de espírito, em espírito, por espírito. É preciso, mesmo, que ela, inclusive a dos que foram, são/é e serão sacerdotes, papas, cardeais, bispos, padres, pastores (do mundo Cristão), swamis (do mundo Hinduísta), rabinos (do mundo judaico), imãs (do mundo muçulmano) – pretensiosos aprisionadores de Deus, como assim a dos que foram, são/é e serão reis, imperadores, presidentes, senadores, deputados, ministros etc. – aprisionadores dos homens, possa, não por si, mas, por conhecimento intuitivo, esvaziar-se de si para, em processo integrativo (nunca absorvível) do Eu-divino, interior, com a Divindade, plenificar, justamente, o respectivo processo de espírito, em espírito, por espírito. É fundamental, nesse processo, que esse cenário de Anás e de Caifaz, de Herodes e de Pilatos, sem se demover do periférico-dinâmico-acidental, em conhecimento intuitivo, jamais no conhecimento intelectual e, pior ainda, no instintivo, se assuma no eixo do centro-estático-essencial. Esse centro-estático-essencial, sem um quando nem um onde nem um donde nem um para onde, por um mistério ainda hoje não revelado, se viu alvo e ainda hoje continua sendo alvo de (mera) tentativa do estabelecimento, na sua essência, de uma estranha semente, a semente do mal; semente esta não contraposta ao bem que, diferentemente do mal, não é semente, mas essência centralizada e estática. E essa maldita semente se instalou na luz de um anjo que assistia junto a Deus, justamente este que é o centro-estático-essencial. E quem não sabe o nome desse anjo? É Lúcifer, pois o seu nome significa anjo de luz. No centro-estático-essencial, Deus, o seu Unigênito Filho e o Santo Espírito, uma Trindade, pois, permanecem como centro, como estático e como essencial, não lhes interrompendo o fulgor a batalha que Lúcifer e seus anjos vêm desenvolvendo e sempre sendo combatido por Miguel, como assim é conhecido aquele Unigênito Filho, para quem, no cenário do centro-estático-essencial, o Céu, e no cenário periférico-dinâmico-acidental, a terra, vem o tal Lúcifer perdendo a tal batalha; todavia, como a essência do bem não se abala com essa estranha, terrível e não bem revelada ainda em sua origem, a semente do mal, a manifestação do centro-estático-essencial gerou o princípio, o começo do tempo, passando-se a um quando, a um onde, a um donde, a um para onde, advindo desse princípio, pois, a criação, não isoladamente, por parte do Santo Espírito, nem isoladamente, por parte do Filho Unigênito, mas pelo Pai, Deus, por meio de fiats, e simplesmente pelo poder de sua palavra, a criação – vínhamos dizendo – a criação do mundo; mundo começado, destarte, com o fiat lux; e desse fiat lux, em singular gesto, ao fazemos, do gesto plural da Trindade, para criar o homem. Mas, ao tempo propício (sim, agora já se pode falar em um tempo, em um quando, em um onde, em um donde, em um para onde), Deus, amor, como sempre, prova-o até mesmo no gesto de permitir a precipitação

de Lúcifer, agora já Satanás, para viver a rodear, como continua a rodear, a terra do mundo por ele Deus criado. E ali, num jardim (sempre num jardim, o primeiro chamado Éden e o último chamado Gtesêmani), Deus colocou Adão e Eva, aqueles que, inicialmente, gozaram das delícias do primeiro jardim, até que aquele anjo de luz, Lúcifer, agora Satanás, Diabo, inicialmente disfarçado em serpente falante, assumiu seu papel enganador no curso do tempo e, como tentador do Adão do jardim, continua tentando os Adãos de fora do primeiro jardim e prova e comprova a vida provada em fraqueza da carne, num duelo que mantém com Deus em relação a esses Adãos, porém, ainda bem, pela graça de Deus, decepcionado, acabrunhado, acabado, frente a um só desses Adãos, que, no outro jardim, o de Gtesêmani, provou ser, em sua carne, de espírito, em espírito, por espírito, fiel a Deus; tanto que o tentador o tentou, mas de tentação não passou, pois ele não caiu, na carne, ante tentações severas comparadas àquela ordem do “certamente morrerás”, de Deus, e a contraposta do “certamente não morrerás”, de Satanás, tentação a que se entregou a carne de Adão e de Eva, no jardim do Éden, conquanto protegidos com o selo da inocência, proteção essa que não a teve o Adão na sua entrega no jardim do Gtesêmani. Por que? Porque, além de uma promessa que não engana, posta em Ezequiel, Capítulo 36, versículos 25 a 27, a queda de Adão teve, em concomitância, outra promessa (Gênesis, Capítulo 3, versículo 15), com o verbo pôr no futuro do presente quanto a não haver enganos entre o bem e o mal; muito pelo contrário, entre eles, em termos de descendência, foi posta uma inimizade, em decorrência da qual a descendência do mal feriria, como vem ferindo, o calcanhar dos Adãos, porém o Adão do jardim de Gtesêmani feriria, como vem ferindo, para o sempre deste século, a cabeça do mal; e assim, este resultou vencido e o Adão vencedor, tanto que a sua carne, embora tendo morrido por motivo da violência de homens seus contemporâneos, ainda hoje, cegos condutores de cegos não enxergam que ele, de espírito, em espírito, por espírito, “morrera” a “morte” das ilusões do mundo, sem, entretanto, deste mundo fugir; pelo contrário, fez do tempo que os homens lhe limitaram como obra de Satanás um público Ministério de ações terapêuticas que tanto mais se expandia quanto mais Satanás fazia de sua semente (o mal) o império do que era tão chamativo aos olhos de carne. Enquanto isso, o enquanto deixou de valer para a carne deste último Adão, pois, em tendo “morrido” a “morte” das ilusões do mundo, tornou-se, inclusive na própria carne, um ressurrecto, sendo, hoje e sempre, presente, inclusive na ponta dos dedos deste escriba que ora tecla neste tablet, hipérbole esta natural e fruto de consciência apenas de quem vivencia, de espírito, em espírito e por espírito a cristificação do mundo.

12.

***TENTADO-SEM-QUEDA
VERSUS***

QUEDA-POSTA-NO-TENTADO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, tendo jejuado quarenta dias, e quarenta noites, depois teve fome;

Mateus, 4, 1 e 2

Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.

1º Coríntios, 10, 13

Jesus-humano foi também, como cada um de nós continua sendo, tentado; e o foi (tentado), após o batismo de água no Jordão, por João (o Batista), convindo ressaltar que, em concomitância, sem, entretanto, essa circunstância temporal deixá-lo limitado na mencionada lacuna de tempo de quarenta dias e de quarenta noites, e o foi (tentado) – vínhamos dizendo – em carne, sem se cessar da essência-central-estática do espírito, em espírito, que o mostrou e que ele também se mostrou como Filho amado, que, como tal, ou seja, como Filho amado, comprazia a Deus: “Este é o meu Filho amado em quem me comprazo”.

O mesmo Jesus-humano, Adão, carne, também o somos nós, nesse mundo da ex-istência. E se Deus dá o escape diante de qualquer que seja a tentação, a diferença entre o Jesus-humano tentado e o meu e o seu mim de carne, leitor meu, leitora minha, não é algo que se possa mensurar, porque foi em espírito e por espírito que a tentação, nele, nunca passou mesmo de mera tentação (pois não houve queda) e que só podia ser em vão, como, enfim, terminou sendo para o mundo sensório de sua realidade de carne, onde o diabo ficou com o rabo entre as pernas de sua grande decepção, decepção, contudo, que não seria maior e definitiva quanto aquela em que o Jesus-humano, de “morto” da “morte” das ilusões do mundo, passou a se cristificar, com a sua carne ressurrecta, no Gtesêmani, sem nem mesmo esperar o escatológico, o fim dos tempos: “Não seja feita, Pai, a minha, mas a tua vontade”.

Difícil de entender, leitor, difícilíssimo de entender, leitora?

Explico..., não, não é possível e nem é preciso explicar, pois o que é preciso é “sair-se”, como “se saiu” a carne de Jesus, em espírito e por espírito, numa primeira, numa entrada, num nascimento, num despertar, num..., ora nem se deve mesmo dizer primeira, nem entrada, nem nascimento, nem despertar, porque o espírito em espírito que o fez nascido de novo, tal como o vento que não sabe de onde vem nem para onde vai, de central-estático-essencial, foi-se, em poder divino, instaurando no seu mundo de carne periférico-dinâmico-acidental, com uma capacidade terapêutica nunca vista e que, ainda no hoje deste último momento e nos que o sucederem, até o final escatológico, faz a sua carne viva, presente, operada e operante, com o Diabo com a cara no chão, agora, sim, sem nem rabo entre as pernas ter.

Nós, leitores, Adãos e Evas do jardim onde plantada continua a árvore da vida (Deus é bom), somos tentados todos os dias e todas as noites, e não apenas durante quarenta dias e durante quarenta noites; e caímos e como caímos!, e como nos distraímos!, e como olvidamos a melhor parte; mas resta-nos, ante tudo isso, o consolo de que as tentações, se existem e se se exibem atraentes para nós, não são em grau de suportabilidade superior às nossas forças, havendo, para qualquer delas, o escape correspondente; Deus é bom, insistimos em proclamar!

Tentados, então, foram todos, sem exceção, e tentados somos, todos os dias, com quedas que se projetam em nossa caminhada de mundo (páscoa), ainda bem com o escape correspondente, mas as tentações, lamentável é dizer, todas e cada uma delas se esvaem, o que deixa o diabo com um sorriso do tamanho de sua cara horripilante. E dentre os que foram tentados estão os que se proclamam santos para uns assim ditos religiosos, pois aquela performance, em espírito, residido na carne de Jesus, põem-na na conta de Deus, quando os créditos acerca da dita conta os são de Deus, realmente e sem nenhuma dúvida, porém na trilha do espírito em espírito, por espírito, mas nunca na trilha das furadas dos espinhos de uma coroa (de espinhos), de tantas bofetadas, de uma quarentena de chicotadas, bem medidas e bem contadas, limitadas a trinta e nove, para se evitar o risco de se vir a extrapolar, quando o pior se extrapou mesmo foi na cessação forçada do processo de inspiração/expiração, daquele dos braços estendidos, mãos e pés cravejados, corpo enfim suspenso num madeiro, tudo isso por pura crueldade de homens e nunca de Deus. É dizer, todos foram alvos da tentação do diabo e ainda assim continuamos sendo esses mesmos alvos todos quantos, ao invés de tirarmos de cena a cruz, fazemos persistir a arte do diabo que, coitado, achou e continua achando que o consumatum est está no madeiro, quando efetivamente se pereniza no jardim de Gtsêmani.

Ah, e eu não queria, de forma alguma, apontar com o dedo indicador, pois não escapo de três outros dedos voltados para mim, inevitavelmente acusando-me e me não fazendo olvidado da condição adâmica que carrego comigo; todos a carregamos. Sim, eu não esqueço de um mosaísmo, tão bem e categoricamente carregado e acertado e consertado em visão de mensageiro de Deus, em uma pétrea determinação que homem nenhum pode alterar ou adulterar – os Dez Mandamentos! Mas em dimensão humana, de postura sacerdotal de sacrifícios impostos a animais, com o ápice em Yon Kippur, o dia da expiação, o dia do perdão, traspassou-se para novas ações praticadas pelo homem que, longe de Deus, fazia (e continua fazendo) por demais satisfeito a satanás, ao diabo, em suas artimanhas, em seus disfarces. E suas artimanhas e seus disfarces, que são ainda constantes, neste mundo, como já disse, mas não me custa repetir e repisar, vêm conduzindo a tantos nos caminhos dos seus caprichos, pois se o Levítico passou a não mais valer em sede de um Cristianismo, em seu lugar se edificou o Livro de Hebreus, para dizer que o Jesus-humano assumiu todas as dores do mundo. Isso é artimanha, é disfarce do diabo, digo isto assim de forma bem direta, para chocar, pouco me importa; artimanha e disfarce a que inclusive não escaparam nem mesmo o próprio Jesus de carne, seus familiares, seus discípulos, seus apóstolos. E, dentre estes, aponto, agora, mesmo crivado das acusações que me fazem o meu dedo mindinho, o anelar e o maior de todos, aponto – eu vinha dizendo – o homem que foi o judeu Saulo e que depois se tornou o romano Paulo, oriundo, como se sabe, lá da província de Tarso! Pois foi ele o arquiteto da doutrina cristã que se prega e se vive, claudicando o nascido no espírito, mas, óbvio, na própria carne dele, na do próprio Paulo e na de todos nós quantos sejamos os que se aliam a essa arte diabólica, que lástima!

Jesus-humano, em espírito, por espírito, teve, no seu lado humano, por quarenta dias e por quarenta noites, o reflexo do nascer de novo, tendo, para tanto, dado início de uma forma convincente mas não ainda de capitulação definitiva em relação ao diabo, pois iniciara, em carne, mas por espírito e em espírito (nunca será demais insistir nessa condição) a “morrer” a “morte” das ilusões do mundo naquele deserto tanto físico como consciencial (Eu-interior < Cristo < Divindade), atuando essa “morte” no Eu-divino e refletindo na sua carne que não teve fome durante

os aludidos períodos de tempo; a fome, in casu, que foi positiva e intuída, foi a consciencial quanto à postura assumida ante as tentações diabólicas, fruto que não podia ser do conhecimento instintivo, este plenamente anulado, pois o espírito o anulou; também não podia ser fruto do conhecimento intelectual, aquele sinuoso que fez do homem um ser de olhos abertos para o bem e o mal; fruto foi, evidentemente, da inércia meditativa que põe o periférico-dinâmico-acidental no eixo do centro-estático-essencial. Não foi algo inexpressivo para o referido periférico, foi um início de “morte” das ilusões do mundo, conducente a processo de ressurreição, cuja culminância reside no Getsêmani: “Não seja feita, Pai, a minha, mas a tua vontade”. E, para isto, se há não de agir, mas de se achar intuído de certeza acerca do que não veem os olhos físicos e ver, enfim, em reflexo, um poder sobre-humano capaz de tornar o impossível do mundo real em possível, mesmo plenamente anulada e insensível a dores, a fome, a sede, a prisões, a doenças a carne assim residida em espírito; e isto tem o nome minúsculo de fé, que tanto quanto minúscula mais poderosa se exhibe, pois não se há de esquecer do comparativo elucidativo do grão de mostarda...

Tudo, pois, quanto se “transfere”, por palavras de Jesus, segundo não ele próprio, mas dos evangelistas, e segundo, também, os que são tidos como autores dos demais livros da Bíblia, é fruto da artimanha do diabo e esse “transfere” a que nos referimos é justamente todo o tipo de ação centralizadora em ação de carne, carne que, em culminância, vem a morrer morte física (real) como a que adveio dos tormentos de chicotadas, das bofetadas e de uma crucifixão, morte essa celebrada como consumatum est, contudo de falsa culminância, pois esta (culminância) é mesmo a do Getsêmani: “Pai, não seja feita a minha, mas a tua vontade”. O prevalente sentido do espírito por conta das artimanhas e dos disfarces do diabo termina institucionalizado na carne e pela carne, de forma tal que a ilusão do mundo passa a ganhar realce, a exemplo do que acontece com os sacramentos de um segmento religioso, sempre vistos a partir de um significado material, deixando o significado espiritual em plano de menor relevância, tudo porque a visão de olhos de carne é chamativa e apelativa por demais. Veja-se: “BATISMO: Matéria – água; Forma – “Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.”; Graça – Apaga o pecado original – nos torna filhos de Deus – é o nascimento espiritual; CRISMA: Matéria – o óleo sagrado chamado Santo Crisma; Forma – “Eu te marco com o Sinal da Cruz e te Confirmo com o Crisma da Salvação, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.”; Graça – Confirma-nos na Fé, nos torna Soldados de Cristo – é o crescimento espiritual; EUCARISTIA: Matéria – O pão e o vinho consagrados; Forma – “Isto é o meu Corpo” – para a consagração do pão; “Este é o cálice do meu sangue, do sangue da nova e eterna aliança, mistério da Fé, que será derramado para vós e para muitos para o perdão dos pecados” -, para a consagração do vinho; Graça – É a presença do próprio Jesus Cristo na nossa alma, com seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade – é o alimento espiritual; CONFISSÃO: Matéria – Os pecados confessados; Forma – “Eu te absolvo dos teus pecados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.”; Graça – O perdão dos pecados – devolve a graça santificante – é o remédio espiritual; EXTREMA UNÇÃO: Matéria – O óleo sagrado chamado Óleo dos Enfermos; Forma – “Por esta santa unção, que o Senhor te perdoe todos os pecados que fizeste pela... (a unção é feita nos olhos, boca, ouvido, nariz, mãos e pés).”; Graça – Prepara nossa alma para ir para o Céu – apaga os pecados veniais, as imperfeições e até pecados mortais – reanima o corpo doente; ORDEM: Matéria – A imposição das mãos; Forma – A oração consagratória na ordenação sacerdotal; Graça – Dá o poder de celebrar Ofícios Cerimoniais; MATRIMÔNIO: Matéria – O contrato entre os noivos; Forma – A aceitação pública do contrato – o “sim”; Graça – Capacidade de ter e educar os filhos, viverem juntos em harmonia, e buscando a vida eterna”. Tudo isso se acha na contramão do que o-tentado-sem-queda centralizou e deixou como caminho salvador, sem necessidade desses passos que os seus anunciadores, os evangelistas, realçaram, tornando-o, pois, o grande incompreendido da grande luz que acendeu em si, mas os homens, distraídos com as coisas do mundo, esquecem o interruptor dos seus corações para ligarem

a luz que têm neles adormecida, para fazerem brilhar, pois, a luz de cada um. Esquecemo-nos de que basta nascer de novo, em espírito, por espírito, tal como começou ele, “morrendo” a “morte” das ilusões do mundo, sem deste mundo, entretanto, querer fugir; muito pelo contrário, enfrentando-o e vencendo-o, como um terapeuta das dores, das dificuldades, dos choros, das pobrezaas, das fomes, das sedes, das doenças, das prisões, culminando na completa ressurreição de sua carne, não porque tenha sido criminosamente morto e depois sepultado, mas porque ressurrecto, em vida ainda, da “morte” das ilusões deste mundo, onde o diabo passeia para todos, menos para ele, que venceu em definitivo o tal mundo com a referida e bendita “morte”.

– Ah, quão grande incompreendido foi e continua sendo o Homem de Nazaré!

13.

“MORTE” DAS ILUSÕES DO MUNDO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Nada se compara com a felicidade de quem “morre” a “morte” das ilusões do mundo... frase que contém evidente erronia, que ora se explica. Ora, se explica também não é certo dizer. Aliás, essa “morte” de que falamos não é aquela que se morre e depois se é levado num caixão para um velório e depois para um enterro ou mesmo para uma incineração. Essa “morte” entre aspas é, ou melhor, não é, porque não existe, não tem realidade material, perdoem todos este pleonasma; não é – vínhamos dizendo – consciência do ser que se transforma em inconsciência do não-ser, ou seja, é um ser-Adão-até-então-desobediente que se torna não-ser-Adão-obediente; é Adão, portanto, cujo Eu-interior “morreu” a “morte” das ilusões do mundo, não por conta de uma consciência, mas, em intuída inação, se fez, em espírito, por espírito, insensível às dores do viver, do se alimentar com o suor do rosto, justamente por haver nascido de novo; nascimento de novo que significa despertar em espírito; nascimento esse que não está em linha com nenhum tipo de conhecimento, nem o intelectual, este do qual o cronista ora se utiliza, com um tablet à mão, uma língua, palavras, vírgulas, acentos, nem muito menos com o conhecimento instintivo, puramente animal; é pela linha do que se pode intuir nos diálogos entre o Eu-interior e o Filho Unigênito de Deus, em ditos indizíveis, que se nasce de novo; portanto, é muito longe de realidade, pois esta é sempre ilusória; por esta se conduzem pessoas enredadas em profanidade profunda ou superficial, conferindo valor às coisas do mundo, a exemplo do caso exagerado, recente, num Dia de Finados, uma mulher, de Camucim, Ceará, realizando desejo nutrido há quase dez anos, consistente em protagonizar, em vida, o próprio velório. Ainda bem – com o perdão pelo tom crítico – que ela não quis o seu enterro nem a sua cremação. A propósito, leia-se em Marcos 12,30: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento”. E no mesmo Marcos, 12, 31: leia-se: “E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes”. Aqui está o oposto do que aquela mulher vive, em evidente distração, em consciência, coitada, mergulhada, em parceria com perigoso inimigo, ela própria absorvida em mente e querer seus. Ainda bem que não de todo está ela desabrigada da Misericórdia daquele Senhor, Senhor desamado ou nunca amado, de verdade. Pois, à semelhança dela, também não se exime o cronista de um nunca amar ou de um desamar, num vaivém típico das ilusões de um mundo traiçoeiro. Nesse mundo, ao que se sabe como certo, agachado, à espreita, nas esquinas da vida, sempre está o anjo decaído, costumeiramente no seu ponto de estratégia do qual não se deixa afastar, que é o de insistir em mostrar a Deus que o homem, sua criatura excelente, é seu inimigo e que, por isso, pertence ao reino de intrigas daquele falso anjo, certamente risonho por mais uma conquista, como a que iludiu aquela mulher em brincadeira de velório. Esse anjo, todos sabemos, não está aniquilado, está apenas preso pela obediência do Adão-do-Jardim-de-Getsêmani. Mesmo que Deus, em sua inesgotável Misericórdia, tenha decretado, quase que concomitante à queda do Adão-do-Éden, inimizade entre a mulher e a serpente, entre a descendência desta e a daquela, o certo é que aquela fere a cabeça desta e esta fere o calcanhar daquela. E é precisamente num quando sem limites de tempo nem de espaço que o Eu-interior esmaga a cabeça da serpente, mostrando-se Deus, pelo seu Unigênito, amoroso e este, enfim, exibido ao anjo caído, julgando, assentado, no trono daquele, fato (fato?) que chateia o anjo caído que, embora preso pela obediência do Filho, em concurso (concurso?) com o Eu-interior-dos-nascidos-de-mulher, assiste a estes não somente dizerem “não seja feita, Pai, a minha, mas a tua

vontade”; e tornam-se estes, como aquele Filho, os que não esboçam qualquer reação às consequências das quais bem sabe a carne onde um Eu-interior obediente subjaz: chibatadas, coroação com espinhos, cravejamento de mãos e de pés, crucifixão – atos humanos estes que a entrega de obediência fazem de uma carne, por inação de espírito, por espírito, uma vida que é de ontem e de hoje e de sempre, insensível a brutalidades daquela ordem que nunca estiveram nem podem estar nos planos de Deus, mas no do anjo caído, isso sim e no de todos quantos comem pão e bebem vinho como se fossem do corpo de um nascido de mulher! Assim, que “morra” o Eu-no-meu-mim-de-carne e o Eu-no-seu-si-de-carne, compenetradíssimo leitor, sensibilíssima leitora, sem presunções de credo de uma carne ressurrecta, pois certo é apenas que quando morrermos aquela inevitável bio-morte, a senhora da foice e da ampulheta ficará com a cara desdentada de decepção, ante o nosso Adão-obediente – com o perdão dos que nisso não creem e, mesmo assim, não ficam fora do Misericordioso Coração do Senhor – que é só bondade, amém!

EU QUE “MORRE”

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Carta de Paulo aos Romanos, capítulo 8, versículo
34. ...é Cristo quem morreu, ou antes quem
ressuscitou de entre os mortos, (...).

A carne residida do espírito, em espírito, obediente a Deus não é, por um si exclusivo, seu, quem “morre” para “nascer de novo”; também não é o espírito quem “morre”, pois este é sempre pronto, pois é Deus, com o Filho – este o Eu, residido na carne. Quando, nesta nossa dimensão de tempo, em marco temporal a quo representado pelo próprio vocábulo “quando”, então – como vínhamos dizendo – “quando”, nessa dimensão, pela carne, não com olhos carnis, mas com olhos de espírito o Eu residido na carne “nasce de novo”, isto se dá pela obediência do Eu contida no “seja feita a Sua, Senhor, e não a minha vontade” do Gtesêmani. É exatamente no a quo desse “quando” e durante a sua extensão até o seu final (escatologia) que Lúcifer, sem ser defenestrado da possibilidade de viver a rodear a terra, para a qual foi precipitado após perder a guerra no Céu, que ele continua a ferir calcanhares, contudo com a sua cabeça ferida pela obediência do Eu a Deus e fica amarrado para aqueles de Eu “morrido” por todo esse tempo até o fim (escatológico), “quando”, em termo ad quem desse “quando”, se dá o julgamento condenatório (dos maus) e o julgamento salvador (dos justos), pelo julgador, que é Cristo-Jesus ou Jesus-Cristo. Portanto, a forma verbal “morreu” constante do versículo posto em destaque, como introito destas modestas considerações, não é o morreu (sem aspas) de uma morte (sem aspas) natural, biológica, mas o “morreu” da “morte” das ilusões do mundo, “morte” essa do Eu, o qual dessa “morte” ressuscita para aguardar o julgamento perante um trono. E, então, todo o Eu residido de e residido em carne que “morre” a “morte” das ilusões do mundo “morre” por meio da obediência do “seja feita a Sua, Senhor, e não a minha vontade” do Gtsêmani. O Cristo, aquele que é inclusive antes que Abraão tivesse sido, manifesta-se, em via de conhecimento intuitivo, no Eu residido em carne e é primeiramente esse Eu e, por extensão, o Cristo quem ressuscita de uma “morte” das ilusões do mundo, por meio de um “novo nascimento”, “morte” direta não deste Cristo, mas daquele Eu, sem exclusivismo para ele, ante a sua condição de abrigado no ser criado, a carne, e que, por isso, se confunde com a fraqueza desta, razão por que não prescinde do amor e da misericórdia do Deus uno. É preciso discernir que o Eu, pela carne dos Adãos deste mundo, continua perturbado pela desobediência provocada por Lúcifer, mas ainda bem que Deus, presto, em Éden de todos os tempos, logo promete: “ponho inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te fere a cabeça, e tu lhe feres o calcanhar”. É claro que a Trindade, na humildade consistente em se permitir ser, em se permitir a “ex-istência”, pelo Filho, o Cristo, emplaca na carne em que residido o Eu obediente a Deus a condição participativa dessa carne, tanto que ressurrecta também ela é, como ressurrecta foi e assim continua até o final escatológico a carne do homem Jesus, cujo Eu, por ter sido e por continuar obediente, permanece carne obediente que esmaga a cabeça de Lúcifer, ficando este preso em sua teimosia de desobediência e de competição com Deus até o final dos tempos, de modo que se o Eu “morre” a “morte” das ilusões do mundo é o próprio Cristo quem “morre”, em espírito, enquanto na sua condição de ser, de manifesto e de manifestado ao mundo, mundo por ele vencido exata e precisamente em Gtesêmani: “seja feita a Sua, Senhor, e não a minha vontade”. Portanto, é tudo espírito, por espírito, em espírito, jamais se deve olvidar isso; há de se

olvidar, sim, o sofrimento de cruz, esse, na verdade, o convite de uma escala puramente humana e nunca de Deus; humana em sua fraqueza de quedas tão animadoras a Lúcifer, conquanto amarrado este por aqueles cuja carne se faz residida do Eu “morto” da “morte” das ilusões deste mundo – repetimos – pela entrega consumada em Gtesêmani.

15.**COMUNICAR**

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

No mundo, o processo de comunicação se dá com um emissor, um receptor, uma mensagem e um canal. O emissor é o homem, como assim a própria natureza que ele é e a que está ao seu redor. O receptor é sempre o homem. A mensagem é aquilo que se pretende levar ao conhecimento ou aquilo que está na natureza, reclamando ser entendido e aproveitado, bem aproveitado. O canal é o meio pelo qual se dá a entrega da mensagem. Agora, no plano espiritual, intui um único emissor, trino, que é Pai, que é Filho e que, sem o seu Santo Espírito, não teria como ser emissor. O receptor é no homem, para além de sua realidade de barro e de alma vivente, com um sopro que o Deus trino nos intui pela sua Misericórdia. Então, neste plano, o emissor, o receptor, a mensagem e o canal diferem daquele primeiro processo que abordamos. Porque, em espírito, por espírito, tudo e nada se entrelaçam no amor da mencionada Trindade, provada, à saciedade, de quão prevaemente é esse seu caráter de amor, sempre amor, a despeito de esse amor permitir o mistério de uma semente do mal que, efetivamente, não se lhe contrapõe, apenas se põe, levando a um estado de guerra, no céu, onde combateu Miguel, que é o mesmo que o Filho unigênito, combateu – dizíamos – com o anjo Lúcifer, saindo este perdedor, como não poderia ser o contrário. Pois esse amor de Deus, após a referida batalha, se ofertou à humildade de corporificar o mundo, e criando, em seis dias, esse mundo, permitiu que Lúcifer, o agente daquela semente, fosse nele mundo precipitado, conquanto vencido não ainda em definitivo. Deus não seria Deus, se, por havê-lo vencido, houvesse posto a solução do mal num estado de guerra. O seu amor provou-lhe que a Criação teria o meio de comprovar esse amor. E esse maldito Lúcifer, agora diabo, satanás, se transformou em serpente falante e veio a enganar o homem, começando pelo lado fraco emocional feminino de Eva. Então, aquela divina decepção, no céu, repercutiu de forma avassaladora, no mundo, como fruto daquela misteriosa semente do mal. Até que a comunicação divina, que se não subjuga a nenhuma linha de tempo, encontrou, no Eu residente em Jesus de Nazaré, um novo nascimento, no qual e pelo qual deixou o diabo, o satanás preso, ante a plena obediência que o novo Adão protagoniza, igualzinha à forma protagonizada, em eterno e em infinito, pelo Filho. Quero dizer, então, que Pentecostes, exatamente cinquenta dias depois, depois de quê?, depois da Páscoa, era a festa da colheita, dos judeus, e que a influência grega fez mudar de nome, mudar para Pentecostes, essa festa, na verdade, tem a ver com comunicação, o povo comunicando-se com Deus, porque agradecido pela colheita, o que é tudo para a sua sobrevivência e, no Cristianismo, essa comunicação, em processo que não é processo igual àquele sobre o qual tratamos, inicialmente, intui-nos a integral disposição de Deus-Pai e do seu unigênito Filho, por meio do seu Santo Espírito, que integra o Eu de cada ser nascido de mulher, quando a sua realidade de carne, não propriamente ela, mas pelo reflexo do espírito, pelo espírito, nasce de novo, processando-se, destarte, a comunicação plena entre homem e Deus, o seu barro e o seu sopro servindo de veículos ao Eu que rompe o pecado da desobediência edênica e passa, mesmo ainda em estado edênico, ou seja, mesmo no tempo de vivo dos vivos desta vida, a uma obediência que deixa Lúcifer, diabo, satanás decepcionados e presos, país da mentira que são e que não têm mais como mentirem e se fazerem novas serpentes falantes; muito pelo contrário, os obedientes a Deus cegam-nos em prisão que os desaponta para todo o sempre. Certo é que eles bramem como um leão, tentando ainda confundir, mas, em verdade, quem prevalece é o espírito vencedor em Jesus de Nazaré e em todos quanto não só acreditam, mas vivenciam o amor a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo

o entendimento. Esta é, enfim, a verdadeira e mais importante comunicação, que se processa em espírito e termina produzindo efeitos maravilhosos na carne, Deus é bom!

– Ei, homem, de ontem, de hoje, de sempre, comunica-te, no mundo, mediante um processo imutável, porém, em espírito, não és tu, senão pelo veículo que tu és, a tua carne, que, em espírito, por espírito, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, eternos, infinitos, desprendidos de um ontem, de um hoje, de um amanhã, permitem-se intuir no Eu de cada ser nascido de mulher. Portanto, não vive tu a presunção de seres o capaz, mas deixa Deus-Pai, o seu Filho unigênito e o seu Santo Espírito, gozarem as delícias de um céu em que a semente do mal, no mundo, resultou presa pela obediência do Eu em Jesus de Nazaré e procura tornar essa obediência como viga mestra do vivo que és tu, pois assim certamente não te prenderás à morte do céu, como a ela se prendeu aquele que pretendeu ser Deus, pelo brilho que pensou lhe ser próprio, apesar de ser luz – Lúcifer...

16.

ADVERSÁRIO FRACO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

1ª Pedro, cap.5, v. 8:

Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar.

É importante considerar que o adversário em que se constitui o diabo o é em relação à carne, já que em espírito e por espírito ele já é um desvalido. Portanto, se é assim, não é que se deva deixar de lado, também como uma desvalida, a nossa carne. Importante é que o espírito nela residido atue de forma tal, reflexivamente, a ponto de deixá-la, de fraca, tão pronta quanto o espírito, este, sim, sempre pronto! Então, em sobriedade, em vigilância não pura e simplesmente da carne, mas em espírito e por espírito, pela via do conhecimento intuitivo, jamais intelectual e muito menos instintivo, se há de, em novo nascimento, “morrer” a “morte” das ilusões deste século e ressuscitar para a vida nova, tudo isso começando nesse tempo de vida abundante dos vivos que a graça de Deus nos vem permitindo.

Se assim acontece, a carne se torna protegida e não há diabo, não há adversário, não há assédio dele, porque ele, em espírito e por espírito, é figura presa, bem verdade sendo que não é figura morta, mas figura presa é – disso não havendo de restar um átomo de dúvida. É que, “morrendo-se” a “morte” das ilusões do mundo, isto só mesmo se opera mediante o amor exclusivo a Deus, o que somente se faz em espírito, por espírito; sim, amor exclusivo, porque, em sendo por espírito e em espírito, termina, reflexivamente, na carne fraca, que se torna pronta pela ressurreição advinda dessa “morte” das ilusões do mundo; daí que, invadindo o espiritual o carnal, se diz que esse amor exclusivo termina sendo de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento (vide versículo 27 do capítulo 10 de Lucas)*, dimensões essas de natureza propriamente humanas, próprias dos Adãos expulsos do paraíso, que somos todos e cada um de nós; ah esses Adãos, que, enfim, se encontram com o novo Adão, que é nada mais nada menos do que o Cristo, aquele que é antes de o mundo haver sido!

Então, creia, mais do que creia, leitor, assuma a altíssima fidelidade com Deus, em sintomia cósmica, e, no lugar da figura do leão transfigurado em diabo, bramando, assuma o Leão verdadeiro, o Leão de Judá, o Cristo-Jesus ou o Jesus-Cristo, mas saia da presunção de que pode essa conversão advir diretamente das forças de sua carne, do seu entendimento, do seu coração, da sua alma; nunca, nunca, nunca; tudo há de vir e advir da força do que é pronto, desde a eternidade, o espírito, permitindo que, intuitivamente, se reflita sobre a sua carne fraca o poder dessa completude, que é o espírito, pronto, pronto, pronto, como sempre, permitindo-se, como veículo, em centro-essencial-estático, permanecer assim, sempre, central, essencial e estático, refletindo, porém, no periférico-dinâmico-acidental, isto, pois, que é uma prisão para o diabo, entregue ao desespero ante uma obediência de carne que ele jamais podia imaginar, mas, ainda que preso, não larga a teimosia de querer mostrar que o homem jamais pode ser fiel a Deus e sim unicamente a ele diabo. Coitado! É assim, pois, que, em espírito e por espírito, o apóstolo Pedro, sem deixar de reconhecer a fase de sua vida em que, conquanto vivendo lado a lado com o Jesus telúrico, histórico, apesar das injeções de ânimo de fé, tantas vezes agiu pela e com a carne, seja quando fraquejou ao andar sobre as águas,

no mar, seja quando, com sentido egoísta, no monte Tabor, ante a figura transfigurada de Jesus, com vestes resplandecentes, foi assaltado pela vontade de carne, vontade puramente humana, sugerindo a Jesus que para ele tudo ali estava bom e se esqueceu que tinha um mundo para enfrentar e viver, sendo-lhe bastante que se construísse ali, no monte, três tendas, tendas que representavam o retorno à prisão numa vida de deserto em que o povo judeu viveu por quarenta anos; também pela carne agiu, quando disse a Jesus que ele não tinha de enfrentar sacrifício nenhum em Jerusalém, recebendo de Jesus a repulsa ante sua humana consideração, com a impactante sentença vade retro, satanás; e, fechando essas humanas investidas de Pedro, lembramos as famosas negações. Pois bem, apesar de estar vivendo a vida do vivo desta vida sempre abundante, junto ao Jesus telúrico, histórico, como já se disse, a carne sempre perturbava a Pedro, porém, passado o tempo, para ele, e nunca para Deus, por um Filho, movido pela sua face de espírito, por espírito, eis que Pedro, na sua mencionada Epístola, no capítulo e versículo posto em epígrafe, ressalta a existência de um adversário que brama como leão, mas, leitor, ajude Pedro a não ser visto como um fraco, mais uma vez, o que é possível pela via da conversão que o faça ver, em espírito e por espírito, refletindo sobre a sua carne, que aquele leão é o leão preso, sim, o Diabo e o Leão que verdadeiramente importa é o Leão de Judá que prendeu o leão do versículo pela obediência a Deus e que, mesmo preso, não cessa de lutar, porque, embora preso, ele não deixa de ser diabo.

* Lucas, 10, 27 E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, (...).

17.

TÚMULO VAZIO ANTE PLENITUDE DE ESPÍRITO NO EU-DIVINO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

De espírito, em espírito, por espírito, um ser (humano) começou a receber sobre o ser que era (humano), em carne e em músculos e em nervos e em ossos e em intelecto, em intuída expressão divina do “tu és o meu Filho amado em quem me comprazo”, começou a receber – vínhamos dizendo – uma “morte” que foi refletindo sobre o ser que era e nunca deixou de ser em face da reflexa ressurreição, ressurreição essa diferente daquela que os humanos, seus ascendentes e seus pósteros, hão de tê-la, na consumação deste século (vide João, Capítulo 5, versículo 29). Onde reside, então, a diferença? O Cristo do qual o Eu-divino se dissipa em “dinâmica-periférica-acidental” conformação, continua, desde sempre, no concentrado “estático-centro-essencial”. Esse Eu-divino experiencia a maldade dos pais nos filhos que Deus, zeloso, visita, em transcurso de tempo, desde quando formado em paraíso e em estado adâmico de uma pós-queda, assim continuando até o final escatológico (vide Livro de Êxodo, Capítulo 20, versículo 5, 2ª parte) e padecendo consequências decorrentes de posições conscientes (conhecimento do bem e do mal), diametralmente opostas aos desígnios divinos, a exemplo da passagem bíblica em que Pedro diz que, de modo algum, o Mestre padecerá de uma paixão e morte de cruz, em Jerusalém, ao que o Mestre respondeu: “Retira-te de diante de mim, Satanás” e a exemplo, também, de Judas Iscariotes, em João, Capítulo 12, versículos 1 a 8. É que tudo isso decorre da desobediência, porque a criatura que carrega em si o Cristo representado no Eu, Eu-divino, por ser carne e músculos e nervos e ossos e intelecto é de uma fraqueza tão fraca, tão fraca, tão fraca. Eles imprimem e comunicam essa fraqueza ao Eu-divino, a quem disse Deus que, se obedecesse, não morreria, certamente. Mas desobedeceu, por influência do ser carne, do ser músculos, do ser nervos, do ser ossos, do ser intelecto. E, no curso do tempo, vimos todos morrendo não a “morte” das ilusões do mundo, mas a bio-morte, essa da qual, enfim, todos morremos, pois não temos a força crística para nos antecipar à escatológica e grandiosa “conclusão”. Mas, em carne, em músculos, em nervos, em ossos e em intelecto, tudo isso que é mundo, Ele o venceu, obtendo vitória sobre a bio-morte, de forma que realmente bio-morreu, também; só que, de tão divino, se transformou, de corrupto em incorrupto, e ele retorna, transformado, dessa corrupta condição em e para uma incorrupta condição, toda vez que qualquer dos seus pósteros trilha o mesmo caminho de obediência que ele alcançou e proporcionou a si mesmo, no caso dele, unicamente o dele, até aqui; uma ressurreição plena, de alguém que vive a partir de uma “morte”, em espírito, por espírito das ilusões do mundo, iniciada naquela declaração de Filho amado, batizado, que suportou tentações e as venceu, que ensinou bem-aventuranças e as vivenciou em si mesmo, que exerceu um público ministério de curas e de milagres, encarando o mundo sem dele fugir, que suportou negação, egoísmo, traição, que terminou condenado, açoitado e bio-morto numa cruz, contudo ressuscitado, com um túmulo vazio. E esse túmulo se esvaziou não do dia para a noite. No caso dele, foram três anos, começados no batismo, no Jordão, com a pomba que descia, isso como um atestado físico, mas de espírito, em espírito, por espírito se tornando a inaudível voz a dizer afirmativamente em indimensão do Eu-divino residente em sua carne, em seus músculos, em seus nervos, em seus ossos, em seu intelecto, “tu és o meu Filho amado em quem me comprazo”. Desse ponto que não é ponto, porque sendo um encontro de “dinâmico-periférico-acidental” em “estático-centro-essencial”, se faz o ser em ascensão ressurgente de obediência plena,

obediência plena essa alcançada no jardim do Getsêmani com o “Não seja feita, Pai, a minha, mas a tua vontade”. Eis o eterno do sem limite de tempo e o infinito do sem limite de medição de espaço, estados divinos esses contrapostos, no plano do mundo, a um Éden, que é também jardim, onde a fraqueza da carne, dos músculos, dos nervos, dos ossos e do intelecto reina em influência de fraqueza no Eu-divino neles residido, permitindo-se, inicialmente pela condição emocional, de mulher (Eva), e, depois, mesmo com a condição racional de homem (Adão), a queda, pela desobediência, que reflete a preferência pelo “certamente não morrerás”, de Satanás, no lugar do “certamente morrerás”, de Deus. É, então, que o “amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu entendimento, de todo o teu coração e ao próximo como a ti mesmo” representam a via pela qual o sorriso triunfante de Satanás, pressuposto ilusoriamente por ele, para ele e sobre ele, se apaga, ficando ele com a cara da cor amarela da decepção, pois aquele ser (humano) pôde exibir vitória diante da bio-morte, antecipando-se a esta mediante “morte” das ilusões do mundo, sendo obediente a Deus, com o que, se, porventura, ainda não se exterminou a Satanás, deixou-se-lhe, seguramente, em estado de prisão até a consumação do século, isto, evidentemente, para os que ao menos reconhecem e vivem aquela “morte” do humano que eclipsou todas as ilusões. Já os que não reconhecem nem vivem aquela “morte” continuam sendo brinquedos com os quais se demoram e se divertem com Satanás. Mas, em arremate, se perguntarem sobre se o “morrerás” e o “não morrerás” ligados ao advérbio “certamente” (o de Deus como sendo afirmativo e o de Satanás como sendo negativo) são ou não de bio-morte, o que se dirá? Dir-se-á que são de bio-morte, sim, tanto para os que duvidam de Deus quanto para os que se alinham a Satanás. Só mesmo os que se antecipam a essa bio-morte, os que “morrem” a “morte” das ilusões do mundo, é que, como no caso do Eu-divino residente na carne, nos músculos, nos nervos, nos ossos e no intelecto do famoso Galileu, é que vivem o vazio de um túmulo animado pelo Eu-divino nele plenamente operado e operante. É isso difícil, muito difícil de alcançar, mas não impossível, ante o que assim prometeu o Mestre em João, Capítulo 14, inciso 12.: “Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas”. In casu, crer é estar em alta fidelidade com Deus, amando-o e se amando, também, sem olvidar outro tanto para o próximo. E isto não é obra para três anos, mas para toda uma vida intuída, em espírito, de espírito, por espírito.

18.

SOMAS DE DEUS

(Para iniciados e iniciando-se, letras mortas para profanos)

Não há como definir
diante de restos
a soma acumulada
ressaltada assim
tão de repente.
Essa soma
a melhor parte
dispensa os restos:
é marca indestrutível,
é ser que não acaba.
Restos se acanhem
somem de sumir
ante somem de somar
o melhor sem acabar.
Assim surpresos
todos somos restos
de tristes pesares
de uns restos que se vê,
mas de uma parte melhor
que dos restos não é,
sabe-o aquele
tão perto do ser.
Prefiramos nós
no lugar de restos
dar lugar a preces
para que somas assim
não sumam,
mas somem exemplos
de somas de Deus.

COISA ACIDENTAL E ETERNO ESSENCIAL

(Para iniciados e iniciando-se, letras mortas para profanos)

No plano de fora é tanta coisa!
No de dentro...
ora, esqueçamos,
calemo-nos,
não digamos o que é de dentro,
pois assim nos aferramos
ao que é de fora,
tão somente.
O de dentro não existe e,
central-estático-essencial,
não se exhibe,
não se manifesta
em plano algum,
nem de fora
nem de dentro.
O plano de fora, sim, é que se exhibe,
se manifesta e,
diferente de centro,
de imobilidade
e de essência,
ele é periférico-dinâmico-acidental.
Pode-se estar no plano de fora,
em manifestação
periférica-dinâmica-acidental,
mas no de dentro
nem se é dentro,
pois em imobilidade
central, essencial,
transcendente,
nada faz
e, mesmo assim,
irradia-se
na e para a mais distante
periferia
de um dinâmico acidental.
Sem essa irradiação,
o plano de fora por si não existe
nem subsiste.
É-se provisoriamente
no plano de fora,
mas nele não se ressurgue

ao se “morrer” uma “morte”
– a “morte” das ilusões do mundo.

Esta é a consciência
do central-estático-essencial
como alimento que é
do periférico-dinâmico-acidental.

Fora de plano, qualquer que seja
a luz que se não vê
é ela que, eterna,
nunca perde

o centro, o estático, a essência
sem plano ser.

Então, plano de fora
ou plano de dentro,
tudo é coisa

e o que nem plano é
nem nada não é.

– “Vive” tu, leitor,
em espírito,

a consciência do eterno
central-estático-essencial;
por certo sem pretensões
em tua periférica-dinâmica-acidental
realidade de carne.

20.

ENTRE SABEDORIA E VERDADE

(Para iniciados e iniciando-se, letras mortas para profanos)

Morre-se, inapelavelmente se morre; de quê?, ora, simplesmente se morre. A forma de morrer, entretanto, não se sabe. Por isso, sábia é a sentença popular: “para morrer, basta estar vivo”. Mas, dessa sapiência não me preencho em acomodação. Sinto que há “morte” melhor e inigualável à morte de todos nós que estamos vivos, inevitavelmente à espera daquela senhora da foice e da ampulheta. Os que se prendem a indagações sobre a forma de sua morte, coitados, simplesmente são os que não creem, pois os que creem se entregam em auto-consentida “morte” das ilusões deste mundo, pois nessa “morte” que se “morre” está, inclusive, a morte dos sábios que concluem, preocupados, pela sua inafastabilidade. Por isso, não queiram vocês, meus leitores, ser apenas esse sábio, pois ele é um limitado de expressão de finitude, tal como ele é de uma finitude de criatura. Pois não foi a carne de Adão que caiu. A queda foi a nossa habitação de Eu-puríssimo que, por influência de uma fraqueza, não se equilibrou na liberdade de um arbítrio, arbítrio livre que é prova de que Deus o quis tão divino quanto Ele, mas se confundiu entre dois advérbios de modo, quais sejam, o certamente, de Deus, e o certamente, de Satanás. “Não comerás do fruto dessa árvore, pois, se comeres, certamente morrerás” – disse Deus; “Comerás do fruto dessa árvore, pois, se comeres, certamente não morrerás – disse Satanás. O Adão feito de barro, que somos todos e cada um de nós, é fraco e a desobediência encontra terreno fértil nele, e, na medida em que, mesmo ferido o seu calcanhar, mas sendo ferida a cabeça do instigador da desobediência, aí sim a desobediência do certamente não morrerás cede lugar à obediência do certamente morrerás. Mas, obediência a quê? Obediência ao amor exclusivo a Deus de todo o entendimento, de todo o coração, com amor ao próximo. E só e somente assim é que se não faz a menor reverência à senhora da foice e da ampulheta. E os que agem assim, em carne, optam, em espírito, por espírito, ainda em carne, pelo certamente, de Deus. E entram em aviões, em navios, em trens, em foguetes, em carros, em carroças e montam em cavalos, em motos e em bicicletas, e escalam montes, e vão a profundezas marinhas, e pegam em serpentes, garantidos pela “morte” das ilusões que tudo isso representa. E se morrerem, pela forma de um desastre de avião, por exemplo, ficam a rir e a zombar da senhora da foice e da ampulheta, caso, efetivamente, como num céu aqui na terra, tenham um céu de verdade que mais lhes importa do que obrigações e prazeres deste mundo. Então, os que bem intuem entre os dois advérbios, não serão os sábios, estes que sempre permanecem na linha e na direção do um conhecer intelectual, que é aquele da sinuosidade da serpente diabólica, que engana precisamente os sábios ao darem crédito ao certamente não morrerás, de Satanás. O certamente morrerás, de Deus, fica para aqueles que a carne, em verdade de espírito, por espírito, se exhibe, sem afronta àquela senhora da foice e da ampulheta, em conhecimento intuitivo, alimentando-se da Graça de Deus, amando-o de todo o entendimento (lado humano), e de todo o coração, sentimento (divino), como num encontro, como num abraço do finito com o infinito, em “morte” das ilusões deste mundo. Estes são os encorajados que, a despeito de tragédias, não recuam, pois respiram “oxigênio” que os tornam infinitos e eternos, numa verdade (divina) que nada tem a ver com sabedoria (humana).

21.

ESPIRITUALIDADE?

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Incomoda-me o Eu no meu mim de carne sendo desfilado ante carnes de Eus nelas escondidos, mesmo assim ousando apreender aquele como qualquer outro Eu jamais apreensível em intelectual conhecimento, pois sempre escondidos para este. Ah, coitados dos que assim o tentam e coitada da minha carne, também, porque é a carne deles que limita essa tentativa. Estão todos no e ao nível do Adão-de-barro de um Éden de ontem, de hoje e de tempos que virão até o cenário escatológico de um fim. Minha carne produz e é transparente como o mais límpido vidro (ou melhor seria dizer como o melhor do cristal dos cristais?), produz – vínhamos dizendo – o vento que posso não-ser, em espírito, por espírito – aquele que não sabe de onde vem nem para onde vai, vento esse que produz ditos indizíveis que surtem do diálogo com Deus, já agora, evidentemente, comprometendo-se com e pela minha carne, que lástima. O certo é que a linguagem imperfeita de homem deixa translúcido numa pretensão humana o que a linguagem perfeita do divino jamais pode derivar daquela. Assim, confiar naquela é temerário e o consolo é a avaliação humana do que possa ser melhor para o homem e não para Deus. Eis, pois, que, em percalços humanos, o que pode ser brilho do Eu-interior em minha carne só por avaliação humana não pode conter atributo divino nenhum. Mas se, translúcido, em carne, exibimos uma linha dita de espiritualidade, cuidamos que não possa ser obra de homem tendente a se conciliar com o anjo caído. E só a Misericórdia de Deus é que nos pode socorrer nessa avaliação. Havemos de ficar como de joelhos e de braços abertos, implorativamente à concessão de Deus, que nunca nos pode vir pela via deste caminho que ora exercitamos, que é a de conhecimento intelectual. Já pela via do conhecimento instintivo este é que é pior, muito pior, ainda. Só resta, pois, o conhecimento intuitivo. Sendo assim, o que se diz de espiritualidade no Eu de minha carne, no que esta direciona, via intelecto, por meio de ações, escrevendo livros, artigos, exibindo formas amorosas de atendimento no combate a fome (de todos os tipos de fome), de atendimento no combate a sede (de todos os tipos de sede), de atendimento no combate a nudez (de todos os tipos de nu), de atendimento no combate a prisão (de todos os tipos de prisão) não garante a ninguém, nem ao mim de minha carne, por esta via de inteligência, a verdadeira espiritualidade advinda de um novo nascimento, porque isso tudo só e somente pela via intuitiva se assenta dadivoso pela graça de Deus, portanto como resultado da linha do que é gratuito e jamais meritório. Por isso que ficou dito, no início deste texto e do seu contexto, sobre o incômodo da espiritualidade que possam as pessoas ver nas ações translúcidas dos meus escritos, inclusive este texto, porque as apreciações acerca deles não ultrapassam o conhecimento intelectual ou instintivo, ou seja, o daquele que é tão próprio a pessoas tidas como “iniciandas” ou, respectivamente, profanas e nunca a pessoas iniciadas nos mistérios de Deus e de sua infinita graça.

– Quem tem olhos que não veem, “veja”; quem tem ouvidos que não ouvem, “ouça”.

22.

ESPÍRITO/HOMEM X PORCOS/MATÉRIA

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Evangelho de Marcos, capítulo 5, versículos 1
a 20

E chegaram à outra banda do mar, à província dos gadarenos. E, saindo ele do barco, lhe saiu logo ao seu encontro, dos sepulcros, um homem com espírito imundo; O qual tinha a sua morada nos sepulcros, e nem ainda com cadeias o podia alguém prender; Porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram por ele feitas em pedaços, e os grilhões em migalhas, e ninguém o podia amansar. E andava sempre, de dia e de noite, clamando pelos montes, e pelos sepulcros, e ferindo-se com pedras. E, quando viu Jesus ao longe, correu e adorou-o. E clamando com grande voz, disse: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjurro-te por Deus que não me atormentes. (Porque lhe dizia: Sai deste homem, espírito imundo). E perguntou-lhe: Qual é o teu nome? E lhe respondeu, dizendo: Legião é o meu nome, porque somos muitos. E rogava-lhe muito que os não enviasse para fora daquela província. E andava ali pastando no monte uma grande manada de porcos. E todos aqueles demónios lhe rogaram, dizendo: Mandanos para aqueles porcos, para que entremos neles. E Jesus logo lho permitiu. E, saindo aqueles espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada se precipitou por um despenhadeiro no mar (eram quase dois mil), e afogaram-se no mar. E os que apascentavam os porcos fugiram, e o anunciaram na cidade e nos campos; e saíram muitos a ver o que era aquilo que tinha acontecido. E foram ter com Jesus, e viram o endemoninhado, o que tivera a legião, assentado, vestido e em perfeito juízo, e temeram. E os que aquilo tinham visto contaram-lhes o que acontecera ao endemoninhado; e acerca dos porcos: E começaram a rogar-lhe que saísse dos seus termos. E, entrando ele no barco, rogava-lhe o que fora endemoninhado que o deixasse estar com ele. Jesus, porém, não lho permitiu, mas disse-lhes: Vai para tua casa, para os teus, e anuncia-lhes quão grandes coisas o Senhor te fez, e como teve misericórdia de ti. E ele foi, e começou a anunciar em Dacápolis quão grandes coisas Jesus lhe fizera; e todos se maravilhavam.

A lógica dos interesses do mundo ainda nos dias atuais mostra tantos gadarenos zombadores daqueles que, em espírito, por espírito, se alinham, não por seus músculos, não por seus nervos, não por seus ossos, não por seu sangue, a uma “matemática dos céus”. Dizer que, no episódio de Gádara, Jesus foi causador de um dano contra o patrimônio alheio ao permitir que espírito imundo, Legião, entrasse numa vara de porcos, é se ater realmente àquela lógica e tê-la como o mais importante dos valores, como o do dia a dia de uma atividade industrial, de comércio – a suinocultura, como sugestivo exemplo. Realmente, os gadarenos tinham essa atividade econômica, mas tinham, é certo, um problema social, pessoas perturbadas e perturbadoras, que viviam em sepulcros escavados em rochas, e ali viviam como bichos. A “autoridade” de Jesus, habitáculo, em espírito, por espírito, de um impactante choque, arrastou, até o seu si como habitáculo de espírito, por espírito, um daqueles homens, em que o “dia-bólico” inteiramente se desmanchou ante o “simbólico” do espírito, em espírito, em Jesus. Não foi uma autoridade física, e, por isso, é que se pôs a dita palavra entre aspas, ao se escrevê-la num primeiro momento. O que implica o “sim” de núcleo e expansão de essência, construtivamente, em “sim-bólico” é o “sempre” do eterno e o “sem fim” do infinito do Eu-hóspede em Jesus, enquanto o “dia” de periferia e de dispersão, destrutivamente, em “dia-bólico”, é a personificação do mal que, misteriosamente, brotou do coração de um anjo de

luz, Lúcifer, diabo transformado em serpente falante do Éden, conquanto preso, agora com o nome de satanás, ante a obediência do Adão em vias de Getsêmani, aquele e este lugares precisamente os dois Jardins mais importantes de toda uma história. Assim, desprender-se de ação de veículos de músculos, e de nervos, e de ossos e de sangue é fundamental para se pôr a figura humana de um nascido de mulher chamado Jesus em plano secundário e ficar-se com o poder que não é o físico de uma autoridade, pois não foi a sua vontade que subjuguou aquele espírito imundo e, sendo assim, se a configuração de um dano se deu, diga-se que este está intimamente ligado àquela lógica dos homens, em suas atividades e interesses. E a cobrança a respeito desse dano hão de se cobrarem a si mesmos aqueles gadarenos. Eram eles gregos, porém muitos judaizantes havia entre eles. Naquele tempo de Jesus, eles, como os judeus, viviam sob o domínio dos romanos. A lição que em olhos de espírito, em espírito eles não podiam ter, ou seja, do maior valor em aliviar o “dia-bólico” que dispersa, em um espírito imundo num determinado homem e, no seu lugar, instalar o “sim-bólico” que concentra e harmoniza não é de se alcançar por olhos de carne. É certo ter havido um menoscabo aos judeus e judaizantes, que destes faziam aquela gente, extraindo dividendo de uma atividade, para eles econômica e para os judeus e judaizantes uma fonte de pecados. O sacrifício que, para os judeus, se dava com a degola de animais como o gado bovino, ovino, caprino e também com rolas, a ideia do sacrifício do porco, para os gadarenos, tanto era econômica como servia para o culto a deuses romanos, no recesso dos seus lares onde se praticava o culto aos antepassados. Diz-se até que o pedido de Legião de ir para os porcos explica essa força “dia-bólica”, a que Jesus, como judeu, teria concordado em face de uma força cultural. Mas, à parte o que são os músculos e o que são os nervos e o que são os ossos e o que é o sangue, não se nos distraia o Eu de meu pobre mim de carne nem o do seu, caro leitor, pois, em espírito, por espírito, como em Jesus por habitáculo, os assista o amor de bondade e de misericórdia da Divindade, para que lhes acerquem a promessa feita em Ezequiel, capítulo 36, versículos 25 a 27, deixando de sê-la em divino assentimento de uma vontade sua, exclusivamente sua, como a do livramento operado no homem de Gádara, tudo pela divina graça de Deus.

23.

RESSURREIÇÕES

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O ser vivo que vivo desta vida abundante está, neste ponto desta escrita, com nervos, com músculos, com ossos e com sangue, numa perfeita sintonia das forças - as de fora para dentro, como as de dentro para fora - em tudo funcionando muito bem; mas, passando, passando, passando, num passar constante. O alongar ou o retardar desse passar em relação a um fim se processa no curso desse vivo da vida que sou. A depender de cada um e das circunstâncias do lugar e das condições de vida sociais, morais, de trabalho, o passar em relação ao fim pode se dar em tempo cedo ou em tempo tarde, para este vivo que escreve, como para qualquer um outro da sua humana condição. Mas, há de se considerar, ainda, que o tal fim não é rigorosamente fim, porque ele pode ser fim do mundo, apenas para quem bio-morre; é que há os que “morrem” a “morte” das ilusões do mundo, em espírito, por espírito, enquanto vivo da vida abundante – é bom que se ressalte; estes constituem a diversidade de Eus, num somatório de... D-Eus. E os que não “morrem” dessa “morte”, em vivo da vida, por Misericórdia, permanecem à espera do sacrifício do não-justo, sacrifício de espera pelo consumativo-escatológico, ou seja, o “quando” da ressurreição que lhe cabe, de condenação do juízo, enquanto os “mortos” da “morte” das ilusões do mundo, estes desde então ressuscitam para estarem com o Senhor na Glória, na vida (ver Evangelho de João, capítulo 5, versículo 29). Então, o ser vivo que vivo, como assim o dos maiores que se proclamam religiosos (papas, cardeais, bispos, padres, pastores, sawmis, rabinos, imãs), em seus nervos, em seus músculos, em seus ossos, em seus sangues, somos todos verdadeiros presunçosos, caso pensemos e asseguremos, em relação a cada um ou a outros, que é sobre esses vivos da vida que a “morte” das ilusões do mundo que se “morre” se exhibe. Coitados! Essa “morte” não se exhibe por nenhum querer humano. Por isso, nem mesmo aqueles que “morrem” a “morte” das ilusões do mundo não “morrem” num tempo pretérito, mas é no “sempre” do eterno e no “sem-fim” do infinito que cada Eu se recupera da queda advinda pela fraqueza do veículo de carne, esse mesmo dos músculos, dos ossos e dos sangues. É mesmo sobre esse Eu que pode acontecer a bendita promessa, por vontade divina e sem insinuadas vontades receptivas, puramente humanas: “Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis” - Ezequiel, capítulo 36, versículos 25, 26 e 27. Logo, por mim, nesses meus músculos, nesses meus nervos, nesses meus ossos e nesse meu sangue, aqui e agora, embora passando em direção a um fim, funcionando, e muito bem, e os dos leitores, também, descarto e espero igualmente descartem todos a presunção de que seja sobre eles (os músculos, os nervos, os ossos, os sangues) que se opera incidências divinas como a da promessa acima transcrita. É no novo nascimento, assim como o vento, que não sabe de onde vem nem para onde vai, que o novo nascido (o despertado) se torna homem novo, não porque se alterem os seus músculos, os seus nervos, os seus ossos e o seu sangue. É possível que advenham acréscimos, mas os músculos, os nervos, os ossos, o sangue continuarão os mesmos. E, na promessa que deixa de sê-la (Deus é bom), dê-se, por vontade exclusivamente divina, o Eu restaurado, sem mácula de pecadores, desobedientes por carne fraca (aqueles músculos, aqueles nervos, aqueles ossos, aqueles sangues) harmonizado, no “sempre” do eterno o no “sem-fim” do infinito, num aconchego da obediência de um novo Adão, que é também de barro, mas ressurgido, com certeza, com o D-Eus dos contidos Eus..., sendo que, nesse quadro de espírito, somente nele, é possível a visão de Ezequiel, contida no Capítulo 37,

versículos 1 a 12: “Veio sobre mim a mão do Senhor; e o Senhor me levou em espírito, e me pôs no meio de um vale que estava cheio de ossos, e me fez andar ao redor deles; e eis que eram mui numerosos sobre a face do vale e estavam sequíssimos. E me disse: Filho do homem, poderão viver estes ossos? E eu disse: Senhor Jeová, tu o sabes. Então, me disse: Profetiza sobre estes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Jeová a estes ossos: Eis que farei entrar em vós o espírito, e vivereis. E porei nervos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e sobre vós estenderei pele, e porei em vós o espírito, e vivereis, e sabereis que eu sou o Senhor. Então, profetizei como se me deu ordem; e houve um ruído, enquanto eu profetizava; e eis que se fez um reboliço, e os ossos se juntaram, cada osso ao seu osso. E olhei, e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles por cima; mas não havia neles espírito. E ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize ao espírito: Assim diz o Senhor Jeová: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. E profetizei como ele me deu ordem; então, o espírito entrou neles, e viveram e se puseram em pé, um exército grande em extremo. Então, me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel; eis que dizem: Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; nós estamos cortados. Portanto, profetiza e dize-lhes: Assim diz o Senhor Jeová: Eis que eu abrirei as vossas sepulturas, e vos farei sair das vossas sepulturas, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel.”

24.

TOLO PREGAR X INTUÍDO ESPERAR

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os meus olhos de carne se maravilharam ao verem, numa rede social, um martelo, num cabo de madeira, flexível, encurvando-se, qual o cabo de uma bengala, para bater o prego no próprio cabo. Uma imagem como essa logo nos faz assaltados, naturalmente, do desejo humano de nos transformarmos, leitores, nesse martelo, nesse prego e nesse cabo, atraídos, também, pelo sentido de que são todos uma unidade, unidade mediante a qual se prega a si mesmo. É que esse pregar-se seria o sair de si mesmo, seria o esvaziar-se, seria a retirada do protagonismo do ego, este que é o conhecimento intelectual, passando, no seu lugar, esperançosos, a crer no poder do mistério de Deus, na promessa, mediante a qual diz “Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis” – Ezequiel, capítulo 36, versículos 25, 26 e 27. Ora, isso não é obra e não pode merecer o tratamento do ou pelo pronome isso; é, sim, mistério de compadecimento e de misericórdia de Deus, atributos divinos esses que, no misterioso e insondável abrir intuitivo, se voltam ao socorro não para aqueles olhos de carne que se maravilharam com um simples martelo, o seu cabo flexível e o prego que pregava no seu próprio cabo. Pois, não é que deves saber, esquece isso, porque isso é que é isso, isso mesmo é nada além de isso. Intua-o, entretanto, o Eu-espírito residido em ti, em tua carne, aí sim, se Deus assim o quiser, e não mais como mistério para ti, pois Deus é maravilhoso e só ele pode operar, em espírito, de espírito, por espírito, nunca a tua carne, homem, produto de barro, desobediente, expulso do jardim e que espera pelo jardim da obediência, do Getsêmani. Sai daquela presunção tola, logo de início realçada. Apaga-a de teu corpo e de tua alma, são sis de tua carne. E espera, pois Deus, que prometeu e que é bom e que é amor, espalhará aquela água e te dará aquele coração de carne, em espírito, de espírito, por espírito, no Eu-espírito residido no teu pobre e tão carente e tão presunçoso ti de carne, envolto tão facilmente com martelos, com cabos e com pregos, coisas do mundo.

25.

QUE SONHOS ENGANEM, MAS INTUITIVAMENTE A QUEM

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Sonhei, por duas noites seguidas, com um morto, por certo nas carnes, minha e dele, esta, ao que me permitem saber os sentidos, a imaginação e a memória, em putrefato estado, que vem “involuindo” do carnal para o estado seco e de pó – estado a que se transformam os Adãos de barro, quaisquer que sejam eles, postos exilados para fora do Jardim, como resultado de uma desobediência que faz todo e cada Adão desprotegido, com olhos acostumados à carne e sempre distraídos com o conhecimento do bem e do mal e não mais em estado de um selo divino de inocência de quando se estava no tal Jardim. O certo é que essa maldita desobediência nos faz iguais e é preciso o mistério da bondade de Deus, como posto em Ezequiel, Capítulo 36, versículos 25, 26 e 27 e que assim se lê, para que se livre o Eu-divino das armadilhas da desobediência no meu mim de carne e no seu também, prudentíssimo leitor: “Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardéis os meus juízos, e os observeis”, tudo isso para, em espírito, de espírito, por espírito, sermos transformados, pela última trombeta, tornando-nos de corruptíveis, em incorruptíveis, de mortais em imortais. Veja-se o que se pode também ler em Paulo, na sua 1ª Carta aos Coríntios, no Capítulo 15: “50 E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção. 51 Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados. 52 Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. 53 Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade. 54 E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória”. E, então, a propósito do que nos diz Paulo, não custa que retornemos a Ezequiel, no Capítulo 37: “1 Veio sobre mim a mão do Senhor; e o Senhor me levou em espírito, e me pôs no meio de um vale que estava cheio de ossos, 2, e me fez andar ao redor deles; e eis que eram mui numerosos sobre a face do vale e estavam sequíssimos. 3 E me disse: Filho do homem, poderão viver estes ossos? E eu disse: Senhor Jeová, tu o sabes. 4 Então, me disse: Profetiza sobre estes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. 5 Assim diz o Senhor Jeová a estes ossos: Eis que farei entrar em vós o espírito, e vivereis. 6 E porei nervos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e sobre vós estenderei pele, e porei em vós o espírito, e vivereis, e sabereis que eu sou o Senhor. 7 Então, profetizei como se me deu ordem; e houve um ruído, enquanto eu profetizava; e eis que se fez um reboiço, e os ossos se juntaram, cada osso ao seu osso. 8 E olhei, e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles por cima; mas não havia neles espírito. 9 E ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize ao espírito: Assim diz o Senhor Jeová: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. 10 E profetizei como ele me deu ordem; então, o espírito entrou neles, e viveram e se puseram em pé, um exército grande em extremo”. Logo, o sonho, qualquer que seja ele, é um engano, não porque tenda a enganar a ninguém, mas porque não ultrapassa o conhecimento instintivo e o do tal perigosíssimo conhecimento intelectual, tão sinuoso como o arrastar-se de uma serpente. Só mesmo àqueles que,

num processo que se inicia em espírito, de espírito, por espírito, poderão, no Eu-divino, receber, intuitivamente, a “eficácia” do céu como prometido nas palavras de Ezequiel, no Capítulo 36, o que, evidentemente, não se faz sem se “morrer”, em vida, a “morte” das ilusões do mundo, que tem como fruto a obediência do Eu-divino em Jesus de Nazaré. Outro tanto não acontece com a minha carne, de vivo, nem com a carne do que se encontra envolvendo para o pó do qual se originou. Para esses, resta que se resignem, na espera da bondade de Deus, ao Eu-espírito, no caso meu, a carne em expectativa (expectativa sua, coitada), mas em espírito, de espírito, por espírito dependente daquela promessa de que fala Ezequiel e, no caso dele, que dorme, já no caminho do pó e da transformação pelo soar da última trombeta, de corruptível em incorruptível, de mortal em imortal, mas isso por um querer divino e nunca humano, simplesmente humano. E ainda porque, no final, a ressurreição se apresentará dúplice, uma para a vida com Deus e outra também com vida para Deus, mas com penas de juízo (vide João, Capítulo 5, versículo 29). O que importa, entretanto, é que as duas classes de ressurreição alcançarão o estado incorruptível e o estado da imortalidade, aí residindo a redenção de Deus e nada de nada restando para quem favoreceu a desobediência. É, pois, crer nesse caminho e relegar a nada de importante qualquer sugestão que nos acenem os sonhos, pois só atraem para o que é de carne e que quantos sonhos possam vir que a carne mais e mais dele se alimenta, sem dúvida, mas a Misericórdia de Deus nos acode, pois Deus é bom e sua promessa, dela não há de duvidar o Eu-divino residido nesse meu mim de carne tão sonhado e tão sonhador.

26.

CUIDADO COM AS COISAS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O que fazer, se o próprio fazer da pergunta já é coisa, é mundo, pouso do maligno, e minha carne, meus músculos, meus ossos, meu intelecto, ih, este último que é a fonte do perigo, então, ele e todos os demais devem ser tirados, todos, tirados da linha, linha?, ora, eis outra coisa do mundo, sempre mundo que o somos. O Eu, o Eu-divino, não-coisa, reside na coisa da carne, dos músculos, dos nervos, dos ossos, do intelecto, todos eles meus e meus e seus e seus, também, leitores. Ah meus e meus, seus e seus, isso tudo é posse, posse que a tenho e que de nada e para nada serve, a não ser para abrigar e ser residência do Eu, do Eu-divino, posse da carne, posse dos músculos, posse dos nervos, posse dos ossos, posse do intelecto. Quando Nicodemos, por exemplo, Doutor da lei, em Israel, um dos principais dos judeus, procurou a Jesus, o fazendo à noite (vide João, Capítulo 3) foi porque não queria, certamente, que seus iguais o vissem em intimidade com aquele homem comum. Movia-o a coisa. Era a coisa cega em busca do Eu-espírito, aquela sem rumo e este, sereno, como sempre. “- Ora, eu sou Doutor em Israel e por que, agora, esse homem faz milagres que eu, Doutor, não os faço?” Por isso foi logo reconhecendo no encontro que escolheu ser de noite que se Jesus fazia do que faz, coisa do mundo, só podia ser ligado a Deus, pois quem não é ligado a Deus não podia fazer isso, ou seja, coisa, coisa, coisa, sempre coisa. Mas o que disse Jesus, em resposta, não foi coisa. Era o que o considerado mestre em Israel jamais podia pensar que ouviria. “- Ora, Nicodemos, nasça de novo. E nasça da água e em espírito, do espírito, por espírito”. Pois é bem certo que quem nasce assim é como o vento, coisa esta usada por Jesus num simples processo comparativo, para quem, como Nicodemos, só sabia de coisa. Apenas Jesus quis mostrar àquele que era mestre de coisa que, daquela coisa, se podia extrair, nunca pelo intelecto, mas por intuição, que, em espírito, de espírito, por espírito, não pode ser vento, coisa nenhuma e não conduz a lugar nenhum, pois é eterno e infinito; e eterno e infinito não conduzem a tempo nem a espaço. Nasce-se, desperta-se em espírito, de espírito, por espírito e não se sabe de onde vem nem para onde se vai no seu soprar. É o Cristo que sempre foi, é e será, Filho daquele que se definiu como “Eu sou o que sou”, voz que proveio de uma sarça que ardia na montanha e que se não consumia. É assim o nascido, o despertado em espírito, de espírito, por espírito, não é nunca ligado a coisa, a não ser comparativamente, como na lição que o Mestre, sem pretender menoscar o mestre que o procurara, à noite, lhe disse ser necessário nascer de novo. Ora, se ele disse isso, é certo que desse nascimento, desse despertar ele era Mestre com eme maiúsculo, enquanto Nicodemos o era apenas com eme minúsculo. Esse episódio com Nicodemos se deu quando o ministério público de Jesus havia iniciado fazia pouco tempo, mas o Cristo que se plasmara em todo o seu complexo de corpo e de alma não se prende nem a tempo nem a espaço. Por isso que se diz ter o Eu-divino, em Jesus, mais especificamente residido em sua carne, em seus músculos, em seus nervos, em seus ossos, em seu intelecto ter sido de forma sem igual, até hoje. Jesus, então, face a Nicodemos, diferente dos diálogos que mantinha com os seus discípulos, foi, como sempre, em todo o seu ministério, a coisa bem coisa que, entretanto, já vinha se “descoisificando”, paulatinamente, desde um começo em um batismo do “Tu és o meu Filho amado em que me comprazo” até o ápice de uma “morte” das ilusões do mundo, pelo sim categórico, em meio a gotas de suor de sangue, do “Seja feita, Pai, a tua vontade e não a minha” do Getsêmani, este bem contraposto, em evidência, ao “não morrerás,

certamente”, de Satanás, ênfase categórica de desobediência a Deus por parte do seu Adão, Eu-espírito, mas também, com a desobediência, carne e músculos e nervos e ossos e intelecto, sem mais a proteção do selo da inocência pretendido por Deus, quando do ato de sua criação. Este mesmo que ora tecla, Deus lhe tenha Misericórdia, é esse lado Adão de carne, de músculos, de nervos, de ossos, de intelecto, usando de uma língua chamada portuguesa, trazendo, no mundo e para o mundo, coisas e coisas na tentativa (vã?) de espiritualizar os olhos e os ouvidos de quem lê essas linhas que são coisas. Pois, no fundo, no fundo de um substrato de essência, mínima que seja, exhibe-se o Eu-divino em Jesus, hoje já não mais carne, nem músculos, nem nervos, nem ossos, nem intelecto, porém, muito mais do que eles, porque de tão divinos abrigos refletem, do ontem, no hoje e no sempre, a não-mais-coisa, mas sim o fruto de quem nascido de novo, não da água, que disso nem precisava ele, mas do espírito, em espírito, por espírito. E forte tão forte lhe fluiu em espírito, do espírito, por espírito, que, antecipadamente a um tempo de fim (escatologia), ressurgiu da “morte” de ilusões de um mundo ao qual lhe cabia salvar, “bio-morrendo”, sim, mas, antes, no curso do vivo de uma vida abundante, tendo “morrido” aquela “morte” das ilusões desse mesmo mundo e, assim, trazendo preso, até aquele tempo, a Satanás. Sendo assim, cuidado com as coisas, cuidado, cuidado, muito cuidado.

27.

NÃO DEPENDE DE CARNE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Assim é que se faz, assim é que se vive, mais ouvindo do que falando; aliás, é bíblico que se deve ser tardo para falar e presto para ouvir, no que se está simplesmente repetindo a natureza, que nos deu dois ouvidos e uma boca; por isso é que se deve ser pronto para ouvir e demorado para falar. A fala, ela é medonha, ela nos leva e nos conduz para sendas diferentes, audaciosas, instigantes, fazendo com que a gente se desvie do essencial; eu que já dei um recado, eu-carne não digo, o recado veio do eu-espírito em mim, desse mim de minha carne; não estou sendo pretensioso, presunçoso, mas minhas mãos e meus dedos teclaram num teclado sob a condução e orientação de algo que não é do conhecimento instintivo, nem também do intelectual, mas do intuitivo, sim, este que vem de uma vontade que não está no corpo, nem no meu nem no de ninguém; e feliz termina sendo a carne de quem tem a graça de receber esse tipo de conhecimento, conhecimento que vem por vir, como por uma determinação superior, inatingível, mas por vontade sua permite que a integração aconteça; o superior e o eu-divino no mim, pobre mim de carne, de minha carne que o alimento do eu com o superior pode tornar de provisório em definitivo, conjugado com o essencial de um centro estático que não se contrapõe, mas põe o periférico dinâmico acidental do mundo, desse nosso mundo, como salvo de todo o mal. Assim, de repente, em espírito, de espírito, por espírito, olhos de espírito transformam ossos desarrumados, cada um ajuntando-se ao que lhe é natural, recobrando-se, todos e cada um, de nervos, de músculos, de pele, de poros e de pelos e só nessa condição de espírito, em espírito, por espírito permitem que aqueles olhos de espírito os vejam e gozem de um eterno e de um infinito sentir de maravilhas de Céu...

- Amém!

28.

SEMPRE EM ESPÍRITO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

“...Águas da espiritualidade a me molhar (se a tanto chegar) os tornozelos...”, hum, a se tomar como uma simples metáfora, trazendo o espiritual para o carnal, nem assim posso dizer “tudo bem” em relação à tentativa de humildade que assim se pretende transmitir; é que uma tal assertiva reclama prudência e muito cuidado, para não se admitir presunçoso acerca desse nível, mesmo pequeno (de espiritualidade), que se possa ter. É que espiritualidade é bondade e graça dos céus que permite reintegrar-se ao Eu (divino) em nós, em recuperação ante queda por influência de carne; nunca à carne; e, pior, quando esta se deseja representar e limitar nos ou pelos...tornozelos. Valhamos, mesmo, a tal expressão, como socorro à pobreza de uma carne. Porque, quando os céus querem, querem-nos em espírito, por espírito, como naquela promessa que, para o Eu do seu si de carne, meu amigo que me lê, desejo os céus inundando-o plenamente: *“Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis”* - Ezequiel, capítulo 36, versículos 25, 26 e 27. Em espírito, de espírito, por espírito, excluídas, anuladas, extintas, inclusive estas expressões, como assim as da citação bíblica acima posta, meras formas linguísticas de entendimento, porque, no espiritual, é no intuitivo conhecer das respostas de Deus que se prossegue a *indimensão* do eterno e do infinito, estes contrapostos não direi, mas essenciais em si mesmos, enquanto, acidentais, passamos a chuva da existência limitada e finita...em carne. Ah, e para finalizar, ainda Ezequiel, no Capítulo 37, 1 a 10: *Veio sobre mim a mão do Senhor; e o Senhor me levou em espírito, e me pôs no meio de um vale que estava cheio de ossos, e me fez andar ao redor deles; e eis que eram mui numerosos sobre a face do vale e estavam sequíssimos. E me disse: Filho do homem, poderão viver estes ossos? E eu disse: Senhor Jeová, tu o sabes. Então, me disse: Profetiza sobre estes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Jeová a estes ossos: Eis que farei entrar em vós o espírito, e vivereis. E porei nervos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e sobre vós estenderei pele, e porei em vós o espírito, e vivereis, e sabereis que eu sou o Senhor. Então, profetizei como se me deu ordem; e houve um ruído, enquanto eu profetizava; e eis que se fez um reboliço, e os ossos se juntaram, cada osso ao seu osso. E olhei, e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles por cima; mas não havia neles espírito. E ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize ao espírito: Assim diz o Senhor Jeová: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. E profetizei como ele me deu ordem; então, o espírito entrou neles, e viveram e se puseram em pé, um exército grande em extremo”*. Por certo, essa graça só por espírito, em espírito se operará. É a espiritualidade em grau de ressurreição de “mortos” das ilusões do mundo, sem túmulo, que “vivem”! Essa graça de espiritualidade nos ajudam compreendê-la não digo, mas intuí-la na direta permissão de Deus, cujo coração de bondade sempre quer, nos ajudam - vínhamos dizendo - os ditos proféticos, mas é a palavra de amor do Cristo que os abarca e que é central, essencial e permanente, frente a esses ditos proféticos periféricos, acidentais, não-permanentes. Portanto, águas metafóricas molhem em espírito, de espírito, por espírito; Deus é bom.

29.

O (MEU?) CREDO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Crês em Deus Pai Todo Poderoso? - sim, creio
 Criador do Céu e da Terra? - sim, criador do Céu e da Terra
 Crês em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor? - sim, creio em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor
 o qual foi concebido pelo Espírito Santo? - sim, o qual foi concebido pelo Espírito Santo
 e que nasceu de Maria Virgem? - sim, e que nasceu de Maria Virgem
 Padeceu sob Pôncio Pilatos? - sim, padeceu sob Pôncio Pilatos
 Foi crucificado, morto e sepultado? - sim, foi crucificado, morto e sepultado
 Desceu à mansão dos mortos? - sim, desceu à mansão dos mortos
 Ressuscitou ao terceiro dia? - sim, ressuscitou ao terceiro dia
 Subiu ao Céu? - sim, subiu ao Céu
 Está sentado à direita de Deus, Pai Todo Poderoso? - sim, Está sentado à direita de Deus Pai Todo Poderoso
 Onde há de vir a julgar os vivos e os mortos? - sim, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos
 Crês no Espírito Santo? - sim, creio no Espírito Santo
 Na Santa Igreja Católica? - sim, na Santa Igreja Católica
 Na comunhão dos Santos? - sim, na comunhão dos santos
 Na remissão dos pecados? - sim, na remissão dos pecados
 Na ressurreição dos mortos? - Sim, na ressurreição dos mortos
 Na ressurreição da carne? - sim, é o mesmo que ressurreição dos mortos, ora!
 Na vida eterna? - Sim, na vida eterna
 Amém!!!!

- O que é mais certo dizer “*na ressurreição dos mortos*” ou na “*na ressurreição da carne*”?

- Por que a pergunta?

- Porque a carne aproveita ao nada do espírito, em espírito, por espírito (João, Capítulo 6, versículo 63), pelo fato simples de ser carne morta pela desobediência, contudo, o sentido batismal, em água, imerso, dá exatamente aquele sentido de “*morte*” das ilusões do mundo, enquanto o emergir daquela água dá o sentido de que se ressuscitou daquela “*morte*” para uma “*vida nova*”...

- Isto basta?

- Não. Isto é só o fruto de uma vontade humana. Contudo, há de, por graça, por vontade de Deus, dar-se o fogo de uma luz divina, por vontade desta, exclusivamente. Esse é o nascer de novo, o nascer da obediência, que somente se pode operar num jardim que não é aquele tomado de milenares oliveiras, que os olhos da carne podem vê-lo; e nem todos os olhos podem vê-lo, porque nem todos os homens e mulheres têm condições de se deslocar até ele. Há os que moram perto dele, mas uma imensidade há dos que estão bem distantes dele. E, assim, os que podem e estão perto podem não se destinar a ele, como os que têm dificuldades de a eles se destinarem, tanto e tanto podem sacrificar-se para a ele terminarem se destinando. Esse jardim da obediência pode até merecer de cada um o nome de *Getsêmani*, mas nunca há de ser aquele jardim que homens e mulheres de todas as partes do mundo se deslocam em sua demanda. Ali, se sabe, um local, que até se pode conhecer por meio de cartas geográficas, por fotografias, por filmes etc., um tanto diferente, singular, porque ainda presentes, bem vivas muitas oliveiras antiquíssimas, do tempo do Jesus telúrico. Mas nem mesmo esse jardim onde se diz ter operado, no divino mestre, o nascer de novo

(sim, ele também nasceu de novo!), não se queira que, somente nele, como um certo e determinado espaço físico, se opere o “*Não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai*”. Este é fruto de um nascer de novo pelo fogo do Filho, que é igualmente Deus. Nunca por vontade de homem, seja de quem batiza, seja de quem é batizado, seja de quem assiste o batismo ou ao batismo. É possível uma concomitância de água e de fogo, porém, de água, podem certificar-se os homens, pela via de um conhecimento intelectual, mas, do fogo, só Deus, pelo Filho e o Espírito Santo, pode, por sua vontade exclusiva, fazer o mergulho do Eu comprometido pela carne desobediente de éden e do seu imenso derredor, o mundo, na plenitude do eterno e do infinito, que nunca deixa de ser; a não ser assim, não sealaria de eterno e não sealaria de infinito. Portanto, o “*creio*” e os “*sins*” postos numa reza que se chama credo, logo se pergunta se é meu esse credo, porque bem melhor seria se fosse somente credo, e porque também esse mesmo credo que se diz credo ainda é pouco, aliás, nunca será suficiente. O que é eterno e infinito, sim, é o que vem pelo fogo de um espírito, de espírito, por espírito, e esse vir não depende de um credo de carne; de carne, num conjunto, onde há ossos, nervos, músculos, sentidos, imaginação e memória, tudo isso suportando, pois, uma mente, sede de consciência, tudo isso que se busca como santo no nível da água, no nível do homem, pelo batismo, com água e pela água. É importante, sim, o batismo, pela água, pois nele se sedia o credo na dimensão de carne, de músculos, de nervos, de ossos, de glândulas, de sentidos, de imaginação e de memória, suportando um cérebro, sede de mente, de mente com ciência e, melhor, de consciência, não custa repetir tão sadia assertiva. Esse cenário é um cenário de homens, que suplicam em constância o *Kyrie Eleison*, que Deus possa se nos apiedar, por meio dele, em misericórdia e em compaixão e em piedade. Porque, para além de um credo, império do batismo com água e pela água, a graça de Deus nos é dom, e dom é presente que ele oferta a quem quer, como ofertou ao Filho, no fogo de espírito, em espírito, por espírito, desde a criação do mundo, fazendo-o, também, Deus, e nunca criatura. É como dizer, no fogo, a alegria de uma porta de entrada, auto-consentida por Deus (Natal), enquanto a penitência, preliminar da Páscoa, na água, conduz ao fazer humano de um desastroso impacto de que ainda não se superaram os homens e suas falíveis instituições.

- Então, persistes no teu credo?

- No meu credo, não; no credo, sim, mas com o Eu estremecido, longe de uma ciência e de uma consciência, queimando-se ao fogo, em espírito, de espírito, por espírito, ainda que disto não saiba o corpo lavado em batismo da melhor das águas...

30.

QUEM QUEREIS SER?... COITADO DO VOSSO QUERER...

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Na questão civil de ser herodes ou pilatos, na boba pretensão religiosa de ser anás ou caifaz, todos nós, sem exceção, inclusive papas, swamis, imãs, rabinos, padres, pastores, apóstolos, diáconos, espíritas etc., os somos (Romanos, Capítulo 7, versículo 14-23). No primeiro caso, funciona, sempre, para o mundo e enquanto mundo, pois, de dominantes e de dominados, esse mesmo mundo anda cheio.

Na questão, contudo, dos anás e dos caifaz, aqui é uma aparência de funcionamento que impera, poderosamente impera, com grandiosa força institucionalizada e cada vez mais institucionalizadora, porque, na seara divina, esses personagens podem se auto-enganar (e se auto-enganam tanto) com um aqui e com outro ali, como podem se auto-enganar com todos, por um tempo, por pouco tempo, por muito tempo, mas a Deus ninguém, nenhum deles pode enganar. Aliás, é Deus quem tem o comando de tudo, sempre, pois ele é Senhor, precisamente aquele que tudo pode.

Todos, todos mesmo, os herodes, os pilatos, os anás e os caifaz, somos habitantes de um imenso derredor de um jardim, este derredor que é o mundo e jardim este que é o éden. Vivemos, todos, como expulsos deste jardim, de iniquidades em iniquidades cometidas, enquanto Deus, misericordioso, piedoso, nos visita por causa dessas iniquidades, e visita-as de pai nos filhos, com misericórdia até terceira e a quarta geração (Gênesis, Capítulo 20, versículo 5), enquanto a árvore da vida permanece bem guardada por querubins naquele jardim deserto das evas e dos adãos.

Esse “de pai nos filhos”, como uma corrente interminável, vai tornando complicada a situação de quem continua habitante desse imenso derredor daquele nostálgico jardim. Veja-se como a vida é difícil, mesmo para um ilhéu solitário como o romanesco Robinson Crosoé. Está-se, nela, submetido a uma nesga de tempo, de tribulações e de felicidades, mais daquelas do que destas, numa busca incessante de ao menos recuperar os novecentos e poucos anos vividos por quem ainda teve o privilégio de habitar a delícia de um jardim.

Esses habitantes do grandioso derredor do jardim são incapazes, por si, de nascerem de novo, pois o que nasce de novo não é a sua carne, nem os seus músculos, nem os seus nervos, nem os seus ossos, nem as suas glândulas, nem o seu tato, nem o seu olfato, nem a sua visão, nem a sua audição, nem o seu paladar, nem a sua imaginação, nem a sua memória. Esse nascer é preliminar necessária de uma ressurreição, ressurreição que, sabemos, é dúplice, e só Deus permite que o justo nasça e ressuscite, como assim é com Jesus e com todos os santos; justo que é em espírito, de espírito, por espírito, no Eu. Sem esse nascer, porém, despontam, apenas, as condições de herodes e de pilatos e de anás e de caifaz e estas condições são as dos infieis que ainda assim ressuscitam, também, mas ressuscitam para a perdição, até a consumação deste século.

Portanto, as promessas de Deus somente podem deixar de ser promessas, se assim quiser Deus. Nenhuma delas se implementa por uma vontade humana, seja a de um herodes, seja a de um

pilatos, seja muito menos a de um anás, seja muito menos a de um caifaz. Aquela promessa da inimizade entre a mulher e a serpente, entre a descendência desta e daquela, uma ferindo o calcanhar da outra e outra ferindo a cabeça da outra (Gênesis, Capítulo 3, versículo 15), só por vontade divina se opera. O mesmo se dá com as promessas contidas no livro de Ezequiel, Capítulo 36, versículos 25, 26 e 27 e, no mesmo livro, Capítulo 37, versículos 1 a 10. É recomendável que se as leia e as releia, vezes sem conta; e que permita Deus recaia o seu cumprimento no Eu de sua pobre carne, leitor.

Não é nunca na sua carne, nos seus músculos, nos seus nervos, nos seus ossos, nas suas glândulas, no seu tato, na sua visão, na sua audição, no seu paladar, na sua imaginação, na sua memória, leitor, que tais promessas podem deixar de sê-las; sim, deixar de serem promessas, para, de operantes e operadas, em espírito, de espírito, por espírito, como responsabilidade individual, igualmente por vontade de Deus, ser-se o próprio Deus, por uma de suas pessoas, o Filho.

Então, a desobediência geradora de iniquidades e iniquidades, refletindo “do pai no filho até a terceira e a quarta geração dos que aborrecem a Deus”, é consequência dessa mesma desobediência. Nisso não reflete o "Naquele dia ninguém mais dirá: “Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos ficaram embotados” - Jeremias Capítulo 31, versículo 29 e ainda Jeremias, mesmo Capítulo, versículo 30: "Pelo contrário, cada qual morre por seu próprio pecado; fica com os dentes embotados quem comeu as uvas verdes"; igualmente, em Ezequiel, Capítulo 18, versículos 2 a 9, "Que provérbio é este que andais repetindo na terra de Israel: ‘Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos ficaram embotados’? 3. Juro por minha vida - oráculo do Senhor DEUS - não repetireis mais este provérbio. 4. Todas as vidas me pertencem. Tanto a vida do pai como a vida do filho me pertencem. Quem peca é que morrerá. 5. Se um homem é justo e observa o direito e a justiça, 6. não participa das refeições idolátricas sobre os montes, não levanta os olhos para os ídolos da casa de Israel, não desonra a mulher do próximo, não se aproxima da mulher menstruada; 7. se não oprime ninguém, devolve o penhor de uma dívida, não pratica roubos, dá alimento ao faminto e cobre de vestes o nu; 8. se não empresta com usura, não cobra juros, afasta sua mão da injustiça, julga imparcialmente dois homens em litígio; 9. se vive conforme minhas leis e guarda meus preceitos, praticando-os fielmente, tal homem é justo e com certeza viverá". Tudo isso se dá não por um dirigismo, por uma vontade humana, nada disso, é unicamente a vontade de Deus quem permite essa vida de justo. O “tudo de bom” pregado pelo evangelho (Mateus, Capítulo 6, versículo 33, parte final)) é simples acréscimo decorrente da vontade de Deus, operada, desta feita, não no primeiro jardim, nem no seu derredor, que é o mundo, mas no outro jardim, o jardim de Getsêmani; este, o ponto, que não é ponto, por ser eterno e infinito, em que todos esperam em Deus, mas essa esperança é vã se se for um justo à moda do mundo, mundo de herodes, de pilatos, mundo de anás e mundo de caifaz.

Aguarde, então, humilde, o Eu, na minha, na tua carne, leitor, nos nossos músculos, nos nossos nervos, nos nossos ossos, nas nossas glândulas, no nosso tato, na nossa visão, na nossa audição, no nosso paladar, a esperança como receptáculos do Eu, este sim tornado justo em obediência, por vontade exclusiva de Deus. E, quando essa vontade é exclusiva de Deus, aqueles malditos personagens grafados com letra inicial minúscula, logo aparecem como dominados de Deus em letras iniciais minúsculas, como deve ser mesmo, porque o diacho, o dianho de suas diabururas já resultara preso, pelo rabo (perdoem pela chula expressão), mediante força divina, operante e operada, em Jesus de Nazaré, Deus.

Mas o justo verdadeiro, que é e vive da fé, este ressuscita, por vontade de Deus, quando nasce de novo, primeiro com o gozo de Deus proclamando, “este é meu filho amado em quem me comprazo” (Mateus, Capítulo 3, versículo 17), e, em plenitude de um eterno e de um infinito, batizada em água a sua carne, os seus músculos, os seus nervos, os seus ossos, o seu tato, a sua visão, a sua audição, o seu paladar, a sua imaginação, a sua memória, e, em fogo, o Eu, capacita-se a suportar tentações em tantos piores quantos sejam os desertos, e se lhe facilita um público ministério de um céu que se pode viver já aqui na terra mesmo, enquanto ainda vivo, mas se apresentando “*morto*” da “*morte*” das ilusões deste mundo... - eis o novel jardim de plena obediência e do agrado de Deus, assim seja, por vontade exclusiva Dele.

Portanto, quem quereis ser?, coitado do vosso querer...

31.

NUM SEGUNDO JARDIM

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

A saúde, ou você a tem e a goza, em plenitude, ou administrando, você mesmo, alguma restrição dela, com o si de seu próprio médico, pois todos somos médicos de cada um de nós mesmos; ou você tem complicações nela, a tal ponto que o seu médico precise de outro (médico), este que pode ser do psíquico ou do corpo, geralmente usando drogas ministradas em poções que se chamam doses. Esse tratamento se faz em qualquer lugar, inclusive no trabalho, na rua, nos momentos de lazer, ou em casa, quando se diz que se está acamado; ou então, caso mais complicado, quando se tem de ir para a situação de acamado, mas num hospital.

Em nenhuma dessas situações, nem mesmo na pior delas, quando se está acamado numa UTI, não é o médico (de fora), nem as drogas, nem o hospital, é cada indivíduo, que o somos, que há de encontrar respostas de superação, por si mesmo, para o fim de uma recuperação; se não do todo perdido, de uma parte que possibilite uma sobrevida. Não é o médico (de fora), nem drogas, nem hospitais, nem nada, senão você mesmo, enquanto indivíduo, jovem ou velho, criança ou adulto, que se apresenta como o personagem central de um cenário, o cenário da vida, vida sempre abundante, que nunca morre, pois apenas morrem os vivos que a têm; sim, pois é condição necessária tê-la para se poder dizer e ser vivo.

A vida não define, definham os vivos. A vida é abundante e o Eu, que veio, segundo a Palavra, suporta-se em qualquer que seja a situação de um ser vivo, como um indivíduo. O Eu, eterno, infinito, se põe e se antepõe e se sobrepõe à vida, como ainda se põe, se antepõe e se sobrepõe aos vivos. Claro é que o Eu, superior a vivos e à vida, quis, quer e quererá que os vivos, que cada vivo tenha a abundância da vida. O Eu veio, vem e continuará eterno e infinito, proporcionando o cenário de vida abundante e plena (vide João, Capítulo 10, versículo 10).

Há, entretanto, em relação aos vivos, a desgraça da desobediência e evas e adãos permanecem expulsos do primeiro jardim, onde mesmo assim continua protegida, por querubins, a vida, numa árvore. Mas, em seu imenso derredor, no derredor desse primeiro jardim, que é o mundo, estamos todos quantos somos os adãos e as evas desobedientes. Essa desobediência tem sido a causadora dos males (vide Livro de Êxodo, Capítulo 20, versículo 5) que vêm afligindo os vivos das ruas, das casas, dos campos, das cidades, dos hospitais, só não mais afligindo os dos cemitérios. Aliás, há os dos cemitérios que os são assim aos olhos dos vivos das ruas, dos das casas, dos dos campos, dos das cidades, dos dos hospitais; estes são os que recebem a visita de Deus, em razão de iniquidades e iniquidades cometidas, mas também há os dos cemitérios que não os são para os olhos dos que traspassaram a vida abundante para o eterno e o infinito, que nunca foram, não são nem serão jamais, pois, de eternos e de infinitos, jamais se subordinariam a esses compartimentos temporais. Esses são os Adãos e as Evas (agora com iniciais maiúsculas) que, de expulsos de um jardim, em espírito, de espírito, por espírito, por vontade e bondade divinas, não-humanas, nunca humanas mesmo, conseguiram ver tornada a realidade do céu já aqui na terra, por meio daquilo que deixou de ser promessas, como aquelas postas no Livro de Ezequiel, no Capítulo 36, versículos 25, 26 e 27 e, também, no capítulo 37, versículos 1 a 10, (leiam-nas, releiam-nas, meditem-nas) para

persistirem no eterno e no infinito que nunca deixaram nem deixarão de ser jamais; senão não seriam o nada valioso do eterno e do infinito; isto é o que se dá com olhos de espírito, em espírito, por espírito, em outro jardim, o de *Getsêmani*, que não é de ser visto por olhos de carne, e que abarca o mundo, inclusive o jardim do Éden (agora também com inicial maiúscula), onde a vida, em forma de árvore (deve ela ser bem frondosa mesmo), permanece, até a consumação deste século.

Pois vive tu, leitor, nessa espera, a vida do vivo que tu és, dando suporte ao Eu, este que é o divino nesse teu pobre ti de carne, onde a vontade de Deus, só ela, pode fazer com que aquelas promessas contidas no Livro de Ezequiel deixem de sê-las. Para isso, com saúde ou sem saúde, em Graça de Deus, por piedade e misericórdia, em espírito, de espírito, por espírito, torne-se obediente o Eu no teu pobre ti em *Getsêmani* - esse bendito novel jardim. Assim a saúde, mesmo comprometida, na piedade e na misericórdia, por vontade única e exclusiva Dele, se pode tornar separada, no segundo jardim, a partir do Eu, necessariamente. Mas a vontade de médicos (de fora), de drogas, de doses, de hospitais, nem igualmente a tua própria potencialidade, não chegam, por elas mesmas, nesse referido jardim de *Getsêmani*, pobre leitor, nem mesmo no mim deste reles cronista, que aqui pede licença para fechar esta sua crônica.

32.

AMARRE DEUS O SEU SATANÁS, LEITOR; É PROMESSA DELE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Eu como carne (opa, o vocábulo como significando, aqui, uma conjunção e não a 1ª pessoa do singular do tempo presente do modo indicativo do verbo comer), ou seja, eu, enquanto sendo carne, só aparecendo aquele eu, logo de início, apenas aparentemente grande, destacado com uma letra inicial maiúscula, a letra E, simplesmente porque é palavra que inicia uma frase e, por isso, é que se submete a essa importância de fundo gramatical, na verdade não se tratando daquele verdadeiro Eu que se deva grafar com a tal maiúscula inicial, por ser a essência do divino em cada uma das pobres individualidades de carne, de ossos, de músculos, de nervos, de glândulas, de tato, de olfato, de visão, de audição, de paladar, de memória, de imaginação, eu, como carne - retorno ao discurso pretendido - apenas para realçar essa pequenez que somos, como carne, realmente.

Que lástima, esse eu minúsculo, acanhado, ainda vagueando pelas terras que contornam um jardim, chamado éden, vazio, só com a árvore da vida em seu interior e guardado por querubins, ainda nos dias de hoje ele persiste, mas, assim como nos dias de ontem e nos dias dos amanhã ainda por virem, neste imenso derredor ao dito jardim, que é o mundo, abarrotado de evas e de adãos, todos expulsos daquele jardim, apegados ao “*certamente não morrerás*” da tentação de uma serpente, em disfarces, hoje, nunca tanto como ontem, cada vez mais diversificados e tão atraentes, que lástima - começávamos dizendo - é este imenso derredor tão sobrecarregado de ciladas e de incertezas.

Enquanto isso, por um consentir em nada semelhante ao consentir humano, o “*certamente morrerás*”, de Deus, permitiu, por Graça, que, em promessa, ficasse latente a inimizade entre quem pode ferir calcanhar e entre quem pode ferir uma certa e determinada cabeça (Gênesis, Capítulo 3, versículo 15), passíveis estes, apenas, de promessas outras, como aquelas postas no livro do Profeta Ezequiel, Capítulo 36, versículos 25, 26 e 27 e Capítulo 37, versículos 1 a 10. Leiam-nas. Releiam-nas. Meditem-nas. É preciso. É de arrear os sensíveis em espiritualidade, em espírito, de espírito, por espírito, e em inquebrantável fé em um outro jardim, o de Getsêmani, onde Eus possam intuir a obediência própria a esse novel jardim, à espera de que esses Eus se façam obedientes, por vontade e desígnio de Deus unicamente.

O Eu expressivo no eu minúsculo de Jesus de Nazaré foi alvo de consentimento divino e, com ele, e, em sendo propriamente ele, uma identidade de Filho Unigênito, apanhou o satanás pelo rabo (com o perdão pela chula expressão) e claro é que não o aniquilou, pois isto nem mesmo o quis fazer Deus, após a batalha que satanás travou no Céu, contra Miguel, saindo perdedor (Apocalipse, Capítulo 12, versículo 7), mas lhe foi permitido, num puro gesto de amor de Deus, que fosse precipitado na terra e para terra (Apocalipse, Capítulo 12, versículo 9), onde vive a rodeá-la (Jó, Capítulo 1, versículo 7), essa mesma terra que foi o mundo do princípio do poder da criação de Deus; *fiat lux*, como início de tudo, aliás, logo em seguida àquela guerra - o princípio.

Satanás, com a letra s maiúscula apenas porque é palavra que inicia a frase, vive, pois, solto, a rodear a terra, na sua macro porção ao redor do primeiro jardim, ou seja, quase toda ela mesma, sendo confortável, entretanto, dizer e reconhecer que, ante o magnífico operado do segundo jardim, ele satanás é figura presa, para ele e para os que são e estão com ele, Jesus de Nazaré, até que sejam os séculos consumidos.

Oxalá as promessas de Deus, acima referidas, por sua vontade e desígnio, possam recair não diretamente sobre aqueles coitados adãos e sobre aquelas coitadas Evas, mas possam recair no Eu de que são habitáculos aqueles mesmos adãos e aquelas mesmas Evas, por meio não somente da visita, mas pela morada definitiva do operado do segundo e mais importante jardim, para, assim, ao lado de cada adão e de cada eva, amarrado, esteja o seu respectivo tentador, satanás, purgando a decepção pela vitória de uma obediência de novos adãos e de novas evas de magdala - verdadeiros habitáculos de Eus obedientes.

33.

KYRIE ELEISON

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Kyrie Eleison, Deus tende piedade de nós.

Tende piedade de nós, mesmo?

Precisamos dessa piedade?

Com ela ou sem ela, continua o homem o mesmo, de sempre.

Não tem jeito, não tem saída.

Sim, porque aqui se fala, primeiramente, do homem, uma realidade de carne, de ossos, de músculos, de nervos, de glândulas, de imaginação, de memória, de tato, de visão, de audição, de paladar, de olfato. Esta a realidade que há de clamar - mas sempre em vão - pela piedade que acha poder ser derramada sobre si.

Foi essa realidade, sim, que nunca foi e continua não sendo habitáculo de Eu obediente, aquele que repulsa a tudo, em nome, não somente, mas em relação ao efetivo amor a Deus, de todo o entendimento, de todas as forças, além do amor a si mesmo como preliminar necessária do amor ao próximo, foi essa realidade - começávamos dizendo - que não foi santa, nunca, porque é e continuará sendo, para todo o sempre deste século (não tem jeito mesmo) desvalida, porque nenhuma piedade, nenhuma misericórdia do tamanho pequeno dessa carne, desses ossos, desses músculos, desses nervos, dessas glândulas, dessa imaginação, dessa memória, desse tato, dessa visão, dessa audição, desse paladar, desse olfato pode se valer de piedade, de misericórdia, senão reflexivamente, por meio de intuídas emanações, que jamais podem advir de si mesmas. Porque a piedade, a misericórdia não são nem para a carne, nem para os ossos, nem para os nervos, nem para glândulas, nem para a imaginação, nem para a memória, nem para a visão, nem para a audição, nem para o paladar, nem para o olfato, de jeito nenhum, a não ser reflexivamente, insistimos em dizer, insistência essa valiosa para o tenaz combate, em vão, contra a teimosia de primeiro plano em que se posta em costume inquebrantável aquela mesma realidade.

Sim, as promessas de Deus, em Ezequiel, no Capítulo 36, versículos 25, 26 e 27 e no Capítulo 37, versículos 1 a 10, naquelas promessas, conquanto se fale ali em elementos materiais, concluem, em *indimensão* de espírito, em espírito, por espírito, central-estática-essencial, portanto, que o Eu-divino, em cada um de nós, humanos, naquele conjunto de realidades já muitas vezes aqui repetido, e que representa e é periférica-dinâmica-acidental, que só pode, por acidente, ser alvo de piedade, de misericórdia, porque, em essência, só-e-somente-só, o Eu-divino residido naquela realidade ele é quem fica alvo da Piedade e da Misericórdia, com iniciais maiúsculas, por uma vontade unicamente de Deus.

Sim, se a tal realidade, em edênico estado, contribuiu para o comprometimento daquele Eu, provocando queda, é-se, em espírito, de espírito, por espírito, triunfante contra tentações de toda a ordem, não no quando de um acidente, de um periférico e de uma dinâmica dessa realidade, mas no centro, no estático e no essencial de Deus que o Eu residido na tal realidade assume o eterno e o infinito que nunca deixaram de ser, isso se dissipadas, para tanto, todas as névoas que embaçam as visões de olhos de espírito, em relação, evidentemente, àquela realidade. Portanto, o eterno e o infinito não demandam tempo para o eterno e o infinito, que, em verdade, nunca foram, não são, nem nunca serão; enclausurá-los nessas margens temporais, é desdizê-los, simplesmente, como se isso fosse possível, em essência. O eterno e o infinito são ontem, são hoje e sempre, nessas dimensões que a pobre capacidade daquela realidade pode alcançar. Mas o mesmo eterno do ontem é o eterno do futuro como o eterno do hoje. O eterno é agora e sempre. Como agora e sempre é o infinito.

A Piedade e a Misericórdia de Deus, prometidas, aliás, quase numa concomitância de uma queda, em inimizade posta (Gênesis, Capítulo 3, versículo 15), permitiu que uma única realidade, até aqui, se pudesse ver munida de olhos de espírito, em espírito, por espírito, não sem que tivesse de passar (Páscoa) por essa soma de dores que, naturalmente, já se depositam naquela realidade, como assim as que os próprios reais seus personagens criam a partir de si mesmos: os Anás e os Caifaz, em des-ordem de pretensão religável, e os Herodes e os Pilatos em também des-ordem de dominação em tempo de guerra, pelas armas ou em tempos ditos de paz, pelo que se cobra a contragosto e que tem o nome salgado de imposto. Então, são indignos de piedade e de misericórdia, embora as tenha em minúsculas letras iniciais.

Mas Deus é bom, e, em termos de Piedade e de Misericórdia, com iniciais maiúsculas, suas citadas promessas animam a que Eus, em diversidades, possam se assumir, não por vontade suas, mas por divina vontade e desígnio, obedientes de um novel jardim contraposto àquele do primeiro disfarce de Lúcifer, quando este já travestido em Satanás, no jardim do Éden, conseguiu enganar a Eva e a Adão. O mínimo de que são alvo, naturalmente, aquela realidade é a decorrente da tal visita da maldade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que aborrecem a Deus, seguida de misericórdia com eme minúsculo que ele promete e também cumpre, tudo como também uma decorrência natural (vide livro de Êxodo, Capítulo 20, versículos 5 e 6). Todavia, a Piedade e a Misericórdia, com iniciais maiúsculas, estas, por meio daquelas promessas, direcionam-se não àquela realidade, mas em espírito, de espírito, por espírito, fazem, por Graça - esta igualmente com inicial maiúscula - o Eu divino no novel Jardim da plena obediência - o Jardim de *Gtesêmani*.

Kyrie Eleison, portanto, para aquela bruta, dura e cega realidade, de piedade e misericórdia minúsculas, enquanto promessas, por Graça, sejam também, em *Kyrie Eleison*, mas de Piedade e de Misericórdia maiúsculas, em espírito, de espírito, por espírito, ao Eu divino em cada um de nós, assim seja!

34.

**SER JUDEU É GRAÇA CRISTÃ,
ASSIM “DE PROFUNDIS, CLAMAVI AD TI, DOMINE”**

(Salmo 130, v. 1)

(Para iniciados e iniciandos , letras mortas para profanos)

Em reflexão, veio-me a (absurda?) ideia de conceber Abraão como sendo um estranho aos judeus, como se esses existissem e vivessem em seu lugar, a Judéia, e ele Abraão tendo se intrometido entre eles. Na verdade, ele, que, de início, se chamava Abrão, teve, depois, o seu nome alterado para Abraão, após Deus ter-lhe dito que saísse da terra e também de sua parentela, assaltando-nos essas ordens divinas, em cheio, a (falsa) ideia de um lugar, para ambas, pois ambas (o ser terra e a descendência) como originários da cidade de Ur, na Caldeia, portanto Mesopotâmia, e fossem em direção a uma terra, também (falsa) ideia de lugar, terra que lhe seria dada, ideia de (falsa) doação, da qual manaria leite e mel - a terra da Promissão, ideia (falsa) de um lugar de onde manasse o enfim prometido. Nela, também a perseguição de uma (falsa) ideia topográfica, Abrão, depois Abraão, e toda a sua parentela, chegaram, (falsa) ideia de se apossar, e, se antes não havia judeu nem Judeia, no mundo, estes passaram a existir, justa e precisamente, com o agora Abraão, saído da terra e da própria parentela, de modo que aquela reflexão inicial seria de todo improcedente? Abraão, como Pai da Fé, a origem e o fundamento do povo judeu, abraâmico. Por isso que não há diáspora que torne a descendência abraâmica como podendo ser não-judaica, mesmo não-geograficamente falando; sê-la-á para sempre, pois somente se pode concebê-la como tendo saído da terra e de sua parentela. Isto exatamente faz de quaisquer povos que saiam da terra e da parentela os eleitos de Deus... exatamente esse povo. E, de verdade, todos quantos saem da terra e de sua parentela, sem necessidade, por uma explicação necessária, de arrancar a carne que lhe cobre o prepúcio (nos homens, claro) têm, com imenso valor para Deus, o coração, seja masculino ou feminino, devidamente circuncidado por amá-LO com exclusividade e o amor a si mesmo como preliminar necessária para poder amar o próximo, desde que o amar a si mesmo seja o do esvaziamento completo do ego para a plenitude do Eu-Divino. Portanto, que não se tenha como preliminar para verdadeiros judeus um lugar físico; importa é que o homem, qualquer que seja o lugar de nascimento biológico, tenha saído da terra e de sua parentela. Só assim fica o “espaço”(?) de Deus como lhe é devido e nunca pode ser negado. Então, o que serve para embarçar é apenas o próprio nome judeu, judeia, hebreu, hebreia, pois, pelo certo, a designação Abraão, abraâmica, sem referência a uma determinada porção geográfica, seria mais apropriada. Porque judeu, hebreu, ou, mais propriamente, abraâmico é a descendência dos que, tal qual Abraão, saem da terra que podem ser, aqui ou alhures, na China, nos Estados Unidos, na Arábia e saem também de sua própria parentela e tornam a terra que são em terra de onde mana leite e mel, pelo fato não de manar ela leite e mel, mas por passarem eles a um estado de fidelidade a Deus, amando-O acima de tudo, inclusive acima deles próprios, passos fundamentais para que, por mansidão, resulte o leite e o mel da felicidade, das bem-aventuranças, mesmo na mais cruenta aridez do que se possa ter por terra propriamente. E, sendo assim, pouco importa a terra onde se esteja. Pode ser até mesmo num deserto. É como viver dela saindo e de sua descendência, também, numa marcha constante, em busca de um prometido Messias. Só que esse Messias já chegou, e é pelo homem Jesus, judeu, que ele chegou (o Messias), pois também saiu da terra e de sua parentela e, mais do que fiel a Deus, amou-O acima de tudo, sem deixar de Se amar a Si, esvaziando-Se do ego, para amar o próximo, fazendo pelo pobre, pelo esfomeado, pelo sedento, pelo preso, pelo nu, pelo doente, tudo isso enfim

que se resume em amor. Então, se eu, Doriel, sou brasileiro, por exemplo, mas, pela graça de Deus, em espírito, por espírito, como Jesus, ele Deus permite que saia da terra e da minha parentela, eu também sou judeu, à margem a ideia de localização geográfica ou antropológica de um classificado judeu, por exemplo, descendente de uma tribo atribuída a um filho de Jacó, chamado Judá. Isso só faz atrapalhar. Seria eu judeu, abraâmico, como Jesus o é, em constância imorredoura, até a consumação do século, quando a graça Nele e Dele for-me permitida por Deus, em espírito, por espírito, para que viva essa vida abundante em processo constante de saída da terra que sou e da parentela que tenho, fazendo, pelos necessitados de toda a ordem, a humilde entrega, sem disso tropejar pretensões pessoais em espetáculos, com grandiosos alardes. Em Jesus, então, cessou a busca do Messias, que é ele próprio; cessou, para ele, em sua carne, que, por haver saído da terra e de sua parentela, amando como amou, ainda hoje vive em espírito, por espírito, o infinito dos limites e a eternidade do sempre. Essa graça, que Deus nos permita a nós, mas em espírito, por espírito. Isso é mistério que não se realiza, no sentido de se tornar uma realidade, como tangível aos olhos de carne; pelo contrário, como em Jesus, torna-se o sempre do eterno e o ilimitado do infinito, sem o dirigismo de uma vontade humana, que apenas se há de quedar no papel do amor aos necessitados, por desígnio de Deus, sem olhar a quem nem visando recompensas, como num invisível panorama de céu... já mesmo aqui na terra, sim!

35.

UM QUIS MELHOR EXPLICADO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Que o sofrimento o esmagasse, era projeto do Senhor (Isaias, Capítulo 53, versículo 10, parte final).

Que Deus!

Violência que recai sobre a Divindade, auto-consentida; Deus, ao se permitir, humilde, sem manchar o centro-estático-essencial, que não é ele Deus, mesmo!

No pobre ver do profeta da epígrafe, associação de uma violência que se encarta no divino, abrangendo o Filho, junto com quem se manifestou, “*se epifanizou*” em princípio, no princípio.

Deus, humilde, sofrido, ante o mistério do mal, advindo do anjo belo e formoso, Lúcifer, se submeteu ao princípio, por meio dos seus *Fiats* (*Fiat Lux*, o primeiro deles), mas o homem, foi por meio do conjunto trino de um “*Façamos*”, todos sabemos, quando, então, terminou criado.

E, agora, essa tirada do profeta, dizendo que Deus quis, dizendo que ele teve como projeto, como proposta massacrar um homem, moê-lo até não poder suportar, e morrer.

Ora, depois daquela guerra, no céu, entre Miguel e o dragão (Apocalipse, Capítulo 12, versículos 7 a 9), todos sabem que Miguel nada mais era do que o Cristo, enquanto o dragão, aquele perdedor, depois daquela guerra, restou, por consentimento de Deus, precipitado na terra, esta, precisamente, parte da criação do mundo, por meio de *Fiats*, de Deus, tudo em harmonia com o seu Unigênito Filho.

O sofrido, então, em auto-permissão, é o próprio Deus, ele e o seu próprio Filho Unigênito, o Cristo e, por isso, válida é a sua proclamação, como a feita pelo também profeta Oséias, no Capítulo 6, versículo 6, do Livro bíblico de mesmo nome: “*Eu quero amor e não sacrifícios, conhecimento de Deus e não holocaustos*”.

Como conciliar, então?, pois os ditos aqui postos em registros são proféticos.

Por certo, um caráter violento de sacrifícios, tantos e tamanhos eram eles, em santuário, inclusive com um dia do perdão, o *Yom kippur*, explique o sentido vicário que se teima em empreender à figura de um homem Galileu. O quis de um projeto do Senhor é algo que passa e que dimana do natural do homem, quando olvidado plenamente do seu flanco “*de espírito, por espírito, em espírito*”. Nesse sentido está o querer de Deus, por ter feito a sua criatura homem não assim, ruim e perverso, mas do amor em lhe permitir um arbítrio libérrimo, que resultou, lastimavelmente,

em desobediência e, por causa desta, a decorrência do “*Deus zeloso que visita a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e a quarta geração daqueles que aborrecem a esse Deus e usa de misericórdia com aqueles que guardam os seus mandamentos*” (Êxodo, Capítulo 20, versículos 5 e 6).

Seria preciso, na senda do amor, nunca na senda de sacrifício querido e desejado, mas este como decorrência natural da desobediência, ante a qual pudesse surgir, como surgiu, uma carne que fez residir Deus, por querer dele Deus, e aquiescência do Eu nela residido, por amor, o qual suportasse não o querer violento de Deus, pois ele, como amor, com isso não se concilia, mas o deturpado querer dos homens que, por cegueira, não enxergaram como o Eu residido naquela carne pudesse, como pôde, vencer tentações e se tornar obediente a Deus, pois isso, sim, assim é que pode ser projeto dele, ou seja, porque na base do amor, sua essência. Tanto que aquela carne, veículo, pôde proclamar “*Eu e o Pai somos um*”(João, Capítulo 17, versículo 11) e, mais ainda, dizer “*Eu venci o mundo*”(João, Capítulo, 16, versículo 33). Ou seja, Eu + Divindade (Deus), com o verbo vencer no pretérito de um acabado perfeito. Tudo, portanto, na *indimensão* de uma infinitude e de uma eternidade. Era, pois, um vivo da vida abundante que assim proclamou, e não um morto vítima da biológica senhora da foice. O mundo foi vencido por um vivo. O que fizeram a esse vivo é arte da carne. Só um vivo assim é capaz de dizer, sem sentir estertores de bio-morte, mesmo moído de pancadas, é capaz de dizer - vínhamos dizendo - “*não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai*”. E é assim o Adão do outro jardim, o jardim do Getsêmani, o da obediência, não que seja contraposto a outro jardim, o do Éden, mas de centro-estático-essencial, infinito e eterno, no qual se fez e continua para todo o sempre um céu aqui na terra. Nesse sentido, os adãos, seus irmãos, por vontade de Deus, “*de espírito, por espírito e em espírito*”, podem santificar-se tanto quanto o veículo que ele foi e continua sendo, melhor dizendo, não sendo, porque eterno, infinito, pela ressurreição de justos, de modo a tornar realizadas promessas, como a de Gênesis, Capítulo 3, versículo 16, como a de Ezequiel, Capítulo 36, versículos 25 a 27, e ainda como a de Ezequiel, Capítulo 37, versículos 1 a 10.

Portanto, o memorial que a boca dessa carne verbalizou, falando de pão e de vinho, há de se dissociar do sentido vicário de uma bio-morte, já que o que sobreleva é o sentido do “*de espírito, por espírito, em espírito*”, não e nunca a carne confundindo-se com o pão, nem não e nunca o vinho confundindo-se com o sangue. Isto, longe do amor pregado por Oséias e reafirmado pela carne de um Galileu, como asseverado em Mateus, Capítulo 9, versículo 13, conduz a um sentido da verdadeira proclamação de Isaías, no Capítulo e versículo epigrafiado, qual seja o de que o projeto do Senhor nunca foi o de ser violento para com o homem, mas o homem, sim, como fruto de uma desobediência cometida, é que cometeu a violência, e moeu, em posições e papéis sociais quando não de um Herodes, de um Pilatos; quando não de uma tola pretensão de representante de Deus, enquanto Anás ou Caifaz, moeu - terminamos por dizer - a carne de um certo e jamais esquecido Galileu. Pois, “*de fato, Deus amou tanto o mundo, que deu o seu filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna*” (João, Capítulo 3, versículo 16). Não foi com o projeto de esmagá-lo que o deu. Foi um dar de si mesmo, manifestando-se em mundo, com o Filho, seu Unigênito, o Cristo, tão eterno e infinito quanto Deus, tão centro-estático-essencial quanto Deus, nunca deixando de assim não-ser, a despeito do mundo criado, periférico-dinâmico-acidental. Nesse mundo manifestado pela essência, o Cristo manifesta-se no veículo de uma carne, onde o Eu, submisso e obediente a Deus, deixou o mal desapontado e dominado e o mantém preso até que se opere a consumação deste século, com o seu glorioso retorno, este que se processa no já-do-agora consumado de quem quer que seja o Adão (ou a Eva) no e do outro jardim, o da obediência. Disso,

“de espírito, por espírito, em espírito”, se ufane não a carne, nem mesmo a de um certo Galileu, mas a glorificação do Senhor, aquele que tudo pode, aquele sempre presente, aquele todo ciente.

36.

EUS RELIGADOS, INCOMPREENSÍVEIS PARA A CARNE*(Para iniciados e iniciando-se, letras mortas para profanos)*

No mundo da religação com Deus, esta jamais será pela carne, pelos músculos, pelos ossos, pelos sentidos, pela imaginação ou pela memória. Tudo fica na dependência de Deus, ou seja, daquele que, essência, não há de se manifestar, enquanto centro-essencial-estático e que, por amor, no princípio, resolveu, em desígnio imperscrutável, resolveu - vínhamos dizendo - ser, resolveu ser periférico-dinâmico-acidental, sem, entretanto, refrear, ao menos, o seu não-ser estático-central-essencial. Aliás, num mistério nunca jamais passível de desvendar, em sede de celestial harmonia de anjos, arcanjos, querubins e serafins, e outras categorias mais, o véu ofuscante tocou o sentido do não-ser que, de centro-estático-essencial, se tornou surpreendentemente envolto em uma semente nunca contraposta ao bem, mas semente que é mal e que ofusca a luz por mais brilhante que seja a dos olhos não-periféricos-não-dinâmicos-não-acidentais. São olhos do sempre e do eterno que, mesmo assim, se tomaram de uma cegueira que ainda não seria periférica-dinâmica-acidental, porque essa dinamicidade, essa periferia e essa acidentalidade não encontrariam, como não encontraram nem poderiam mesmo encontrar o sentido de passageiro, de efêmero. Pois um anjo, de repente, perdeu a luz de seus olhos, e se deixou ofuscar e, de repente, estava enfileirado com outros anjos, uma falange, então, pronta para um estado de quebra que, enfim, se estabeleceu. E Deus, centro-estático-essencial, sem princípio ainda de manifestação de mundo, mundo dinâmico-periférico-acidental, junto com aquele que é Filho nunca criado, mas gerado dele Deus, unigênito, travou a famosa batalha no céu, da qual aquele anjo maldito saiu perdedor, e Deus, sendo, então, por seu querer, tempo do tempo, do princípio, com seu *Fiat Lux*, criou o mundo, precisamente o que é dinâmico-periférico-acidental. Ora vejamos que Deus, sempre em manifestação de amor, permanece centro-estático-essencial, porém permite a sua manifestação, a sua epifania, com a *existência*, tudo enfim se fazendo com o seu poder e determinação, só mesmo se pode dizer que esse mundo, esse dinâmico-periférico-acidental se confunde com o tudo do mundo criado do e no princípio, inclusive a sadia compreensão do sair de uma terra e de uma parentela, compreendida em Abraões que hão de se tornar em Abraãos. Pois a manifestação de Deus que deixa o próprio periférico-dinâmico-acidental em estado de estupefação é a sua complacência com a descida daquele anjo caído, precipitado que é no mundo desse mesmo periférico-dinâmico-acidental, porém aquele Filho, não que o contrapõe, mas se põe no céu, seria, como é, o único a poder combatê-lo nesse mesmo periférico-dinâmico-acidental, como o combate, e o vence, deveras, de sorte tal que o mantém preso na coleira dos tempos escatológicos. Importante é que se diga a esta altura que desde (?) a eternidade e a infinitude, que assim permanecem, pois, do contrário, eterna e infinita não poderiam sê-las. Permanecem centro-estático-essencial, a despeito de uma dinâmica-periférica-acidental, gozo da divina providência de Deus, como prova do seu amor, a sua criação, que só o seu Filho poderia salvá-la, como a salvou, melhor seria dizer que a tem por e como salva. A primeira Eva e o primeiro Adão não saíram da terra e nem da parentela, esta (parentela) que não tiveram, contudo, expulsos do paraíso em face de uma desobediência incômoda, outros adãos e outras evas habitantes do grandioso derredor daquele jardim chamado éden vêm se mantendo em sua terra e em sua parentela, das quais não conseguem se desgarrar. Nem mesmo um povo a quem se deveria ter como os efetivamente saídos de uma terra e de uma sua parentela, esses é que permanecem a elas agarrados, e só a vontade e a determinação de Deus é que pode fazê-los saídos tanto de uma como de outra. Eles somente, não, quem quer que seja de qualquer um outro povo. Pois bem. Deus nunca

se ausentou, nunca se afastou, ele é presença, seja no céu, central-estático-essencial, seja na terra, periférica-dinâmica-acidental. E é neste seu sentido periférico-dinâmico-acidental que se evolve, envolve e se desenvolve e se revolve em redemoinhos incompreensíveis de providências divinas, e, como divinas, jamais compreensíveis ao limite limitado da reles compreensão dos adãos e das evas, aqueles e estas criaturas, limitadas, porém, ainda bem, veículos do indimensionável estado de centro-estatístico-essencial que uma cegueira de anjo do mal teima em continuar impossibilitando, enquanto simples adãos e simples evas, continuar impossibilitando - dizíamos - o alcance do divino que nunca deixaram de carregar em si mesmos, como veículos. E isso tudo que vem sendo dito é fruto de esforço de uma mente finita, obviamente, que, coitada, nunca chegará, por si, ao centro-essencial-estático, a este só Ele mesmo, por permissão Dele, é que se vai obtendo, aqui, acolá, alguma luminosidade, que vai tornando possível a religação, mas a religação nunca do periférico-dinâmico-acidental, com o essencial-central-estático, e, sim, religação do eu-navegante naquele e daquele veículo periférico-dinâmico-acidental. Só este eu dialoga com o central-estático-essencial, pois tanto este como aquele perenizam-se no eterno e no infinito. E nunca seria preciso dizer assim para que assim fossem, sejam, são, seriam, serão ou foram ou tenham sido... eterno... infinito. Eterno, infinito, basta assim dizer, e abarcar o que a pobre capacidade humana não pode eternizar nem *infinitizar*. Nesse sentido, o centro-estático-essencial, eterno, infinito, pereniza-se no periférico-dinâmico-acidental, de sorte que os adãos e as evas de todos os tempos, presente, passado e futuro, adãos e evas que a vontade de Deus os quis separados, santos, não têm história, não abarcam o telúrico, senão acidentalmente, porque essencialmente os põem em complacência com o infinito e o eterno. Logo, é preciso se ter em conta que o eterno e o infinito, nunca sendo possível que deixem de sê-los, tudo quanto é de santo, de separado, eterno é, infinito é, eternos são, infinitos são. Então, eternos e infinitos assim permanecem, como assim Deus, centro-estático-essencial. Essa “categoria”, e assim o dizemos por conta de uma pobreza finita de linguagem, é um “conjunto”, e aqui neste termo vai também o reconhecimento de pequenez e de finitude, é um “conjunto” mesmo de eus, eus que se somam numa soma que é crescente e nunca regressiva. Eu + eu, indefinidamente eu, eu, eu, eu... - será que o eu na carne do cronista é um deles? Deixem-me assim, interrogativo, por uma força de humildade, característica de minha dinamicidade, da minha acidentalidade, da minha periferia. Mas, por certo, na senda estreita do que conheço e possa mais conhecer, pobre conhecer, só posso admitir que sempre o que Deus quer não é, ou seja, resta sempre indimensionado de eterno e de infinito, ou seja, ainda não se trata de realidade histórica e telúrica, ou seja, ainda, e tantos outros “ou sejam” ainda assim incapazes de abarcar em minha pobre mente, pobrememente pobre, fazendo-me, sentindo-me doriel de dorieis, embora poucos, pois muitos são os josés e os antonios e os franciscos e os joãos e os..., e as marias, e as teresas, e as josefas, e as severinas...., todos, todos, todos, todas, todas, todas santos, santas, separados, separadas e, por santos e santas e separados e separadas, de carnes, de músculos, de nervos, de ossos, de sentidos, eternos, infinitos, com nomes inscritos no céu, edifício indestrutível e, mais do que isso, que nem construídos foram, porque o eterno e o infinito não se constroem nem se destroem, assumem o centro-estático-essencial, este que, por graça, sim, permite que o periférico-dinâmico-acidental de um doriel se transporte em central-estático-essencial, por uma vontade deste centro, obviamente. Então, neste mundo vencido, o mal ficou para trás, preso, com o rabo entre as pernas, com o perdão pela chula expressão, mas nisso não vai menosprezo, que disso não se ocupa o que é o centro, o que é a essência e o que é o estático. Importa é que mais do que uma sensação, não seja eterno e infinito, assim como papas (verdadeiros), como swamis (verdadeiros), como imãs (verdadeiros), como rabinos (verdadeiros), em espírito, de espírito, por espírito, religados, religados, religados. Eus religados. Eus religados deles, santos e santas, separados e separadas, e também dos que, periféricos-dinâmicos-acidentais, como eles, como elas, os que nunca se rotularam de papas, de cardeais, de bispos, de pastores, de senhores e mosenhores, de swamis, de ímãs, de rabinos, de...,

tantos e tantas quantos e quantas sejam os escolhidos e escolhidas dentre tantos e tantas chamados e chamadas... quem não tem olhos, veja; quem não tem ouvidos ouça...

37.

QUANDO SE DÁ CONTA DO HAVER SIDO AINDA SENDO

(Para iniciados e iniciando-se, letras mortas para profanos)

Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé (2ª Timóteo, Capítulo 4 versículo 7). É isto o sentido real de puríssimo egoísmo. Eu combati, eu terminei, eu guardei. Sempre eu, eu, eu. E é como se houvesse um ponto, uma gradação de entrega, para se achar justificado. Ora, assim agir é como se fora o fariseu (Lucas, Capítulo 18, versículos 10-14), ele que se diz todo certinho, que jejua, que paga dízimo. É bem mais certa a postura de quem, mesmo tido pela sociedade como pecador, como o era o publicano, o cobrador de impostos, pois se achegou em prece ao Senhor, reconhecendo, humilde, a sua pequenez. Ao invés de dizer de um combate que ele o qualificaria de bom, pois seria preciso, como fariseu, dizer que foi um combatente e que combatia pelo lado do que era bom; que terminou esse combate e que guardou a fé; tudo, pois, como num *consumat est*, num tempo pretérito de uma perfeição. Ah, aqui, exatamente aqui, em conhecimento intelectual, eu pego o Paulo. Paulo, Paulo, Paulo, em tua carne, e em teus músculos, e em teus nervos, e em tua... língua, enfim, eu te pego. Não é peguei, no pretérito nem pegarei, no futuro; é eu te pego, no presente. Caíste, pois. Estás aos pés de uma espiritualidade, não a espiritualidade que a tenho, mas a Divindade junto comigo me permite que a tenha, ainda que ao nível dos pés e, então, Paulinho, compadeço-me de ti, de tua carne, dos teus músculos, dos teus nervos, de tua... língua, pois achaste de te dizer combatente de um combate terminado. Ledo engano, não é Paulinho? Em espiritualidade, em espírito, de espírito, por espírito, jamais se pode dizer que se combateu, em pretérito de um perfeito acabado, terminado, porque, em espiritualidade, em espírito, de espírito, por espírito, onde tudo é sempre bom, não há o tempo presente nem o pretérito nem o futuro. É a prevalência do que é eterno e do que é infinito, eterno que é sempre e infinito que não tem fim, tudo, entretanto, como essência do não-ser que tudo pode exatamente por não ser, já que o ser é limitado pela sua condição de ser. E então, Paulo? Que enorme recaída! Mas, por certo, esta não se poderia dar em espírito, de espírito, por espírito... só na tua carne mesmo. E então, eu que também cuide da minha..., não é mesmo, Paulo?

38.

MEU ANIMAL E O (MEU?) EU

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Parados ou andando ou correndo ou deitado ou de cabeça para baixo, do jeito que for em que se estiver, somos os ambulantes, o conjunto de sentidos e de órgãos, que representam um lado animal que o temos, e não podemos negar. Não há ninguém, nascido de mulher, que se possa dispensar dessa condição animal, com órgãos, com sangue que circula em e por todo o corpo, com um sistema de respiração, com um sistema mastigatório e digestivo, começando, por óbvio, com a mastigação e terminando com a expelção de excrementos e urina, contudo, nesse processo todo, o mais importante é a energia que esse organismo termina assimilando e que o mantém vivo, no ciclo de toda uma vida que se vive. Veja-se que ninguém escapa dessa realidade. Ninguém. Pode ser o mais limpo, o mais asseado, aquela que, tão bela e altamente perfumada, desfila em passarelas, aqueles que, paletós das melhores marcas, se apresentam em salas, em auditórios, em *foruns*, um trabalho, um corre-corre, mas a realidade animal está lá. Todos, sem exceção, carregam consigo as ações e reações de um processo que há de funcionar de modo tal, que conduza a um viver bem, sem dores disso ou daquilo. Aqui, acolá, há situações em que escapam os gases mal cheirosos, como a fazer lembrar que não adianta orgulhar-nos tanto, porque, dentro, se processa aquele alimento de que se alimenta, podendo ser coisa de rico ou de pobre, mas todos se transformam em líquido e em massa que são enfim expelidos. Então, os plebeus ou os ricos, os de cultura apurada, ou não, os que exercem cargos relevantes, ou não, são igualmente ambulantes dessa realidade que fede, internamente, no que tem de ser expelido, obviamente. Inclusive os que se tornaram santos, ou seja, separados, por conta da bondade de Deus, que, por graça, permitiu que eles nascessem de novo. Mas, mesmo nascidos de novo, continuaram “mortos” da “morte” das ilusões do mundo, ainda que permanecendo vivos, à espera de uma *bio-morte* que termina vindo, inevitavelmente, para, aí sim, tudo feder. Há a vitória sobre a morte que tanto se propala no mundo religioso; esta vitória não é sobre a tal *bio-morte*. A vitória é a de uma “morte” que se “morre”, por vontade de Deus, por sua graça, “morte” que se “morre” - vínhamos dizendo - das ilusões do mundo. Esses são os santos, podendo sua separação se dar, até mesmo, pelo som da última trombeta, desde que a separação, a santidade seja de uma plenitude tal, que, de açoites, de espinhos de uma coroa de espinhos e de uma prisão a uma cruz não se submetam mais os sentidos dolorosos que disso podem advir, naturalmente. Quero, então, ressaltar um quadro animal que se vive mesmo em sanidade, separado, em santidade e que nele se é mergulhado inexoravelmente, ainda que sem se dar conta de sua própria natureza, que é provisória, contudo, pelo certo, é mais salutar, nunca se vive, em constância, mergulhando-se nessa realidade, vamos aqui chamar de cruel? Melhor é como que ignorá-la. Quer-se mesmo é viver a vida e nunca estar-se ligando as possibilidades quanto a ser ruim isso ou aquilo. Nesse sentido, o cuidado é de tamanho tal, que o homem alcançou uma rede de medidas que visa mantê-lo são, em sua realidade animal, para o seu bem e de todas os demais que o rodeiam. Essa realidade até aqui descrita, realidade de carne, de músculos, de nervos, de ossos, de sentidos, é ela a que se vê refletida e comprometida em batismos, de quaisquer espécies, seja por aspensão ou por imersão, ao natural, em águas correntes, ou em templos ditos religiosos, em tanques ou pias chamadas batismais. Porque o batismo de fogo nada tem a ver com o batismo do que é animal, senão reflexivamente. É quando, nascendo-se de novo, a vontade de Deus assim quer, a partir da enorme satisfação do “*este é o meu amado filho em quem me comprazo; escutai-o*”. Esse consentir

divino conduz ao *Getsêmani* do “*Não seja feita a minha vontade, Pai, mas a tua vontade*”. Pois bem, nem mesmo a graça que conduz, por vontade divina, a uma determinação desta, pode o animal contrariar, mesmo que batizado. Tanto que Maria disse sim, mesmo podendo dizer não, um não, entretanto, que seria em vão, porque o sim da graça é de inevitável eclosão. Pois o não de Jonas nos mostra que foi preciso o incompreensível de um vômito de uma baleia para que ele terminasse cumprindo aquilo que lhe foi uma determinação de Deus. E Moisés também não recuou, apenas achou-se pequeno, procurando saber quem mandava que ele agisse de modo a tirar o seu povo do cativeiro dos egípcios. E lhe foi dito, ante a pergunta “quem te mandou fazer?”, bastaria dizer: “*Eu sou*”, assim ele mandou e manda fazer. Então, tudo isso se dá ao nível do animal, porém, até contra a sua vontade ou mesmo atitude de impacto, como assim foi com Sarai, alvo de graça que encarou com risadas de quem era uma carne de animal, que tem o que fede, por dentro, contudo, pode, como pôde, ser alvo de uma graça, como já dito, a de ter filho na velhice, o filho da promessa, Isaque. Afinal, quem saiu de sua terra e de sua parentela, Abrão e que, em razão de tais saídas, se tornou Abraão, mesmo neste papel de agraciado pela ordem divina, nunca deixou de ser animal. E aqui não se fala de separado, de santo, ele é sim um patriarca, da sociedade patriarcal dos Judeus. Pois bem, vive-se, neste mundo de encarnação e de encarnados, inevitavelmente, porque, como Deus, o Natal se manifesta, cada um tem o seu, individualmente, como o Natal de Adão e de Eva, privilegiados de um jardim, só que, com iniquidade de desobediência, agora, todos e cada um nascem, têm o seu Natal no imenso derredor do primeiro jardim, derredor esse que é o mundo, em sua imensidade. Vem, então, por vontade de Deus, dentre muitos chamados e poucos escolhidos, pela vontade exclusiva de Deus, pois, quando ele quer, a vontade humana se destrói, se anula, vive uma decepção de vida, porque é como não tivesse condição de viver o e no derredor do jardim primevo, como Caim, que ficou com um sinal na sua testa, o sinal desse separado se firma e se afirma no poder divino de realizar o irrealizável. Todos esses Adãos e todas essas Evas, o e a do jardim primevo, como os e as do imenso derredor do tal jardim, como, enfim, os e as do novel jardim, são tópicos e típicos, mas do ponto de vista da carne, dos músculos, dos nervos, dos ossos, porém, esses do e essas do segundo jardim, se são tópicos e típicos, deixam de sê-los e de sê-las pelo novo nascimento, mantendo o ser em eternidade e infinitude que nunca deixaram de ser, senão não seriam eternos e infinitos, sempre. Como, aliás, disse Jesus: “Antes que Abraão fosse, eu sou”, esses habitantes do novel jardim de Getsêmani não se há de dizer que nunca foram ou que ainda podem ser ou como ainda poderão ser, porque o animal, até a consumação do século, vai prosseguindo e se finando, nesses compartimentos temporais, mas o eterno e o infinito, por o serem assim, nunca deixam, deixarão ou deixariam de ser, sob pena de se negar o que inegável o é ou inegáveis os são ou mais propriamente não são pela complacência de uma extensão e de um fim, respectivamente. Então, os santos, não digo de todos os tempos, mas do sempre, eternos, infinitos, se formos buscá-los, há uma infinidade deles, batistas, joãos, madalenas, filipes, estêvãos, paulos, pedros, jesuses, davis, salomões, marias, lucases, mateuses, marcoses, agostinhos, thomases de aquinos, joões paulos segundos, dons hélderres câmaras, teresas de calcutares, marias de nazaré, das conceições, das dores, mães dos homens, imaculadas, terezinhas de jesuses, são josés operários, são josés dos egitos, são sebastiões, são josés de anchietas, são franciscos, santas claras, padres josés coutinhos, todos, todos, todos, sem exceção, inclusive os que a minha incapacidade de memória de cronista os reteve esquecidos, não lembrados, com certeza florescem nesse novel jardim, o de Getsêmani, jardim que os olhos de carne, inclusive os de seus próprios habitantes, não podem nem hão de vê-lo, jamais. “Veem-no” os olhos em espírito, de espírito, por espírito dos que, seus habitantes, acham-se em indimensão de tempo e de lugar, sendo em eternidade e infinitude, antes que Abrão tivesse sido, pois o Abraão, esse é o que sai de terra e de parentela, porque é sempre eterno e infinito. É quando um quando da carne de dorieis sai de sua terra e de sua parentela, sem receios de críticas, se assume em posse do nascimento divino, em espírito, de espírito, por espírito,

para o registro, aqui, nessa sopa de letras e de letrinhas, por onde não deve haver onde nem por onde, a indimensão do céu, sim, o pondo, nem tanto, o tornando indimensionado na dimensão de eterno e de infinito, como e com em todos os santos citados e os ainda por citar, também. Mas não se duvide, esses dorieis são carne e fedem no que têm de feder, até que desponte a *bio-morte* e, depois, até a consumação do século, para ela carne morta, nunca para o nascido de novo, pela graça, em espírito de espírito por espírito, o eu nesse pobre mortal de carne dos dorieis. Assim, como começamos dizendo, *“Parados ou andando ou correndo ou deitado ou de cabeça para baixo, do jeito que for em que se estiver, somos os ambulantes, o conjunto de sentidos e de órgãos, que representam um lado animal que o temos, e não podemos negar. Não há ninguém, nascido de mulher, que se possa dispensar dessa condição animal, com órgãos, com sangue que circula em e por todo o corpo, com um sistema de respiração, com um sistema mastigatório e digestivo, começando, por óbvio, com a mastigação e terminando com a expelição de excrementos e urina, contudo, nesse processo todo, o mais importante é a energia que esse organismo termina assimilando e que o mantém vivo, no ciclo de toda uma vida que se vive. Veja-se que ninguém escapa dessa realidade. Ninguém. Pode ser o mais limpo, o mais asseado, aquela que, tão bela e altamente perfumada, desfila em passarelas, aqueles que, paletós das melhores marcas, se apresentam em salas, em auditórios, em foruns, um trabalho, um corre-corre, mas a realidade animal está lá. Todos, sem exceção, carregam consigo as ações e reações de um processo que há de funcionar de modo tal, que conduza a um viver bem, sem dores disso ou daquilo. Aqui, acolá, há situações em que escapam os gases mal cheirosos, como a fazer lembrar que não adianta orgulhar-nos tanto, porque, dentro, se processa aquele alimento de que se alimenta, podendo ser coisa de rico ou de pobre, mas todos se transformam em líquido e em massa que são enfim expelidos. Então, os plebeus ou os ricos, os de cultura apurada, ou não, os que exercem cargos relevantes, ou não, são igualmente ambulantes dessa realidade que fede, internamente, no que tem de ser expelido. Inclusive os que se tornaram santos, ou seja, separados, por conta da bondade de Deus, que, por graça, permitiu que eles nascessem de novo. Mas, mesmo nascidos de novo, continuaram “mortos” da “morte” das ilusões do mundo, ainda que permanecendo vivos, à espera de uma bio-morte que termina vindo, inevitavelmente. Há a vitória sobre a morte que tanto se propala no mundo religioso; esta vitória não é sobre a tal bio-morte. A vitória é a de uma “morte” que se “morre”, por vontade de Deus, por sua graça, “morte” que se “morre” - vínhamos dizendo - das ilusões do mundo. Esses são os santos, podendo sua separação se dar, até mesmo, pelo som da última trombeta, desde que a separação, a santidade seja de uma plenitude tal, que, de açoites, de espinhos de uma coroa de espinhos e de uma prisão a uma cruz não se submetam mais os sentidos dolorosos que disso podem advir, naturalmente”*. Ufa, fomos longe na repetição? Vamos parar por aqui, nesse animal que fede e que tecla, e que federá inteiramente no fim e ao cabo, mas cabe no cabo de um querer divino, que possa fazer o eu de novo nascido, despertado, um eu que jamais poderá ser meu nem de ninguém enquanto animal.

39.

...DE UMA BOLINHA E DE UM ANJO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Estava eu bem sentado em minha cadeira de balanço, perna cruzada, quando, ao retirar a vista do texto que estava desenvolvendo em meu Ipad, o que eu vejo, o que eu vejo com os olhos sem carne?, o que vejo eu bem ali no meu joelho da minha perna cruzada?; vejo aquela bolinha até um tanto atraente, cheia de saliências, picos, muitos, todos eles e a própria bolinha, gordurosos que só eles. Não pensei duas vezes, também não era caso de pensar, mas de continuar intuindo, pois, por certo, acertei a mão com a força que não era minha, e, num safanão, apliquei um “chega pra lá” naquela criatura. Ela caiu ao chão, estatelada, reclamando, dizendo-se inofensiva, que eu ou alguém por mim não deveria ter feito aquilo; parecia chorar. Disse que não tinha intenção de se desenvolver em ninguém, nem depois transformar tudo num processo infeccioso, que mata, pois ela, a bolinha - assim dizia - não por ela mesma se pode instalar em ninguém da espécie humana; são os dessa espécie que têm um instrumento perigoso, que a todo o tempo está em movimento, mesmo durante o sono. Uma vez fica esse tal instrumento tocando os olhos, outra vez atola um dos dedos dentro do nariz, “limpando o salão”, daí a pouco é a mão atolada na boca, e quando não é esta que fica atolada, é o pão, o pirulito, o sorvete, a banana, tudo sem o devido cuidado de limpeza, que entra nela num perigoso processo de mastigação. E a bolinha lá, dançando a dança macabra da descida pela goela; não que seja desejosa de se instalar e proliferar; e depois, então, a infecção, a falta de ar e a ... mooort..., não, não, não quero terminar a tal palavra. A danada da bolinha, ainda caída ao chão, me disse que estava ferida, ofendida, mas não estava morta. Foi, então, que a retirei do chão e comi-a inteirinha, mastigando, mastigando, mastigando, sem medo de ser ofendido por ela. Acho que o safanão tirou-a de tempo. E não me ofendeu em nada. Mas isso, essa estória, eu digo, não foi a força dentro de mim que me tornou imune, mas algo novo, forte, que me não deixou acovardado diante daquela bolinha. Então, que outras bolinhas possam vir. Quem sabe eu possa voltar a ter aquela ajuda que só pode ser de quem tem poder realmente contra essas novidadeiras bolinhas...

40.

ISSO TUDO É “PRAIA DELE”

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Somos todos uns covardes, acuados - os que têm condições de melhor espaço, ainda bem, - para eles -, porque têm como se movimentar, ainda que no mínimo de movimentos, mas, os que vivem e habitam espaço além de pequeno, terem de dividi-lo com cinco, sete, doze, quinze pessoas, assim o dizemos sem exagero, tudo, tudo mesmo por causa de uma covardia. Pois o vírus existe, é fato, ele está em mim, como em você, leitor que me lê, está no índio, no polo norte, no polo sul, até mesmo na mina a mais profunda. Ele é uma realidade, realidade cruel, crudelíssima. Fugir dele não há como. Então, ficar preso, isolado numa casa, num apartamento, todo mundo se movimentando dentro de casa... O medo é que o vírus os atinja. Mas, ele está, como já demonstrado, em todos os lugares. Então, seria melhor encará-lo; de frente. Aliás, quando se pensa que ele está longe de nós, ele está é ali, bem pertinho, e, vamos ser sinceros, ele é o capeta, e este capeta “está em todas”, como se costuma dizer. Ele vive a rodear a Terra (Jó, Capítulo 1, versículo 7) - mais uma prova bíblica de que a Terra é redonda! E mesmo que uma excepcional, exponencial realidade de Terra, de carne, de nervos, de músculos, de ossos tenha sido residência de Eu que o encarou e nem os calcânhares desse residido resultaram feridos, mas esse tal capeta, sim, lhe foram desferidos golpes, golpes certos em sua cabeça, esmagando-a, pouco importando, até mesmo, que ficasse de calcânhares imunes, ilesos. O certo é que a cabeça ferida o tornou um fraco, ante Aquele Eu, um dominado, resultando no seu aprisionamento por um milênio, que ninguém sabe exatamente quando se acabará. Porque ferir cabeça é pôr um freio no lado intelectual do fino gosto do capeta. Por isso que é mais importante ferir cabeça do que ferir calcânhares. O capeta, portanto, está preso, mas preso no mal de seus disfarces, do seu intelecto, cabeça ferida, em relação Àquele Eu mencionado há pouco, mas, para outros Eus, ele continua a rodear a Terra, dando os seus coices que vêm a atingir calcânhares de tantos humanos deste Planeta. Azar dele é que o Eu de intuição plena se mostra aos fiéis de sua doutrina de paz, de amor e de misericórdia, em espírito, de espírito, por espírito, como a galinha de asas sempre disponíveis a acolher e a proteger a esses, como a pintainhos, desde que não se enfatize a carne, os músculos, os nervos, os ossos que são veículos desses Eus em cada um dos homens e mulheres, estejam, eles ou elas, pensando estarem alinhados ou não-alinhados, por vontade de carne, àquela doutrina; doutrina, não a chamemos assim, digamos, melhor, intuindo pelo Eu, por vontade divina, embora residido em carne, em nervos, em músculos, em ossos, em vivência e em “convivialidade” de crítica doçura de amor, enquanto o capeta, zangado, estrebucha, mas... não se há de querer nada fazer por ele, nada, nada mesmo, além de se intuir cada vez mais aquela vivência e “convivialidade” em espírito, de espírito, por espírito, porque, em relação a ele, o ferimento em sua cabeça já foi o bastante, ainda que só para o “até-quando-da-duração-deste-século”. Todavia, esse capeta, apesar das pauladas na cabeça..., há a fraqueza da carne, dos músculos, dos nervos, dos ossos e, por isso, têm se tornado cada vez mais covardes os homens de todos os recantos da Terra, escondidos, distanciados, como lobos que ofendem uns aos outros lobos, na medida em que se aproximarem uns dos outros, por causa de uma tal Covid-19 - vamos acabar logo com isso. Deixemos que esse capeta faça o que quiser, importante é que ele não fira jamais a cabeça de Eu nenhum; mas a carne, os músculos, os nervos, os ossos, mesmo que ele fira calcânhares dessa carne, desses nervos, desses músculos, desses ossos, reconheçamos, ele, neles, “está em sua praia”, pois isso tudo é “praia dele”. Então, se é “praia dele”,

vamos encontrá-lo sem medo, inevitavelmente, ali numa próxima esquina ou numa esquina próxima. Mas, para isso, é preciso que saíamos de casa, sem propósito de desobediência civil a normas bem intencionadas de autoridades, e deixemos de ser covardes, mas cautelosos, sempre, sim, sabendo como enfrentar o “*bicho*”, protegendo-nos, distância respeitada, máscara no seu lugar certo, higienizada e trocada, sempre, mãos bem lavadas, banhos mais demorados e, claro, para os integrantes de grupo de risco, que, com todos os cuidados citados e outros mais, que permaneçam em casa, ninguém os classificará de covardes, por certo. E, voltando ao “*bicho*”, cabe dizer que o “*satanismo*”, no tempo de “*até a consumação deste século*”, o assumirá, inevitavelmente, como o que vive e permanece a rugir, como um leão (vide 1ª Epístola de Pedro, Capítulo 5, versículo 8), mas, em espírito, de espírito, por espírito, a carne, os nervos, os músculos, os ossos, todos fracos, todos a ele afeiçoados, propensos, por isso tão mais facilmente surpreendidos em desvios, como o de Marta, mesmo que não seja ela de todo condenável, porque não faz sentido um viver de terra só de Maria (Lucas, Capítulo 10, versículos 38-42).

- Quem não tem ouvidos, “ouça”.

41.

LUPUS EST HOMO HOMINI LUPUS - que triste

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Nunca tanto uma expressão tão conhecida passou a ter possibilidade de aplicação nos dias que correm. “***LUPUS EST HOMO HOMINI LUPUS***” é uma *sententiae*, uma expressão latina que significa “***O homem é o lobo do próprio homem***”. Foi criada por Plauto (254-184 a.C), em sua obra *Asinaria*, mais tarde sendo popularizada por Thomas Hobbes, filósofo inglês do século XVII, na sua obra *Do Cidadão*” (*vide internet: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Homo_homini_lupus*) Pois, nos dias de hoje, o lobo que somos uns para os outros, inevitavelmente, vem do ato de emitirmos gotículas de saliva, ao falarmos, ao espirrarmos. Sendo assim, ninguém pode deixar de ser lobo. Tu, então, que eu te vejo ao longe, meu lobo não podes ser. Mas se te aproximas de mim, aí, sim, se te pões a falar, se te pões a espirrar - eis que te tornas o perigo de lobo que me pode ofender. Portanto, num tal tempo de pandemia de um tal vírus corona, eu digo que me policio ao ponto de, por exemplo, ao entrar num elevador, ficar apelando para que ninguém o pare e nele embarque. Se a sensibilidade ao quadro de perigo for nenhuma, e a pessoa entrar na mesma cabine onde eu esteja, fica difícil ponderar com ela, porque aí eu a estaria expondo ao perigo, ainda mais, só pelo ato de falar. Melhor seria invadir o seu *hall*, e lhe ceder o espaço, na cabine, dando-lhe, destarte, a preferência, em nome da cessação de um perigo; e sem explicações, porque, em assim fazendo, o perigo se tornaria pior, assim já foi dito, mas não custa repetir. Dias difíceis, pois, com mudança radical, etiqueta invertida, o dever de uma cordialidade do encontro se transmudando no perigo que pode levar a um contágio e, deste, à morte. Esse maldito lobo não excepciona ninguém. Nem mesmo o próprio parente, em encontro momentâneo naquela cabine, advindos de lugares dispares, aqui também não tem apelação; são lobos que se tornam perigosos, porque respiram num ambiente assim tão pequeno e de tamanha movimentação de ar, pelo deslocamento vertical, natural.

- ***LUPUS EST HOMO HOMINI LUPUS*** - que triste.

42.

**GRANDE MAL NADA LIGADO AO SENHOR DE AMOR,
QUE TUDO PODE**

(Para iniciados e iniciando-se, letras mortas para profanos)

Moisés convocou todos os anciãos de Israel e lhes disse: “Ide, tomai um animal para cada família e imolai a vítima da Páscoa. Tomai um ramo de hissopo, molhai-o no sangue que estiver na bacia e marcai com o sangue a moldura das portas. Mas ninguém de vós saia fora de casa até ao amanhecer. Quando o SENHOR passar pelo Egito para castigá-lo, e reparar o sangue sobre a moldura das portas, passará por vossas portas e não permitirá que o Exterminador entre em vossas casas para causar dano.”

(Ex 12,21-23)

Que Senhor é esse que se escraviza ao tempo, um tempo relativamente curto, uma noite apenas, de meia noite até o amanhecer (Êxodo 11, 4, “À meia noite farei uma incursão entre os egípcios” e (Êxodo 12, 22, parte final) “Mas ninguém de vós saia de casa até ao amanhecer”. Moisés fala de Senhor e o Livro-livro, qualquer que seja o que se leia, em qualquer língua, respeita, no respeito exato, ou exagerado?, consistente nem tanto em uma inicial maiúscula, mas na palavra, toda ela grafada com letras maiúsculas: SENHOR; sim, um Senhor, considerado como sendo aquele que tudo pode. Aquele Senhor-catástrofe, entretanto, anunciador e propiciador de um mal (e que mal!) - a morte de primogênitos, de primogênitos humanos e de primogênitos de animais, inclusive - será Senhor que tudo pode? O Deus-amor, que nem concepção minha é, deixa emanar facilmente o seu caráter natural de bondade e de amor, inclusive no episódio da magnanimidade dispensada a quem, misteriosamente, se achou com uma beleza que o ofuscasse (Ezequiel, 28,17) e carregasse a pretensão tola de querer ser Deus (Ezequiel, 28, 2). Mas o Deus de Moisés por certo engana a mim, engana ao próprio Moisés, e a tantos quantos imaginam estar sob uma intervenção medonha, exigente, com exigência de matar e de selecionar, como a sentenciar, assim “*tu que me crês nesse poder de matar, eu não te mato*”. Alimenta-o essa tua crença, que o faz cada vez mais poderoso para ti. Fica-se, destarte, numa prisão, assemelhando-se isso muito mais ao poder de um mal, como o poder daquele anjo decaído, que só engana. O poder exibido a partir de uma sarça ardente, ardente de um fogo que não a consumia (Êxodo, 3, 2), paralisou a Moisés, sendo natural que tivesse paralisado também a mim. E o Deus-amor não seria jamais aquele Exterminador, por mais protetivo que aparente ser, nunca se confundindo este com o EU SOU, que assim bradou de dentro daquela sarça que ardia e que se não consumia (Êxodo, 3, 13-14). Por que? - por ser essência-central-estática. Então, tudo o que puxa, tudo o que arrasta para um sentido tangível é ponto do mal, sendo este como se um contraponto do bem, mas sem poder ser (contraponto), efetivamente; pois aquele é acidental e este é essencial, essencial ligado ao intangível do Deus-amor ou do amor-Deus. Mas o tangível de ontem se exhibe menos expressivo em relação ao tangível de hoje, este que é mais demorado em dias, não uma noite somente, apresentando-se mais largo e farto em lugares,

recebendo um nome de impacto: pan-de-mia. Isso, essa pandemia seria do Senhor que tudo pode? Não me deixem, leitores, ser vítima da força tangível e que não pode nem deve ser do Senhor, aquele que tudo pode. “*Não sair fora da casa*” é próprio de quem tenha “*saído de sua terra*” e também é próprio de quem tenha “*saído de sua parentela*”, como assim fizera Abraão, para se tornar Abraão (Gênesis, 12,1), ele que é sinal e símbolo de fê, pai de uma descendência numerosa, abraâmica, daqui e dalhures, pois a condição de “sair de terra” e de “sair de parentela” não significa dizer que se passa a não ter casa; pelo contrário, é fundamental preliminar para um esvaziamento de cada um em si mesmo, com a morte do ego, para a plenificação de Deus, por vontade e desígnio Deste: “*Não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai*” (Mateus, 26, 39, parte final). Contra estes, ou seja, contra os que “*saem da terra*” e os que “*saem de sua parentela*”, já tão incontáveis como as estrelas do céu, o Exterminador pode lhes complicar a respectiva dimensão de carne, de nervos, de músculos, de ossos, de imaginação, de memória, sim, porém, a *indimensão* de espírito, em espírito, por espírito, do Verdadeiro EU SOU, jamais, pois próprio dessas saídas é a proteção *indimensional* Dele. Vê-se, então, que essa projeção de Senhor, a de produzir esse mal que se anuncia, provoca não somente o pulmão de poucos, mas o pulmão planetário, por dias, e, possivelmente, por meses, estando, pois, aqui e alhures, deixando a todos num clima de apreensão geral, todos em casas fracas de carne, de músculos, de nervos, de ossos, de imaginação e de memória, recolhidos, trêmulos de apreensões e de asfixias, em quarentenas, recebendo e acatando orientações de quem vive a tormenta, sem poder dominar, como se apregoava que se podia dominar, desde há bem poucos dias, a segurança de uma área... Agora, quem assim se garantia vem a público para reconhecer que a situação é grave, que pode haver um colapso, ou seja, pulmões se atropelando uns aos outros, com a dificuldade de respirar, ante o número insuficiente de certo elemento físico para a manutenção da vida. Isso tudo e tudo isso nada tem a ver com aquele que tudo pode, vamos logo distinguindo-O como o SENHOR, como demonstrado no início desta crônica, assim mesmo, grafando com todas as maiúsculas letras, ao menos, não diremos, mas ao mais que importa a nascidos em espírito, de espírito, por espírito, todos, portanto, “*saídos de sua terra*” e “*saídos de sua parentela*” e tendo como ícone-mor dessas saídas, indubitavelmente, não o filho de José e de Maria, mas o Filho Unigênito de Deus, mesmo assim, ainda que só na dimensão do tangível, submetidos em suas carnes, em seus músculos, em seus nervos, em seus ossos, em suas imaginações, em suas memórias (todos fracos), todos efetivamente sendo veículos que suportam o grande mal de somenos importância ante o Senhor de amor, que tudo pode e que, por amor, não pode nos causar mal algum, em espírito, de espírito, por espírito - bem se possa assim intuir, pela bondade, graça e amor Dele. O “*grande mal nada ligado ao Senhor, que tudo pode*”, então, é possível ser vencido, ou não, sabe-se lá - isto é assunto dos homens, nunca desígnio do sim ou do não daquele que tudo pode, por amor.

43.

CORONA VIR (US) EM ESPÍRITO, NUNCA

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

"Assim diz o SENHOR: À meia-noite farei uma incursão entre os egípcios, 5. e morrerão todos os primogênitos do Egito, desde o primogênito do faraó, o herdeiro do seu trono, até o primogênito da escrava que gira a mó do moinho, e até os primogênitos do gado. Então haverá, em toda a terra do Egito, tamanho grito de aflição como nunca se ouviu, nem jamais se ouvirá. 7. Mas contra os israelitas nem mesmo um cão latirá, nem contra as pessoas, nem contra os animais, para que saibais que o SENHOR faz distinção entre egípcios e israelitas".
(Êxodo 11,4-7)

Desta vez, então, pela via de um Corona, que é vírus, o Senhor estaria fazendo incursão nos humanos, de um modo geral; justamente esses humanos que, estando, ou não, em estado de egito, que é o estado de escravidão humana, de carne humana, de músculos humanos, de nervos humanos, de ossos humanos, de imaginação humana e de memória humana, podem receber a visita dessa (nova?) incursão? Aos que, justos, e aos que, infiéis, todos, não se sabe quantos e quem, pode ser vítima dessa incursão, ontem, hoje e sempre dos tempos que têm fim? Mas será isso obra mesmo do Senhor, ou seja, daquele que tudo pode? Sendo amor, e disso não se pode afastar para escurecer, para obscurecer e menoscabar, com um milímetro sequer de propósito, sempre nos invadiu a desconfiança de que não foi o Senhor, aquele que tudo pode, quem assim agiu, senão um agente do mal, que tem em seu sentido pura e simplesmente o engano e o sacrifício perverso. Porventura, teria sido aquele mesmo Senhor quem, nus, após a queda, Adão e Eva, os teria encoberto com uma roupa de couro?, couro que é, sabidamente, produto animal e se é uso de vestimenta, é de animal morto, de animal sacrificado? O Deus-amor teria sido o autor desse sacrifício? Não. Nem foi aquele que tudo pode quem se afeiçãoou da oferta de sangue de Abel e desprezou os frutos da terra de Caim. Nem foi aquele que tudo pode quem exigiu sacrifício de Abraão, o de matar a seu próprio filho, Isaque; foi, sim, neste caso de Abraão, o Deus Moloc, precisamente aquele que apreciava sacrifícios humanos em seus cultos. Nem foi aquele que tudo pode quem exigiu a morte em crucificação de um nazareno. Nem que tenhamos a respeito, como assim muitos apressadamente interpretam, uns ditos proféticos de Isaías, falando em feridas e em pisaduras e falando de homem moído por um querer sádico, seu, ou seja, daquele que tudo pode (v. Capítulo 53). Sacrifício sem caráter de perversidade, mas de puríssima auto-humilhação, de húmus, homem, admitindo-se aninhar-se nele homem-carne, nele homem-músculo, nele homem-nervos, nele homem-ossos, nele homem-imaginação, nele homem-memória, Deus conosco, tudo, tudo, tudo por amor, por amor e por amor, só mesmo da parte da essência-estática-central, daquele que tudo pode; com um sacrifício espontâneo, querido, a despeito de sacrifício ser. Porque um estado belicoso, no céu, ainda sem tempo existir, ainda sem princípio, move-o ao *Fiat Lux* e a outros alguns *fiats*, mas ao homem, no princípio já principiado,

foi com um *Façamos* de uma trindade que se o fez. E a estranha concessão ao decaído, aquele perdedor de uma guerra, no céu, compreende-se na órbita do amor de sua essência, por permitir que fosse aquele decaído precipitado na terra, a mesma terra de que foi feito o homem. Portanto, o imensurável amor é justamente o daquele que diz e permite o cumprimento de uma promessa: a de poder haver calcanhares feridos, mas havendo maior poder em quem consegue ferir a cabeça de quem só consegue ferir calcanhares. Estes poderes, tanto um como o outro, não estão na carne, mas esta carne pode ser veículo, tanto de quem fere calcanhares, como de quem fere a cabeça de quem fere calcanhares, justa e precisamente os que, na condição de *Eus-abraâmicos*, têm-se como saídos de sua terra e de sua parentela, amando a Deus de todo o entendimento, estes que são os judeus, não importa a situação geográfica onde possam estar, aqui ou alhures. Então, essa pátria abraâmica, uma constituição de Eus saídos da terra e da parentela, embora, por amor, estando na carne, nos músculos, nos nervos, nos ossos, na imaginação, na memória, são os protegidos de Deus, mesmo que o Corona dessa novel incursão do anjo do mal recaia sobre esses justos, nunca enquanto na indimensão de espírito, em espírito, por espírito, de ambivalente consórcio com aquele que tudo pode, mas no veículo, que é o de menos - a carne, os nervos, os músculos, os ossos, a imaginação, a memória; que o Corona possa até mesmo sufocá-los, asfixiá-los, que isto jamais pode ser obra da mão de essência, de centro e de condição estática daquele que tudo pode, mas sim de quem só pode mesmo ferir calcanhares e terminar preso, porque teve a sua cabeça esmagada. O nazareno, que saiu de sua terra e de sua parentela, é judeu, da nação abraâmica, que abrange todos os confins da terra, esta mesma terra que continua habitada por quem apenas fere calcanhares, porém, preso por aquele nazareno, veículo daquele que tudo pode e que se antecipou ao fim escatológico, vencendo o mundo, em espírito, por espírito, por espírito. Então, Corona vir (us) em espírito, nunca.

44.

COMO PODE SER ISSO?

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Apocalipse, Capítulo 6, versículos 9-11 "Quando abriu o quinto selo, vi debaixo do altar aqueles que tinham sido imolados por causa da Palavra de Deus e do testemunho que tinham dado. 10. Gritaram com voz forte: "Senhor santo e verdadeiro, até quando tardarás em fazer justiça, vingando o nosso sangue contra os habitantes da terra? 11. Então, cada um deles recebeu uma veste branca e foi-lhes dito que esperassem mais um pouco de tempo, até se completar o número dos seus companheiros e irmãos, que iriam ser mortos como eles"

Como Deus abrigaria tanto ressentimento assim de tantos sofredores, de martirizados? Isso é conduta contraposta a amor, que é Deus; Deus é amor (1ª João, 4, 7-8). E não cabe ressentimento no amor. Por isso, aqueles que, na visão em referência, foram vistos sob o altar, altar esse que não é de céu, mas de terra mesmo, aqueles então como os citados ou os que serão iguais a eles, no porvir, estarão sempre a reclamar a Deus, por sua demora em lhes conferir justiça. Pois não consta em registro nenhum que tal cobrança tenha sido atendida. Eles permanecem então com a reclamação; apenas recompensados com uma vestimenta branca, como diz o texto epigrafado. Claro, muito claro que o cenário onde eclode a cobrança não pode ser ambiente do céu, mas da terra. Pois a visão foi permitida a um vivo da terra, João Evangelista, morador na ilha de Patmos. Foi uma visão, sim, mas uma visão permitida a quem ainda da terra, João, visão permitida por quem já no céu, com o nome de Cordeiro. O Cordeiro, céu, permitiu a João, na terra, por meio do seu anjo, o anjo do Cordeiro, que, na terra, debaixo do altar, fossem vistos por João esses que se diziam injustiçados. E a justiça por que esperavam continua tardando, ainda. Os que guardaram a Palavra clamavam que fosse o sangue deles vingado contra os habitantes da terra. Ora, e nada disso se concilia com amor. A visão vista por João, homem com vida, com os pés no chão, pulmão respirando, coração batendo, essa visão se passava no céu ou na terra? O Cordeiro que abriu o selo estava no céu ou na terra? E o altar, ponto de encontro do homem com Deus, onde inclusive se tem a mesa de sacrifício, será que era no céu ou na terra? Então, esse altar seria de Deus ou do diabo? É que qualquer morto que assim o seja, mesmo que vítimas de martírios por defenderem a Palavra, não falam. Os mortos dormem. E, por isso, não falam. A não ser de modo enganoso, como, aliás, Saul teria falado com Samuel, este já estando morto (I Samuel, 28, 3-20). Então, a própria visão de João Evangelista teria sido apenas de seus enganosos olhos de carne? Como pode ser isso?

45.

SÓ APRENDER BASTA?

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Aprende de mim (Mateus, 11,28) - basta? Ou mesmo, a vontade prevalecente, que é sempre a de Deus-Pai, casa-se à do homem-carne que simplesmente diz que veio a Jesus e dele aprendeu? Mas só o aprender de Jesus não se iguala ao *efetivo-integrar-se-do-eu-à-Divindade* com o *“amar-de-todo-o-coração-e-de-todo-o-entendimento”* e o *“amar-a-si-próprio”* como preliminar necessária ao *“amar-ao-seu-igual”*. A propósito do que se questionou, é possível chegar a tal questão por situar-se em zona limítrofe, esta que sempre e sempre se exhibe perigosa, sempre friccional, pois advinda de eus resididos em carnes de *“iniciandos”* e, por isso mesmo, ainda submissos a ondas que ora conduzem a espiritualidade (para mais) ou ora conduzem a espiritualidade (para menos), mui diferente dos *“iniciados”*, estes verdadeiramente completos e íntegros em termos de *“eternidade”* e em *“infinidade”*. Os *“iniciandos”* tateiam o *“terreno”* da espiritualidade. O *“iniciado”* é Cristo, como Cristo, por ser Deus, assumiu-se, integrando-se, de modo tal que *“infinizou”* e *“eternizou”* o eu residido na carne de um galileu. Foi a vontade de Deus, não a vontade de carne daquele galileu e foi a vontade do Cristo, não a vontade de carne daquele galileu que operaram, de forma que, *“eterno-e-infinito-Deus”*, *“eterno-e-infinito-Cristo”*, resultou na *“não-corrupção”* de uma carne. Deus é amor, Cristo é amor, ambos, necessária e substancialmente, eternos, infinitos. Eles não são *“crucificáveis”*. *“Crucificável”* é a carne. E, no caso do galileu, por vontade de Deus, por vontade de Cristo, vencera o mundo, mundo *“transitório-periférico-acidental”*, quando ainda, para a carne, esta vivia, esta tinha vida, coração batendo, não sendo a *“bio-morte”* dele quem assim operou a tal vitória, pois a carne para nada aproveitada (João, capítulo 6, versículo 63), mas a *“morte”* das ilusões do mundo, por vontade de Deus, por vontade de Cristo. O sacrifício é de Deus, se auto-consentindo a humilhação de ser; não por decepção ante o mal advindo de quem, no Céu, o assistia. Vencedor o Cristo, que é também Deus, contra aquele angelical assistente, em guerra celeste, Deus, sozinho, se auto-consentiu em humilhação, ao criar o mundo, por amor, processo iniciado no *“Fiat-lux-espiritual”* e culminado com o homem criado, já neste passo, em comunhão com o Cristo e com o Santo Espírito. Quem foi derrotado, no Céu, e precipitado, no princípio, ao mundo criado, Lúcifer, agora Satanás, não persistiu em decepcionar a Deus investindo em astúcia de plano de matéria, mas de espírito, contra o eu. E o eu na carne de quem formado de barro, e do osso de uma costela, também barro, somos todos os que nos encontramos ao redor de um primeiro jardim do qual foram e permanecem expulsos os desobedientes eus. O embate das tentações, no deserto interior, protagonizado pelo tentador e o eu agasalhado na carne do galileu, deu-se em espírito. Nunca esquecer que, após o batismo físico em água, no Jordão, em espírito de formato de pomba, uma voz ecoou dizendo ser o batizado seu amado Filho, o Cristo, e este é que deverá ser escutado, em espírito. E, em espírito, foi conduzido ao seu deserto interior onde encarou as tentações, vencendo-as, em espírito. Nesse embate, que para a carne, durou dias, quarenta, não se fala em fome daquela carne veículo do eu que se pretendia contestar. A batalha era em espírito; o tentador querendo demonstrar que aquele eu era desobediente e era todo seu. Eu que se manteve na Palavra, como bastante e suficiente, para vencer, como venceu, ante as tais tentações. Só que o tentador não saíra, ainda, vencido de todo. Na alegoria de um famoso escritor, cabe lembrar que, no episódio de carne em que um homem foi colocado numa cruz, o terrível tentador, vitorioso, nessa dimensão de carne,

apenas, carregou consigo, numa tijela misteriosa, o sangue que escorria daquele que estava na cruz. Mas, por certo, ele não carregou consigo o fruto espiritual, pois este, antes daquele epílogo de sangue, já e sempre se perpetuava no eterno e no infinito de quem saboreia a obediência plena perante Deus, perante Cristo: *“Não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai”*. O coitado tentador levou pouco - o sangue - e, assim, numa imagem de mundo, ficou de rabo preso por aquele eu. É o que nos resta, ainda de perigo, como perigo foi para a carne, mesmo resgatada, mas, em termos de mundo, sofrida de um sacrifício de sangue, não sentido, porque já vencido o mundo, em eternidade e infinidade, mas de vestígios evidentes e espetaculares para um século que continua até a chegada do seu fim e que os homens, cegos, põem na conta de vitória daquela carne como protetora para uma salvação, que lástima. Essa mesma realidade de carne, que ora tecla neste *tablet*, Doriel, reconhece que tem buscado apenas aprender, mas reconhece também que não lhe basta, não lhe é suficiente. Vivo enquanto carne nessa fricção própria aos *“iniciandos”*, quanto mais também me arrasto ao profano dos capitais defeitos em natureza de um intelectualivo conhecer, este da serpente tortuosa do bem e do mal. Então, o que passa do *“vencer-o-mundo-em-morte-das-ilusões-do-mundo”*, forçando a prosseguir adiante até uma cruz de madeira, por um querer seu, nunca de Deus, pleno amor, alia-se e faz sorridente o tentador, ainda que este se encontre preso pelo eu habitado na carne de um galileu. Como sendo, então, a responsabilidade individual, cada um de per si, resta mais do que aprender de Jesus, resta que o eu em mim e o eu em ti, leitor, recebam a graça de Deus e de Cristo, o Filho, pelo Consolador, o Santo Espírito, tornando cumpridas as promessas: (Ezequiel 36,25-27) *“Derramarei sobre vós água pura e sereis purificados. Eu vos purificarei de todas as impurezas e de todos os ídolos. Eu vos darei um coração novo e porei em vós um espírito novo. Removerei de vosso corpo o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei em vós o meu espírito e farei com que andeis segundo minhas leis e cuideis de observar os meus preceitos”*. (Ezequiel 37,1-10) *“A mão do Senhor estava sobre mim, e o Senhor me levou em espírito para fora e me deixou no meio de uma planície repleta de ossos. Fez-me circular no meio dos ossos em todas as direções. Vi que havia muitíssimos ossos sobre a planície e estavam bem ressequidos. Ele me perguntou: ‘Filho do homem, estes ossos poderão reviver?’ E eu respondi: ‘Senhor Deus, és tu que sabes!’ E ele me disse: ‘Profetiza sobre estes ossos e dize-lhes: Ossos ressequidos, ouvi a palavra do Senhor! Assim diz o Senhor Deus a estes ossos: Vou infundir-vos, eu mesmo, um espírito para que revivais. Eu vos darei nervos, farei crescer carne e estenderei por cima a pele. Porei em vós um espírito para que revivais. Então sabereis que eu sou o Senhor’. Profetizei conforme me fora ordenado. Enquanto eu profetizava, ouviu-se primeiro um rumor, e logo um estrondo, quando os ossos se aproximaram uns dos outros. Eu olhei e vi nervos e carne crescendo sobre eles e, por cima, a pele que se estendia. Mas faltava-lhes o sopro de vida. Ele me disse: ‘Profetiza para o espírito, profetiza, filho do homem! Dirás ao espírito: Assim diz o Senhor Deus: Vem, ó espírito, dos quatro ventos, soprar sobre estes mortos para que eles possam reviver!’ Profetizei conforme me fora ordenado, e o espírito entrou neles. Eles reviveram e se puseram de pé qual imenso exército”*. Essas promessas deixaram de sê-las (promessas) para o eu habitado no galileu, obviamente por vontade de Deus, por vontade de Cristo. E o *“consumatum est”*, para isso, e para os iniciados, é o clímax do *“não seja feita a minha, mas a tua vontade, Pai”*, no Gtesêmani e, não, no Gólgota. Uma vontade, portanto, de Deus, de Cristo. Uma vontade de quem é amor. E por ser uma vontade de quem é amor não compreende o espetáculo horroroso de dois pedaços de madeira que se cruzam, com sangue a escorrer. Os que, *“iniciandos”*, em processo de fricção, elastecem-se até esse estágio de sangue estão além do que poderiam e deveriam aprender de Jesus. E assim abandonam a espera de Deus, intuitiva, para palmilhar o plano espinhoso dos homens, da vontade destes, olvidando a paciente espera pelas promessas de Deus acima já epigrafadas, e que, por isso, aqui não precisam mais de repetição. Vinde a mim, então, pura e simplesmente não basta. E dizer que se aprendeu de Jesus o sofrimento horrível por que passou, porque assim dizia a escritura, Isaías, por exemplo, no

capítulo 53, livro de mesmo nome, ou pela própria boca de Jesus, segundo evangelistas, pelo que chamam previsões da paixão, depois a instituição da eucaristia, na verdade um memorial apenas, tomando corpo como pão e sangue como vinho, isso tudo como fruto de desvirtuamento que na onda de uma fricção da carne de um Paulo, terminou, de perseguidor, em “*auto-alegado-defensor*”, mas de uma realidade de cruz, lamentavelmente, mostra, enfim, que a verdadeira paixão foi deste Paulo e de todos nós, como ele, “*iniciandos*”, pois o eu habitado na carne do galileu, eterno e infinito, tem por vencido o mundo mesmo com o seu coração de carne ainda batendo, mas Paulo e cada um de nós, ainda não - sabe-o Deus, sabe-o Cristo.

46.

A ESPERANÇA JÁ É, ...NO INFINITO E NO ETERNO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O sistema montado, sempre em vigor, aqui e alhures, ante o qual todos se ajustam (inclusive quem ora escreve estas desalinhavadas linhas, também se ajusta), um sistema como que um alçapão, como algo chamativo, atrativo, é justamente “a praia”, quando não “a praia” de uns que representam *herode(s)* ou a de uns que representam *pilato(s)*, dominantes, e seus respectivos dominados, quando não - vínhamos dizendo - “a praia” daqueles referidos mandantes, “a praia” de pretensiosos *aná(s)* e de igualmente pretensiosos *caifaz(s)*, pseudos dominantes e cegos dominados, todos, sem exceção, submetidos e esperançosos por um julgamento, no caso dos *herode(s)* e dos *pilato(s)*, como buscadores tenazes de poder e de nele poder poderem se perpetuar; no caso dos *aná(s)* e dos *caifaz(s)*, como buscadores de um céu, de um paraíso, de um nirvana, nenhum deles, entretanto, com chaves que, a partir destas, por si sós, possam chegar ao “*que mais importa*”; e, neste “*que mais importa*”, presumem apenas viverem, e vivem, intensamente, coitados, à espera daqueles julgamentos, quando a esperança de um estado de infinitude e de eternidade não se subordina a um aqui ou a um ali, a um ontem ou a um hoje ou a um amanhã. O infinito não é, como não é a eternidade. E estes não dependem senão de si próprios, por serem autônomos. Certo é o infinito, “*sem limites*”; certa é a eternidade, “*sem fim*”, não cabendo, em relação a eles, um ontem, um hoje ou um amanhã, nem para *herode(s)* e *pilato(s)*, nem para *aná(s)* e *caifaz(s)*. Infinito não deixa de ser infinito. Eternidade não deixa de ser eternidade. Neles, embora o “*sem limites*” e o “*sem fim*”, respectivo, nada é que aproveita. E esse aproveitamento em nada, nunca, em face da “perifericidade”, da “*dinamicidade*”, da “*acidentalidade*” de um mundo criado, em nada - vínhamos também dizendo - perde a Divindade, infinita e eterna, em termos de “*centralidade*”, de “*estaticidade*”, de “*essencialidade*”, características suas, próprias, intrínsecas. Portanto, o sistema montado, enganoso, deixa, a todos, a expectativa de que o algo de bom e de recompensa lhes aconteça, como prêmio, quando o infinito e o eterno, embora mesmo sem se ressentirem de epifania (*ex-istência*), não deixam jamais de sê-los, como são, sem serem... Então, o “*antes que Abraão fosse, eu sou*”, como enfatizado por um famoso galileu, arrasta para a verdade do infinito e do eterno; não à verdade de uma frase de efeito, qual a que diz “*conhece tu a verdade e ela te libertará*”, com homens e mulheres a se julgarem vitoriosos em suas carnes, justificados! “*A vida é luta renhida; viver é lutar*” - um dizer de poeta - é contraposto à verdade, pois o mundo, embora nunca possível se prescindir dele, não se destaca com uma autonomia de viver por si próprio. Trata-se, nada mais, que o “*periférico-dinâmico-acidental*”, aquele que se acaba com a consumação do século, contudo sem comportar esperança dessa e para essa consumação. O “*consumatum est*” não é operante ou operável, mas operado. É nele que tentações não passam de algo objetivado. É nele que o eu, atemporal, sujeita-se, vitorioso, àquelas tentações, não sendo caso de chegar nem de sair a um “*sem limite*” e a um “*sem fim*”. Assim não fora, seria admitir-se um infinito, “*sem limite*” e um eterno, “*sem fim*” em condições: ora pleno, ora fatiado, ora incompleto, ora completo. A carne do homem da caverna, o mais remoto, e a de um ser nascido de mulher, de hoje, desalinham-se de um estado de esperança a que todos se prendem, ante à verdade do puro infinito, da pura eternidade. Portanto, à margem do mundo dos *herode(s)* e dos *pilato(s)*, dos *aná(s)* e dos *caifaz(s)*, império de ilusões, bem (viram?) veem! os olhos de carne de um galileu, mas veem em espírito, de espírito, por

espírito, pelos olhos de espírito - enfatiza-se - veem aqueles olhos, por meio da mencionada via, não o ontem, não o hoje e não o amanhã de um infinito, “*sem limite*” e de um eterno, “*sem fim*”. Aquele cenário de um tempo que se diz passado, no qual um personagem tenha proferido aquela frase, de modo constante e imodificável, este infinitiza e eterniza o “*sem limite*”, o “*sem fim*” que lhe ressalta a “*centralidade*”, a “*estaticidade*”, a “*essencialidade*”, como tanto assim ressalta também os ouvidos dos que o (ouviram?) ouvem! e recepcionam e os dos que o (ouviram?) ouvem! e não recepcionam. Dir-se-á, pois, quão lamentosos são os ontens, os hoje, os amanhã, aos de espírito de um eu que vive a morte e da morte das ilusões do mundo, mesmo sem dele fugir, ou seja, mesmo que os seus veículos de carne permaneçam com os pés no chão de um mundo. Estes são os crísticos e, não, os cristãos, sendo estes os aproveitadores de uma morte vicária e, aqueles, os mortos da morte das ilusões do mundo e ressurrectos, pela exclusiva vontade da Divindade, em espírito e por espírito. Estes são os descendentes de Abraão, por terem saído da terra e da sua parentela, portanto, sempre na busca de um Messias e, por isso mesmo, permanentemente em marcha, por vontade de Javé. Estes são os filhos de Alá, por se terem submetido ao que não é, em espírito, por vontade de Alá. Estes são os que se põem à entrega de meditação de viver como a saírem do corpo, seja por Brahma, seja por Buda. Esses eus jamais podem ter por veículo os que se postam como *herode(s)*, como *pilato(s)* e muito menos os que se creditam como salvadores, seja como os *aná(s)*, seja como os *caifaz(s)*. Todos, como dominantes, ou mesmo como dominados. Enquanto em suas passagens, no mundo, a sua passagem particular, a sua páscoa, iludem-se nelas. E o poder de mando, dos *herode(s)* e dos *pilato(s)*, e o crédito salvador que se imprimem, coitados, os *aná(s)* e os *caifaz(s)*, os fazem cegos, na carne do mundo, que, enfim, não produz alterações para o mal, jamais, a ponto de ao menos poder fissurar o “*centro-estático-essencial*” da Divindade, infinita, eterna. Então, se é eu operado, é infinito, “*sem limite*”, é eterno, “*sem fim*”, não havendo lugar para se esperar por esperanças; outro tanto se diga em relação a inoperados eus. Tudo isso por uma vontade nunca simplesmente humana, mas como de recuperação, por Justiça, da glória da Divindade, ante a concessão, por amor, de sua passageira (para o mundo) ingloria, no mundo que criou e que nele consentiu, sempre por amor, ante uma desobediência, ficasse a rodeá-lo aquele... todos sabem quem seja e aqui se dispensa de nominá-lo; e temos, enfim, o fecho de uma feliz desesperança... assim é que é!

47.

PODER EM ESPÍRITO E PODER EM TREVAS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Veja-se a fortaleza espiritual, não a aparente fortaleza espírita, em Jesus, mostrada na Bíblia de um novo e um antigo testamento: Mateus 4, 4 correspondendo a Deuteronomio 8,3 - “nem só de pão vive o homem”; Mateus, 4, 7 correspondendo a Deuteronomio 6, 16 - “Não tentarás o Senhor, teu Deus”; e Mateus, 4, 10 correspondendo a Deuteronomio 10, 20 - “Adorarás ao Senhor, teu Deus”.

Realmente, Jesus, em espírito, de espírito, por espírito, sem fome, porque em *indimensão* de eterno, de infinito, como Filho amado que compraz o Senhor, infinitizou e eternizou o estado que corresponde a Getsêmani, embora, para os que o esperavam, o tempo foi de 40 dias e de 40 noites, quando teve fome, só após esses marcos temporais, para os que o esperavam, insiste-se em assim afirmar, porque, em carne, continuou, por três anos de um público Ministério, com presença física, no limite de um tempo e de um espaço, três anos, mas residido do Eu que venceu o mundo, quando ainda vivo, nisso consistindo a ressurreição, com o seu ápice em Getsêmani e no túmulo vazio e nunca como decorrência do Gólgota; este ação humana, aquele, a Graça de Deus. Por isso que pôde, não, por isso que pode, sim, porque, desse Poder, ele não se esgota jamais, pode desbancar a satanás, este, assim, coitado, com inicial minúscula mesmo, e o Nazareno não em seu lado puramente humano, mas no de espírito, em espírito, por espírito, que nem lado é, guardou e manteve no nível divino a palavra escrita que se vê em Deuteronomio, e que lhe bastou para desbancar aquele coitado.

Logo, foi em espírito, de espírito, por espírito que a obediência do Getsêmani operou o Poder divino de superar a satanás, assim com inicial minúscula, de desprezo mas de muito cuidado, de nossa parte, carne fraca, residência de Eu que se assume no Eu-Espírito, em Jesus, nunca numa cruz que lhe tenha sido imposta criminosamente, onde morte de carne é o de menos, ante a morte de ilusão do mundo, ilusão essa que é a festa de satanás, o coitado caído, ante o Eu-Espírito em Jesus, mas...nos fustiga ele a fraqueza da carne, todos os dias e todas as horas... todo o cuidado é pouco, com a fé de espírito, em espírito, por espírito, nunca com a fé só de carne... cuidado!!!

Aquele leão que ruga, para nós, nunca, nunca, jamais para o Nazareno, preso para este, mas, enquanto, para nós, vivendo sempre a rodear a Terra, Terra que é mundo onde repousa o Maligno, sempre se afugenta, “rabinho-posto-entre-as-pernas” da decepção de ver que, “com-os-de-Jesus”, por vontade exclusiva do Pai, em espírito, de espírito, por espírito, ele não pode mesmo, coitado! É figura de preso, e nada mais.

48.

***NINGUÉM ME ENTENDA - É PERIGOSO;
MAS INTUIR O QUE FICOU DITO, NÃO***

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Não me fale em inveja, que esta não me bate à porta, nem tenha o atrevimento de lhe ultrapassar o batente, ou seja, o batente dessa porta. Bem seguro o digo que ser espírita é viver mergulhado no ser, no que existe de um mundo, mundo que é o derredor de um jardim (Éden), onde todos passamos a viver, expulsos. O pecado da desobediência é o que cada ser nascido de mulher carrega consigo. Somos esses ambulantes feitos de carne, de músculos, de nervos, de ossos, carregando, no íntimo mais íntimo de um altar divino, o espírito, que é o Deus em cada um de nós, beato ou facinora seja, ele ou ela, agente do bem ou do mal seja, ele ou ela, igualmente. Acercar-se de uma inabalável certeza de que se é um ele, sendo o seu ele quem apronta, quem reúne qualidades e poderes, que arrebatava, que ilude - é escravizar-se ao ser, coitado, com limite limitado ao limite deste mundo. E este é o limite do espírita, seja enquanto religioso, seja enquanto filósofo, seja enquanto cientista. Muito além dele, um além não submetido a medições e a constatações, a espiritualidade não é, porque sem dimensão de tempo e de espaço. *Infinitiza* o infinito e eterniza o eterno, cada vez que se aprofunda, aprofunda?, como?! se espírito não tem dimensão! Ora, espírito não é e, então, acerca de espírito só se pode falar em *indimensão* - esta uma palavra que induz, por si mesma, a inexistência. Espírito e espiritualidade..., é preciso bem intuir; aquele, o *indimensional* e esta uma gradação não de carne, nem de músculos, nem de nervos, nem de ossos; a gradação é a do resgate do eu fraquejado em face da fraqueza dessa carne, desses músculos, desses nervos, desses ossos, a partir, para a espiritualidade, e, não, para o espírito, a partir - vínhamos dizendo - do episódio da desobediência, no Éden, seguida, como se sabe, da promessa de que nem calcanhares nem cabeça se deixem ferir, mas feridos, sim, calcanhares e cabeça de anjo decaído, por um Eu residido em carne, em nervos, em músculos, em ossos, todos ambulantes, em terra dos judeus, e *infinitizados* e *eternizados* por uma obediência não contraposta, mas de centro-estática-essencial - de Deus. Essa trina condição de atributo intui-se em espírito, de espírito, por espírito, ganhando espiritualidade, mas espiritismo, não, que é tão somente limite e marca deste mundo, onde jaz o maligno. Nem por isso se há de desprezar o espírita e o espiritismo. Aquele Eu obediente, enquanto telúrico, na carne, nos músculos, nos nervos, nos ossos, fez-se contagiar com o espírita e o espiritismo, na medida em que, em público ministério de misericórdia e de amor, preferiu se aproximar destes por serem doentes de mundo e de maligno. Oxalá prevaleça a visão de quem não vê com olhos de carne, e se deixe resgatar para o “não-mais-mundo”, para o espírito, de espírito, por espírito, no grau de espiritualidade que a graça de Deus há de permitir, sempre; por vontade exclusiva Dele, em espírito, de espírito, por espírito - não custa repetir - incidente no Eu residido em mim e no Eu residido em você também, leitor. Enfim, ninguém me entenda - é perigoso; mas intuir o que ficou dito, não...

49.

A RESSURREIÇÃO É DO EU*(Para iniciandos e iniciandos, letras mortas para profanos)*

Em Mateus, Cap. 22, v. 30, onde se diz que os ressuscitados serão como anjos, quem é o sujeito? O sujeito é o Eu, isto se operando, sim, com a Sua morte (a morte do Eu) para as ilusões do mundo, morte essa mediante a qual, em infinito e eterno não-ser, conjuga-se o Eu com o Divino, via o *crístico* em Cristo, e vice-versa. Não é a carne, nem os ossos, nem os músculos, nem os nervos, no plano do ser, do mundo, quem, mortos, ressuscitam e se tornam como anjos. Bem certo é que a promessa profetizada fala efetivamente de carne e de ossos, e de nervos e de músculos, tal como se infere em Ezequiel, Cap. 37, vs. 1-10 e que, enfim, do Nazareno, não se tem referência tumular. Mas não se duvide do poder Divino, via o *crístico* em Cristo, pois o advérbio “não” direcionado à carne, aos ossos, aos nervos, aos músculos é uma negação que sobretudo lhes obstaculiza a primazia, pois não há uma ressurreição verdadeira deles apenas; há, sim, preliminar e necessariamente, a ressurreição do Eu; do Eu no meu mim, do Eu em ti, leitor. Esse Eu é que ressurgue como um anjo, bem se possa assim intuir, nesse Eu em mim e nesse Eu em ti, leitor, Eu sem fim (eternamente) e Eu sem limites (infinitamente) - o Divino, via o *crístico* em Cristo é sempre bom, para assim operar! E condição, para isso, na visão de mundo, é a morte das ilusões desse mesmo mundo, ou seja, Ele, o Eu, morrendo a morte de tais ilusões, por uma vontade Divina, via o *crístico* em Cristo. Não há como se ter essa morte exclusivamente pela carne, e nem pelos ossos, e nem pelos nervos, e nem pelos músculos. Estes morrem a morte biológica, a *bio-morte*. O que o profeta quis deixar transparecer é que, quando o Eu morre a morte das ilusões do mundo, isto somente ocorre com e pela vontade do Divino, via o *crístico* em Cristo, além de se operar com reflexo aos olhos de carne de uma carne, de ossos, de músculos, de nervos. Operada uma morte tal, pelo Eu, opera-se, como consequência, o efeito reflexivo na matéria do mundo, com visão de mundo, como assim aconteceu com o Eu residido na carne do Galileu famoso, que se pôde antecipar ao escatológico (o fim do século), de modo tal que se Lhe não há como indicar referência tumular. E a todo e a qualquer Eu, no veículo de carne, desde que tenha, necessariamente, o Divino, via o *crístico* em Cristo, querendo-o morto para as ilusões do mundo, aquele veículo de carne passa, inevitavelmente, pelo processo de revitalização, com ossos que se mexem, com ossos que se revestem, obviamente esse mexer e essa revitalização sendo nada, se não contarem com o sopro do que lhes pode dar vida, o sopro do Espírito, do Divino, via o *crístico* em Cristo, que só pode vir da parte do Divino, via o *crístico* em Cristo. Isso é fundamental à condição angélica dos ressuscitados, ressuscitados do bem e para o bem, pois o mexer de ossos e a revitalização da carne apenas ilude olhos de carne, porque olhos de espírito somente eles podem “ver” e “sentir” em espírito, de espírito, por espírito a tal condição angelical dos ressuscitados, do bem e para o bem, proclamada pelo Divino, via o *crístico* em Cristo no Jesus de carne, quando este Jesus de carne ainda vivia entre os seus contemporâneos e quando assim proclamou a saduceus; saduceus, estes, como se sabe, que eram judeus integrantes de corrente religiosa que descrevia absolutamente na ressurreição. E um deles quis apanhar o Nazareno em contradição (v. Mateus, Cap. 22, vs. 23-33). No texto e no contexto desta passagem evangélica, se tem que, consoante a lei e o costume da época de Jesus, numa sociedade à qual interessava a existência de um sucessor ao patrimônio de um morto, a pergunta do saduceu sobre sete irmãos que morreram todos, sem deixar filhos e cada um, a seu tempo, pela

ordem de idade, casando, por obrigação legal e costumeira, com a mesma mulher do primeiro, morrendo esta, com qual dos homens apareceria ela casada, no céu, com a ressurreição? - esta foi a pergunta do saduceu. E quão categórica foi a resposta do Mestre Nazareno: *“Estais errados. Não compreendeis a Escritura, nem o poder de Deus. Na ressurreição não haverá homens e mulheres casando-se, mas serão como anjos no céu. E quanto à ressurreição dos mortos, não lestes o que Deus vos disse: ‘Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó’? Ele é Deus não de mortos, mas de vivos”*. A propósito, ainda há uns poucos dias, assisti ao depoimento de uma pessoa, dizendo que, na ressurreição, estaria, no céu, bem casada com o seu amado. Ora, esta é uma teimosia que advém da força de uma influência de carne, de quem despreza a visão de espírito, em espírito, por espírito, aliás, esta que é bem perceptível na promessa do profeta, insisto em dizer, pois o seu relato, se ele começa com a matéria, referindo-se a ossos que se movem e que se recobrem de carne, de músculos, de nervos, termina enfatizando o sopro do espírito, ou seja, aquele que só se opera por vontade Divina, via o *crístico* em Cristo. Mas bem melhor é a transcrição integral de Ezequiel, Cap. 37, vs. 1-10: *“A mão do Senhor estava sobre mim, e o Senhor me levou em espírito para fora e me deixou no meio de uma planície repleta de ossos. Fez-me circular no meio dos ossos em todas as direções. Vi que havia muitíssimos ossos sobre a planície e estavam bem ressequidos. Ele me perguntou: ‘Filho do homem, estes ossos poderão reviver?’ E eu respondi: ‘Senhor Deus, és tu que sabes!’ E ele me disse: ‘Profetiza sobre estes ossos e dize-lhes: Ossos ressequidos, ouvi a palavra do Senhor! Assim diz o Senhor Deus a estes ossos: Vou infundir-vos, eu mesmo, um espírito para que revivais. Eu vos darei nervos, farei crescer carne e estenderei por cima a pele. Porei em vós um espírito para que revivais. Então sabereis que eu sou o Senhor”*. Profetizei conforme me fora ordenado. Enquanto eu profetizava, ouviu-se primeiro um rumor, e logo um estrondo, quando os ossos se aproximaram uns dos outros. Eu olhei e vi nervos e carne crescendo sobre eles e, por cima, a pele que se estendia. Mas faltava-lhes o sopro de vida. Ele me disse: *“Profetiza para o espírito, profetiza, filho do homem! Dirás ao espírito: Assim diz o Senhor Deus: Vem, ó espírito, dos quatro ventos, soprar sobre estes mortos para que eles possam reviver!”* Profetizei conforme me fora ordenado, e o espírito entrou neles. Eles reviveram e se puseram de pé qual imenso exército.” Assim, leitor, não queiras tu ser como um anjo, recolhe-te a uma pequenez de carne, que és. Ser como anjo, após a ressurreição, só mesmo por vontade do Divino, via o *crístico* em Cristo que pode operar no Eu que tu serves de veículo para Ele, e nada mais do que isso. O resgate que há de ser feito desse Eu em ti, leitor, somente há de ser da parte do Divino, via o *crístico* em Cristo. O profeta bem o disse assim para que ninguém se engane: o espírito, sem intervenção dele, nada se opera, primeiramente na “indimensão” do espírito, operando-se, por Ele, a ressurreição do Eu. Por ser pertinente, transcrevo, a seguir, entre colchetes, todo o conteúdo da Primeira Epístola aos Coríntios, do Apóstolo Paulo, em seu Cap. 15: *[Irmãos, quero lembrar-vos o evangelho que vos anunciei e que recebestes, e no qual estais firmes. Por ele sois salvos, se o estais guardando tal qual ele vos foi anunciado. A menos que tenhais abraçado a fé em vão... De fato, eu vos transmiti, antes de tudo, o que eu mesmo tinha recebido, a saber: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e, ao terceiro dia, foi ressuscitado, segundo as Escrituras; apareceu a Cefas e, depois aos Doze. Mais tarde, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez. Destes, a maioria ainda vive e alguns já morreram. Depois, apareceu a Tiago; depois, a todos os apóstolos; por último, apareceu também a mim, que sou como um aborto. Pois eu sou o menor dos apóstolos, nem mereço o nome de apóstolo, pois eu persegui a Igreja de Deus. É pela graça de Deus que sou o que sou. E a graça que ele reservou para mim não foi estéril; a prova é que tenho trabalhado mais que todos eles, não propriamente eu, mas a graça de Deus comigo. Em resumo, é isso que tanto eu como eles temos pregado e é essa a fé que abraçastes. Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como podem alguns dentre vós dizer que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, então Cristo não ressuscitou. E se Cristo não*

ressuscitou, a nossa pregação é sem fundamento, e sem fundamento também é a vossa fé. Se os mortos não ressuscitam, estaríamos testemunhando contra Deus que ele ressuscitou Cristo enquanto, de fato, ele não o teria ressuscitado. Pois, se os mortos não ressuscitam, então Cristo também não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, a vossa fé não tem nenhum valor e ainda estais nos vossos pecados. Então, também pereceram os que morreram em Cristo. Se é só para esta vida que pusemos a nossa esperança em Cristo, somos, dentre todos os homens, os mais dignos de compaixão. Mas, na realidade, Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram. Com efeito, por um homem veio a morte e é também por um homem que vem a ressurreição dos mortos. Como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos serão vivificados. Cada qual, porém, na sua própria categoria: como primícias, Cristo; depois, os que pertencem a Cristo, por ocasião da sua vinda. A seguir, será o fim, quando ele entregar a realeza a seu Deus e Pai, depois de destruir todo principado e toda autoridade e poder. Pois é preciso que ele reine, até que Deus ponha todos os seus inimigos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. Com efeito, Deus pôs tudo debaixo de seus pés. Ora, quando ele disser: "Tudo está submetido", isso evidentemente não inclui Aquele que lhe submeteu todas as coisas; mas quando tudo lhe estiver submetido, então o próprio Filho se submeterá Àquele que lhe submeteu todas as coisas, para que Deus seja tudo em todos. Se não fosse assim, o que pretenderiam aqueles que se fazem batizar em favor dos mortos? Se os mortos absolutamente não ressuscitam, por que então fazer-se batizar em favor deles? Por que, também, nos exporíamos a tantos perigos? "Diariamente, corro risco de vida, tão certo, irmãos, quanto vós sois a minha glória no Cristo Jesus, nosso Senhor. Se foi por motivos humanos que, em Éfeso, lutei contra as feras, o que teria ganho com isso? Se os mortos não ressuscitam, "comamos e bebamos, pois amanhã morreremos". Não vos deixeis seduzir: "As más companhias corrompem os bons costumes". Voltai a viver na sobriedade, como se deve, e não pequeis mais. Pois, alguns de vós continuam em total ignorância sobre Deus: isso eu vos digo para vossa vergonha. Mas, dirá alguém, em que forma é que os mortos vão ressuscitar? Com qual corpo voltarão? Insensato! Aquilo que semeias morre primeiro e só depois é vivificado; e o que semeias não é a planta já desenvolvida - como será mais tarde -, mas um simples grão, digamos, de trigo ou de qualquer outro cereal; e, de acordo com sua vontade, Deus dá um corpo a esse grão, como dá a cada uma das sementes o seu corpo particular. Nem toda a carne é a mesma: uma é a carne dos humanos, outra é a dos animais, outra a carne das aves, outra a dos peixes; há corpos celestes e corpos terrestres; um é o brilho dos celestes, outro o brilho dos terrestres; um é o brilho do sol, outro o brilho da lua e outro o brilho das estrelas; e até de uma estrela para outra há diferença de brilho. Coisa semelhante acontece com a ressurreição dos mortos: semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado na humilhação, ressuscita na glória; semeado na fraqueza total, ressuscita no maior dinamismo; semeia-se um corpo só com vida natural, ressuscita um corpo espiritual. Se existe corpo só com vida natural, existe também corpo espiritual. É como está escrito: o primeiro homem, Adão, foi "um ser natural, dotado de vida"; o último Adão é um ser espiritual e que dá vida. Veio primeiro, não o ser espiritual, mas o natural; depois é que veio o espiritual. O primeiro homem, formado da terra, era terrestre; o segundo homem veio do céu. Qual foi o homem terrestre, tais são os terrestres; e qual é o homem celeste, tais serão os celestes. E como já trouxemos a imagem do terrestre, traremos também a imagem do celeste "Irmãos, eis o que quero dizer: a carne e o sangue não podem receber de herança o reino de Deus, nem a corrupção receber de herança a incorruptibilidade. Vou ainda revelar-vos um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados. Num instante, num piscar de olhos, ao soar da trombeta final - pois a trombeta soará -, não só os mortos ressuscitarão incorruptíveis, mas nós também seremos transformados. Pois é preciso que este ser corruptível se vista de incorruptibilidade e este ser mortal se vista de imortalidade. E quando este ser corruptível estiver vestido de incorruptibilidade e este ser mortal estiver vestido de imortalidade, então estará

cumprida a palavra da Escritura: “A morte foi tragada pela vitória; onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão?” Ora, o aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei. Graças sejam dadas a Deus que nos dá a vitória por Nosso Senhor, Jesus Cristo. Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis, progredindo sempre na obra do Senhor; certos de que vossas fadigas não são em vão no Senhor]. Portanto, não são os ossos, carne, nervos, músculos que se tornam incorruptíveis, mas o Eu, e, como reflexo, aos olhos de carne, o semeado corruptível, a esses olhos de carne lhe não alcançam a ressurreição incorruptível, esta que é da parte do Eu; Eu que apenas sofreu influência da carne, mas jamais passível de corruptibilidade. Essa ressurreição incorruptível é aquela da conformação como de anjo, dita pela boca de uma carne, veículo de Eu vencedor, por haver suplantado tentações, nele, refletidas na sua carne, por haver amado ao Divino, via o *crístico* em Cristo, em espírito, de espírito, por espírito e refletido, nele, o poder terapeuta, em atos cometidos, não alcançados, jamais, pelo poder de carne de ninguém, nem mesmo da carne que lhe serviu como veículo. Cumpre, a esta altura das presentes considerações, dizer, e bem lembrar, que, em termos de ressurreição, são duas as que se podem operar: a do justo e a do pecador. Diz o Apóstolo João Evangelista, no Cap. 5, 21-30, *"Assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá a vida, o Filho também dá a vida a quem ele quer. Na verdade, o Pai não julga ninguém, mas deu ao Filho o poder de julgar, para que todos honrem o Filho assim como honram o Pai. Quem não honra o Filho, também não honra o Pai que o enviou. Em verdade, em verdade, vos digo: quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou possui a vida eterna e não vai a julgamento, mas passou da morte para a vida. Em verdade, em verdade, vos digo: vem a hora, e é agora, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão. Pois assim como o Pai possui a vida em si mesmo, do mesmo modo concedeu ao Filho possuir a vida em si mesmo. Além disso, deu-lhe o poder de julgar, pois ele é o Filho do Homem. Não fiquéis admirados com isso, pois vem a hora em que todos os que estão nos túmulos ouvirão sua voz, e sairão. Aqueles que fizeram o bem ressuscitarão para a vida; e aqueles que praticaram o mal, para a condenação. Eu não posso fazer nada por mim mesmo. Julgo segundo o que eu escuto, e o meu julgamento é justo, porque procuro fazer não a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou"*. Então, quem é o sujeito ao se dizer ter alguém vida eterna e, por isso, não vai a julgamento nenhum? É o Eu! Quando Este se desgarrar das influências de carne, Ele, segundo a vontade do Divino, via o *crístico* em Cristo, alia-Se à conformação de eterno e de infinito, de Divino, via o *crístico* em Cristo, e já assim não tem como e porque haver subjugação Sua a julgamento. É como uma viagem direta, sem escala. Há, pois, duas classes de mortos: a dos Eus que morrem a morte das ilusões do mundo e a dos que não morrem essa morte. Esses são os que, apesar da vontade do Divino, via o *crístico* em Cristo, ainda assim resistem às influências da carne. Só para estes é que há julgamento, por parte de Cristo, com a aquiescência do Divino. Então, verdadeiramente, a ressurreição é do Eu.

50.

O QUE SOMOS, REALMENTE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Não é o Divino em mim nem o Divino em ti, leitor, quem se assume, em consciência hominal, para que possa ser dito “isso” ou “aquilo”, seja sobre o sagrado, seja sobre o profano; não posso garantir-me, nem te podes garantir, também, leitor, nem mesmo quando, contrito, em oração, eu digo: “Pai nosso que estás nos Céus...” ou quando dizes, leitor, a outrem: “Vá às favas”. Tudo quanto digo e sou e tudo quanto dizes e és é mundo, é daqui deste mundo, de entre nossos pés e a nossa cabeça, influenciados por diversos chacras corporais, a saber: “1 - o Muladhara, que é o chacra básico. Conhecido pela cor vermelha e localizado na base da espinha dorsal, e que é responsável pela região da pélvis, pernas e órgãos reprodutores. É por meio deste chacra que se faz a conexão com o mundo terreno. 2 - O chacra swadhisthana corresponde à cor laranja. É o chacra sacro, como também é conhecido, e que fica localizado na região do umbigo e é responsável pelas ações, ideias e poder pessoal. Além disso, uma vez equilibrado, tem o poder do amor e está diretamente ligado ao sistema reprodutivo. 3 - O manipura ou chacra do plexo solar está localizado na região do diafragma. Esse chacra corresponde à cor amarela e é responsável pelo poder e vontades do ser humano, ou seja, da personalidade de cada um e é nele que o ego se encontra. Também é com ele que as pessoas têm a capacidade de dominar sobre sentimentos como a tristeza. 4 - O anahata também é o chacra cardíaco. Relacionado à cor verde e localizado na região do coração, é conhecido como um dos pontos energéticos mais poderosos do corpo humano, já que é por ele que também se conectam o lado físico e espiritual. É responsável pelos sentimentos e emoções e coordena os movimentos da zona do peito e braços. 5 - O vishuddha, também conhecido como laríngeo e relacionado à cor azul, é o chacra do pescoço ou garganta. Ele é responsável pelas expressões humanas. É por meio dele que se exteriorizam os pensamentos e sentimentos, por isso corresponde à vocalização e à comunicação. 6 - O ajna, ou chacra frontal, corresponde à cor índigo e é responsável pela mente e intuição. Localizado na região das sobrancelhas, é associado ao terceiro olho, ou seja, à visão, capacidade intuitiva e imaginação. 7 - O sahasrara está localizado no topo da cabeça e corresponde à cor violeta. Ele é considerado o mais importante entre os chacras, já que faz a ligação entre os restantes dos pontos energéticos, além do ser humano com o divino e o universo. É por meio dele que podem ser captadas as energias espirituais”. São esses os sete chacras, os de menor e os de maior e de melhor capacidade (vide internet: <https://namu.com.br/portal/corpo-mente/yoga/os-principais-chacras-e-suas-funcoes/>). Então, eu e tu, tu e eu, leitor, somos almas viventes, somos pó, tornados húmus, férteis; daí, homem, aquele que é fértil (e mulheres, quando for o caso), todos resultantes de alguém de um tempo em que, enquanto casal, eram protegidos com o selo de inocência, num jardim de delícias. O Divino em mim e o Divino em ti, leitor, é mais (ou mesmo não comporta se falar em intensidade acerca Dele), é mais - vinha eu dizendo - do que vivente-alma, porque esse vivente, que é pó, associa-se ao sopro que lhe dá ânimo, alma, que seria imortal, a depender de uma obediência, mas esta não se operou no primeiro jardim e se instalou nos homens (e mulheres) e instalado continua até a consumação deste século, quem? quem instalado continua?, o mal, logo se responde, como fruto do ato de desobedecer e por conviverem, todos os homens, todas as mulheres, intrinsecamente, no grandioso derredor do primeiro jardim, com o anjo caído, sim, com ele mesmo, precipitado que fora ele à terra, após a batalha que travou no Céu, com Miguel, e a perdeu, todos sabemos (Apocalipse,

Capítulo 12, 7-9; Jó, 1, 7; Primeira Epístola de João, 5, 19, parte final; e Primeira Epístola de Pedro, 5, 8), de sorte que não existe exceção nenhuma, para todos quantos nascidos de mulher, pois carregam consigo, em sua carne, a companhia daquele mal, e não há orações nem rezas dirigidas ao Divino que isso impeça, ante a realidade de carne, e de ossos, e de músculos, e de nervos, e de sentidos (audição, visão, paladar, olfato, tato), e de imaginação e de memória. Digo assim, e não estou sozinho, neste dizer. É o algo intrínseco, maléfico, que faz parte desse nosso ser, dessa nossa conformação de seres bípedes, mamíferos, pensantes, perscrutadores naturais de conhecimento intelectual, tendo, como base, o alimento instintivo de sua própria preservação, enquanto espécie. No seu ser natural desenvolvem-se as naturais influências de chacras, como os acima explicados e explicitados. Ressalto, por necessidade de clareza, que a referência a espírito, no chacra 4, e a referência a divino e a espírito, no chacra 7, não implica a relação necessária homem/divino/espírito ou divino/espírito/homem, não passando de mera presunção essas referências feitas por aqueles que nutrem essa intimidade, quando, em verdade, não passam de verdadeiros “*anás*” ou “*caifaz*”, na senda pretendida como religiosa, ou “*herodes*” ou “*pilatos*”, na senda dos que, dominantes ou dominados, assumem a exploração de seus iguais, uns com os outros, pelos outros. E a ajuda de que disponho para assim dizer e me manifestar sobre o mal incrustado na carne do homem é a companhia do homem chamado Paulo, dito e proclamado Apóstolo dos Gentios, bastando que eu leia para quem ora me ler a seguinte passagem da sua Epístola aos Romanos, capítulo 7, versículos 14-25, concitando, para tanto, a quem ora me lê, para que abra bem os ouvidos: “*Sabemos que a Lei é espiritual; eu, porém, sou carnal, vendido ao pecado como escravo. De fato, não entendo o que faço, pois não faço o que quero, mas o que detesto. Ora, se faço o que não quero, estou concordando que a Lei é boa. No caso, já não sou eu que estou agindo, mas sim o pecado que habita em mim. De fato, estou ciente de que o bem não habita em mim, isto é, na minha carne. Pois querer o bem está ao meu alcance, não, porém, realizá-lo. Não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero. Ora, se faço aquilo que não quero, então já não sou eu que estou agindo, mas o pecado que habita em mim. Portanto, descubro em mim esta lei: quando quero fazer o bem, é o mal que se me apresenta. Como homem interior, ponho toda a minha satisfação na Lei de Deus; mas sinto em meus membros outra lei, que luta contra a lei de minha mente e me aprisiona na lei do pecado, que está nos meus membros. Infeliz que eu sou! Quem me libertará deste corpo de morte? Graças sejam dadas a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. Em suma: pela minha mente sirvo à Lei de Deus, mas pela carne sirvo à lei do pecado*”. Portanto, o Divino, em mim, e em ti, leitor, sabe-O o próprio Divino, e mais ninguém: quando Ele quer; como Ele quer; quanto Ele quer; por onde Ele quer. O *Kirie Eleison*, por exemplo, como pedido dessa parte fraca, nossa, de carne, de músculos, de nervos, de ossos, é vão. De nada vale, para o Divino. Nada opera. Quietos, nessa nossa pequenez, não resta nem nada aguardar, pois o que vier, da parte de Divino, não será para o pó, esse pó que o somos, mas para o Eu (eita, agora entra quem importa!), esse Eu que sofreu da influência da carne, que assistiu a e que assistiu à queda do Eu-homem, ao desobedecer, restando comprometido em face da influência de um pó resguardado com selo de proteção, mas passível das consequências de uma liberdade de um arbítrio livre. Pois o ato de desobedecer foi de uma gravidade enorme e essa gravidade enorme tornou aquele casal que era distinguido por um selo de proteção como seres nus, dando-se conta disso, porém sem incômodo algum; pois, antes da desobediência, nus naturalmente já eram, mas se não davam conta disso, como vergonha. A desobediência fez com que se lhes abrissem os olhos para uma ciência, a ciência do conhecimento do bem e do mal, ambos, esse bem e esse mal, não, mas só o mal limitado ao mundo, sem cunho de eternidade, sem cunho de infinitude, já que o bem só pode ser da parte do Eu-Espírito. E passaram a se sentir nus. E ontem e hoje e sempre, até que se consuma este século fomos/somos/seremos essa realidade. E o Divino, onde está? (eita, que chego agora ao que interessa!) Mas, coitada dessa minha realidade que se atreve a uma pergunta desta ordem. Esse é “departamento” em que a carne se

recolhe pálida e tímida e acanhada, melhor lhe sendo que fique calada, na sua insignificância. Nesse particular, que não é particular, por ser centro-estático-essencial, nem mesmo ideia de movimento se lhe há de atribuir, pois se trata de eterno (daquilo que é sempre) e de infinito (daquilo que não tem limites). Então, o Eu, nunca confundido com o eu-personal, este grávido, como sempre, de desejos humanos, então o Eu - vinha dizendo - é a via única do Divino, pelo Divino e para o Divino, por uma vontade única e exclusiva Deste, nunca por uma vontade humana. Assim é que foi a vontade Divina, no Eu residido em Abrão, que fez com que ele saísse da terra que era (terra) e saísse também de sua parentela, tornando-se Abraão, ao recepcionar a promessa Divina; assim é que foi pela vontade divina que o Eu em Sarai, já tornada Sara, recebeu a notícia de uma descendência no Eu em Isaque, a se tornar tão numerosa quanto as estrelas do Céu, pouco importando a sua infertilidade e o seu marido, Abraão, já ser adiantado em anos; assim é que foi a vontade Divina que se mostrou ao Eu residido em Moisés, de dentro do fogo que queimava uma sarça, enquanto esta se não consumia; assim é que foi a vontade Divina que no Eu residido em Jonas fê-lo decidir-se pela ordem Dela; assim é que foi a vontade Divina perante o Eu residente em Maria que O fez anunciado e Ele tornado escravo do Senhor; assim é que foi a vontade Divina que tomou o Eu residido na carne de um jovem Galileu e lhe mostrou o caminho do Divino e O fez obediente à Sua vontade, à vontade Divina. E podia eu citar um “rosário” de outras intervenções Divinas, puramente Divinas, no substrato Divino que, por amor, o Divino Se humilhou em permitir que o pó, tornado alma vivente com o sopro Divino, aninhasse o sem-ser (o Eu) no ser, ou seja, no elemento de carne, e de ossos, e de músculos, e de nervos, e de sentidos (audição, visão, olfato, paladar, tato), e de imaginação, e de memória. Como é isso?..., deixo-me ficar e permanecer assim, pequeno, raquítico, uma verdadeira torre de papel, sendo seara onde esses adjetivos, esse conceito e outros aspectos negativos mais não permitem ao ser pensante homem se intrometer. O que se sabe, e não seja o ser pensante, intelectual, o homem, a carne, seus ossos, seus nervos, seus músculos, seus sentidos, sua imaginação, sua memória, quem deva guardar consigo esse saber, mas o Eu, não o eu-personal, mas o Eu, o Eu-Espírito, aninhado no veículo de carne, de ossos, de nervos, de músculos, de sentidos, de imaginação e de memória; Este quem, unicamente, possa receber do Divino a manifestação que Ele Divino assim queira, como queira, quanto queira, quando queira, circunstâncias estas evidentemente não para Ele, eterno, infinito, mas para o homem como veículo daquele Eu em si que Se não pode confundir com o eu-personal, muito menos com a sua carne, perdoe-me, leitor, a insistência. Então, num panorama como o até aqui traçado, o Divino vem sendo assaltado, porque Ele não é via de mão dupla, o homem em direção Ele, Ele em direção ao homem. Bem se entenda, a relação é de via dupla, sim, mas do Eu com o Divino e o Divino com o Eu. Logo, aquele, aquele, não, não, este, este homem carne, e aponto logo para mim, pois o sou, e agradecido sou às forças e influências do meu natural, esforçando-me, nelas, para amenizar o mal que está em mim mesmo, com os recursos próprios e necessariamente com Cristo Jesus tido por seta a seguir, como se um pacto com quem é em mim, o mal, inevitavelmente, para que possa afugentar-me do seu caminho. Enquanto isso, o Eu cujo veículo é a minha carne não briga com o meu natural; briga, sim, se procuro afugentar-me do mal, o próprio mal não mais com a minha carne, mas com o Eu, no caso de este traspassar a fraqueza de que ficou como alvo, a fraqueza de carne e sucumbiu, e desobedeceu; preferiu se acolitar do mal do anjo caído, perdedor da guerra no céu, depois precipitado à terra e, depois transformado em serpente falante, aquela do episódio do Éden, todos conhecem. Nesse “departamento” de briga entre o anjo caído e o Eu em mim, e o Eu em ti, leitor, fuja o homem de intrometer-se, porque já lhe basta o tentar se livrar do mal que é em si mesmo. Isto basta para que se opere o cenário de luta entre o anjo caído e o Eu. É claro que, nessa briga, o amor Divino, de tão grande, de tão misericordioso, ofereceu ao Eu uma arma de vantagem, a daquela promessa entre quem só pode ferir calcanhares e quem pode ferir cabeça (Gênesis, 3, 15). E é o Eu, sem dúvida, quem fere cabeça, cabeça do anjo caído, efetivamente, como o fez o Eu em Jesus de Nazaré,

tornado Cristo Jesus ou Jesus Cristo, como se queira colocar. Portanto, cesse o homem-carne do pretensioso papel de representar o Divino aqui na Terra; nem como sacerdote nos sacrifícios de carneiros e novilhos e rolas, como se fazia, nem no papel de representar sacrifício em sangue e em carne, por vinho e pão, respectivamente. Isso é ridículo, isso é arte do anjo caído, sobretudo no aspecto vicário de uma morte, isto pertencendo apenas a plano de homem, nunca a plano do Divino, e vivemos todos, neste mundo, submetidos, mergulhados nessa onda pretensiosa, em que se trata acerca de Divino, com organizações poderosas, que alimentam um sem-número de bem intencionados para o sistema, quando, acerca do que presumem tratar, só o Divino e só Ele é Quem pode intervir, quando quer, como quer, onde quer, para a dimensão humana essas circunstâncias, obviamente, pois Divino não Se restringe a quando, a como e a onde. Deixemos que o Divino Se manifeste, sem necessidade de súplicas e de rezas e de orações. Oração, que seja como a das presentes linhas, escritas por quem tem vontade humana, este pobre escriba, mas, sem dúvida, o Divino, o Divino, o Divino Ele já tem feito tanto, tanto, tanto, como no caso do Eu em Jesus de Nazaré, e Ele é bom e pode Se direcionar, por vontade exclusiva Dele, para o Eu em ti, leitor, sem precisar que peças e implores. O que há de ser pedido, implorado, suplicado, no limite limitado deste mundo, onde o mal, nele mundo, e em carne, minha e tua, leitor, com pontos de excelência e receptores e de trânsito possível é o do bom funcionamento dos chacras, daqueles chacras, mencionados linhas atrás; neles, sim, a possibilidade como de um armistício a ser celebrado com o anjo caído, para uma vida de paz, de sossego e de progresso, sem necessidade, para isso, que se saia de terra e de parentela, pois essas exigências recaíram no Eu em Abrão, e aí, então, já é seara onde se não pode navegar em vontade humana, mas exclusivamente na vontade do Divino. Armistício, bom é que se previna, sem passar por nenhuma ideia ou execução de negra magia, mas seguindo as ternas lições do mestre Divino, segundo as bem-aventuranças do Sermão do Monte e as educativas e profundas lições constantes de tantas e tantas parábolas. Assim é que é. E, ante uma tal realidade, que aponta para o que somos, realmente, sem pretensões humanas, o amor ao Divino com exclusividade a ele Divino há de ser sempre do Eu, que tem por veículo a minha, como a tua carne, também, leitor, que, de fraca, por si mesma, não tem como exercitar esse amor, não passando, ao isso tentar exhibir, de meras pretensões, como as já anunciadas, ao se falar em “anás” ou “caifaz”, em “herodes” ou “pilatos”. A estratégia então é contrapô-la (a estratégia) à do anjo caído, sem olvidar que ele, enquanto mundo, exerce influência de mal, em mim e em ti, leitor, inevitavelmente. Mas essa condição inevitável, mesmo com o intelectualismo, próprio do mal de sua serpente, no seu serpentear altamente perigoso, uma vez acossado pelas luzes das bem-aventuranças e pelas lições das parábolas, resulta de certa forma concessiva em Lhe provocar a luta contra o Eu, como já operada (essa luta) com o Eu em Jesus de Nazaré, Eu plenamente vencedor ao ultrapassar tentações, no deserto, e ao, enfim, num jardim contraposto ao jardim do Éden, o jardim de Gtsêmani, ter-se, consoante a vontade exclusiva do Divino, ajustado a Ele, ajuste esse consubstanciado na famosa frase “não seja feita a minha, mas a tua vontade, Divino”, com isto Se afastando, em definitivo, das ilusões do mundo, morrendo para elas, ainda como vivo que vive a vida abundante e que Lhe tem por veículo, nunca numa morte de cruz, obra de homem e de anjo caído, verdadeiro quadro horrível deste mundo, totalmente contraposto ao puríssimo amor do Divino. Anotar e sublinhar, pois, que nada de puramente humano funciona nesta batalha, mas tudo se passa entre um Eu e o anjo caído, como, enfim, há de ser também no Armagedom... E, então, nem a minha, nem a tua, leitor, nem a carne de pastores, de padres, de bispos, de cardeais, de papas (do mundo cristão), nem a carne de swamis (da religião hindu), nem a carne de rabinos (no judaísmo), nem a carne dos imãs (na religião islâmica), nem a carne de espíritas, nem a carne de pais de santo, nem a carne de confucionistas etc. pode ir além da realidade do mundo onde se insere; deixe-se o Divino com o Eu ou o Eu com o Divino, Eles se acertam com o anjo caído (e ganham), como já aconteceu com o Eu em Jesus de Nazaré; o mais importante é saber que se tantas intervenções do Divino já houve, por

certo outras haverá. Mas não posso com vontade puramente humana querê-
Las para mim; quem sabe o Eu no meu mim e o Eu em ti, leitor, possam ser os próximos privilegiados pelo Divino? Isto, entretanto, sem nunca intervir um pingão de vontade minha, humana, não custa persistir em dizer, e disso me abster, sempre!

51.

BENDITA ESTRATÉGIA

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Enquanto vivendo nesta terra, onde o anjo caído a vive rodeando (Jó, 1, 7), rugindo como um leão (Primeira Epístola de Pedro, 5, 8), prudente é o homem que estabelece, pelo conhecimento intelectual, uma trégua, com deposição de armas, sem perder a necessária vigilância, para uma vida segura, confortável, próspera, mantendo-se na terra, com sua parentela; esta é a linha de vida, na terra, do melhor dos mundos possível. E esse é um lado a que se não pode fugir, decorrente do processo de encarnação, esta que é base de residência do Eu. E é nesse Eu, por vontade exclusiva de Deus, que se opera a ressurreição de uma morte - a morte da ilusão do mundo, abrindo porta, que é obstáculo para o Eu, que, por vontade de Deus, deixa de lado as influências de carne e propicia o aconchego desse Eu com o Eu-Crístico e a Divindade, em processo integrativo, intuitivo, em ressurreição do Eu. Nesse ponto, apesar do tratado de paz e de suspensão de todas as armas entre a carne e o anjo caído, o Eu no homem prudente e o tal anjo entram em guerra, em que aquele somente pode atingir até os calcanhares, enquanto o Eu pode atingir a cabeça daquele anjo. Ver bem: atingir o calcanhar, seja o da carne, no homem-pó, seja no Eu nele residido, é provocar o desequilíbrio tendente à persistência de uma queda, semelhante à ocorrida no Éden; mas ferir a cabeça é, por promessa, o poder que detém o Eu, e assim ele o faz e torna, para si, prisioneiro, aquele anjo, tudo isso nunca por uma vontade e experiência de carne, mas no plano do espírito, em espírito, por espírito, de Deus, por sua vontade única, exclusiva. Quando o Eu entra nesse processo de ressurreição, aquele pacto de deposição de armas vai tornando possível que o homem prudente se transforme em homem que procura sair de sua terra e de sua parentela, a exemplo do que ocorreu com Abraão, que creu na promessa e lhe foi imputada justiça, justiça de homem ligado ao Senhor, aquele que tudo pode. Eleito, então, é isso, é esse homem, por estar em processo de saída, saída da terra e da parentela, o que decepciona o anjo caído, mas aí a sua guerra deixa de ser com a carne, no mundo, para ser com o Eu; e, nessa guerra, ele sempre perde, porque o máximo que ele pode fazer é ferir calcanhares, enquanto o Eu lhe pode ferir a cabeça; e fere, sempre. Ferir cabeça é retirar poder, é nulificar, mesmo que vivo continue, porém preso; cabeça ferida, e preso, até a consumação deste século. O “coisa ruim” agora que se acerte com o Eu, tudo por vontade de Deus. O homem, mesmo nesse processo de saída da terra e da parentela, não há de guardar em si presunção nenhuma de que é alvo de graça. Sim, porque de mérito é que é pior, quando se sabe que Deus não é merecível. Ele é gratuito. Portanto, a presunção que o possa se fazer sentir capaz, por si mesmo, conduz, na linha civil de relações humanas, à proeminência dos Herodes e dos Pilatos, os sempre aprisionadores dos homens; conduz, na linha de religiosidade, à proeminência dos Anás e dos Caifaz, os pretensiosos aprisionadores de Deus; pretensiosos, porque de pretensão não passam jamais, pois, finitos, os homens não passam mesmo de pretensiosos aprisionadores de Deus, coitados!; já de aprisionadores de homens, o mundo anda cheio, com dominantes e dominados em performances várias e eficazes, onde quer que se vá, onde quer que se esteja. Então, os eleitos, como assim se costuma chamar os judeus, estes, onde quer que nasçam, na China, no Polo Norte, na Austrália, no Congo, em João Pessoa, eles se classificam como saídos de parentela e de terra, são, pois, abraâmicos, e, então, são tidos e havidos como povo eleito, de Deus, não havendo diáspora que os descaracterize, desde que

permaneçam saídos da terra e de sua parentela. Mas o que é saídos da terra e de sua parentela? É o equivalente ao que disse Jesus, “Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs (parentela), e ainda também a sua própria vida (a terra), não pode ser meu discípulo.” - Lucas 14:26. Há-se de sair da terra. Não uma saída literal, como a compreendida em sair Abrão de Ur, na Caldeia, e ir para outra terra, a de Canaã, passando, com isso, a se chamar Abraão. Isso é muito isoladamente geográfico. Sair da terra é desapegar-se do ter, das posses, das tradições, tornando-se a uma vida livre, de liberdades e farturas de leite e de mel, simbolicamente falando. Assim, todos quantos, judeus, árabes, brasileiros, ingleses, americanos, congoleses, pessoenses que saem da terra e de sua parentela são verdadeiros discípulos de Jesus, desapegam-se da terra e da família, para amarem a Deus de todo o entendimento e ao próximo como a si mesmos. Vivem a vida da prosperidade que devem buscar, respeitando os limites limitados de sua carne, carne fraca, que não se liberta, por si só, das artimanhas entranhadas em si, do anjo caído (Epístola aos Romanos, 7, 19-23; 8, 7), contudo, abrindo aquela porta que desimpede o Eu de, por vontade de Deus, morrer a morte das ilusões do mundo e ressurgir com a Divindade em nova vida, eterna, infinita. Portanto em espírito, de espírito, por espírito, e em graça.

- Bendita estratégia!

52.

PODER DE DEUS, PODER DE LÚCIFER

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Qual Deus passeava na viração da tarde, no Éden (Gênesis, 3, 8), quando, caídos, Adão e Eva procuravam se esconder daquele Deus? Esse Deus seria o Senhor, “aquele que tudo pode”? Sim. E “aquele que tudo pode” e que é Senhor é o que fez a promessa, logo em seguida à queda do mencionado casal (Gênesis, 3, 15): *“porei inimizade entre a mulher e a serpente; esta e sua descendência ferirão calcanhares; aquela e sua descendência ferirão a cabeça de quem só pode ferir calcanhares”*. Já aquele Deus, não como “Senhor que tudo pode”, mas enquanto com caráter de zeloso - o de reflexo -, e que, por isso, visita, inapelavelmente, como uma decorrência inafastável, a iniquidade dos pais nos filhos (Êxodo, 20, 5), não é o Deus que visitou a Adão e a Eva, na viração da tarde, quando estes achavam-se caídos, e fez a mencionada promessa - perdão por tantas insistentes repetições feitas e ainda por fazer; é ele, o da visita das iniquidades dos pais nos filhos, precisamente, pasmem!, quem, por um agente do mal, agente esse presente no mundo criado como um precipitado do Céu à Terra, é ele - começávamos dizendo - quem viu matarem o animal de cuja pele se serviu para cobrir a nudez do casal... Já o Deus, “Senhor que tudo pode”, é Deus, no aspecto de ter Misericórdia (Êxodo, 20, 6), para com cada caído, por causa de iniquidades dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração dos que o aborrecem. Portanto, não pode ter sido o Deus de amor, “aquele que tudo pode”, o autor da crueldade consistente em matar um animal, um Cordeiro, ali em pleno Jardim de Delícias, onde havia, além de Deus, Adão e Eva, e ofertar a pele do dito animal, como roupa, para cobrir a nudez de quem pecou, pela desobediência. Sim o zeloso, como decorrência - o de reflexo -, é fruto e consequência dos próprios desobedientes, que iniciaram a sequência de iniquidades dos pais nos filhos, até a consumação do século; como é decorrência, também e sobretudo, do anjo caído, perdedor da guerra, no Céu, e que permanece este como um precipitado, na Terra, por ação de Deus, “aquele que tudo pode”, que, em seu infinito e eterno amor, não comportaria punir a ninguém, mesmo que se tratasse de um anjo decaído. No mesmo passo, o amor de Deus, “aquele que tudo pode”, consistente em conceder liberdade no arbítrio, ao homem, torna este homem livre, sim, numa decisão sua, dele homem, para dizer “sim”, para dizer “não”. Nesse homem, que é pó (Gênesis, 2, 7), mas como decorrência do pecado - cujo salário, segundo a Epístola aos Romanos, 6, 23, é a morte -, sobre ele incide essa decorrência do tipo da escolha: obediência, Paraíso, Nirvana, Céu; desobediência, ciclo interminável, mas até a consumação do século, de iniquidade e iniquidades dos pais nos filhos, inevitavelmente visitada pelo caráter zeloso de Deus, como decorrência - insiste-se em dizer - mas o que é Deus de verdade, “aquele que tudo pode” o é, sim, aquele que confere misericórdia até a terceira e quarta geração dos que o aborrecem. Portanto, foi o Deus zeloso, o da decorrência, por meio de agentes, seja o da soberba (Lúcifer), no Céu (Ezequiel, 28, 17), seja o do engano, como falante-serpente, na Terra, quem teria assistido a e teria assistido à morte daquele Cordeiro, nunca o Deus de amor, “aquele que tudo pode”. E aquele Deus zeloso é a parte da epifania de Deus, em a qual, sempre por amor, preferiu o “Senhor que tudo pode” precipitar o seu anjo de luz, decaído, Lúcifer e perdedor da guerra, no Céu; precipitá-lo na Terra (Apocalipse, 12, 9), onde, até que se consuma o século, permanecerá, como vem permanecendo a rodeá-la (Jó, 1, 7), rugindo como um leão (Primeira Epístola de Pedro, 5, 8). Esse lado de decorrência lá no Éden foi inicialmente o lado que assistiu a morte do Cordeiro, eufemisticamente relatada (Gênesis, 3, 21), pois o uso de peles, como roupas, pressupõe a morte de

um ser vivo, um Cordeiro, e que, muito tempo depois, enfaticamente, se registra com João, o Batista, em relação ao Nazareno, a correlação com o primeiro Cordeiro sacrificado: “Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo” (João, 1, 29); que, depois da morte do primeiro Cordeiro, como serpente falante, enganou a Eva e a Adão (Gênesis, 3, 1-6); que não levou em conta a oferta de Caim, como sendo frutos da terra (Gênesis, 4, 3); que levou em conta a oferta de Abel, consistente em primeiros cordeirinhos e a gordura de ovelhas (Gênesis, 4, 4, parte final); que levou Caim a matar a seu irmão Abel (Gênesis, 4, 8); que matou, por afogamento, em dilúvio, toda a humanidade, menos a Noé, mulher, filhos e noras (Gênesis, 7, 1-5); que promoveu a confusão na linguagem dos homens (Gênesis, 11); que levou Moisés a mandar matar mais de três mil homens a fio de espada (Êxodo 32, 27 e 28); que levou Josué a encurrular vários reis numa gruta e matá-los a todos (Josué, 10, 16-26); que levou Sansão a matar mil filisteus com uma mandíbula de jumento recém-morto (Juízes, 15,15); que também levou Sansão a se suicidar e, com ele, todos os filisteus que se encontravam na casa de festa (Juízes, 16, 28-30); que conversou com o Rei Saul, por meio de uma feiticeira, a feiticeira de En-Dor, passando-se por Samuel, quando este já havia morrido (Primeira Samuel, 28, 3 e seguintes); que exigiu cem, mas Davi entregou duzentos prepúcios de filisteus mortos, em guerra, para obter de Saul o consentimento para se casar com a sua filha Milca (Primeira Samuel, 18, 24-27); que matou, de propósito, a Urias, esposo de Betsabá, grávida de Davi, colocando-o o seu comandante, a mando de Davi, em posição de perigo de morte em batalha, tendo, como teve, morte certa (Segunda Samuel, 11, 1-25); que conduziu os homens contemporâneos de um certo divino Galileu a matá-lo em “bio-morte” violenta de cruz (Evangelhos de Mateus, capítulo 27, de Marcos, capítulo 14, de Lucas, capítulo 22 e de João, capítulo 19); que influenciou na conduta intelectual (nunca intuitiva) de Paulo (vide Epístola aos Hebreus em contraste com o Levítico), para estabelecer o episódio criminoso narrado pelos evangelistas como sendo de uma vicária-morte, por certo, desde muito antes (vários séculos), tendo-o influenciado um profeta tão propalado (Elias), ao falar acerca de homem das dores, de homem desprezado, de homem moído, de homem sofredor de pisaduras, no Livro do mesmo nome do dito profeta, capítulo 53; que fez instituírem pão e vinho (Mateus, 26, 26-28; Marcos, 14, 22-24); Lucas, 22, 17-19; João, 6, 53-56), no sentido literal, material, sacramental, como sangue e carne de um morto, mesmo que ressurrecto, em espírito, de espírito, por espírito, todos sabem quem tenha sido, na carne e, no espírito, dizendo-se, como era mesmo, “Eu sou, antes que Abraão tivesse sido”(João, 8, 58); Eu, que é o mesmo da expressão “Eu sou aquele que sou”, que falou na montanha santa, de dentro de uma sarça que ardia e se não consumia (Êxodo, 3, 14); Eu, que é o mesmo da expressão “Eu sou o pão da vida” (João, 6, 35); Eu, que é o mesmo da expressão “Eu sou o pão que desceu do Céu” (João, 6, 41); Eu, que é o mesmo da expressão “Eu sou a ressurreição e a vida” (João, 11, 25); Eu, que é o mesmo da expressão “Eu sou o bom pastor” (João, 10, 14); Eu, que é o mesmo da expressão “Eu sou a porta” (João, 10, 9) ; Eu, que é o mesmo da expressão “Eu sou a videira e vós os ramos” (João, 15, 5) etc.. Toda aquela trajetória de eventos, linhas atrás citada, ligada ao mal, com outros e tantos outros exemplos mais que o cronista se dispensa de nominá-los, é do Deus decorrente, natural, sede daquele anjo precipitado à Terra. E toda aquela sequência de mal, decorrente de efetivação inevitável de iniquidades e iniquidades de pais nos filhos, protagonizam-na todos os homens e mulheres, sem exceção, pois todos nascem com a sujeira do pecado, de modo tal que, se o filho sofre dessa decorrência, isto é próprio do caráter desse Deus zeloso, mas lhe não se imputa responsabilidade de mais pecado porventura cometido, tal como asseverado por profecias (Jeremias, 31, 29 e 30 e Ezequiel, 18, 2), de modo que se sobre ele recai iniquidade praticada pelo pai, como decorrência do caráter do Deus de que fala Êxodo 20, 5, - não custa repetir - só responde por mais pecado pela iniquidade praticada propriamente por ele mesmo, o filho, pois a responsabilidade por mais pecados cometidos é individual; a alma que pecar essa morrerá (Ezequiel, 18, 4, parte final). Ora, se já se nasce com o pecado, e se tem como salário do pecado a morte, reafirma essa morte

cada vez mais aquele que crescer pecado àquele original (pecado) de um nascimento. Ante um tal panorama, o bom de tudo, enfim, é saber (ainda bem!) já haver sido preso o anjo decaído, em definitivo, pelo Cristo-Jesus, mediante obediência deste em amor ao Pai, tendo morrido, em espírito, de espírito, por espírito, uma morte, a morte das ilusões deste mundo, vencendo-o, quando ainda lhe pulsavam as energias de um vivo da vida abundante permitida pelo Pai, tendo como porta de início as tentações vencidas no deserto e ponto culminante de *consumat est* a entrega, no *Gtesêmani*: “Não seja feita a minha vontade, Pai, mas a tua”. Entretanto... solto ainda continua aquele anjo caído para os que com o Cristo, em Eu-crístico, ainda não comungam o Céu, em espírito, de espírito, por espírito, por vontade exclusiva e necessária “daquele que tudo pode”. E nessa Terra para onde ele terminou (e continua) precipitado (Apocalipse, 12, 9) e os que são de Deus, “daquele que tudo pode” (Primeira Epístola de João, 5, 18 e 19, primeira parte), não se confundem estes com esse mundo todo, que está sob o poder do Maligno (Primeira Epístola de João, 5, 19, parte final) - eis a distinção fundamental, para mostrar o poder do anjo caído e o verdadeiro Poder de espírito, em espírito, por espírito, o de Deus, “daquele que tudo pode” e que é Misericordioso, como Pai, e que é Misericordioso como Filho e que é Misericordioso como Santo Espírito.

PODER DE DEUS, que nos venha ele..., não, não é este o formato correto e poderoso de se dizer, assim com o verbo ir no modo subjuntivo de tempo presente, mas na linguagem de Deus, inacessível à carne, “aquele que tudo pode” vem, no Eu (despersonalizado: aquele veiculado na tua carne, leitor, na do vizinho, na do parente, na carne de quem quer que seja, enfim), vem - dizíamos - em espírito, de espírito, por espírito, claro, por vontade exclusiva dele. Deus conosco em espírito, intuído. com a linguagem dele incidente no Eu, por complacente integração, em vice-versa afeição divinal, estática-central-essencial, eterna, infinita. Aliás, além daquela promessa envolvendo calcanhares e cabeça (Gênesis, 3, 15), não se há de olvidar as promessas, constantes em Ezequiel, 36, 26-28 e Ezequiel, 37, 1-10 (leiam-nas todos os dias e meditem-nas), todas feitas por “aquele que tudo pode”. Bem aventurados os olhos que as lêem e infinitizam-se e eternizam-se em espírito, de espírito, por espírito, pela vontade dele, claro!, com as tais promessas deixando de sê-las (promessas) e se tornando, em consequência, o Eu integrado à Divindade, em espírito, de espírito, por espírito. Enquanto isso, o poder que abriga o mal, capaz de cruelmente conformar-se à morte de um Cordeiro, conduziu muitos homens, por ações diretamente humanas, a fazerem de um homem nazareno como um Cordeiro sacrificado; todavia, com a justiça que, enfim, o Poder de Misericórdia, “daquele que tudo pode” reserva na exata medida do santo julgamento que seu Filho nos há de fazer a todos e a cada um dos filhos nascidos de mulher deste mundo, em *indimensão* de espírito que reside em cada um de nós - santo, beato, filantropo, infiel, facínora, impuro etc., desta e nesta Terra em que temos vida de carne, finita e vergonhosamente fraca (mas é dela de que dispomos e devemos cuidá-la com os recursos próprios e os da Ciência; uma carne de conquistas, de derrotas, de felicidades, de tristezas, de esperanças, de desesperos, de riquezas, de pobreza, de..., sempre com ele a nos fustigar - Epístola aos Romanos, 7, 19-23; 8, 7) - e onde a influência do anjo caído fez com que se escriturasse o “Buscai” - Mateus, 6, 33 e Lucas, 12, 31 - como preliminar necessária ao “tudo de bom”, constante dos versículos anteriores ao “buscai” dos respectivos capítulos, flagrantemente demonstradores de alimentos de ego, conquanto travestidos de evangélica lição..., porque o “buscai” não há e não pode ser de ato humano nenhum, pois se a “busca” é a do Reino de Deus e sua justiça, esse dito Reino, segundo João, 18, 36, não é deste mundo, então não se pode falar numa “busca” que seja da minha ou da tua vontade, leitor, mas da vontade exclusiva de Deus. E, pior, no consequente do “buscai”, fala, como acréscimo, em coisa, o que só pode se associar ao mal que cada dia representa - Mateus, 6, 34, parte final), ah..., não é dessa carne e de sua fraqueza a coroa de salvação em Cristo-Jesus ou em Jesus-Cristo; essa coroa é em Cristo-Jesus ou

em Jesus-Cristo, em espírito, de espírito, por espírito; em espírito, de espírito, por espírito; em espírito, de espírito, por espírito - assim é, assim é, assim é, e assim se deve dizer e se enfatizar, sempre, porque provado em definitivo que o mundo já foi vencido por Cristo (“*EU VENCI O MUNDO*” - *João, 16,33*), proclamação essa feita por um ser humano, quando ainda vivo, em espírito, de espírito, por espírito; não em expressão como a em que se diz assim seja, esta que é de flagrante súplica e, portanto, da seara de algo que ainda se busca, no mundo, como uma coisa, e que é própria de poder que não pode tudo...

53.

DEUS APARENTE, DEUS VERDADEIRO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

(Ex 20,5-6) "...pois eu sou o Senhor teu Deus, um Deus zeloso que visito a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração dos que me aborrecem, mas uso de misericórdia por mil gerações para com os que me amam e guardam os meus mandamentos".

Deus fez promessas, muitas. Terá sido o Deus-de-amor quem as tenha feito, a todas? Pois bem, decepcionado com o homem, deus os teria sufocado a todos, com o afogamento, por meio de um dilúvio, somente se salvando, por sua vontade, noé, sua mulher, filhos e noras e os animais que ficaram na arca, durante um dilúvio. Após esse dilúvio, ele disse que o homem jamais seria sufocado, pela água; uma promessa, pois. Há quem diga, inclusive, que noé e família, no querer desse deus, tinha o propósito de salvá-los do afogamento, para perpetuarem o real propósito desse deus, que seria o de não haver reprodução mais entre eles, inclusive entre os animais, tamanha a decepção desse deus com a sua criação. Mas, no curso do tempo, houve pestes e pestes e pestes e, agora, um vírus a que se dá o nome de corona vem sufocando, se não todos os homens, uma boa parte. Então, aquele que fizera as promessas, também teria incluído o mal desse mencionado vírus? Ora, nem foi o Deus-de-amor, o do dilúvio, e muito menos esse que anda agora sufocando com a falta de respiração ao homem. Deus-amor criou o homem e o dotou de liberdade, não o fez qual um boneco de marionete, que ele pudesse manipular. Foi aí que no amor, sempre no amor, Deus viu subtraída, à liberdade permitida, a desobediência do homem, na terra e, ainda antes do princípio, quando o tempo tempo ainda não era, o mistério do mal nasceu no coração de um anjo de luz, Lúcifer, no céu. Isso, entretanto, não abalou como não poderia abalar quem é amor: Deus. Abalou os alicerces do anjo, no céu, com o mistério do mal, na liberdade que Deus permitiu àquele anjo, e abalou também a liberdade que Deus permitiu ao homem, na terra. Ambos, pois, o anjo, no céu, e o homem, na terra, com liberdade ambos, caíram, ambos, igualmente, o que não macula de forma alguma o amor de Deus, pois amor é imaculado, senão não seria amor; daí que nem “*imaculável*” poder parecer. Há, então, que, forçosamente, realizar, seja no céu, seja na terra, o mal, apenas com a fundamental diferença: o amor de Deus, o amor que é Deus não poderia simplesmente punir o mal no céu. Entre punir e afastar, o próprio mal que não pode pertencer à essência do céu, o amor conduziu-o, mediante precipitação, à terra, resultante de sua ação de tornar algo real, o mundo, a terra. Até aqui, pois, não se fale de Deus-amor com sentido outro que não seja a sua pura essência de amor. Daí que noé nada tem a ver com esse amor. As pestes também nada podem ter com esse amor. E muito menos esse tal corona, que é vírus. Essas coisas do mal nada têm a ver com o Deus-amor ou o amor de Deus. Aquele que, por amor de Deus, após perder guerra, no céu, foi precipitado à terra, transmudado, aqui, em serpente falante, tanto fez que conduziu o homem à desobediência, Deus-amor dizendo: “não coma do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, pois assim fazendo morrerás” ou a tal serpente dizendo: “coma do fruto da árvore do conhecimento do bem e

do mal, pois assim fazendo não morrerás”. Portanto, o mal, tanto o do céu, quanto o da terra, nada têm a ver com Deus-amor ou o amor de Deus. A liberdade que o seu amor permitiu, tanto no céu, quanto na terra é expressão de amor. Então, veio a soberba, o anjo querendo ser Deus, ofuscado na luz de sua própria beleza e a guerra, que terminou perdendo. E aquele mesmo perdedor da guerra, agora na terra, transformou-se em falante serpente, fazendo o homem desobediente. Tudo, pois, como frutos de agentes do mal. E Deus-amor, embora pleni-consciente, a tudo assiste, com amor. O mal segue ganhando corpo. O querer de Deus, até aqui, permitiu que o Filho, em Espírito, amarrasse o mal originário do céu, e o amarrasse, como amarrado está, pelo Filho. E ele, portanto, não está morto. Tanto que se transforma, agora, em um vírus, em forma de coroa. E vem matando a tantos, que procuram ar e o pulmão comprometido e a respiração, em inspiração e expiração não acontecendo, e por isso vem a morte. Deus-amor não quer nem nunca quis a morte, nem a daquele jovem galileu, todos sabem quem seja este, nem a do último que expirou, vítima de covid-19. Então, teria sido o Deus-amor quem tratou com noé? Deus-amor se decepciona com o homem e o sufoca, e o afoga? Imagino o fruto não desejado, decorrente de liberdade, esta do puro amor de Deus, todo o dismantelo então dessa liberdade decorrente, seja por conta da soberba de um anjo, no céu, de seu desempenho, como farsante, na terra, e a conseqüente desobediência do homem, isso, tudo isso, o Deus de amor não faz acontecer, mas assiste a e assiste à decorrência, do natural que disso decorre, os atropelos, advindos nunca dele, Deus-amor, mas justamente por ser amor, intervindo, em Misericórdia que não sonega a ninguém, embora de efeitos de espírito, pois a visita de pais nos filhos, esta é inexorável, pertencente que é ao mundo de quem protagoniza o mal, seja o do anjo, seja o da desobediência, do homem. Pois o Deus de amor nada tem a ver com isso, com esses dismantelos, ao contrário, se derrete em Misericórdia e Misericórdia e Misericórdia, apesar das visitas dos pais nos filhos virem provocando tanta coisa ruim, como esse tal vírus que se assemelha a uma coroa... Então, o Deus zeloso é o do mal e o da misericórdia é o do amor. Aquele provoca não por culpa sua, mas por decorrência da liberdade mal usada, os males, os atropelos; este, todavia, tudo suporta em Misericórdia. Veja-se então como o mal, que ainda anda solto, menos para o Filho, é sagaz e é perigoso, porque ele se assume como Deus, na condição de zeloso, mas o Deus verdadeiro, Deus de amor é o Deus da Misericórdia.

54.

O NADA APROVEITA A CARNE*(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)*

Viver de nada fazer, quem disse que isso se me aplica? Eu confesso que nunca, nessa vida, vivi do nada fazer. E vivo. Porque o nada prevalece ante o tudo do mundo ilusório. Então, retifico e ratifico o pouco que já escrevi, até aqui. Pois o certo e indiscutível é que o nada importa mais que o tudo. Este, por ser ligado a coisas, tem o limite e finitude, consumindo-se e consumando-se, inapelavelmente, no cenário de fim e de caos, próprio das coisas que se pegam e que se sentem. O nada é que sempre prevalece, conquanto não possa ser visto pelos olhos de carne, mas incorpora, sem corpo possuir, o que é infinito e eterno, portanto que se “indimensiona” em cenário que não pode ser, onde não cabe se falar nem em presente, nem em passado, nem em futuro. Simplesmente nadifica-se em não-extensão que jamais pode guardar-se em dimensão afeita propriamente aos sentidos da carne, escrava do tempo. Nesse sentido se há de intuir que um versículo bíblico, do Livro de João Evangelista, retém essa verdade que só olhos de espírito, em espírito, de espírito podem alcançar. “A carne para nada aproveita” – João, capítulo 6, versículo 63, versículo este aqui, porém, transmutado para o sentido puro do que não é sentença, pois esta é própria de quem sente, de quem é mundo, de quem é carne. Então, o versículo verdadeiro, deveras intuído e não somente passível de uma leitura de órgão de carne, se apresenta ao espírito, de espírito por espírito assim: “O nada aproveita a carne”. Saibam, o autor consegue assim escrever o que está além da escrita, pois é fruto da intuição divina, tanto que referido versículo não se atém apenas ao nada importante, mas se eleva a consideração celestial, que demonstra, categoricamente, que “o espírito é o que dá a vida” e essas palavras ditas pelo evangelista em tela, ele as arremata dizendo, “as palavras que vos falei são Espírito e vida”. Há de se intuir propriamente, pelos olhos do espírito, em espírito, para o espírito, que Espírito, aqui, se grafa com letra inicial maiúscula, enquanto vida se grafa com letra inicial minúscula. Portanto, importância maior para o Espírito, sem vice-versa, pois Espírito invade a vida, feita de carne, de músculos, de nervos e de ossos. Não são esses que invadem o Espírito. Esses elementos dizem respeito à vida e, cada um de nós, vivos, somos os que temos a carne, os nervos, os músculos, os ossos. A vida e os vivos são e estão no tudo do mundo que a ilusão dos olhos de carne os fazem fundamentais e essenciais. Mas os olhos de espírito, em espírito, por espírito intuem, por vontade do divino, o nada do Espírito que invade a vida, os vivos e os seus elementos. O tudo, então, que arrasta para o sentido, para a importância sempre ciosa de um fundamento inevitável, se energiza de falso e cego propósito, pois se é o homem-carne quem assim avalia e quer, assim o faz tomado de um império de ilusões. Já o nada, em espírito, de espírito, por espírito, torna, por intuição, e por vontade do divino, a retirada da clausura em que o tudo se pode tomar a importância de nada, de nada prevalecente, por divina vontade, fazendo o tudo dominado em espírito, de espírito, por espírito. É, então, oportuno deixar, neste texto, de forma inteira, o versículo 63, do capítulo 6, de João Evangelista: “O Espírito é que dá a vida. A carne para nada aproveita. As palavras que vos falei são Espírito e são vida”. Sendo assim, precisa-se dizer mais palavras? Neste

versículo reside a essência entre imanente e transcendente. Este penetra aquele, mas aquele, não penetra este. E jamais, por vontade humana, seja minha, seja de papas (do mundo religioso católico), de swamis (do mundo religioso hindu), de imãs (do mundo religioso muçulmano), de rabinos (do mundo religioso judeu), de pastores (do mundo religioso protestante), de espíritas (do mundo religioso, científico, filosófico do espiritismo), de nenhum deles, mas o Espírito residido na carne de cada um deles, com a vontade do divino, faz esse mesmo Espírito atuar na carne, nos nervos, nos músculos, nos ossos e, por isso, conforma-se à promessa contida em Ezequiel, capítulo 37, versículos 1 a 10 (leiam-na e releiam-na e releiam-na sempre!), esses ossos chacoalham, batem uns nos outros, recobrem-se de músculos, de nervos, de carne, como se isso fosse o bastante. O homem, ante a sua realidade de nervos, de músculos, de carne, de ossos, é que se depara com o desafio do Espírito, isso nunca por sua vontade; é a vontade, sim, do divino, quando o Espírito atua sobre esses elementos da vida, pertencentes aos vivos dessa vida, e, então, o que era promessa deixa de sê-la, torna-se irrealidade divina, que os meus olhos de carne e os seus olhos de carne, leitor, jamais podem vê-la, pois pretensiosos são todos os homens, sem exceção, na linhagem civil, que, dominantes ou dominados, terminam quais verdadeiros pilatos ou herodes na história de seus vivos de vida ou, então, terminam quais verdadeiros anás ou caifaz, como pretensiosos aprisionadores do divino. Vivem o mundo das ilusões e os que não se classificam jamais de herodes ou de pilatos, nem de anás ou de caifaz, veem com olhos de espírito, por vontade alheia à sua, a vontade do divino, que permite, então, que sobre o tudo do mundo atue o Espírito, de espírito, em espírito, por espírito. É quando o resgate se opera, pois as verdades do mundo, provisórias, eternizam-se e se infinizam, sem que isso possa ser percebido por ninguém; e ninguém exatamente é o nada que aproveita a carne por divinos querer e poder. Longe, então, de qualquer mínima pretensão, em olhos de espírito, em espírito, por espírito, o Eu-espírito no mim desta carne e destes músculos e destes nervos e destes ossos que essa realidade diz e proclama como meus e seus, leitor, habita-lhes, reside-lhes em consentir divino, no largo do eterno e no sempre do infinito, no atestado definitivo de inexistência gloriosa com o divino. E, claro, muito claro, claríssimo, não hei de ter convicções, como sendo o autor desta sopa de letrinhas, como carne, como nervos, como músculos, como ossos, pois não me hão de assaltar nem lhes hão de assaltar como pretensões quaisquer. O Eu-espírito, invasor poderoso, cega-me, mas me põe na indimensão gloriosa que só o Eu-espírito pode intuir. Você que acaba de ler este texto, guarde-se de pretensões. Sua pequenez fique, em vão, pretensiosa. O Eu-espírito que lhe é residente, deixe-o agir, ele age sempre, no modo e momento que nem modo nem momentos são para ele, independente de vontade sua ou minha, leitor. Enfim, “o nada aproveita a carne”, isto se opera, duvidemos ou não você e eu.

55.

MERGULHO PROFUNDO EM ESPÍRITO – ASSIM É

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Começou a chorar, mas não derramava lágrimas. Era um sentimento pesado, de lamento, que lhe inculcia uma certeza de que o choro não lhe causava mal estar; pelo contrário, fazia-o convencido de que ele, o choro, era inevitável e construtivo de uma certeza de sua paz interior. Era, então, um grande privilegiado, no seu mundo interior de uma fortaleza que ele a sabia, muito bem, porém não fazia dela motivo de festa e de contentamento, como se sentisse a condição de superioridade que pudesse machucar os outros. Era disso que ele corria, que fugia, pois não lhe apetecia a condição de dominante, muito menos de dominado. Sentia-se, e mais que se sentia, vivia o vivificante tônico de um contraponto de vivo de uma vida maior do que ele. Ela, a vida, seguiria depois dele, porém, no plano da confusão para os olhos de carne, pois ele era o vivo desta vida, inteiramente desligado em desmedidas de importância da vida em si, que um dia acabará tendo o seu fim, na consumação do século, como o fim de sua condição de vivo, parece, pois fim não tem, já que sua sensação é de completude e de integridade, do panorama do sempre – do eterno e do panorama do inesgotável – do infinito. No plano de uma promessa divina, já mergulhava na condição de não-mais-promessa, porquanto cumprida efetivamente essa promessa. Pois já não mais eram ossos que batiam uns nos outros, nem carnes nem nervos nem músculos a cobri-los (Ezequiel, capítulo 37, versículos 1 a 10). O estágio era o da permanência definitiva, completa, integral, que, por ser infinita e eterna, eterna e infinita, guardava-se assim antes mesmo de promessa ser. Senão não seria eterna, infinita. Ah, que estágio maravilhoso, estágio que não pode ser visto pelos olhos de carne, tão sob provocação do provocativo elemento envolvente e circunjacente que cega, ao invés de permitir o sentido eterno e infinito, que nunca deixa de se apresentar sem existência poderosa de um poder especial e definitivo, seja para o antes, seja para o depois de uma promessa, como a que se fez, consoante a precisão de uma divina vontade. Aliás, por falar em vontade, via e lhe nutria a certeza inabalável de que a sua era nulidade total, para nada prestava, já que não lhe servia de guia para nada. Resolveu pô-la como que numa lata de lixo, elemento imprestável que para nada mais serve. No lugar dela, a vontade prevalecente era outra, a vontade da indimensão, a vontade do divino, este que tudo pode. A sua visão de olhos de carne cessara por inteiro, aliás, essa visão algo passageiro, do vivo da vida, esse vivo teve o privilégio de contar com a vontade divina, não para com esse ser vivo, mas para o Eu-espírito que nele tem residência, isto sem um átomo de vontade sua, mas de plena vontade do divino. Hoje, que hoje?, para ele o hoje já houve para apenas a dimensão do vivo, mas o Eu-espírito residido nele dispensa-o, pois impossível é conjugar-se não somente com o que se pode chamar hoje, como com o que se pode chamar de passado e de futuro. Estes, o hoje, o passado e o futuro serviram apenas ao vivo da vida, mas ao Eu-espírito, apenas este estremeceu-se como resultado da força poderosa e negativa de uma desobediência, num jardim em cujo redor ele vivia, até que, em jardim definitivo, central-estático-essencial, não é em indimensão que inexiste em

eterno e em infinito. Portanto, sua condição, nesse eterno e nesse infinito é de obediência, seguindo uma vontade que não é sua, mas divina, puramente divina. A sua parte de vivo, transformada pelo efeito dessa vontade, serve de espanto para os ainda cegos de olhos de carne, pois não tem como se afirmar enquanto indimensão perante ninguém, vivo desta vida limitada até a consumação secular. Por isso, não dispõe de linguagem espiritual, enquanto vivo da vida submetido à influência da maldita desobediência. Sua linguagem não pode se dizer sua. É a linguagem divina, para a qual não existe nada, nem mesmo uma regra gramática. É algo que se não explica, porque assim complica. Por tudo isso, traz consigo o que não é possível trazer em dimensão de mundo e então dialoga sozinho, a não ser com o Eu-espírito residente em outra carne, mas aí prevalecendo a vontade do divino, só do divino, ou seja, o diálogo do Espírito com o Eu-espírito, estes que não se conformam em dois, mas em comunhão de um só, fundidos o Eu do meu mim com o Eu do si de outros tantos, compreendendo, então, o somatório do Eu+Eu+Eu+Eu..., indefinidamente, resultando em... Deus, mas como um plural de um só, invisível, poderoso. O choro de que se falou inicialmente, então, é de felicidade, conquanto não possa traspassá-la em permissão para o seu vivo nem para o vivo de outros tantos quantos possam estar lendo essa sopa de letrinhas que está ao alcance desses vivos, mas não podem dela e com ela se deliciar, porque não está nunca ao alcance como cardápio saboroso, na Terra, mas como cardápio do Céu e, portanto, do divino. Cumpre estatuir, sem nenhum sentido pretensioso, que a carne, os músculos, os nervos, os ossos, a imaginação, a memória, tudo nesse conjunto que o faz criatura, feita do pó e que a ele tornará, não se assume como autor destas palavras, nem no sentido enfim que elas podem levar e conduzir quem quer que as leia, porque ler é simples e fácil, difícil é assimilar e vivenciar, em espírito, de espírito, por espírito, este o estado que estado não o é, pois trata de indimensão de eternidade e de infinidade. E a porta para tudo isso que nem é tudo nem é isso, sabe-se lá com certeza para quem escreve e para quem vier a ler, só mesmo o divino que em bondade e misericórdia faz ecoar a voz jamais audível, mas encorajadora, porque se assume, com ela, a condição de Filho amado que passa a dever ser escutado e assim Lhe compraz mesmo em irrealidade. Então, com assim se deu, como se deu com o Eu-espírito residido em Jesus de Nazaré, às margens de um curso d'água que ainda hoje jorra não mais porém as mesmas, mas outras tantas e tantas águas que lhe passam mansamente, como manso é o indimensionado, assim mesmo lhe aconteceu, perdão pelo uso de um tempo verbal de passado, pois, em verdade, ele vive o que não acaba jamais. Já é momento, melhor é dizer, já é propício o contexto do texto em desenvolvimento, para afirmar que Doriel, o residido em espírito, de espírito, por espírito, acasalasse àquele Espírito, clímax de uma promessa, que promessa mais não é, pois, em indimensionado estágio de espiritualidade cada vez mais aconchegado ao divino, ele irradia a força poderosa daquele espírito que é culminante de uma verdade do Céu, fazendo com que se ajuntem ossos e músculos e nervos a cobri-los e, enfim, mostrar que a força de espírito, em espírito, por espírito prevalece sobre os ossos, os músculos e os nervos que os somos e que se tornarão pó, porém um pó abençoado transformado em exército poderoso de celestiais irradiações – assim é.

56.

EM ESPÍRITO, DE ESPÍRITO, POR ESPÍRITO PURÍSSIMOS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

A minha carne, eu a sinto cansada, pelo peso dos anos. Isso, entretanto, funciona mais positivo para o crescimento de grau de espiritualidade enganosa, fazendo-a pretensiosa deveras desse crescimento, como se o importante pudesse ser o alcance, por sua parte, ou seja, por parte dessa fraca carne, desse crescimento. Na verdade, o crescimento do nível e do grau de espiritualidade é em espírito, de espírito, por espírito puríssimos, nunca na carne, mas no Eu-espírito. A carne é cega para esse fim, ou seja, ela, quanto mais velha, mais se envolve na boba pretensão de querer ser ela o alvo do crescimento espiritual. Que boba mesmo! E isso que ficou dito, até aqui, serve de intróito para a serena afirmação de peso e de tédio, para a carne, a minha carne, quando tem ela de ler os textos que tenho produzido. Sem evitar-me a condição de pretensioso, vejo-me cansado, nesse exercício de leitura, pois a carne se mostra incapaz de alcançar o nível e o grau de espiritualidade que ali, naqueles escritos, tem residência e alcance apenas de espírito, em espírito, por espírito puríssimos. Por isso, precisamente, é que me resguardo da publicidade desses escritos, pois a carne, a minha e a sua, leitor, resvala para o santo dado a cães, como assim para a pérola que se dá a porcos (Mateus, 7,6), já que o que pode haver de nível e de grau de espiritualidade em meus escritos não tem como passar pelo crivo de uma academia, exemplo dessas casas onde se reúnem os que são intitulados ou se auto-intitulam de luminares de letras. Não há, na terra inteira, nenhum sodalício que se preste para tanto, com o espírito, de espírito, por espírito puríssimos podendo ser alcançável por coisa do mundo. Por isso que, como carne, testemunho o cansaço, dela, toda vez que me entrego à leitura dos meus escritos. O que de nível e de grau de espiritualidade neles contiver, só o Eu-espírito, residente na minha carne, como assim na sua carne, leitor, é que alcança o grau, pequeno, minúsculo, em relação à infinidade e à eternidade do divino, como graça que este, por sua vontade, pode proporcionar ao Eu-espírito. Confesso-me, tantas vezes, cansado, quando tomo em minhas mãos qualquer dos meus textos desenvolvidos em linha de espiritualidade. Mal começo, sinto o peso enorme, porque o que é de espírito, em espírito, por espírito puríssimos, infinitos, acanha, naturalmente, a carne, finita. Mas o mistério que faz o divino permitir crescimento de nível e em grau de espiritualidade é graça, eterna, infinita que a carne, finita, se flagra em inevitável cansaço, face a sua finidade. Advirto, pois, a toda e qualquer carne que se lance à leitura dos meus textos, tais quais aqueles acessíveis no endereço eletrônico doriavelosogouveia.com.br, que não procurem se livrar da pretensão boba de, por ela, a carne, alcançar nível e grau de espiritualidade. Por certo, só a vontade do divino é que pode proporcionar isso ao Eu-espírito, em espírito, de espírito, por espírito puríssimos.

57.

**“BICHO” QUE É EM MIM DE CARNE
E EM TI DE CARNE TAMBÉM, LEITOR**

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O “bicho” anda por aí, vive a rodear a terra, não como digo eu, apenas, mas também e, sobretudo, como diz um livro chamado *biblos*, em latim (será que se escreve assim mesmo?), bíblia, em português (Jó, 1, 6-7). De minha parte e da parte de qualquer um outro, sem exceção, mesmo os que sejam veículos, na carne, de Eus santificados, santos, separados, operados e operantes, eternos, infinitos, estáticos, centrais, essenciais, infensos, esses Eus, todos eles, aos que se exibem dinâmicos, periféricos, acidentais, na carne, nos músculos, nos nervos, nos ossos, na imaginação, na memória, condições essas subservientes ao “bicho”, àquele “bicho”, conquanto sendo um intrometido dentre filhos de Deus, como assim pretendeu se apresentar ao Senhor (vide a mesma citação bíblica, supra). Ele é fruto não da liberdade em si mesmo dos adãos e das evas, estes com um arbítrio libérrimo, necessário, fundamental, essencial, porque se a criança, qualquer que seja ela, em se lhe dando um pirulito e se aceita a sua aceitação como ato certo (o de chupá-lo e não guardá-lo ou escondê-lo) é porque ela há de ser naturalmente nessa liberdade. É tal como, ainda não precipitado o “bicho”, na Terra, o jardim primevo se viu como *habitat* de adão, um barro provido de um (divino) sopro, como assim o de eva. Em relação a ambos, tal como a criança do pirulito, move-os uma liberdade-livre, mesmo diante de uma proibição: não comer do fruto de certa árvore, pois, se comer, “morrerá”; “morrerá”, bem se entenda, de um estado de inocência; nada, por conseguinte, de bio-morte, nem mesmo de suas mínimas parcelas, inevitáveis, de todos os dias e de todas as horas, minutos e segundos e frações de segundos, sem cessar, esta como reflexo da desobediência do Eu em evas e em adãos. Passa-se, pois, com a tal “morte”, ao cerne do intelecto - o conhecimento acerca do bem e do mal, que é cego para intuir o que quer o Senhor para cada Eu, por meio de um processo crístico de salvação estabelecido e principiado na promessa consistente como num combate entre calcanhares e cabeças feridas, promessa essa já cumprida pelo Eu residido no nazareno, por vontade do Senhor, e quiçá assim possa ser por tantos outros, como tantos outros já se dá conta deles..., por certo? Aquele “bicho” apareceu em cena, entretanto, noutra cenário, confundindo-se na bruma de entre “um tempo-ainda-não-tempo” e “um tempo-já-tempo-sim”, com o “não-princípio” e o “princípio-já-do-existir-existido-existindo”, e, na sequência, numa delícia de jardim que não seria para ele, mas ali se intrometeu, com disfarce de serpente, todo mundo sabe disso. Cabe reparar, entretanto, que esse tal “bicho” guarda “essência precária”, pois transformado em acidental o fulgor de sua beleza e, precipitado à Terra, se mantém sob influência dos poderes do céu, de modo enganoso, apenas. Intrometeu-se entre os filhos de Deus, quando este o chamou, numa alegoria em que se buscava dele saber, como se já não soubesse o Senhor, por onde ele andava. E só podia responder que andava a rodear a Terra, ou seja, além de ser propriamente nela (1ª João, 5,19, parte final), por conta de uma precipitação, algo assim como que jogado, como assim algo desprezado, jogado na Terra e, desse modo, ele cumpria e cumpre o papel de viver a rodeá-la, não havendo lugar onde ele não esteja ou onde ele não possa estar, como assim na minha, como assim na tua carne, leitor, como assim no profano, naturalmente, como assim no objeto, qualquer que seja ele, mesmo dito sagrado. Ele vive a insistência de mostrar ao Senhor que o homem é dele, exclusivamente dele, que ele homem se rende aos seus caprichos. Esse “bicho” assume, hoje, um nome de terror, anda matando assustadoramente, em diversos lugares da terra. Ele, enquanto quieto,

respeitando o compasso do tempo, com a sua foice e sua ampulheta funcionando, mas respeitando um tempo de conforto de “vidas-vividas-e-por-viverem”, nem mesmo nesse panorama se dá conta do seu perigo; é como uma boa convivência, uma acomodação, mas, hoje, nesse cenário anormal e mesmo no normal, a certeza é que ele é em mim, ele é em todos e em cada um, inevitavelmente, sem exceção, no barro do éden de que somos formados. Então ele faz e acontece, como vem acontecendo, sufocando tantos pulmões. Arre, como sufoca a sua COVID-19. Ela é traiçoeira, não se sabe quando ela pode se dignar (?) em se instalar, instalar?, não, porque instalada ela já é normalmente, em qualquer que seja o homem ou em qualquer que seja a mulher ou em quem quer que esteja com sanidade ou em quem que já esteja doente. Que ela anda solta por aí, não se diga. Solta, não. Ela é que se prende a nós. Pois a Terra é uma só. E movimentam-se os homens, sem cessar, seja para aqui, seja para ali, seja para alhures. Contaminados contaminando. Ora, assim, ela termina em cada um de nós. E é pandêmica. E é em todos os cantos e os recantos da Terra. Então, como cronista, digo que ele ou ela fique à vontade, ele o “bicho” ou, como queiram que o chame, o COVID-19 ou a COVID-19. Pouco importa se em gênero feminino ou em gênero masculino. Por que se se cola em enorme dimensão no homem e na mulher e no macaco e na macaca, não; e no leão e na leoa, não? - eis a questão. Claro! O “bicho” não está tão intensamente no macaco nem quer estar; não está tão intensamente no leão, nem quer estar. Ele tem estado, leitor, leitora, intensamente, na minha e na tua carne, mesmo sendo esta o veículo de um Eu, da parte do Senhor, que tudo pode. Então, corro logo, convencido, e digo-lhe: cumpre-te em mim, quando quiseres, COVID-19, sei que podes estar em mim, como pode ela estar em ti, leitor, como em todos, sem exceção, não sei, não sabemos de sua manifestação... o pulmão suporta? - eis a questão. O problema, pois, não é médico. O problema não é se há ou não respiradores suficientes. O problema é... o pulmão suporta? A capacidade de te resistir está nessa minha fraca carne? Então, manifesta-te, logo, quando e quanto quiseres! Se suporte, ou não, ainda assim não me desvanece o cumprimento da promessa no Eu do meu pobre mim de carne, e isto quem sabe o momento não é o tal “bicho”, mas o Senhor, que tudo pode, ainda bem! O “bicho” que é em mim e em ti, leitor, não há freio para ele, na instância dele. E essa instância, para o homem, é a carne, mas esta abriga o Eu; Eu que, se, por vontade divina, aceita o vinde a mim crístico, renova o estado de guerra, como aquele do Céu, entre Miguel e o “bicho” e, desta vez, esse Eu conta com o poder de ferir cabeça, enquanto o “bicho”, o máximo que pode fazer, é ferir calcanhar. E, como cronista, digo que esse “bicho”, independentemente do que diga este texto, ele “bicho” pode ficar à vontade para ferir o calcanhar, quantas vezes lhe aprouver; certeza é que, no campo que não é campo, o estado de guerra renovado conduz ao esmagamento de sua cabeça. Então..., “bicho” não passa de reles “bicho”... E quem o diz, neste texto, é parte de “bicho”, que é o próprio autor, sua carne, pois não se pode olvidar o que ficou dito em 1ª João, 5, 19, parte final: “... o mundo inteiro está sob o poder do Maligno”; e esta minha pobre carne é mundo e a tua igualmente, leitor. Então, “bicho” que é em mim de carne e em ti de carne também, leitor”, inclusive esse tal novo que já está demorando demais chamado de Corona vírus, COVID-19, arre! Se me cuido, se te cuidas, claro, assim deve ser feito, neste mundo, pois o contrário é estupidez aos olhos de carne. Portanto, haja distanciamento de corpos, de mãos, de dedos, o máximo possível sejam os cotovelos tocando-se uns aos outros, e as máscaras em nossas faces, também. E evitar o quanto possível sair de casa. E vem o cuidado com vacinas. Tudo isso é meio de, no mundo, se estabelecer armistício entre a carne e o “bicho”. Quanto ao Eu que é no “bicho” como um residido, resta apenas aguardar a vontade do divino, daquela vontade de que resulta o novo estado de guerra já falado, guerra onde pouco importa o ferimento de calcanhares, pois a cabeça do “bicho” restará esmagada - esta a promessa que não falha.

58.

CRISTIFICAÇÃO DE CARNE

(para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Mt 16.2 Desde então, começou Jesus Cristo a mostrar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse a Jerusalém, que padecesse muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes, e dos escribas, que fosse morto, e que ao terceiro dia ressuscitasse

“Desde então”, uma expressão, iniciando um versículo, que, mais do que sugerir, aponta a evolução do que vinha acontecendo a um homem, Jesus - aquele Galileu nascido em Belém e morador no lugar denominado Nazaré. O evangelista Mateus, nessa altura de sua narrativa, já não o trata de Jesus, simplesmente, mas Jesus Cristo, ou seja, diz bem que, com ele Jesus, se processava uma passagem: de um status humano (Jesus), que nunca o deixou de ser, para o status divino (Cristo). Aqui, exatamente, o ponto onde a associação de divino com o humano, ou vice-versa, confunde a todos, sem propósito enganador, evidentemente, mas apenas gerador de uma dificuldade - é necessário que se diga.

Quando, nesse clima do versículo em tela, o evangelista diz “Era necessário que”, realmente ele traduz a verdade; verdade, entretanto, que carece de uma explicação. “Ir a Jerusalém”, “padecer muitas coisas”, “ser morto”, “ressuscitar” tudo isso é fenômeno de “cristificação de carne”; fez-se por onde se lhe acoplasse tudo isso, todas essas situações, gerando, face uma sintonia cósmica, a antecipação escatológica da carne do filho de José e de Maria, como decorrência de um processo de ressurreição que teve começo, meio e fim, para a carne, reflexivamente; começo, quando ele venceu tentações no deserto de sua interioridade; meio, quando se imbuíra do Cristo que assumiria, à proporção que desenvolvia um público ministério de misericórdia e de muito amor; fim, quando sorriu vitorioso em face da morte física, mostrando que, por mais que fosse atacado fisicamente, a esse ataque já havia vencido, pois disso nos dá certeza a afirmação de um vivo que ele era, ainda, ao pronunciar, pleni-consciente, a seguinte frase: “Eu venci o mundo”(v. João, Cap. 16, v. 33, parte final). Esse Eu, da frase, não é pronome, ou seja, palavra que representa, que está no lugar do nome, em boa gramática. É como se dissesse “o Eu venceu o mundo” ou “o mundo foi vencido pelo Eu”. É o Eu-Crístico que venceu o mundo, ou seja, o Eu que venceu o mundo é aquele mesmo Eu de “Eu sou” do Monte Sagrado, e que falou de dentro de uma sarça que ardia e se não consumia. Eu que é o mesmo Eu de “Eu sou o pão da vida”; Eu que é o mesmo Eu de “Eu sou a ressurreição e a vida”; Eu que é o mesmo Eu de “Eu sou o bom pastor”; Eu que é o mesmo Eu de “Eu sou a porta” etc.. Sim, é inevitavelmente reflexivo um estado de “cristificação de carne” mesmo, para se viver a “irrealidade poderosa” do eterno e do infinito. O divino, para tanto, termina tomando espaço em tudo e por tudo, seja do auto-consentido sofrimento dele, seja dos sofrimentos decorrentes de uma “cristificação de carne”, mesmo em se tratando de caminhos de homem moído, flagelado, desprezado por atos de compreensão meramente humana. E essa “cristificação de carne” passa necessariamente pelo Gtesêmani, embora o Gólgota seja o conseqüente inevitável para os que aninham em si a necessidade de muitos e de muitos sacrifícios...

O evangelista, entretanto, em sua narrativa, humaniza esse processo, na medida em que atribui ao homem, mais especificamente a um homem, Jesus de Nazaré, as condições típicas de “cristificação de carne”. “Ir a Jerusalém”, “padecer muitas coisas”, “ser morto”, “ressuscitar” são, antes de um quadro humano, o verdadeiro poder divino, na escala querida e desejada, por amor e por razão, pela gloriosa Divindade; tudo isso, evidentemente, como *conditio sine qua non* de uma essência, que invade o humano, confundindo este com aquele estado de excelência divinal. Resultado: o Jesus se torna Cristo ou o Cristo invade o Jesus - qualquer ordem é válida. Contudo, essa escala de sofrimento não está diretamente na vontade divina, senão na própria condição humana. E descamba lamentavelmente ao exagero de um sofrimento que é dessa escala humana e nunca divina. Esse exagero exatamente é o que está em Isaías, no Cap. 53, no livro que tem o nome do referido Profeta, exagero esse como uma medida de homem e nunca do divino, perdão pela incisiva repetição.

Esse poder do divino representado naquelas ações implica sacrifício; mas sacrifício como sendo o sofrido pela Divindade ao permitir a ex-istência. É claro que o homem passa por esse sacrifício porque ele também é essa ex-istência. A Divindade não abomina esse sacrifício, porquanto ele foi querido por ela, por amor e por razão, após a guerra no céu em que o anjo que a assistia se entregou ao esplendor de sua beleza e quis se tornar igual a ela Divindade, perdendo a referida guerra para Miguel, como se infere em Apocalipse, Cap. 12. Mas deu um basta. Não quer ela mais sacrifício do que esse que se operou na ex-istência, ou seja, sacrifício natural ao ser e para o ser criado com e na criação do mundo por meio da palavra, a exemplo dos vários “Fiats”, o primeiro deles o “Fiat Lux”. Veja-se que esse sacrifício, com certo limite e com certa medida, existe, mas, segundo Oséias, Cap. 6, v. 6, ficou dito: “Não quero sofrimento, misericórdia quero e o conhecimento de Deus”; assim, o referido basta reside em não se operar mais e mais sacrifícios, mas a misericórdia de Deus e o conhecimento dele Deus, por meio do homem-espírito, com reflexo inevitável no homem-carne. Aliás, o próprio profeta do exagero sacrificial, Elias, ele mesmo, no Livro que tem o seu nome, no Cap. 1, v. 11, diz: “De que me serve a multidão dos vossos sacrifícios?”. Veja-se, ainda mais, que a Divindade, sofrida em se permitir o ser, em se permitir a ex-istência, reservou ao seu ser criado do sexto dia, ao homem, um tratamento especial, protegendo-o com o selo de uma inocência, permitindo viver num jardim de delícias, o jardim do Éden, ficando ali condicionado, apenas, a não comer do fruto de uma árvore, a árvore do conhecimento do bem e do mal. Entretanto, aquele desafiador do Céu, perdedor da guerra que travou com Miguel, ainda que privilegiado, de certa forma, em ter sido jogado, precipitado, na Terra daquele mundo criado pela palavra, persistiu na sua índole de afrontar a Divindade, desta feita transformando-se em serpente falante, levando o homem à desobediência, consistente em comer o fruto daquela já mencionada árvore. Mas eis que a isso se seguiram as benditas promessas, como as que se encontram em Gênesis, Cap. 3, v. 15 e em Ezequiel, Cap. 36, vs. 25 a 27 e Cap. 37, vs. 1 a 10. E elas, as promessas, deixam de sê-las, ou seja, se operam, quando o homem se esvazia de si e se plenifica da Divindade.

Mas, todo o homem que se esvazia de si para se plenificar da Divindade não precisa de esforço sacrificial além desses naturalmente decorrentes do seu ex-istir. Ela só espera que o homem a conheça, em espírito, de espírito, por espírito e por vontade dela. E esse conhecimento, portanto, não é aquele da via direta dos nossos sentidos; é o conhecimento decorrente da morte das ilusões do mundo, pelo Eu-espírito, o que se opera quando o vivo da vida abundante ainda tem o seu coração de carne a palpitar dentro de sua caixa torácica. E essa morte é a do Eu-crístico, Eu-crístico que morre a morte das ilusões do mundo. É no Eu-crístico que se opera a morte de tais ilusões - insiste-

se em frisar isto - resultando, em reflexo, a “cristificação da carne”, isto quando a vontade é do divino, e nunca uma vontade humana: “Não seja feita a minha, Pai, mas a tua vontade”.

Há caminhos ao homem, à sua carne, aos músculos, aos nervos e aos ossos, sim, pois eles contam, hoje, com setas maravilhosas, um Sermão, o Sermão da Montanha, e um grande número de Parábolas, que agradam a Deus, na medida de homem, que há de se associar à desmedida do divino, este que não tem hora, nem lugar, nem tamanho, pois ele, eterno, infinito, não é, ou seja, inexistente, e, mesmo assim, não encontra medida de comparação com nada deste e neste mundo. Ele não é e, mesmo não sendo, lhe são intrínsecos o poder, a essência, o centro, a condição estática, enquanto, no ser, está o mundo, este que é periférico-dinâmico-acidental.

Mas, tais condições servem de abrigo, de residência ao traço divino em nós; sejamos homem ou mulher, menino ou idoso, nacional ou estrangeiro, branco, negro, amarelo, pobre, rico, inteligente, imbecil. E esse traço é o Eu, o Eu-cristico, a via de comunicação do divino, pelo divino, para o divino. Quando o homem, contando com o Sermão Bendito e as lições de muitas Parábolas, em sede de vontade divina, acolitado pelo que pode necessariamente resultar de bem do tal Sermão e das tais Parábolas..., eis que o Eu-espírito morre a morte das ilusões do mundo e, com isto, se opera o laço definitivo do Eu com o divino, com inevitável repercussão divina no que é periférico-dinâmico-acidental, tornando-se este, pela vontade divina, em ressurreição, que é transformação, eternidade e infinidade, centro-estático-essencial, enfim, divino. Eis, pois, a “cristificação de carne”, em antecipação escatológica, tal como se processou na e com a carne em Jesus Nazareno, que se tornou Cristo Jesus ou Jesus Cristo.

Assim, quanto ao mim-carne e ao ti-carne, leitor, não nos apressemos em colocar vontade nossa para isso, ou seja, para a “cristificação de carne”, pois o Nazareno, exatamente para esse isso, ele teve a vontade do divino, sim, ele teve a vontade do divino, sim, ele teve a vontade do divino, sim. Então...

59.

GRAÇA QUE VEM SEM NUNCA SE SABER PARA QUEM

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Criados o homem Adão e Eva a mulher, no Paraíso, a carne de ambos não continha, em si mesma, tendência alguma ao mal. Deu-se-lhes, é certo, em zona de influência dela, mas sem desprezar a essência divina como habitáculo, livre arbítrio para acolhê-lo (o mal) ou não, o que é diferente, essencialmente. Certo é também que o mal subjaz ao mundo, nele todo, completamente. Mas o barro do mundo, base da criação de Adão e de Eva, foi posto fora desse mundo, e colocado num Paraíso chamado Éden, onde, além da árvore do conhecimento da ciência do bem e do mal, também se colocou a árvore da vida. Na verdade, o mal, que estava de fora do Paraíso, no mundo, para onde fora precipitado Lúcifer, perdedor da guerra que, no Céu, travou com Miguel, dela saindo perdedor, pode-se dizer que sua primeiríssima, dentre tantas tentações produzidas, foi a do disfarce de, intrometendo-se naquele Paraíso, não se sabe como, fazer-se de serpente falante, apelando, inicialmente, para a fraqueza emocional de mulher, Eva, conseguindo que esta desobedecesse à ordem de Deus do “*não comas do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, pois certamente morrerás*”, caindo, destarte, no engano da serpente que dizia “*se comer do fruto dessa árvore você certamente não morrerá*”. Na sequência, como se sabe, a emoção de Eva, despertada que foi pelo mal, envolveu a racionalidade de Adão, também despertada pelo mesmo mal, agora em cadeia, e este caiu também na desobediência, comendo daquele fruto, com representação material dele, apenas, no pomo que está no pescoço de todo o macho humano. E, depois dessa desobediência de ambos, de ambos igualmente se deu a expulsão daquele Paraíso, para o mundo, enquanto dois querubins continuam guardando a árvore da vida que ali permanece. Enfim, como Deus é bom, como Ele é amor, como Ele é misericórdia, tanto quanto permitiu ao perdedor daquela guerra no Céu que não resultasse aniquilado, mas sendo precipitado para o mundo da terra, também ao homem e à mulher expulsos do paraíso, que passaram a comer com o suor dos seus rostos, que se multiplicariam com dores de parto, tão logo em seguida à queda de ambos Deus pôs inimizade entre a mulher e a serpente, aos descendentes daquela e desta, aquela ferindo a cabeça desta e esta ferindo o calcanhar daquela. Até que um outro nascido de mulher, prometido, também Adão, diferente, essencialmente, abandona o conhecimento do bem e do mal, e, por Graça de um conhecimento intuitivo, “*morre*” a “*morte*” das ilusões do mundo, onde se achava vítima de uma expulsão, e obedeceu a Deus, não tanto por se prevalecer de um arbítrio livre, mas porque a Divindade quis, por Graça, que em sua carne, em espírito, por espírito, o Santo se manifestasse, como Filho Seu. Então, Deus é Santo, o Filho o é e o Espírito, também. E, para essa Santidade, promete, em Ezequiel, Capítulo 36, versículos 25 a 27, assim: “*Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis*”; e, também em Ezequiel, promete, no Capítulo 37, versículos 1 a 10, assim: “*Veio sobre mim a mão do Senhor; e o Senhor me levou em espírito, e me pôs no meio de um vale que estava cheio de ossos, e me fez andar ao redor deles; e eis que eram mui numerosos sobre a face do vale e estavam sequíssimos. E me disse: Filho do homem, poderão viver estes ossos? E eu disse: Senhor Jeová, tu o sabes. Então, me disse: Profetiza*

sobre estes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Jeová a estes ossos: Eis que farei entrar em vós o espírito, e vivereis. E porei nervos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e sobre vós estenderei pele, e porei em vós o espírito, e vivereis, e sabereis que eu sou o Senhor. Então, profetizei como se me deu ordem; e houve um ruído, enquanto eu profetizava; e eis que se fez um reboliço, e os ossos se juntaram, cada osso ao seu osso. E olhei, e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles por cima; mas não havia neles espírito. E ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize ao espírito: Assim diz o Senhor Jeová: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. E profetizei como ele me deu ordem; então, o espírito entrou neles, e viveram e se puseram em pé, um exército grande em extremo”. Logo, eu e você, leitor que me lê, larguemos pretensões e nos curvemos à vontade de Deus e que o Eu em nós possa funcionar como funcionou o único até aqui que se tornou Seu Filho, pela obediência, mantendo, por causa disso, preso, por ele e necessariamente a partir dele, a Satanás, até a consumação do século. Para isso só nos resta a espera e nunca a arrogância meritória, por mais que façamos pelos pobres, pelos doentes, pelos nus, pelos famintos, pelos sedentos, pelos estrangeiros..., como devemos gratuitamente fazer, sim! Só assim não seremos presunçosos nem dignos de Graças. Ela, a Divindade, só ela sabe, só ela pode e há de concedê-la, quando e se quiser... Assim seja!

60.

ENGANÁVEIS SOMOS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Cada um administre aos outros o dom como o recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. (I Pedro, capítulo 4, versículo 10)

???

Como bem fácil é perceber, o engano começa na percepção que, por si, é casa e causa de engano de enganáveis - estes que somos todos nós constituídos de carne e de ossos e de músculos. A carne e os músculos e os ossos, bases de corpo com mente inteligente de um homem, Pedro, não hão de nos confundir, em sede bíblica, para ficarmos atolados em pensamentos de um conhecimento intelectual - aquele da serpente, no seu serpentear. Arre! Fala-se de um dom como se esteja fora de um alcance, quando ele é espiritualmente subjacente no íntimo mais íntimo do ser nascido de mulher. Aos que nascem de novo, isto em espírito, ressalte-se, não recebem luz e sal; estes remanesçam em si e se consomem e são consumidos como "combustíveis" que fazem o espírito desperto, espírito que é Deus, como uma de suas três pessoas. Assim, a luz e o sal já o somos, temos todos e cada um as suas marcas. Com o nascer de novo, em espírito, essa luz e esse sal se fazem espargir e dissolver, respectivamente, tornando aquela maldita queda, de Adão que somos, ainda neste hoje desse momento em que respiro, na bendita obediência que, em espírito, nos fazem um em D-eus. É claro que esse um já foi possibilitado por Deus imediatamente à queda, quando pôs inimizade entre a mulher e a serpente. Mas, no curso de um tempo de tantos Adãos, como e quanto demorou, porém sempre com a companhia da Misericórdia (esta com eme maiúsculo), Misericórdia de Deus, como e quanto demorou - vínhamos dizendo - o seu Unigênito Filho poder abrigar-se na carne de um filho de mulher, mulher Maria, Maria Divindade, que concebeu aquela carne, abrigo na extensão jamais vista da Segunda Pessoa da Trindade. Mas, embora esse abrigar-se na carne, desde o princípio da fundação do mundo, a Misericórdia de Deus sempre nos amparou com aquela inimizade que ficou colocada entre a mulher e a serpente, não sendo de indagarmos de sua justiça ou injustiça essa demora. Certo é que o processo histórico dos homens faz-se confuso porque a linguagem perfeita de Deus não cabe nos moldes talhados pelos homens. Pois a carne-mulher de uma vivente da Judeia pela graça de Deus tinha como se confundir com a Divindade, para abrigar no seu ventre o próprio sentido que constitui a palavra divina, como verbo que carne se fez desde o princípio - o Unigênito Filho, manifestado em carne, epifania da Segunda Pessoa da Trina Divindade. Ele que esteve em guerra com o dragão, dragão que o amor da Divindade não permitiu o contrasenso de sua derrocada, por isso terminou precipitando-o à Terra (Apocalipse, Capítulo 12, versículo 9, parte final), onde vive, ainda, a rodeá-la (Jó, Capítulo 1, versículo 7) e que, disfarçado em serpente-falante (Gênesis, Capítulo 3, versículos 1 a 6), enganou a Eva e a Adão, no Éden, vindo ambos à queda, pela desobediência, mas com promessa imediata de inimizade entre a mulher e sua descendência e a serpente e sua descendência (Gênesis, Capítulo 3, versículo 15), além de

promessas outras, como as constantes em Ezequiel (Capítulo 36, versículos 26 a 27 e no mesmo Ezequiel (Capítulo 37, versículos 1 a 10), cujas atentas leituras se fazem recomendar, sempre. Foi por meio dessas promessas que aquele Filho Unigênito pôde pegar o anjo do mal pelo rabo (desculpem a chula expressão) e prendê-lo, estando ele assim, preso, até a plena consumação deste século. E ele pode ser preso para o Eu residente no meu mim de carne, como assim no Eu residente também na tua carne, leitor, desde que o Unigênito Filho assim queira, pois o que prevalece, sempre, é a Sua vontade. Não é nunca poder que possa ter o escritor deste texto, nem ninguém, como se dono de uma despensa cheia de dons, por graça à minha e à tua carne, leitor. Essa graça é destinada ao Eu-Espírito, em mim residente e, Nele, e para Ele, não há dons para que os administrem a carne de ninguém.

61.

VOZ VIVA VOZ, VIVA VOZ VIVA(*)

(A não-iniciados e a não-iniciandos, letras vivas para profanos)

Não tenham medo de ouvir a minha voz. Aliás, que não seja medo, mas não tenham pudor, nojo da fala de um vivo da vida já morto. Não se decepcionem comigo. Tomem as gravações de minha voz como uma forma de estar no meio dos vivos, mesmo que não viva mais nessa dimensão de pés no chão. Creiam, minha dimensão de carne, de nervos, de músculos, de ossos engana-me nessa pretensão pobre em que procuro me fazer santo. Protejo-me contra o mal, o próprio mal que naturalmente é em mim, como também é em vocês que me leem ou me ouvem. Vocês deveriam também escrever e gravar sobre o que pensam, seus conceitos, suas definições sobre a vida e os vivos. Prendam-se a essa ilusão. É muito boa. No final de contas, ela serve para demonstrar que se pode ser além do marco em que a constituição passa a se desfazer, transformando-se em pó. Vocês sabem o que estou querendo dizer. O vivo que sou, que está escrevendo, é como molambo, é como papel, constitui-se como que numa torre deles. Quanto maior ela, maior a queda, vindo a se espatifar. Pois não a deixe cair, mesmo que seja como que de papel ou de molambo, que seus narizes não suportem o malcheiroso estado de sua decomposição, pois ela se decompõe e se não decompõe. Tudo depende de crer ou não crer. Pois, neste mundo, enquanto vivos da vida, somos uns perdidos. Pode ser aquele mais privilegiado, uma vida de vivo de padrão de excelência. Ah, que engano! Os valores dos vivos da vida são todos eles valores dessa dimensão de pó que ganha condição de vivo e que, depois, retorna ao mesmo pó. Nem mesmo um reino que não é deste mundo vale-lhes para nada. Esse reino, vive-o os não-vivos que provaram da morte das ilusões do mundo. Mas, mesmo morrendo-a, não é essa irrealidade de morto que se prende à vontade desse morto. Trata-se de outra morte, aquela do Eu, que ganha o Eu-Espírito com a morte das influências de carne e, assim, se põe em guerra contra o mal. Então, valiosa, para esta dimensão, é a morte das ilusões do mundo, com extrema valia apenas para a referida dimensão. O homem que a morre assim morre por conta de uma sintonia, de vontade sua, é conhecedor extremo e excelente do seu ser de vivo desta abundante vida. Seu corpo não se lhe mostra enigmático em nada. Acerca-se de conhecimentos valiosos, sobre pontos essenciais, do seu corpo - os *chakras* - os superiores e os inferiores, todos com a sua devida importância. Uma torre com tal domínio é torre que se crê forte. E é possível marcar-se nesta dimensão periférica-dinâmica-acidental. No meu caso, procurei em processo de ajuntamento de letrinhas, para profanos deliciarem-se com a minha torre de molambo e de papel, sem a fétida natureza de seu desfazimento, como um aguilhão sonoro, destinado a ouvidos atentos dos que ouvem o hoje ainda vivo, mas mais interessante será quando esse aguilhão funcionar, ainda que o vivo da vida se haja tornado não mais vivo. O dessa torre que quanto mais escreve mais lhe prepara o cenário de um fim, ao mesmo tempo espetacular e decepcionante, para ele pouco importa essa torre; importa-lhe o registro de um vivo e sua perpetuidade, sua voz ecoando nos ouvidos de tantos dos seus leitores ou ouvintes de um escritor que apenas escreve, escreve e escreve, nunca com acadêmicas pretensões. Pois tudo quanto disse é atrativo para profanos, mas resguardo o melhor, para iniciandos ou mesmo iniciados em espiritualidade, no grau sempre crescente permitido pela bondade e misericórdia do divino poder em relação apenas àqueles, ou seja, aos iniciandos. Quanto a estes, o presente texto e respectivo contexto não os socorrem jamais,

pois não se atêm a espiritualidade e a seus respectivos graus de obtenção, do conhecer intuitivo. Mas aqui se fala e se trata do conhecer intelectual, aquele da serpente, no seu serpentear - o conhecimento do bem e do mal, perigoso, perigosíssimo, alimento do ego. É neste que deixo gravado com minha voz, com a vibração de minhas cordas vocais, querendo-as como elementos multiplicadores, invadindo os condutos auditivos de quantos profanos se deliciem em profanas considerações que me fazem o vivo da vida, embora já morto, um dia, produzindo-lhes as energias de vivo, não tenham dúvidas.

- Então, ouçam-me, mesmo no tempo do meu vivo que não mais seja!

(*)A propósito de vários textos do autor, registrados em áudios, disponíveis em seu *tablet* e que o autor espera sejam ouvidos.

62.

POR MAIS QUE DIGA ESSE MEU MIM, NADA DIZ

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Assim, vou dizendo o que posso dizer e o mais importante não é o dizer, como o mais importante pouco importa, pois é melhor nada dizer, mas permanecer agindo no mundo, refletindo, só assim se podendo esperar que venha a luz do céu por um querer nunca meu, deste pobre meu que tecla neste *tablet*, mas um querer dele ou dela; dele Deus, dela Divindade, ambos poderosos, oniscientes, onipresentes, onipotentes, que sabem tudo, que sabem até mesmo o que eu nunca disse e o que eu vou dizer, ou o que já disse ontem, o que direi agora, o que vou dizer amanhã e no sempre desta vida de vivo da vida abundante. E o próprio saber dele e dela não é saber que ao menos pareça com o meu; é saber que não é saber e que se não põe nem se impõe; é o que é sem ser, frente ao qual o finito de mim se ajoelha humilde, porém o Eu nesse mesmo meu pobre mim, como um empertigado, se posta, jamais sem curvas de reverência, como de quem é menor perante quem é maior. Pois esse Eu tão divino não recebe nem nunca vive a receber, mas, como constância imorredoura, infinita e eterna e terna de um coração de sentido espiritual, se retém num centro-estático-essencial, enquanto o físico-químico-biológico que se mexe em seus ossos, em sua carne, em seus músculos, em seus nervos, em suas glândulas, atento leitor, compenetrada leitora, como os do quem ora aqui tecla neste *tablet*, se demora, por um querer daquele centro, em periférica-dinâmica-acidental, em que se é cenário do ontem, do hoje e do amanhã, e sê-lo-á sem sê-lo no definitivo sempre do centro-estático-essencial, que supera a tudo, mesmo o cenário dito de um fim e que recebe o nome de escatológico. Foi, continua sendo e porque continua sendo, melhor será não dizer será, porque nunca foi, nem é nem será o espírito, de espírito, por espírito, como em Jesus, que, por ser em espírito, de espírito, por espírito, perpetua-se em esse centro-estático-essencial e centro-estático-essencial só precisa, precisa? Precisa de nada, pois é nada que a tudo de objetivo que existe, existiu, existirá aproveita, sintetizado em carne, mesmo que penas haja de um juízo dito final. Então, por mais que diga, nada digo, pois é melhor permanecer com quem não é poderosamente sem ser. De ditos indizíveis, em graça e por graça, nem ele, nem ela dizem como num ferir tímpanos que ouvem, tudo sem existir... E o meu pobre mim tudo deve fazer, não enquanto profano, não enquanto um iniciado, mas enquanto um iniciando, esse, sim, sem pretensões escandalosas, de mexer em pedras quietas, esse meu pobre mim - dizia - tudo deve esperar para não escandalizar a fé de ninguém. O mim, enquanto mim, seja humilde no pó de que é formado e ao qual retornará, assista, com respeito, ao acontecer que sempre advém de Deus, da Divindade, da possibilidade de que possam uns alcançar, em intuitivas permissões, e outros, não, sempre porém a estes socorrendo-os a divina misericórdia. Por isso, o mim que já tanto falou, melhor não seria dizer teclou?, vai ficando por aqui, pois, POR MAIS QUE DIGA ESSE MEU MIM, NADA DIZ.

63.

O SANTO DO VIVO E O SANTO DO EU ESPÍRITO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Ele é bípede, dá-me um trabalho enorme, preciso dominá-lo, em todos os aspectos. Vivo fazendo o que me é possível neste plano da planta dos seus pés até a ponta dos seus cabelos. Busca-se a sanidade de seu corpo e a de sua psiquê. Há uma variedade de chacras, pontos fundamentais, no corpo, para uma sensação de bem-estar. Na ciência médica, de hoje e de todos os tempos, vem buscando a forma melhor de equilibrar-se e poder verbalizar, consciente, sim, verbalizar consciente, às perguntas, “Como vai?”, nos encontros e desencontros do seu vivo de vida, sim, repito, vem respondendo “eu estou bem” e ainda acrescentando um sonoro “graças a Deus”. Em vivo de sua vida assiste ao vivo de outros tantos, vivos ainda vivos e vivos não mais vivos, enquanto a vida contínua continua, até a consumação do século. Aqui e acolá, ele se depara com vivos santos e com vivos sem tal vocação. Lembra-lhe, sempre, e com bastante facilidade, o já não mais vivo de nome Francisco, do lugar chamado Assis, de longínquas terras de Itália, ele que, acerca do seu vivo, costumava chamá-lo de seu burrinho. Ora que colocação perfeita teve esse vivo classificado de santo, mas santo importante não o bastante jamais no seu limite de burrinho; sem deixar de ser bípede. Ele que, aqui e acolá, pode não estar se sentindo bem e, então, não podendo dizer “Eu estou bem”. Por mais que santo seja, limitado, no seu vivo de burrinho. Sabe por quê, leitor, sabe?, por certo o santo por excelência a lhe qualificar assim não é e nem pode ser jamais naquele que seu burrinho é. Burrinho, no sentido de carregar uma carga, mas, no sentido denotativo, nunca deixa de ser bípede. O santo, a santidade por excelência jamais pode ser de burro nem de burrinho. É, porém, em dimensão de burro, apenas. Diga-se que o santo de sanidade e de separado é do plano do burrinho, também, porém esse plano não é o essencial-central-estático. Ele é acidental-periférico-dinâmico. Então, meu burrinho, agora falo contigo, porque muitos vivos da vida têm o seu burro ou como queiram chamá-lo de burrinho podem chamar, pois é sinal de cuidado, de plena atenção aos seus pontos chacrais, se é que esta palavra chacrais existe nesta língua em que trato acerca dos vivos e sádios elementos vitais desse meu burrinho. Pois é, agora o digo meu, pois eu o posso tratar assim de meu burrinho, ele que me carrega a carga. São tantas, como a de todos que têm burrinho de suportar peso. O peso dos anos, o peso dos processos, processos de circulação, de mastigação, de digestão, de evacuação, isso todos dias, regularmente, o peso do salário que sempre aparece curto ante tantas vontades de consumo. Consumir os alimentos, os que lhe forem melhores. Consumir cultura, os bons livros, os bons filmes, novelas, séries. Pensar com tempo bastante para tanto e assim ter a segurança na escrita. E em meio a um como que cipoal de atos e fatos, ter a consciência de uma ética de quem não machuca ninguém. Pois bem, nesse cenário desse burrico carregado, ventas soprando cansaço, a sensação de que se deve santificar esse cenário lhe custa consideravelmente. Eis, pois, nessa dimensão de burro-bípede ou de bípede-burro, está ou não está o santo do vivo. Mas, por certo, ainda bem, por Misericórdia divina, nesse burro, reside o Eu-Espírito que pode ser santo e no burrinho dos santos do Céu esse Eu-Espírito não me permite a mim, enquanto burro, neste mundo de vivos, que ele burro possa saber, que ele seja onisciente, onipresente, onipotente, senão como pretensioso anás ou como pretensioso caifaz. Aliás, esse pretensioso nem pode intuir a essência-centro-estática do não-ser divino. Só mesmo na dimensão de terra, como dominante ou como dominado, ele se assume, coitado, pretensioso, pretensioso aprisionador do divino, como anás ou como caifaz, pretensioso, agora, sim, *dominus*, em dimensão

acidental-periférica-dinâmica de encarnação de vivos. Esse *dominus*, entretanto, por mais santo e, portanto, separado, produto de vivo, em meio a tantos vivos da vida abundante, tem olhos de carne cegos para o Eu-Espírito nele residente, Eu-Espírito que, livre de influências de desobediência de carne, assume-se plenamente obediente no ambiente de jardim de *Gtesêmani*, santo, pois, nessa indimensão livre de saudades do jardim primevo, o jardim do Éden. Então, o santo do Eu-Espírito, com o Eu em mim residente e que esse mim não lhe pode conter a *indimensão* de eterno e de infinito é único e insubstituível poder Divino com arma poderosa a esmagar cabeça de serpente falante, ou mesmo aquelas outras serpentes em tantos diversificados disfarces do mundo presente. Ele, sim, e não puramente o vivo da vida briga com o anjo caído que vive a rodear a Terra e lhe fere a cabeça, deixando-o, por ora, preso, enquanto os vivos vivem como vivos, sem saber que aquele Eu-Espírito só por vontade do divino age, poderosamente age.

64.

TRANSPARENTE, TRANSPARENTE, TRANSPARENTE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Nunca desprez/o/ei/arei ninguém; sim, você (ou outro tratamento de que se julgue digno), sendo um familiar meu ou um colega ou um amigo ou um anônimo, pouco importa a condição social, econômica, financeira, o sexo e a idade, ressalvados, nestes últimos casos, evidentemente, os ainda sem discernimento ou os que o sintam diminuindo, diminuindo, exaurido, enfim, você - eu vinha dizendo - me tem vinte e quatro horas por dia, *full time*; aberto, transparente, sincero: www.dorielvelosogouveia.com.br De mim pra você; e de você para mim? Opa! Este último não é o tanto que pretendo, mas, sim, o tanto de você para os outros! Então, não somente pense nisso, faça pelo outro, pois este é o encontro fundamental, mesmo que ele (o outro) não entenda nada disso. É assim que *Eu sou* (Êxodo, Capítulo 3, versículo 14), para os outros, passando por você. E quando me expresso com um *Eu sou* - cuidado, muito cuidado com Ele, com carinho e atenção, muito embora Ele, o *Eu sou*, poderoso, dispense-me e te dispenses, também, leitor ou ouvinte; é que não depende *Eu sou* de nenhum de nós. Por isso, igualmente, não O desprez/o/ei/arei. Aliás, para Ele, para o *Eu sou*, nem tempo há, presente, passado ou futuro, para qualquer fagulha do verbo desprezar, no modo indicativo, dos citados tempos presente, passado, futuro, assim: desprez/o/ei/arei. O que importa, em nome Dele, claro, é dizer do outro, por meio de quem me lê ou me ouve, este que é o centro, sem dúvida, do alvo pretendido: você, leitor ou ouvinte. E você, que é o outro, cuide-se de se manter na luz e de se conservar no sal que lhes são intrínsecos. Isso tanto basta, neste mundo, por meio de certo caminho indicado por Quem, autorizado, com humanidade plena, em a qual o *Eu sou*, em Segunda Pessoa, Filho Unigênito, nos reclama a fidelidade que O fez, em espírito, Filho Amado. Você, enquanto sendo o outro neste texto e contexto, há de integrar a corrente de outros outros e outros e outros e outros tantos e tantos outros, indefinidamente. Então, escolhi o caminho de uma rede, que não é de dormir, mas uma rede mundial. Onde estou, tu, leitor ou ouvinte, como outro, estás. E não como um limitado outro. Mas tantos, incontáveis, milhões, bilhões de outros. Nesse caminho não estarei, não estarás, nunca estaremos sozinhos. Esse caminho, também, não faz alardes, ele é trepidamente silencioso, no contra-senso natural de sua capacidade de penetração, agrado de Quem, como *Eu sou*, se fez presente no outro, pouco importando, inclusive, que, disso, o outro não se dê conta. De minha parte, o caminho construído, faço-o presente, ininterruptamente, basta nunca me desligar do endereço eletrônico www.dorielvelosogouveia.com.br , e, assim, luzes e sais vão se espargindo e se conservando, respectivamente, como elementos; elementos?, esta a última palavra das muitas tantas até aqui já digitadas neste texto, que é a do falso equilíbrio, da falsa metade do alfabeto, de compreensão mundial de computadores... em www. Pois elemento, de letra *éle* + a letra *eme*, duas letras, portanto, centrais, formadoras do tal vocábulo (elemento), segundo vi numa Gramática, não lembro qual, nem você sabia disso, leitor ou ouvinte. Com esses pontos centrais de um alfabeto, remete-se, do *éle* e do *eme*, aos extremos do *alfa* (*a*), inicial, e do *ômega* (*z*), do fim, assim, invenções como esta, de um poder criador de *Eu sou*. Sempre no cuidado de que Ele, *Eu sou*, esteja no propósito de, sem deixar de arder, numa sarça, fazer-se ardido do respeito de todos quantos possam alcançar o nível de espiritualidade que o caminho (www.dorielvelosogouveia.com.br) possa proporcionar. Desculpem-me o outro e os outros e os outros outros do objetivo perseguido, pois não de visitar-me

incansavelmente, no exercício da repetição, que é inclusive também fundamental ao alcance do *Eu sou* que, não deixando de queimar em sarça, passa também a deixar queimando a ponta dos dedos meus e de outros, de tanto digitar e digitar e digitar no endereço www.dorielvelosogouveia.com.br E essa verdade, que não desprez/o/ei/arei, reside, precisamente, na disponibilidade desse endereço que jamais cessa, pouco importando que o número dos acessos seja tão escasso, devido à cegueira do mundo dos profanos. Nem isso, entretanto, impede-me do encontro pretendido no outro, bastante forte, transparente, transparente, transparente!

65.

DESPREZADOS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Sou um desprezado. E ninguém se pode culpar por esse desprezo. Ninguém. Nem os meus próximos nem os estranhos. Sou desprezado porque a espiritualidade é escassa; e os profanos festejam o que lhes parece, não somente, mas o que se lhes arraiga poderosamente, tornando-os cegos-guias-de-cegos, num crescendo que só a Misericórdia, com eme maiúsculo, da Divindade, pode conter. E ela a contém e a distribui, sempre. Sem súplicas de ninguém; do mais desqualificado filho de mulher aos melhores qualificados desses filhos; todos, bem o sabemos, habitantes do imenso derredor do jardim primevo, o Éden, derredor esse que é o mundo. A espiritualidade, também, ela mesma é ciosa; acautela-se para que se não dê pão santo a cães nem pérolas valiosas a porcos (Mateus, Capítulo 7, versículo 6). E agora? O que esperar? E, quem esperar? Este escritorzinho? Respondo - já o disse e insisto em dizê-lo - ele é um desprezado. Melhor seria dizer desprezível... para a espiritualidade; é que esta não é para ele; ele que tem carne e nervos e músculos e ossos e imaginação e memória. Jesus, aquele que mais humanidade alcançou, neste mundo, tanto que ficou cognominado de Filho do Homem, não colocou, jamais, a espiritualidade alcançada pelo Eu em si residido como fruto da sua carne nem dos seus nervos nem dos seus músculos nem dos seus ossos nem da sua imaginação nem da sua memória. Ele, tanto houvesse pedido, ou não, o cálice se lhe não afastaria (Evangelho de Mateus, Capítulo 26, versículo 39), assim como a sua mãe de carne, com sim ou não de submissão à vontade divina (Evangelho de Lucas, Capítulo 1, versículo 39), se não afastaria, como não se afastou, das lastimáveis dores-de-mãe por que passou. Ele - e tanto quanto a minha carne, os meus músculos, os meus nervos, os meus ossos, a minha imaginação, a minha memória - somos uns desprezados. E, nesta condição, incompreendidos. Ele - bem e tanto se vem explorando isto no curso dos séculos e dos milênios passados e ainda por passarem - sofreu furadas de espinhos, bofetões, cusparadas, chibatadas, escárnio, corpo inteiro suspenso em uma cruz de madeira, preso por cravos de ferro, traspassando-lhe os pés e as mãos, processo de inspiração e de expiração interrompido e, enfim, morto de bio-morte. Foi um terapeuta da alma e do corpo de quantos com ele teve a felicidade do encontro. Nunca, porém, como Filho do Homem, portanto, pleno de humanidade, pois jamais a si se atribuiu, em sua carne, em seus nervos, em seus músculos, em seus ossos, em sua imaginação, em sua memória, a pretensão de ser, nestes compartimentos, Filho de Deus, senão em espírito, de espírito, por espírito. Este, sim, por uma vontade jamais sua, mas por divina vontade, o fez, nestes compartimentos citados, o reflexo maravilhoso da boa notícia que pregou e viveu, assim, como Filho do Homem, porque cheio de humanidade - perdoem essa insistência. Diferente, muito diferente de tantos que, ao se dizerem próximos de Deus, se deliciam no processo de exploração do seu igual, do seu próximo, mormente em classe que se faz especializada e cheia de intimidades - assim se presumem - com o divino. Quando Jesus disse que qualquer filho de mulher pode fazer mais do que ele filho de mulher também fez (Evangelho de João, Capítulo 14, versículo 12), era-lhe a humanidade de Filho do Homem plenamente assumida, mas decorrente da declaração obtida do Filho Amado, que comprazia a Deus, e esse Filho Amado é que deve ser escutado, ou seja, em espírito, de espírito, por espírito, jamais a própria condição de humanidade em si; esta é apenas reflexo, decorrência. Por isso, essa linha de religiosidade dos desprezados é perigosa, pois visa a

religar o impossível de ser religado; é que não é a carne nem os músculos nem os nervos nem os ossos nem a imaginação nem a memória, por si próprios, quem se promove; estes é que, desprezados, obtêm, sempre, indiferenças, explorações, sofrimentos, castigos terríveis, tragédias, surpresas desagradáveis, ânsias de melhores dias etc. Nem propriamente veem-se, em seus olhos de carne, mas em olhos de espírito, tornados o exército de que fala a promessa contida em Ezequiel, Capítulo 37, versículos 1 a 10, aqui consignada entre colchetes, assim: *[A mão do Senhor estava sobre mim, e o Senhor me levou em espírito para fora e me deixou no meio de uma planície repleta de ossos. Fez-me circular no meio dos ossos em todas as direções. Vi que havia muitíssimos ossos sobre a planície e estavam bem ressequidos. Ele me perguntou: “Filho do homem, estes ossos poderão reviver?” E eu respondi: “Senhor Deus, és tu que sabes!” E ele me disse: “Profetiza sobre estes ossos e dize-lhes: Ossos ressequidos, ouvi a palavra do Senhor! Assim diz o Senhor Deus a estes ossos: Vou infundir-vos, eu mesmo, um espírito para que revivais. Eu vos darei nervos, farei crescer carne e estenderei por cima a pele. Porei em vós um espírito para que revivais. Então sabereis que eu sou o Senhor”]. Profetizei conforme me fora ordenado. Enquanto eu profetizava, ouviu-se primeiro um rumor, e logo um estrondo, quando os ossos se aproximaram uns dos outros. Eu olhei e vi nervos e carne crescendo sobre eles e, por cima, a pele que se estendia. Mas faltava-lhes o sopro de vida. Ele me disse: “Profetiza para o espírito, profetiza, filho do homem! Dirás ao espírito: Assim diz o Senhor Deus: Vem, ó espírito, dos quatro ventos, soprar sobre estes mortos para que eles possam reviver!” Profetizei conforme me fora ordenado, e o espírito entrou neles. Eles reviveram e se puseram de pé qual imenso exército].* Viu, leitor, sua carne, assim como a deste que aqui escreve, pode até revestir ossos ressequidos, mas é só em espírito, de espírito, por espírito, que esse lado desprezado, tão enfaticamente ressaltado em Isaías, no Capítulo 53, versículo 3, pode, sem poder ver com olhos de carne, tornar-se o exército poderoso do querer divino; jamais o homem, por mais que tomado de humanidade e que assim se torne apresentado como Filho do Homem. É que Filho do Homem é manifestação de terra, do telúrico ser que guarda em si consciência do vivo da vida abundante, contudo, são desprezados por conta de si mesmos, com o livre arbítrio que mal vêm sabendo utilizá-lo, percorrendo o terrível caminho da desobediência, como a querer ser Deus. Pois disso foi advertido, mas, ainda assim, foi-lhe estremecido o papel da inocência, em paraíso, e, então, com o emocional, da mulher, comeu de proibido fruto, furtando a Deus, para caminhar com Lúcifer, e este, apesar de preso, continua a ferir calcanhares dos que, também presos, profanizam-se cada vez mais, enquanto a estrada da espiritualidade, de iniciandos, oferta-se inclinada à Misericórdia divina, ainda bem! E os desprezados, desprezados, nem Filhos do Homem podendo ser. Pois Deus conosco não é carne. Filho Amado, Espírito, segunda Pessoa, que fere cabeça, sim; é Espírito. E o artífice dos desprezados é cabeça, não como parte de corpo, mas cabeça de frágil e pseudo domínio de mal, que só fere calcanhares, este sim que pode ser parte de corpo. Por isso a proclamação bíblica de que o mundo jaz sob o Maligno, assim, com letra inicial maiúscula, como está lá grafado, na 1ª Epístola de João, Capítulo 5, versículo 19, parte final. Daí que, no mundo, enquanto mundo, isoladamente mundo, o homem é desprezado ao domínio desse mundo. E, saber que se é de Deus, da primeira parte do dito versículo, não se sabe em inteligência de mundo, pois não é fruto de querer do mundo, mas do divino. No mundo, o desprezado que se arda em sua realidade, não digo se submetendo ainda mais ao mal; basta que se não o afronte. E, agindo-se com sabedoria humana do bem, com tal sabedoria chateia o mal e este e o Eu residido no sabido é que porfiam uma porfia entre o mal e a Segunda Pessoa, por meio do Eu residido naquele desprezado, sem que este nada possa fazer nessa porfia. Com certeza, o embate de quem não é do mundo, este detém, de Deus, a poderosa arma de ferir a cabeça, enquanto o mal não passa de só poder ferir até o calcanhar. Deus, Espírito, sempre vence, sem concurso da carne de ninguém, desprezado.

66.

TENHO OPINIÕES, SIM E NÃO AS POSSO ESCONDER

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O mais difícil nesta vida?, nesta vida de relações necessárias, essenciais, nesta vida em que até se vive isolado, não, porém, sozinho, pois não me diga que a vida de ascese, num mosteiro, é uma vida sozinha. Não. Não é. Começa que o monge não é ele só. É ele e os outros monges, e mais a direção da casa. Sempre é assim. Pois há de ter um mando. Um mando entre dominados e dominadores, entre dominadores e dominados. Não é nem mesmo um co-mando. Por certo, na essência, tratando, nesse cenário, de assuntos do divino, não se haveria de falar em mando, mas em co-mando. E mesmo se este existisse, sê-lo-ia de quem? Nem de Deus. Os que, iniciados nesse assunto, assim se presumem, agarram-se na pretenciosa intimidade com o divino, na vontade sua dessa intimidade, como se fosse um íntimo da casa, que chega e entra e que vai da sala à cozinha, livre para abrir a geladeira e tomar o copo d'água que lhe pode aplacar a sede. Pois considero, nesta vida em sociedade, o sozinho como não existente, por impossível sê-lo. Então, se nunca se pode estar sozinho, nem o homem que, momentaneamente, pode se retirar ao deserto físico o mais estranho e distante, mais frio ou mais quente, cheio de ciladas e de incertezas, esse homem nunca vai estar sozinho. Nem o romanesco Robson Crosoé esteve sozinho em sua ilha de naufrago, mesmo com o seu cachorro e o índio Sexta-Feira que acabara lhe fazendo companhia, depois. Então, se estar sozinho é impossível, desponta a condição gregária do homem, em que uma verdadeira babel ocorre inevitavelmente, pois toda a individualidade humana é livre para ter a sua ou, pior ainda, as suas opiniões. E como é perigoso exprimir opiniões! Todos no mundo as têm. O padeiro, o alfaiate, o pedreiro, e o padre, o bispo, estes dois últimos, cada um com um vigor autorizado pelo céu, assim se asseguram, assim se presumem, assim se proclamam, torna-os os convencidos de que condena os que pensam diferente deles. Logo, sabedor do perigo de deitar opiniões e opiniões e opiniões, o que fazer com as minhas? Retenho-as? Mas, bem sabemos de alguém com opiniões divinas, que inicialmente as reteve consigo, até que as foi soltando, soltando, soltando, contudo as soltando para grupos que, sabia, não ofereciam perigo às suas opiniões; pelo contrário, tinham também as suas opiniões, mas modestas. Até que suas opiniões, divinas, atingiram um centro econômico, financeiro, político e religioso importante. Como hoje, aqui e agora, verbalizo opiniões que não as posso ter na importância das opiniões dele. Quem sou eu para assim o pretender. Mas, mesmo assim, mesmo me sabendo no perigo de não estar sozinho, neste mundo, tenho, aqui, um canal, no poder de escrever e de deixar à mostra, de forma translúcida, o produto dessa escrita. Retorno ao não estar sozinho do exemplo daquele que, já filho proclamado como amado, recluso no deserto não físico, mais interior e mais profundo, ali ele foi apenas tentado e disso não passou, ou seja, não passou do ato do tentador, deixando este com a cara pálida de vergonha não se pode dizer, mas com a decepção de um perdedor, por enquanto, já que de três tentações apenas ele não há de ser tido como um consumado, como um acabado. Apenas, teve que bater em retirada, circunstancialmente, com o rabo (perdoem a chula expressão) entre as pernas. Por isso se realça, aqui, neste texto e contexto, que, escrevendo, não posso me dar por escondido, pois até a formiga da fábula há de querer-me investigar, por estar sozinha, no trabalho, enquanto a cigarra canta de doer-lhe a garganta e de atazanar os ouvidos da formiga. Eu sei que escrevo, pois o que tenho diante de mim são letrinhas que vão se juntando e ganhando um sentido; são as opiniões

que venho formando, e não há quem as queira presas, trancadas, como inúteis coisas. Lanço-me e persigo assim no propósito de me revelar, sempre. Portanto, se revelo, escondido, isolado não estou, nunca estive, jamais estarei. Sou homem, sou social, sou gregário, o que digo ou, melhor dizendo, o que escrevo, não há de ficar escondido, mas às claras, sem precisar de prensas para ficarem no papel as minhas opiniões, em formato de livro, capa dura ou capa mole, encadernação de luxo ou de pobreza de apresentação. Eu sei, eu sou de vidro, transparente, www.dorielvelosogouveia.com.br, este, de um mundo eletrônico, o endereço tão fácil de me buscar e de me achar. Por isso que eu tranquilizo aquela formiga, que, sei, também tem lá as suas opiniões; respeito-as, pois sei que, se ela é de fábula, é natural que ela fale, como é natural que a cigarra cante, mas é preciso, por outro lado, que eu as faça vencer-lhes a pobreza de uma exclusão digital, explicando-lhes que o que eu escrevo, à guisa de opiniões minhas, elas precisam saber que, no trabalho (da formiga) e no lazer (da dona cigarra), é preciso saber direitinho os caminhos de um tal computador, que se rege por cliques, e por cliques, e por cliques, são tantos, eles são os dos caminhos, medidos e contados, um a mais, outro a menos, bota-se tudo a perder, e, além dos cliques, existem também as teclas de um periférico chamado teclado. Ah, minhas mãos, meus dedos, uso-os todos, sem exceção, ou, então, fico a teclar, catando letras no teclado de um *tablet*, onde, tantas vezes, minhas mãos ficam pousadas, aguardando a chegada delas, das opiniões, leitor, que não as quero nem posso desejar serem somente minhas, porque, neste mundo, posso até me isolar, mas jamais estarei sozinho, nem mesmo no meu interior deserto das minhas apreensões e dos meus anseios. Por isso, me encanto ante a possibilidade de nunca estar sozinho, posso estar isolado, pois www.dorielvelosogouveia.com.br é o lugar do meu encontro com você, leitor, mesmo que me sinta divinamente sozinho, sem pretensões de aprisionar tal modo de viver para mim, obviamente! Então, vá lá, chame a cigarra e também a formiga, visitem-me, sou isolado, mas, sozinho, só com o Divino querer de quem melhor e mais poder do que este reles cronista tem. Tenho opiniões, sim e não as posso esconder.

REDIL E LÍDER, LÍDER E REDIL

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Não à-toa, o redil das ovelhas há de estar, sempre, bem protegido, pelo seu pastor, contra a ação dos terríveis lobos. Mas, pela sua própria conformação, todo o redil conta com o seu pastor, que, por ser o pastor que não engana, as ovelhas o conhecem muito bem, sentem-lhe o cheiro verdadeiro de pastor, de longe. É que esse pastor, que verdadeiro o é, está naquela mesma conformação - já o disse e repito - do redil, ou seja, é um líder. Ora, então dá para ver como que com uma lente de aumento da significação de coisas, pois redil é líder quando se o lê de trás para a frente, como líder é também redil de trás para a frente. Não é que até nisso essa nossa língua portuguesa é riquíssima, concordam comigo? Isso tudo, então, tem a ver, e muito, com a parábola do bom pastor. Nenhum redil, pela própria conformação, deixa-se entregue gratuitamente a lobos. Não há redil sem pastor e esse que se pode dizer verdadeiro pastor é também verdadeiro líder. Não um líder que se impõe, mas um líder de aceitação natural, pelo redil. Redil e líder, então, são líder e redil, apegados, indissolivelmente, um ao outro. Não é bem interessante essa lente de observação de coisa? Por isso, asseguro-me, como vivo desta vida abundante que vivo, que minha mansidão natural de ovelha não se desgarrar, jamais, do líder do meu redil. Ele não me engana. Ele me protege. Mesmo quando tento me desgarrar, atraído pelos lobos que uivam ao redor, o líder do meu redil corre-me em socorro. Aliás, ele é de uma natureza do Céu, porque ele quer que haja um só pastor e um só redil, um só líder e um só redil. Então, leitor, é bom que possamos contar com o líder do nosso redil, não é mesmo? E o líder do seu redil, você o conhece? Ele tem nome? Para uns, eu sei, o pastor atende pelo nome de papa (no catolicismo), para outros, pelo nome de swamis (no hinduísmo), para outros, pelo nome de rabino (no judaísmo), para outros, pelo nome de imã (no islamismo), para outros, pelo nome de pastor (no protestantismo). Todavia, despreendendo-nos de institucionalizações, esqueçamos esses rótulos e essas intitulações. O pastor único é o Cristo e as ovelhas são o Eu residente na carne de todo aquele que é filho de mulher. Então, a vontade, a única que prevalece, é a do líder do redil único do mundo de Deus - assim é que é, pois redil é líder e líder é redil, vice-versa, sempre!

68.

JESUS É PAI DE MARIA? - NÃO, A DIVINDADE (MARIA) É QUE LHE É MÃE!

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Certo dia, assistia a um programa de televisão, onde um pregador, um bom pregador, reconhecimento de logo (tanto que também de logo me chamou a atenção o que ele disse, em forma de pergunta, olhando de maneira bem direta, para a câmera, como querendo provocar um questionamento muito sério aos seus telespectadores) e disse, fica a pergunta para vocês meditem: “*Maria é mãe de Jesus*”. Contudo, poderíamos dizer também “*Jesus é pai de Maria?*” Deixou ele assim essa pergunta no ar, e isso me chamou a atenção, tal como pretendeu o pregador. Mas bem à vista me ficou esse pregador como sendo de cabecinha de inclinação patriarcal. Ele, o pregador, discorria sobre a revelação. E dizia das profecias que falavam do nascimento de Jesus e o efetivo cumprimento dessas profecias. Na altura em que dizia, repetindo uma profecia, que Jesus era o Pai eterno, saiu-se com a tal pergunta. E respondeu ele que sim, que Jesus era o Pai de Maria. Pois ele foi o único que teve essa possibilidade, esse privilégio de escolher, para si, uma mãe, uma determinada mulher que pudesse ser a sua mãe, a sua genitora, aquela que o geraria como um ser humano-carnal, em seu ventre. E essa mulher escolhida foi uma jovem virgem, de Nazaré. Ora, mas para se entender a colocação feita pelo pregador, e admiti-la como possível, para o nosso padrão mental usual, necessário é que se abstraia a condição de carne, tanto de Jesus, como a condição de carne de Maria. Jesus e Maria, seres telúricos, por meio deles se operou o divino acontecimento, ou seja, o Cristo, o Unigênito do Pai, aquele e este que, centrais-estáticos-essenciais, o fizeram assim também de Maria não propriamente, mas do Eu nela habitante, tão eterno e infinito quanto o Eu que habitou em carne de um Galileu chamado Emanuel, Deus conosco, portanto, Jesus. Desse modo, pode-se dizer não que Maria propriamente, nem Jesus, propriamente, mas o acontecimento divino, envolvendo-os, mostra-os e os tem, sempre, como infinitos e eternos, centrais-estáticos-essenciais, com o amor da Divindade assim tudo permitindo, pois ela tudo pode, porque é Senhora. Mas, refletindo melhor, a Divindade é que é Maria, por ser possível considerá-la com ventre, ventre do mundo e para o mundo, que no Eu, residente em sua carne, recepcionou o acontecimento divino de uma Conceição não-natural, que fez surgir, na carne dela, o bendito fruto, ela como suporte de um Eu, de filho de primícias, de Filho Unigênito, tudo, pois, em eternidade e em infinidade, pois nunca criatura, mas tanto criadora como é próprio da Divindade. Por isso, então, é mais certo dizer que Cristo é Filho da Divindade, espiritualmente falando. Basta, para isso se tornar claro, no telúrico, centralizar o processo histórico, de homem e de mulher, de um lado, e, em *indimensão*, sem implicar lado algum, em espírito, de espírito, por espírito, a Divindade, com ventre, em maternal desejo do acolhimento plenamente de um sim, de Maria, carne, que era, ela mesma, eterna, infinita, carne, que era, ela mesma, infinita, eterna, eterna, infinita, infinita, eterna.

69.

PREGADOR DE ESPÍRITO X PREGADOR DE CARNE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O verdadeiro pregador é aquele que "vive" da verdadeira Palavra que ele prega. Ou seja, espiritualmente falando, ele se dá por alimentado e ressarcido pelo que dá de graça daquilo tudo que, de graça, recebeu do Céu. Melhor explicando, propagar a verdade do Céu é, em si mesmo, alimento e pagamento com os quais se sacia e se dá como ressarcido o homem-espírito. Portanto, no que se relaciona a Deus, o homem-carne é um presunçoso, quem quer que seja ele, qualquer que seja o rótulo que exiba: espírita, protestante, católico, judaísta, budista, muçulmano, hinduísta, umbandista etc.. Só a não-realidade do homem-espírito, que é o Eu, o Deus em cada um dos homens de todos os tempos, de todas as raças, de todos os países, ricos, pobres, são ou doentes, éticos ou não, honestos ou não, só a não-realidade do homem-espírito, dizíamos, pode ser verdadeiro pregador, porque ele, somente ele, por ser verdadeiro, pode pregar a verdade da Palavra. Então, ele "vive" da verdade dessa Palavra que ele prega. Isto o faz alimentado e ressarcido, ou seja, ele se torna com tal alimento cada vez mais integrado à Divindade e para ele lhe basta, como pagamento, esse aconchego, porque, nesse estágio, ele é Mestre; e Mestre é aquele que realiza com o exemplo de si mesmo, somente aparecendo quando o discípulo cresce e fica pronto. Ou seja, o discípulo já não mais o é (discípulo), pois tanto quanto ou mais do que Mestre a tal dimensão de Mestre já tem chegado. Homem-carne nenhum pode "viver" disso ou isso que acabamos de falar. A ele só é possível viver. Ele é uma realidade limitada por Crono, nessa realidade do mundo, enquanto o homem-espírito é já o Céu. O homem-carne se conforma (*e, mesmo assim isso somente acontece, se ele realiza o amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*), ele se conforma, vínhamos dizendo, com os acréscimos de que fala o evangelista Lucas, no Capítulo 12, versículos 22 a 31, com o destaque para este último versículo, o de no. 31: ***"E disse aos seus discípulos: Portanto vos digo: Não estejais apreensivos pela vossa vida, sobre o que comereis, nem pelo corpo, sobre o que vestireis. Mais é a vida do que o sustento, e o corpo mais do que o vestido. Considerai os corvos, que nem semeiam, nem segam, nem têm dispensa nem celeiro, e Deus os aumenta; quanto mais valeis vós do que as aves. E qual de vós, sendo solícito pode acrescentar um côvado à sua estatura? Pois, se nem ainda podeis as coisas mínimas, porque estais ansiosos pelas outras? Considerai os lírios, como eles crescem; não trabalham, nem fiam; e digo-vos que nem ainda Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. E, se Deus assim veste a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé? Não pergunteis, pois, que haveis de comer, ou que haveis de beber, e não andeis inquietos. Porque as gentes do mundo buscam todas essas coisas; mas vosso Pai sabe que haveis mister delas. Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas".*** Isso é pouco, realmente, do quanto ele obtém, neste mundo, porém esse pouco o ajuda a se tornar solidário, compreensível, compassivo, amoroso. Este homem é aquele que obtém o pão de cada dia com o suor do seu rosto. Já o homem-espírito não tem rosto e não tem como ter suor. Sua "vida" abomina o possessivo meu que o identifica como um dono de algo. E ele também não tem dono e não é dono de ninguém. Ele "vive" o Céu. Ele não tem vergonha nenhuma do alimento que dá e do pagamento com que se vê ressarcido, porque isso tudo não lhe imputa o sentido de posse; no Céu e

do Céu nada tem como seu, meu ou teu. Tudo é de Deus e é Deus. O seu e o teu e o meu são próprios do mundo. É próprio do boi que debulha a recompensa e que, por isso, há de ter o seu salário, ou seja, aquilo que lhe sirva de comer, elemento físico que lhe dá sustento. Esse elemento físico que lhe dá sustento há de ser conquistado com o trabalho do suor do seu rosto. Sim, trabalhadores de um modo geral: os que vestem camisa, os que estão nus, expostos ao sol, os que, paramentados, com vestes bonitas, álcres, ou mesmo com um simplório vestir, celebram, em cultos, com ritos e rituais cada vez mais emaranhados... Eles precisam do elemento físico para sobreviverem. Então, se eles têm a presunção de que "vivem" da verdadeira Palavra, estão enganados e estão enganando aos outros. A Palavra verdadeira se diz e se professa e se vivencia de graça e na graça, na dimensão homem-espírito, nunca na dimensão homem-carne. Verecúndia, portanto, deveria ser o sentimento a dominar todo aquele que se credita uma santidade, só por viver pregando, enquanto tira o seu sustento desse ofício de pregar, mesmo que esse proveito seja em escala mínima. Assim se diz porque não se deve confundir o que é do mundo com o que é do Céu. Neste, o homem-espírito "vive"; naquele, o homem-carne vive, lutando, trabalhando, suando, ganhando o pão de cada dia com o suor do seu rosto.

Em suma, à pergunta, "você vive de quê?" e, à outra, em que se indaga "você "vive" de quê?", onde reside a substancial diferença? Reside em que, no primeiro caso, tudo acontece e decorre do suor do rosto de um alguém, enquanto, no segundo, não há um rosto e nem há suor. E é neste segundo caso onde se se depara com o homem-espírito, *modus vivendi* que religioso nenhum de qualquer que seja a orientação religiosa das existentes no mundo pode adotar. É que todos, sem exceção, prendem-se ao fenômeno social da institucionalização, com uma organização como algo, portanto, já instituído. É esse algo e nesse algo onde aparece o boi que debulha e que se conclui inapelavelmente que ele não pode deixar de fazer jus a uma paga, completando-se destarte a sentença: não se fecha a boca ao boi que debulha. É não tanto a ciência do que debulha, mas a consciência de quem "vive" da verdadeira pregação da verdadeira Palavra que situa o real e correto proceder com o homem-espírito e, nunca, com o homem-carne. Por isso, em termos de religião, fiquem, enganados e enganosos, os homens-carne e, em termos já não mais de religado, mas de efetiva ligação, permaneçam os homens-espírito. Já não nos enganem nem enganemos nós os homens, vestidos ou não em seus vistosos paramentos, e sempre imbuídos de uma santidade que se creditam, tantas vezes com certa arrogância. Todos deveriam ser perseguidos pela verecúndia, contudo não têm eles como enxergá-la, porque estão anestesiados por uma forma aceita naturalmente que faz com que todos terminem como cegos condutores de cegos.

Por isso, sem arrogância, mas com infinda humildade, asseveramos nossa sintonia cósmica, sem, contudo, tirar os pés da terra, "vivendo" a Pregação da Palavra interior, que sequer atrita os elementos da natureza, porque ela é a irrealidade bendita do Eu integrando-se à Divindade. Seguramente, eu não me pego nem me apego a ritos e a rituais, não tenho uma liturgia, só sei que converso com Deus, todos os dias, sem lhe fazer louvores, falando, ou cantando alto em assembleias. E esse Eu em nada há de se confundir com o meu coitado mim! Portanto, como Pregador eu "vivo" da verdadeira Palavra que o Eu em mim prega. Os que vivem da palavra que o mim deles prega ficam, bocas abertas, famintos e não-ressarcidos e, por isso, defendem com todas as suas forças físicas que não se ata a boca ao boi que debulha e, assim, arrancam dos seus ouvintes o salário que julgam ser a sua paga.

Mas, o homem-carne é um presunçoso, quem quer que seja ele - já o proclamamos linhas atrás. Ele, pois, é o mim que ora escreve tudo isso que acaba de ser dito, sendo, destarte, o veículo,

sim, que conduz as verdades do Pregador da verdadeira Palavra. Assim ele acha, mas os outros homens, tão presunçosos quanto ele, podem achar que não!

Que difícil!!!

70.

SANTO ESPÍRITO, SOPRAI-ME

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Vós, Santo, que assim sois (Santo), porque sois separado e, em sendo separado, sois como Deus, que é Santo, separado, também.

Separado, igualmente, sois vós, Cristo, que sois também Santo.

Devo enfatizar que o vós, pronome inicialmente verbalizado, neste texto, substitui (esta, uma das funções do pronome) substitui - dizíamos - o Santo do Espírito, que é sopro e que é como o vento, o vento de todos aqueles que nascem de novo, no novo nascimento do Espírito.

Não há, para o nível de intuição hominal (consciência mais próxima do divino), como se chegar a Deus, senão por via de vossa Santidade, Santo Espírito. E eu fico a me postar (não a me prostrar, o que seria uma submissão), e eu - dizia - fico a me postar receptivo a vós, separado Santo Espírito, haurindo-vos os santos encaminhamentos que me fortalecem em espírito a grandeza do Deus trino que vos tem por arauto.

O vosso anúncio é, todos os dias, direcionado ao homem-espírito, nunca ao homem-carne, diretamente a este; somente de modo reflexivo este pode obter acréscimos de ordem material, pois assim brada o Evangelho.

Jesus, que encarnou o Santo Cristo, sendo uno, em Espírito, convosco, Santo Espírito, ele nasceu de novo, para além, muito para além daquele nascimento biológico como filho de carne de Maria e de José, como ele assim bem admoestou Nicodemos. Sua lição, Santo Espírito, com o vosso sopro de separado, de Santo, fê-lo, também, nascido de novo, em Espírito. Mas esse nascimento dele, como o de qualquer homem-espírito, não se processa por nenhuma intervenção humana, não se desenvolve por nenhuma engenharia humana. É semelhante ao que acontece com a harpa eólica, instrumento de homem, executado, musicalmente, apenas pelo vento, que faz extrair, das suas cordas presas e tesas, sons maravilhosos e diferenciados e constantes, tantos sejam os sopros dos ventos.

Portanto, que a minha carne e a carne do meu leitor e da minha leitora se afaste radicalmente da pretensão de protagonizar essa musicalidade de vossa harpa que também é eólica, mas eólica de uma "irrealidade" que não se sente na pele e não se vê seus efeitos com os olhos da carne, diferente, pois, da realidade do vento físico. Ambos, porém, têm a característica facilmente notável, que é a de não se saber de onde vêm nem para onde vão e que ainda se sabe que eles sopram para todos os lados.

Santo Espírito, sopra-me, em Espírito, pois eu sei que coisas boas me virão, como acréscimos, para esta minha tão pobre carne, mas não seja ela jamais o veículo da primazia do vosso santíssimo soprar.

Soprai-me, Santo Espírito, e me ajudai a ser-vos receptivo, em Espírito!

COISA ACIDENTAL, NÃO-COISA ESSENCIAL

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Ser um desocupado compulsório. Todos esperam do aposentado o que ele possa ser depois de deixar de lado as práticas de atos de ofício que lhe preenchiam o tempo. E, agora, que já não mais os pratica, ele, aos olhos dos circunstantes, fica como um-sem-nada-o-que-fazer. Ledo engano. O aposentado - pode-se dizer - é uma agenda cheia. Sobram-lhe coisas para fazer. O mais importante, porém, é que essas coisas não são obrigatórias como os são os atos de ofício. Ele, o aposentado, pode deixar de lado essas tais coisas. E, com isso, livra-se do que lhe desvia não a atenção; esta, por ser dele, da torre de papel que é ele, aquela torre, portanto, que é hoje e que não é amanhã, presa de sua atenção cuidadosa, trabalhosa, aquela do pão com o suor do rosto, aquela que é ilusória e que precisa “morrer” entre aspas para não se confundir com o morrer de bio-morte de fim de tudo quanto representa este século. O aposentado que não se ocupa de coisas nem se desvia da influência das coisas é um coitado. Pois sempre há dois caminhos; dois caminhos que se os faz ao caminhar. Um caminhar real, de coisa, e outro, irreal, não deste mundo de coisas. Para este irreal, não é que seja como um algo destinado a uma finalidade. O desvio sempre proporciona não um tempo de sobra, porque este não é tempo e nem espaço também. Portanto, é impróprio lhe falar em sobra. Dentro, e consoante um desvio, coisa, sim, se des + coi + si + fi + ca (será que está certo este verbo?), assim, como sem se sentir, porque não se trata de cenário em que se vê, em que se sente, em que se toca. É o finito dentro do infinito, sem limites, é o que é passageiro dentro do eterno, sem fim. Aqui, sem, na verdade, ser um advérbio de lugar qualquer (aqui), coisa, mundo, o acidental, coisa, passa, sem ideia de passagem de mundo, a não-coisa-essência, de essencial. A ilusão do mundo que fabrica tanta coisa deixa-se entregue, abandonada, sem, contudo, menosprezo algum, pois, afinal de contas, o acidental é de encarnação, necessário e necessária ambos (o acidental e a encarnação), apenas como suportes, como bases, como pedestais, digamos assim, ao essencial, este que se não toca, que se não vê, que se não sente e que propriamente prescinde tanto do acidental como da própria encarnação. Anda ele, o essencial, por suas próprias pernas, sem nunca se poder admitir que ele as possa ter, ou melhor, necessite tê-las, realmente. Então, respondam-me, com honestidade, os que me leem, neste momento, poderia, qualquer de vocês da agitação do pão com o suor do rosto gastar o tempo como eu agora estou fazendo? Gastando. É bem certo que não. Pois fica melhor sendo aposentado. Eu des + coi + si + fi + co, porque a coisa, para mim, embora não podendo descartá-la integralmente, desvio-a, não que a minha torre de papel propriamente seja autora de desvio - este ou aquele. Na verdade, ela não tem que ser protagonista nesses desvios, conquanto eles passem por ela. É apenas como um terreno que fica preparado, propício, como no caso do propiciatório da arca sagrada, que se fazia favorável a que a manifestação divina pudesse ocorrer, nunca, porém, por vontade de nenhuma torre de papel, mas pela plena vontade do divino. Assim, com o desvio, agora em postura de aposentado, melhor e mais eficazmente ganhando lastro, sem cunho de presunção, de pretensão de carne, avalio, em carne, essa condição de propiciação, havendo no vácuo do ser de uma torre de papel, como a minha coisa, o terreno favorável que torna o divino propício, ou seja, passível de se manifestar e, destarte, se tornar no conosco de uma intimidade de nossas partes quentes, aconchegantes, agora tornadas próprias de iniciandos em linha de graus de espiritualidade, espiritualidade que vem, que vem, que vem, só vem, sem retorno a estado anterior, jamais. Ora, espiritualidade, longe de pretensão de carne, pois ela é aquela própria

de quem nasce de novo, por uma vontade que não se sabe quando, onde, como, por onde começa e medra, simplesmente se manifesta sem que olhos de carne possam vê-la, nem a carne desses ossos possa senti-la. Doido e doído, desviado, sim, assim me percebo como torre frágil de papel, e é tão fácil, e é tão chamativo um tal conceito de mim mesmo, por mim e por tantos, porque a coisa não se me desliga, apesar de a espiritualidade ter encontrado caminhos e fica a percorrê-los, sem cessar, sem mesmo o saber da minha torre tornar-se possibilitado de sabê-la efetivamente como espiritualidade. Vivo, então, nu de uma nudez que me faz mais leve e mais suave, sentindo harpejos suaves de um vento que sopra sem sequer arranhar-me a pele de torre de papel, pois esse vento que sopra não é coisa, é essência de quem não cessa, por uma eternidade, de quem se não limita de um infinito. Não me envergonha o estado que estado não é, invisível, mas perene da perenidade dos céus, pedindo licença essa condição de aposentado, agora leve da coisa que lhe permite menos perturbações e mais desvios. Sim, sem que esse aposentado possa dizer de si mesmo, de uma convicção que o prende e arrebatada, pelo contrário, ele se sente cada dia mais preso, porém aliviado pelos desvios que lhe chegam sem um mínimo de querer dele, e que vão se avolumando, todos os dias, num crescendo de graus de espiritualidade que os olhos de aposentados e muito menos de não-aposentados não podem ver. E veem, mas a sua torre de papel é cega de propósito de gerar e fazer prosseguirem os desvios sempre bem-vindos. Não posso dizer a ninguém, embora esteja aqui a registrar, num texto e num contexto como o do presente texto, enganando os olhos de carne dos que pensam ter chegado, quando não existe quando para isso. Desvios fora da curva de tempo, passado, presente ou futuro, que trazem o sopro em harpejos maviosos do vento que toca a pele que nunca arrepiam, pois não é pele que sintam o toque dos dedos divinos. O desocupado compulsório, então, ganha convicção cada vez mais de que a coisa que é lhe complica severamente, mas pede licença por meio dos desvios que lhe vêm chegando, e chegando, e chegando, cada dia que passa eles vêm chegando, fazendo da luz em meu mim que ela se expanda num espargir de cegar, e que o sal também em meu mim conserve-me contra tentações impiedosas de forças contrapostas a um pretensioso, um coisa, pleno de muitas pretendidas purezas e retidões. Pretensioso, apenas. Ele que não pode enxergar com seus olhos de carne, mas o desvio se soma a tantos e outros tantos, parecendo uma avalanche e vai espiritualizando e tornando presente o espírito, uma presença, contudo, que é e não é e que, mesmo assim, se conduz com a maior valia e salutar aproveitamento inesgotável. Eu, então, o aposentado que ora escreve, diz a você, leitor, acabe de vez com a coisa, mesmo que ela tenha um prazo de validade, acerca do qual só o autor dos santos desvios é quem o controla. Mas, que coisa! A coisa me é assaltante de uma certeza cruel, a de que ela se acaba no acabado fim. Rio, mesmo assim, porque os desvios proporcionam não à coisa, mas ao que decorre dos desvios, onde, imperando amor, tudo se dissolve no nada do eterno e no nada do infinito. Assim é. Assim facilita-se o ser aposentado. E esse dia de aposentado vai ser seu, também, para aquele que ainda não o tem. Com certeza, tal como a coisa minha, vai ter o gozo dos desvios tantos dos santos caminhos de espiritualidade. Assim é, insiste-se em dizê-lo, mais uma vez. Porque, em conclusão, coisa acidental, não-coisa essencial.

72.

EXPLICAÇÕES ACERCA DE “DOIS DISCÍPULOS, SIMPLEMENTE”

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Já me lancei na árdua tarefa. Para tanto, resistências foram muitas, muitas foram e continuam sendo vencidas. A primeira resistência foi quanto ao ato em si de escrever a obra. Esta não veio a lume de um dia para o outro. Se não me enganam as avaliações, cremos haver começado a escrever a obra *Dois Discípulos, simplesmente* lá pelos idos de 2001. Primeiramente, veio a reflexão, as repetidas leituras que fiz do capítulo 20 do Evangelho de João. Como é bom logo dizer, esse capítulo constitui um apêndice ao referido Evangelho. Já li comentários em que se diz que o seu autor pode ter sido um discípulo de João. Daí se conclui que toda a narrativa contida no capítulo em tela decorre do ato de criar, não no sentido de realizar algo material, como, por exemplo, um fazendeiro que cria gado. O criar aqui é sim o clima de exemplo que decorre da estória narrada, a estória de uma pescaria feita por Discípulos de Jesus, quando este, já ressurrecto, apareceu, durante uma noite, a alguns dos seus discípulos, noite durante a qual não conseguiram nada pescar, porém, ao amanhecer o dia, obedecendo à orientação de Jesus, lançaram as redes à direita do barco e só assim conseguiram pescar. O interessante é que os Discípulos presentes nessa pescaria têm os seus nomes devidamente revelados: Pedro, João, Tiago, Natanael, Tomé. Porém, o texto do capítulo, escrito em português e em tantas outras línguas como o francês, o inglês, o alemão, o italiano, o espanhol, o latim, todo ele, especificamente no versículo que se refere aos personagens pescadores, após explicitá-los, se reporta à presença de mais dois discípulos, sem, contudo, não dizer qual seja o nome de nenhum desses dois. Apenas conclui a relação dos participantes da pesca assim: e mais dois dos seus discípulos. Pois bem: eu tive a graça, o privilégio de um contato com esses *e mais dois dos seus discípulos*, que me permitiram tanta revelação a respeito do texto do capítulo 20 de João, que resultou num escrito transformado em livro. Aliás, durante o ato de escrever a obra, já disse que a resistência sofrida foi grande, enorme, quero dizer que a batalha travada foi com satanás, como o que apareceu representado, por exemplo, no episódio em que me refiro a um *e.mail* que recebi de um iracundo internauta, que disse não poucas e boas contra mim, só disse mesmo o diabo, desejando, inclusive, que a obra não decolaria, que ela seria queimada numa fogueira na grande praça da igreja de São Pedro, em Roma. Mas, apesar dessa imensa batalha, eu venho vencendo-a. Terminei a obra, e a outra batalha seria, melhor é dizer, foi a determinação de encontrar o meio de divulgá-la. Sei que tenho um projeto, chamado Projeto Subindo o Monte, o qual se presta para a divulgação das obras que eu escrever ao longo da minha existência. Mas, o projeto, pensado e montado, foi o de que pudesse contar com entidades-madrinhas que pudessem assumir a despesa com a impressão de cada obra. Esse desejo não saiu do canto. Então, permaneci em luta, esperando encontrar uma saída e a saída que encontrei foi a de divulgar a obra a conta-gotas, ou seja, como não disponho de numerário para a impressão de pelo menos 500 unidades, faço o trabalho artesanal, no limite de até 10 unidades, impressão em impressora caseira, no tamanho de papel AX4, encadernado em capa dura. Sei que essa unidade termina ficando cara, ai por volta de uns 30,00 reais, mas o limite reduzido das unidades não faz elevar a tanto a despesa que terei enfim. E então, a ideia foi a de que, como introito, devesse colocar em cada livro a advertência de que ele, o livro, não pertence a qualquer pessoa que o possa ter em mãos, como uma propriedade sua, para ter em

sua biblioteca, em uma estante, em sua casa. Numa especie de corrente, entrego o livro a pessoa da minha escolha que, por sua vez, vai também, após ler, escolhendo pessoa de seu círculo de conhecimento, também, e assim o livro vai circulando. Nesse processo, fica embutido o outro propósito, que é o da doação que, claramente, por ser doação, é livre; cada um dá se quiser, dá o que quer, no quanto quiser e o que quiser. Nesse ponto, não ressaí nenhuma preocupação do autor, que não pode nem deve invadir a zona da liberdade de ninguém. Conforta-o, nem tanto o conforta, mas a criação que espera ter sido fruto de espírito, por espírito, para o espírito, ganha a circulação que cada vez mais se torna crescente, a ponto de muitas pessoas poderem ter acesso à mensagem enfim escrita, a de que se é possível criar, na mesma linha de criação de Deus, sem presunções de índole humana, mas tudo evidentemente ditado em espírito, de espírito, por espírito, mediante um mergulho nas determinações do Mestre, determinações essas que melhor é dizê-las orientações aos que agem como Pedro e aos que agem como João, na esteira do que já fazem os dois anônimos discípulos, cujos nomes me foram ditos por eles, mas eu jurei não revelá-los nunca a ninguém. Quem sabe, lá um dia não tão distante, eles possam voltar e, então, me possam convencer de que os nomes que me deram são mesmo verdadeiros e eu, com a aquiescência de ambos, possa enfim revelá-los. Mas creio que isso não será o essencial, servirá apenas para descobrir a curiosidade de Pedro, de João, de Tiago, de Natanael, de Tomé, pois o essencial mesmo já foi contado, quando se mostrou serem esses dois discípulos até aqui anônimos (para os outros e já não mais para mim) nada mais nada menos que a conjunção de Pedro com João, durante todo o tempo em que se deverá esperar o Senhor, no e para o cenário maravilhoso escatológico.

73.

QUEM ACHA VIVE SE PERDENDO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Aqui reside o problema que antes não havia (problema), pois este começou, quando alguém achou, ou seja, quando alguém conheceu algo ou alguém. Quando conheceu coisa ou conheceu pessoa.

Cognoscere, conhecer, em latim, envolvendo um sujeito e um objeto. Sujeito é quem vê e o que é visto é o objeto, ou seja, aquilo que está posto: ob-jeto.

Ah, se fôssemos como um componente de memória de um computador, ainda ali, na prateleira de uma loja especializada, com zero de informação armazenada!

Mas não é assim que acontece.

A criancinha nasce hoje e já começa a achar, mesmo que por instinto, ao aceitar o peito da mãe. Logo a sucção é feita e a boca se inunda do primeiro alimento. Sem falar no aprendizado, ainda em sua vida intra-uterina.

Daí tem lugar um processo, que vai evoluindo, que vai evoluindo, que vai evoluindo (é processo, é marcha) e vai ganhando corpo, ainda que de forma bastante vagarosa, o achado intelectual, forma usual por excelência de conhecimento; e como esse conhecimento é vasto e diversificado!

Depois, vem o conhecimento por intuição, que vem de fora, sem querer humano, o homem dialogando os ditos indizíveis com Deus; não o homem enquanto carne, mas o homem enquanto espírito.

Neste último tipo de conhecimento ninguém vive se perdendo, mas, no conhecimento intelectual, neste vivemos nos perdendo, sim, os desvios ao essencial acontecendo constantemente, eis que nos assemelhamos “às *Martas das ocupações e das preocupações*”, quando “a *melhor parte das Marias*” é deixada de lado, pela cegueira das ilusões deste mundo (vide Lucas, Capítulo 10, versículos 38-42).

Por isso que é certo dizer: QUEM ACHA VIVE SE PERDENDO...

74.

CORPUS CHRISTI SEM CORPUS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Na quinta-feira da semana (mal) dita santa, pois de inspiração e de poder de quem é pai de apego e de mentiras, Jesus de Nazaré fez uma ceia (larga) com os seus discípulos, na qual pediu para ser lembrado, com o pão e o vinho, como carne que aproveita o espírito que viria (como veio) em Pentecostes, antes, porém, passando por um Getsêmani, por uma prisão, por uma flagelação, cravejamento das mãos e dos pés, numa cruz, morrendo morte física, ressuscitando, porém, de uma "morte" das ilusões do mundo, começada a tal "morte" com as tentações sofridas, vencidas e culminadas no Getsêmani, ascendendo ao céu e, como celebração maior, *Corpus Christi*, não mais a carne nem o vinho, propriamente, é o corpo que não o é, presença que não é física e faz de físico e constante e eterno e infinito o veículo do amor maior de Deus, Jesus, mesmo que você, leitor, não queira, seja por ser ateu, cristão, budista, muçulmano, etc., num Jesus como que gritando *amai-vos uns aos outros como eu vos amei* e, apesar disso, o homem religioso, na prática, se exhibe necessitado de um referencial, daí que criou a hóstia, como sendo aquele pão, como sendo carne e o vinho como sendo o sangue, em santíssimo sacramento, mas a certeza maior, advinda daquilo que os olhos de carne de ninguém não veem, é esse *amai-vos uns aos outros como eu vos amei*, não há expressão religiosa maior, agora, novamente, recaindo, também, sempre numa quinta-feira, festiva, em já tradicionais tapetes multicoloridos, sobre os quais passam fiéis em procissões, de corpo que não é corpo, de Deus que não se expressa nem em ouro, nem em prata, nem em trigo, nem em vinho, mas efetivamente se expressa nesse *amai-vos uns aos outros como eu vos amei*. Isso, sim, embora não seja presença, torna-nos certos de vivermos com ele vivo e muito vivo em nós, desde que permaneçamos no seu amor, o amor tal como ele nos amou e que nos amando uns aos outros implica em repetir o que ele nunca deixará de ser, amor, amor, amor, sempre amor. Mas, cuidado, carne, que isso não é nem pode ser contigo, conquanto seja residência do Eu-espírito que vive esse amor...

75.

INSIGNIFICANTE PASSAGEIRO**(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)**

Enquanto autores famosos (ou não famosos), de ontem e de hoje, comerciam as suas importantes (ou não importantes) obras, ele se esconde em estressante e pouco compreensível recuo para a divulgação das obras que o espírito, em espírito, de espírito, por espírito, infunde, sem nenhum alarde, seja editorial, seja autoral - e que acerca disso lhe não engane a carne. Assim, essas obras jamais estarão à venda, pois é o simples despertar da vontade de se doarem os homens que atua como o exato contraponto para alcançar qualquer exemplar das obras que ele conseguir escrever e pôr à disposição de todos; e o fruto desse doar, que nunca seja para ele, mas seja para quem efetivamente precise, por estar com fome (de todo o tipo de fome), por estar com sede (de todo o tipo de sede), por estar doente (de todo o tipo de doença), por estar preso (de todo o tipo de prisão), por estar nu (de todo o tipo de nudez). E essas fome, sede, doença, prisão, nudez não são necessariamente as de realidade física somente. Pois, muito pior do que estas, são, por exemplo, a fome de Deus, da espiritualidade. E o mesmo se diga da sede, da doença, da prisão, da nudez; sabe-se lá a quanto anda a nudez de desprevenidos?; sabe-se lá quanta *secura* há na língua que não consegue falar de Deus?; sabe-se lá quanto de fome é a vontade do próprio Deus? E os males decorrentes de iniquidades, de tantos doentes de doenças da alma?; e quantas são as prisões da Palavra Santa? Pois para a saciedade dessas faltas, há os seus escritos e, se não os bastassem em meio físico, permanecem eles em constante acessibilidade, por um canal de vidro www.dorielvelosogouveia.com.br, para o fim de melhor poder intuir essas fome, sede, doença, prisão, nudez, tornando-se ele, destarte, transparente e ao alcance de todos, sem exceção. Enfim, e com a inclinação obsequiosa, fica, ainda e sobretudo, na esperança de que se lhe não divulguem nem nome nem sobrenome, mas simplesmente que socorram àqueles necessitados e, com a obra em diferentes mãos, dá-se ele por bem sossegado na esteira de um crescimento espiritual com Deus, crescimento esse nunca exclusivamente seu, insignificante passageiro que ele o é. Quanto aos livros já impressos e divulgados por ele, estes tiveram tiragem considerável, como são exemplos as obras: 1. SUBINDO O MONTE e, 2. O DIVINO E O MUNDO, hoje não se sabendo em quais prateleiras elas possam estar. Há, também, a obra designada pelo nome DOIS DISCÍPULOS, SIMPLEMENTE, numa tiragem limitada, doze livros, apenas, colocados, cada um, nas mãos de escolhidas e especiais pessoas, até hoje silenciosas, justamente porque na sintonia do intento perseguido - assim deve-se pensar e considerar. E há outros livros mais, ainda não impressos, como são exemplos: 1. ENQUANTO PASSAS, 2. MAÇÃS DE PRATA, 3. EM ESPÍRITO, DE ESPÍRITO, POR ESPÍRITO e 4. MISTÉRIO EM BOTU. O insignificante passageiro tem, pois, ciência do potencial de espiritualidade até aqui intuído ou passível de intuição. Tem ele as suas iniciativas, iniciativas de escrever, como atividade física de quem se utiliza de um meio, que é chamado de alfabeto de uma língua, a língua portuguesa, e vai teclando, teclando, teclando, neste *tablet*, sim, ele se utiliza de um *tablet*, sai colocando as palavras, as frases, enquanto o sentido, este que se apura por via outra, a da intuição, infunde canais para ditos indizíveis do homem com a Divindade, necessário ressaltar, intuindo, destarte, a melhor e maior possibilidade de combate à fome, à sede, à doença, à prisão, à nudez. O insignificante passageiro, então, firma-se como o sendo

cada vez mais intenso, tomado de presunções naturais do seu insignificante ser, como de um molambo do qual é feito a sua torre de existir, contudo esparramam-se no chão desse existir, como acréscimos, o fruto da busca recomendada em primazia pelo supremo espírito em Jesus de Nazaré (vide Mateus, Capítulo 6, versículos 25-33), com realce para este último versículo, o de nº 33. Vive ele esse acréscimo e dele vem usufruindo todos os dias, mormente nesses de uma que se diz maturidade, permitida pelos desvios que diretivas do divino o expõem assim, reflexivo de uma espiritualidade que os pés do chão desta em si fazem-no o presunçoso feliz da soma invisível que pode e que permanece, como infinita, como eterna, mesmo que insignificante passageiro não deixe de sê-lo, neste mundo dos seus pés de pisar...

76.

SEM NOÉ DO FOGO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

“E eu convosco estabeleço o meu concerto, que não será mais destruída toda carne pelas águas do dilúvio e que não haverá mais dilúvio para destruir a terra”. - Gênesis 9, 11 Sim, esta é a promessa; a de que não mais perecerá a carne pelo dilúvio. E, se assim é, haverá o fogo destruidor. Mas, como no dilúvio houve um Noé, havê-lo-á, também, no caso do fogo destruidor? E esse Noé do fogo deverá, em capsula de proteção, reunir machos e fêmeas de todas as espécies? Ou no fogo destruidor não haverá chance como aconteceu com o dilúvio?

O "dilúvio" de fogo é totalmente devorador como não o foi o dilúvio das águas. É que este conferiu tempo e oportunidade e anúncio em tempo hábil para Noé e sua família construírem a arca e reunirem, nela, os animais de todas as espécies, macho e fêmea. Porém, o "dilúvio" de fogo, este não dará tempo a ninguém. Ele simplesmente decretará o fim. E fim é fim, não existindo um depois depois dele. Logo, nada de Noé de Fogo, assim como indicado no título deste escrito, bem de modo firme a negá-lo em termos de destruição pelo fogo. Sim, se fala desse ente, negando-o, pois este nunca poderá ser, no cenário da destruição, porque, com fogo, já diz o ditado popular, não se brinca, e todos quantos com ele queiram brincar sairão mais do que queimados, sairão destruídos, deveras. Consumados. Na destruição, não haverá Noé, nem parentes seus, nem animais em pares, machos e fêmeas. Dentro, pois, de um concerto, após uma destruição pela água, ficou certo que água jamais voltará a destruir; por certo, o tal concerto traz, implícito, que destruição definitiva haverá, como fim dos tempos. No lugar de Noé, assoma figura de centro, que é estática, que é essencial, que vence o mundo, consumindo-o, como o consumiu, para si, o fazendo no lugar de mim, e de ti, também, leitor, não significando que o seu feito por si se baste, porque resta, ainda, o lado do Eu em tua e na minha carne, leitor, este que, sabendo das estratégias do Mal, torna cada vez mais factível que o Eu, em ti e em mim, leitor, ganhe a aliança da figura de centro, retro aludida, e, então, se reacenda aquela guerra no Céu, em que tal figura saiu vencedora, porque podia, enquanto o Mal, este o máximo que pode e ainda continua podendo fazer, para muitos, é arranhar-nos o calcanhar. Pois aquela guerra se reacende entre o Eu-crístico, via seu consentimento, no Eu-na-carne e o Mal, quando este driblado e suplantado de suas terríveis tentações e estratégias, sempre fica como perdedor, em face de uma disparidade de armas, disparidade esta que enfim ficou estabelecida por Deus, pelo seu infinito amor (Gênesis, Capítulo 3, versículo 15), eclodindo, portanto, pela descendência poderosa plenamente capacitada em lhe poder esmagar a cabeça da serpente do conhecimento do bem e do mal; sim, porque a figura de centro, estática, essencial abomina esse tal conhecimento, à evidência sinuoso, traiçoeiro, enganador, ilusório.

CRISTO REDENTOR

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Diz-se Cristo Redentor àquele que salva dos pecados. Essa referência Cristo, na essência e em mistério divino, não é sempre e unicamente pela boca de quem mais plena e santamente o vivenciou - Jesus de Nazaré - , pois este proclamou que antes que Abraão fosse, o Eu nele residido já era. Portanto, Cristo é mais do que manifestação, ele é, em constância, poderoso e sempre, como poderosa e sempre é a Divindade, como é poderoso e sempre o Espírito Santo, sendo este o elo que permite, como agora, o processo comunicador de três que se assumem em um apenas - Redentor. Ele, o Cristo, é Redentor, não porque saído vivo de um processo doloroso de morte provocada pela perversidade dos homens. Ele é Redentor, porque o gesto de puro amor e bondade da gloriosa Divindade, de quem ele é parte como uma segunda pessoa e como Filho da mãe Divindade, ou do Pai, como se queira adotar uma linha ou outra de matriarcado ou de patriarcado. A Redenção, que salva, não advém de sacrifício, de sangue. Aliás, a Divindade se prevaleceu de um Profeta, Oséias, quando disse este: "Não quero holocausto: quero, sim, que todos me conheçam. Não que a minha ou a sua pobre vontade, leitor, seja a tal conhecedora, por uma vontade minha ou sua. Mas vontade dela Divindade. Ela que, somente e exclusivamente ela permite o conhecer ilimitado e sem fim. E, para tanto, por outro Profeta, Ezequiel, Capítulo 36, versículos 25, 26 e 27, disse: "Derramarei sobre vós água pura e sereis purificados. Eu vos purificarei de todas as impurezas e de todos os ídolos. Eu vos darei um coração novo e porei em vós um espírito novo. Removerei de vosso corpo o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei em vós o meu espírito e farei com que andeis segundo minhas leis e cuideis de observar os meus preceitos." Ah, que tolos somos todos nós! Cristo, em que pese essa sopinha de letras é e será sempre a majestade de sempre. Inclusive para os que se proclamam ateus. Estes são os que mais atestam, sem quererem, a existência de Deus. Pois admitindo, ou não, o admitido e o admissível são dimensões de olho de homem, que mede essa ou aquela possibilidade. É que é tão pobre essa razão humana, de quem é finito, pois esta não preenche o sem limite do infinito, nem o sem fim do eterno, estes que não dependem de vontade humana. E é o sem limite do infinito e o sempre do eterno que é o Redentor. O que e-xiste é de pálida timidez, limite limitado, onde, inclusive, repousa o Maligno, este acanhado que detém tão somente a arma de ferir calcanhares, enquanto a sua cabeça recebe a certeza de ser ferida, esmagada por quem não tem expressão de mundo e que se sobreleva a esse mundo. Na guerra que só se estabeleceu por bondade e por amor divino, por permitir que o perdedor da guerra no Céu fosse precipitado na Terra, o Mal, contra Miguel (entenda-se Cristo), sempre perde. Sai com sua cabeça ferida, e termina preso, permanecendo, nessa condição, até que se consumam os séculos...com a prevalência do divino, por certo! O Miguel, pois, é Redentor, porque assim já provado no Céu, e provado, também, na Terra, o Crístico na carne de um Galileu assim o provando, pela paulada desferida na cabeça da serpente do conhecimento do bem e do mal, enfim, o Mal, grafado assim com letra inicial maiúscula, tal como assim destacado em versículo bíblico (vide 1ª Epístola de João, Capítulo 5, versículo 19, parte final), para que ninguém se engane, pois é preciso que o Redentor permita que aquela paulada seja dada, pelo Eu crístico, em cada carne de cada filho de mulher, deste mundo, para que então o Mal se torne amarrado, preso, até a consumação deste século; tudo por uma vontade divina do Cristo Redentor.

78.

A VERDADE CONHECIDA

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Satanás, vitorioso ante quem sujou suas mãos com o sangue de Jesus e vitorioso ante quem, em todos os tempos, em igreja, com "i" minúsculo, sujas-as com o sentido vicário de Sua morte biológica, prossegue a sua estratégia de enganação, que disto ele é mestre inigualável. Chega a se transformar, para tanto, em anjo de luz. E muitos caem facilmente na esparrela. Ele, na linha religiosa dos Anás e dos Caifaz que são os que tentam, mas jamais conseguirão o aprisionamento de Deus e ele, na linha civil e militar dos Herodes e dos Pilatos que são os que tentam e sempre conseguem dominação sobre o próximo, em tempo de guerra, nas armas, e, em tempo da paz que o mundo conhece, a contragosto, com o nome de imposto. Então, o *Eu sou*, que é Deus trino e uno, que amou e continua amando, desde o princípio e para sempre, em espírito manifestado, como Criador de tudo e de todos, com isto Se humilhando, por desígnio Dele que não nos cabe perscrutá-lo, então o *Eu sou* - dizíamos - pela palavra substantiva Se fez verbo na carne hominal, assim que viu que era bom tudo quanto até então tinha criado. E fez o homem, nele trinamente intervindo (façamos o homem), consentindo, destarte, que Ele, o Filho e o Espírito Santo tivessem nisso participação, haja vista que não era, nesse caso, só o substantivo que eclodia, mas o próprio Verbo que se estava encarnando. *Eu sou*, pois, como se sabe, em concerto trino, fez essa obra excelente e por excelência e a simbolizou num casal, Adão e Eva, o selo de proteção do Seu amor, que não poderia deixar de incluir o livre arbítrio. O casal feito de barro teve o sopro Divino em suas narinas e aquela serpente enganadora que batalhara contra Miguel, no céu, perdendo a batalha, teve do Criador do mundo a oportunidade de ser jogado para a terra, onde ele impera. Então, o Verbo em Adão e em Eva, no paraíso de terra em que passaram estes a viver, livres no seu arbítrio, optaram pelo que lhes disse Satanás, por meio da serpente, ou seja, que se eles comessem do fruto que lhes proibiu *Eu sou* não morreriam. Deu-se a decepção de *Eu sou* em relação, pois, às criaturas, nunca com relação a Si mesmo, o Verbo na carne dos decaídos. O homem, então, passou a peregrinar sobre a terra, pondo *Eu sou* inimizade entre a mulher e a serpente, dizendo mais que esta lhe ferirá o calcanhar, contudo aquela lhe esmagará a cabeça. E que, expulsos daquele jardim de delícias, passariam a comer o pão de cada dia com o suor do seu rosto. Então, em termos de terra e de sangue, orientou que um ser da terra, Abrão, saísse de sua terra e de sua parentela e fosse habitar em Canaã. A ele foi imputada a justiça de *EU SOU*, tornando-se Abraão, por meio da sua fé, nas promessas que Deus lhe fez, depois de a humanidade ter-se corrompido e ter sido destruída com o dilúvio, salvando-se o justo Noé, sua família e os animais embarcados na arca que construíra, símbolo do amor do *Eu sou* pela criação que fizera no princípio dos tempos, em seis dias. E esse mesmo *Eu sou*, pelos seus inúmeros profetas, fez anunciar que na plenitude dos tempos, um Adão, desta vez sem Eva, haveria de surgir e este, em espírito, nascido de novo em paulatina evolução, iniciou vencendo terríveis tentações em meio a uma fome de quarenta dias no deserto do seu interior, fome, portanto, do conhecimento do *Eu Sou*, até se assenhorear da verdade que fez de Sua carne algo sem referência tumular, apesar de haver provado a morte física. Contudo, como a Sua ressurreição teve início ao vencer as tais terríveis tentações, foi assim decepcionando, na terra, como já havia decepcionado, no céu, na famosa batalha vencida por Miguel, que é o mesmo Cristo, o Filho, o *Eu sou*, foi assim decepcionando - dizíamos - a Satanás. E este assim continua

decepcionado, por uns e por todos quantos só analisam e manifestam os sentidos de carne e desprezam o espírito. Pois só os nascidos deste, isto é, do espírito, em nascimento novo, diferente do seu nascimento de carne condutor inevitável da morte de carne, só esses nascidos de espírito assimilam e se integram ao *Eu sou*. Todos quantos assim nascem conhecem não somente, mas vivem e exercitam a verdade. E a vivem e a exercitam porque, com eles, em espírito, o *Eu sou* se traduz em *pão da vida* (João 6, 48), se traduz em *luz do mundo* (João 8, 12), se traduz em *porta* (João 10, 9), se traduz em *bom pastor* (João 10,4), se traduz em *ressurreição e vida* (João 11, 25 e 26), se traduz em *caminho, verdade e vida* (João 14, 6), se traduz em *videira* (João 15, 5). Contudo, ainda para nisso tudo se traduzirem, prendem-se a cinco verdades explícitas, na bíblia, quais sejam: A 1ª Verdade é DEUS (Jeremias, 10, 10 - Mas o SENHOR Deus é a *verdade*; ele mesmo é o Deus vivo e o Rei eterno; ao seu furor treme a terra, e as nações não podem suportar a sua indignação); A 2ª Verdade é JESUS (João 14,6 - Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a *verdade* e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim); A 3ª Verdade é o ESPÍRITO SANTO (I João, 5, 6 - E o Espírito é o que testifica, porque o Espírito é a *verdade*); A 4ª Verdade é a BÍBLIA (João, 17, 17 - Santifica-os na *verdade*: a tua palavra é a *verdade*); A 5ª Verdade são OS DEZ MANDAMENTOS (Salmos 119, 151 Tu estás perto, ó SENHOR, e todos os teus mandamentos são a *verdade*). E se Jesus disse, em João 8, 58, "Antes que Abraão fosse *Eu sou*", esse *Eu sou* é aquele mesmo *Eu sou* do Monte Sinai que falou com Moisés de uma sarça ardente(Êxodo, 3,14). Portanto, não sujam as mãos (e, a rigor, neste aspecto espiritual nem as tem!) os que, em espírito, desapontando a Satanás, "morre", com ele Jesus, todos os dias, em espírito, a "morte" das ilusões do mundo, integrando o eu à Divindade, com novo nascimento, em espírito, disso advindo acréscimos que se goza e se usufrui já nesta terra de homem-carne (estes, a rigor, com mãos!). Faz-se, como novo-nascido, todos os dias, como Jesus, conhecendo e permanecendo na verdade, a qual liberta das escravidões que são tantas, nesta nossa modernidade de avanços; a escravidão do álcool, do jogo, das drogas, do vício da internet, da licenciosidade, da libertinagem e tantos outros. Por isso, desconfio de todos e de mim mesmo, claro, porque se escrevo o escrevo como homem, como carne, e, como carne, sou grávido de desejos de meu ego (Romanos, Capítulo 7, versículos 14-23). E, dentre todos dos quais eu desconfio estaria ele. Quem? Ele, ele, não se faça de desentendido, leitor, que, como eu, também nasceu de carne, porque também um Adão. O que não se perde é o fruto do seu nascimento novo, algo que se não vê nem se toca, mas a fé justamente, aquela certeza absoluta acerca do que se não vê, do que se não toca alivia-me tensões demoníacas em mim, ainda que me sejam naturalmente. Essa fé me pode fazer o crente na Sua carne ressurrecta e assim *Eu sou* me auxilia, sem, mesmo assim aniquilar em mim-carne as estratégias de Satã. E, por isso, rio-me, em carne, de quantos se presumem santos, na carne, que tolos são, que tolo sou, também, ah, *Eu sou* Me seja e, aqui, já pretendo espírito, se o tiver de ser em consentimento Seu, que seja o eu-mínimo que não sou em relação a *Eu sou*, enquanto, mesmo assim, Satã não me larga, porque o mundo ainda não acabou...

PREPÚCIO RESGATADO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

"Davi partiu com seus homens, matou duzentos filisteus, levou seus prepúcios e apresentou o número completo ao rei, a fim de se tornar seu genro. Então Saul deu-lhe como esposa sua filha Micol" (Primeiro Samuel, Capítulo 18, versículo 27)

Eu sei, pois eu vi, não me engano, era meu primo Shelah, coitado, chorando a dor de ter visto o seu irmão, Zibuhim, morto e mutilado da cirurgia doente de quem se pretendia rei. O campo, de tantos mortos - fala-se em duzentos assim, bem contados -, compadecia-se da dor de Shelah, pois, no ver deste, o primo morto perdera a serventia filistéia, contudo, ficara como uma lembrança, para a História, como único, dentre os bem contados duzentos mortos filisteus, agora personagem desta crônica de um tempo tão bem distante, porém agora devida e serenamente atualizada. Pois, Shelah, testemunha de tanto sangue, decepcionado com a vida, não deixou por menos e, no dia do casamento do futuro rei com Micol, afiou a navalha, crente de que podia, em ocasião tão solene de uma boda, encostar o futuro rei contra a parede e, mesmo sem matá-lo, lhe arrancar não o prepúcio, que já não o tinha, mas o órgão genital, que tanta falta, portanto, lhe faria, naquela noite. Foi importante, pois, que Zabuhim não caísse no esquecimento. A roda do tempo girou, girou, girou, para, hoje, se poder dizer que ele está eternizado, enquanto os cento e noventa e nove outros, também mortos e mutilados, não se tem notícia de nenhum deles como pertencente a família esta ou aquela. O certo, entretanto, é que nem Shelah nem o seu intento tiveram intervenção naquela boda, que só pode ter sido - e foi, realmente - festejada por vários dias, até chegar aos tempos e aos dias do cronista, privilegiado este, não se sabe como e por que, da exata notícia dos acontecimentos passados pelo poder narrativo extraordinário de Shelah. O próprio Shelah, ao tempo em que me contava em pormenores os acontecimentos, entre sofridos e festivos momentos, indagou-me sobre o valor do prepúcio, como exigência de Javé, Deus, como prova da fidelidade do homem para com Ele. Ora, fiquei sem poder lhe dar uma devida explicação, pois qual serventia teria, para Javé, tantos prepúcios, duzentos, ao todo, se os homens de quem foram eles arrancados eram do lado dos que lhe não guardavam fidelidade? E ali, no burburinho do salão festivo, Shelah procurava e não podia achar e distinguir, entre tantos prepúcios, aquele que seria o de Zabuhim. Conformou-se, porém, porque o irmão não resultaria de todo anônimo, como os outros cento e noventa e nove mortos e mutilados. Viu, mesmo, quando Micol, no afã de celebrar a festa, associou-se à mensagem do guerreiro de sangue, renunciando que o seu, como virgem arrancada, também, fertilizaria, mas em vão, não lhe valendo nenhum daquele esforço de matanças e de mutilações. Zabuhim, morto de uma morte estúpida, contaria com a força de memória de Shelah, e esta foi mesmo para valer, já que, sem dificuldades, o texto evolui no contexto, num panorama e num cenário de quão ridículos e mesquinhos são os homens, por fazerem registrar, na História, por certo se podendo dizer de um herói que o é Zabuhim, a despeito dos elementos de força narrativa em contrário que ficaram e que

são passados por tantas gerações. O resgate, então, é hoje, é agora, quando, estupefatos, os leitores ficam sabendo que Zabuhim não é lenda, não é mito, mas foi de carne de verdade, só não se teve como justificar o registro de um pedaço de carne de uma parte da sua vergonha, exibido ali, em troféu, perante o trono do rei, ainda a respingar o sangue, e ainda hoje exibindo a dor de uma violência, na mistura evidente que conduz a papel de nada. Sim, para que tudo isso?, é pergunta que se faz, todo o sempre, e que agora, neste momento, se repete, se repete, se repete, já se denotando o papel de valia que o futuro rei haveria de ter em comparação com a tenaz e firme lembrança do morto enfim identificado, e bem identificado, disto o cronista não se assume com dúvida alguma. Quando se pensava que o relato fazia, como fez, o que terminou rei como em glória e soberano, viu-se resgatado não somente ele, mas aquele singular indivíduo mutilado, que, hoje, traz à baila a questão que não cala uma briga de tantos milênios já. Fica a Shelah o conforto de ficar como o agente que, em cliques de um tablet, terminou permitindo a construção da História de um tal Zabuhim, por certo livre de dúvidas, porque o Shelah narrador que eu conheço não é homem de inverdades...

80.

INCENSAR EM ESPÍRITO, DE ESPÍRITO, POR ESPÍRITO, JAMAIS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Muito, muito, muito por enquanto vamos chamando de interessante, o que passei a saber sobre o incensório, nas igrejas católicas, qual seja: “*o anel móvel representa a descida de Cristo dos céus, para a nossa salvação; os doze guizos representam os doze apóstolos, sendo três em cada corrente, representando a Santíssima Trindade; o vaso representa a Igreja Ortodoxa; o anel fixo no topo representa Deus, que é a cabeça da Igreja; as quatro correntes representam os quatro evangelistas: Mateus, Lucas, Marcos e João; e, finalmente, a fumaça do incenso representa nossas orações se elevando aos céus*”. Ora, ora, ora, homens de carne, filhos de mulher, adãos de barro, habitantes do derredor do imenso jardim chamado Éden, este exatamente de onde foram expulsos Adão e Eva, por conta da desobediência “iniquidora”, esquisito nome, este último, mas perfeitamente útil ao entendimento daquilo que sempre resulta do ato de desobedecer a Deus. Como pode tanto apego ao material, para representar o que material não pode ser? Ou melhor, só existindo mesmo, por isso é que esse material se arrasta e se entrega ao apego de tantos homens e de tantas mulheres, em detalhes de detalhes, correntes, guizos, argola, ponto fixo, vaso, fumaça, pois é necessário se ver, pegar, sentir, a carne como elemento de centro para se despertar no limite limitado dela - a imanência -, sufocando o nariz com o cheiro que, segundo se diz, representa pedidos, súplicas, súplicas, súplicas que se dizem e que são efetivamente chamadas de orações; tudo em vão, porque na escala humana, imprópria e nunca essencial para a vontade do divino, o qual de nada depende jamais. Quando ele quer, nem mesmo o quando de um fator de tempo o faz dependente e não o é jamais na forma de nenhum querer de homem ou de coisas, como os inanimados objetos do apego então citados. Que pobreza de espírito! Que riqueza de detalhes! E então o meu mim de carne, como o teu, leitor, pode estar em determinado lugar, mesmo que ocasionalmente, nunca irreligiosamente, também não há de ser religiosamente; é que previno-me, previno-me, previno-me, respeitosamente previno-me! Mesmo assim, o meu mim sente o clima lhe penetrar, o lugar tem paredes altíssimas, pilares, tantos e tantos pilares tão altos que chegam a tocar o céu, música, um órgão tocando, um coro cantando, sinos que tangerem, o movimento pendular de um incensório, aquela fumaça de um cheiro agradável de cheirar... tudo isso, e muito mais, é de causar anestesia em todos, inclusive no celebrante, dominante de dominados crentes, pendentes, inocentes, o coração de carne batendo certeza de uma carne de proveito para Deus, aplacado este e não mais irado, ...assim o Céu. Que lastimável, diz-me, em dito indizível, o espírito, para a espiritualidade não minha, que não a tenho na carne, nem a podes tu tê-la também, leitor meu, só sei, nessa carne minha, onde repousa o Maligno (Primeira Epístola de João, Capítulo 5, versículo 19, parte final), este é cada dia arquiteto de estratégias várias, mais insidiosas do que aquela de serpente-falante, no Éden, e assim, ilusoriamente, sai prendendo as almas, estas que lhes são ânimo do sopro de Deus, nos adãos e nas evas habitantes do imenso derredor do jardim primevo, e somos, agora, em caminhos de espiritualidade, que não se veem com os olhos de carne de nenhum ser nascido de mulher, operando e operado o espírito, em espírito, de espírito, por espírito, falando às névoas de espiritualidade, nunca sentidas, mas de um sem-cessar de eternidade e de um sem-fim de infinito. E, confesso, enquanto carne, que o adjetivo interessante lançado inicialmente aos *ob-jetos*,

àqueles elementos postos para um conhecer e uma intimidade, fazem-me tremer, também, como a todos os demais concentrados no lugar, iludidos das ilusões que arrebatam sentidos e sensações de um estado de quitação da criatura com o Criador, ledão engano! Mas, o ponto fixo me é realmente em irrealidade em espírito, de espírito, por espírito - Deus é bom -, sem mesmo em espírito poder senti-lo fixo, como cabeça de um corpo eclesial, enquanto o anel móvel desce sem descer, porquanto tão fixo quanto o ponto, todavia no meu mim de carne, onde jaz o Maligno - já o disse - reside o Eu que dialoga ditos indizíveis com o anel móvel, que tem a arma de esmagar cabeça daquele que é mal, e o deixa preso, até a consumação dos tempos; o ponto fixo assim quer, sempre.

81.

***IDADE LIMITE, ESPÍRITO SEM LIMITE,
RIA-SE ESTE DAQUELA, SEMPRE***

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Veja-se só. Não antes, nem depois, e não se pode escrevê-los, ou seja, não se pode escrever antes nem depois. E sem nem um ou mais porquês, escrevo infinito e eterno, sem ontem nem hoje, nem amanhã; continuam eterno e infinito, infinito e eterno, sem necessidade de definições de “sem-fim” (para infinito) e sem necessidade de definições de “constância-constante” (para o eterno). Nesse infinito, nesse eterno, uma guerra do essencial ri do acidental, sem cessar. Sem porquê nenhum, como já escrito, insiste-se em escrevê-lo, apenas infinito, apenas eterno; nunca escrever sem-fim, no caso do primeiro nomeado, nem escrever submissão a extinção nenhuma, no caso do segundo nomeado. Por isso que a guerra se resolve em risadas entre o permanente e o impermanente; este, o impermanente, se dissolve em face de uma natureza que consigo carrega, intrínseca, no “essencial”(!) do seu acidental, enquanto o infinito e o eterno nem um enquanto sequer suportam mesmo, para que se lhes possa empregar. Assumem-se, destarte, em risos; risos de quem, em constância, personaliza-se sem pessoa com representação ser. O riso é respeitoso, não é de deboche, nem fantasioso, mas de poder-poder-podendo-mesmo, sem explicações, que não as dá a ninguém; dá-as, só quando quer, só quanto quer, só como quer; quando, quanto e como esses que os não limitam, senão a Eus desobedientes, face uma proximidade de carne. E a mencionada guerra, ela está, no agora, no aqui, neste instante de um tempo que corre e que consome em definitivo a ele próprio, enquanto passado, mas apenas para o tal tempo, como *ex-istência*, consumida e consumada. Uma guerra “eterna”, “infinita”, porém, só para o tempo e, por isso, nestes casos, é tão impróprio se escrever o adjetivo infinita, é tão impróprio se escrever o adjetivo eterna, que nos conduzimos, enquanto escritor, à necessidade de aspeá-los, como aspeados efetivamente estão. E o relato não engana. O princípio, a manifestação. Antes deste (princípio) ou desta (manifestação) não houve antes; pelo contrário, nem contrário houve; escreve-se isto, assim, não em linguagem de homem, mas em infinito e em eterno, como transcendentos, estes que a limitada imaginação humana sequer pode abarcar. Primeiro, nessa manifestação, houve criação, mediante os tão altamente significativos *fiat's* (Gênesis, Capítulo 1, versículos 1-25). E se criou um jardim, no jardim chamado Éden, para onde Deus destinou o homem (Gênesis, Capítulo 2, versículo 8). Depois, com relação ao homem, ainda, a questão do conhecimento (Gênesis, Capítulo 2, versículo 16). Seguiu-se a desobediência (Gênesis, Capítulo 3, versículos 1-7)). A expulsão do homem do Éden (Gênesis, Capítulo 3, versículo 23). Os homens longevos, entre eles, os de quinhentos, de oitocentos, e os de mais de novecentos anos de idade (Gênesis, todo o Capítulo 5). Escreve-se sobr Matusalém, como o mais longevo de todos: novecentos e sessenta e nove anos (Gênesis, Capítulo 5, versículo 27). Depois, Deus estabelecendo a idade-limite, para o homem: cento e vinte anos (Gênesis, Capítulo 6, versículo 3). Desenvolve-se, destarte, a ideia de um paraíso, com selo de inocência, onde corriam anos, mas Adão e Eva, antes da queda, tinham vida paradisíaca, e, depois da queda, homens muitos deles longevos, como já escrito. Pois a expulsão levou à perda da inocência àqueles que passaram a viver no derredor imenso do jardim primevo. Houve homens longevos, repete-se a escrita, mais uma outra vez, e até que alguns, sob efeito residual do estado de inocência edênico, chegaram a mais de novecentos anos de vida. Mas esse efeito foi diminuindo, como decorrência da visita da iniquidade dos pais nos filhos, pelo Deus zeloso da Misericórdia (Êxodo, Capítulo 20, versículo 5),

no curso dos milênios; milênios passando e já passados. E o eterno e o infinito não cessam, não param; senão não seriam eterno, infinito. "Meu espírito não animará o ser humano para sempre. Sendo apenas carne, não viverá mais do que cento e vinte anos", escrevo, desta vez, neste passo, de forma bem fiel e completa, o versículo 3 do Capítulo 6, do Livro de Gênesis, ponto de onde se retira o núcleo do que a presente crônica quer dizer, ao menos em linguagem humana. O que se diz ali? Veja-se logo de início a presença do verbo animar, que significa dar ânimo, dar alma, dar o sopro de vida a vivente, como no caso de Adão, modelado de barro, sobre quem surtiu o sopro, resultante em alma vivente. Esse sopro não veio do vento, mas foi sopro do espírito, em espírito, por espírito, sopro de Deus. E este que é espírito, ante o homem caído, pela desobediência deste, mas desobediência do EU neste mesmo homem residido. Ficou, por isso, sem o selo de proteção do paraíso, onde fora colocado, e sua alma, animada, deixou de assim sê-la no sentido de para sempre; ficou limitada a um tempo-limite de cento e vinte anos! Então, infinito e eterno riem de quem, como Doriel, já tem, bem vivido, o tempo de mais de setenta e três anos bem contados, dos cento e vinte do seu crédito, crédito esse que sempre costuma ficar pelo meio do caminho. Doriel, sua carne já tão avançada, que privilégio ilusório! Pois, que distância medeia entre Doriel e Matusalém, por exemplo? Este, Matusalém, estava ali, na escala do tempo, muito mais bem perto de quem viveu vida plácida, num jardim, do qual foi expulso, e do qual hauriu influências de uma inocência perdida, e Doriel, na escala do mesmo Adão de carne, deixou a imortalidade de um jardim primeiro, para um viver com o suor do rosto, no imenso derredor do jardim primeiro, derredor esse que é o mundo, sob o qual jaz o Maligno (1ª Epístola de João, Capítulo 5, versículo 19, parte final) que tantos males de iniquidades vem proporcionando e acumulando. Maligno, por falar nele, produto de um agente misterioso do mal e que é mau, pois a imortalidade de Adão e de todos os outros Adãos de terra que se lhe seguiu transformou-se em *ex-istência* mortal. No curso do tempo, o Deus zeloso, o que visita a iniquidade dos pais nos filhos, vem agravando cada vez mais o estado de iniquidades, umas se atropelando a outras, a outras e a outras tantas, sempre envolvidas com uma responsabilidade individual, sim, convém ressaltar. E, a partir de quando fixou Deus o marco de existência de cento e vinte anos? Sim, antes do dilúvio. Pois o valioso de tudo, que se resume no poderoso nada, nada que aproveita ao espírito, é justamente a declaração de Deus, por amor, sempre, deixando claro, e dissipando, portanto, trevas, para que ninguém, como a carne de Doriel, neste texto e neste contexto, se faça, por não mais resistente, invadida, em toda a sua extensão, extensão que se dissipa, pois, no eterno e no infinito da primeira parte do versículo 3, do Capítulo 6, do Livro de Gênesis, repete-se o já escrito. Há de um lado o ser humano, carne, e o Eu, nele residente, este é que é o eterno e o infinito, a carne do homem, conquanto nela resida o espírito, o Eu, ficou limitada a um tempo de vida, mas o Eu não tem tempo a limitá-lo, por ser eterno, infinito. "Meu espírito não animará para sempre o ser humano", ou seja, é o ser humano que não contará com esse ânimo, com o sopro de Deus, a alma, no sempre. Contudo, nele, reside o eterno, o infinito, o Eu, este que por uma intimidade da carne, terminou complicando-se com a desobediência, na escala daquela misteriosa semente de mal que levou Lúcifer à pretensão impossível de ser Deus, no Céu. Portanto, o rir do infinito e o rir do eterno é natural que, de imanente, se transporte em transcendente, quando, quanto, como quer Deus, e o rir se explica na aquiescência do infinito e do eterno em passar por uma realidade de carne que, por querer exclusivo dele, de sua vontade, ganha *indimensão* de eterno e de infinito, em espírito, de espírito, por espírito, conquanto a carne tornada querida, quanto, quando, como ele e somente ele quiser... tudo na risada, no rir sem desprezo, o rir, próprio de humano, que deixa de sê-lo (humano) para ser Não-ser, poderoso, eterno, infinito, assim, Doriel, com crédito, hoje, de pouco menos de quarenta e sete anos, ri, ri, ri, sem necessidade de acionar tantos músculos, como no normal do seu pobre mim, que ora escreve e que vai ficando por aqui no fechamento da irrealidade definitiva dos anos não a si pertencentes, mas pertencentes ao domínio do divino, isso sim!

82.

QUE OLHOS VEEM INFINITAMENTE MELHOR?

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Afirmção de um renomado professor cristão, num auditório, em palestra:

“- A busca da verdade é mais preciosa do que a verdade.”

Ao que um jovem anônimo, dentre os assistentes, gritou:

“- Deus não está de acordo com o senhor, professor. O senhor não conhece pessoalmente Jesus, que disse, no Evangelho de João, Capítulo 14, versículo 6: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim”. Um verdadeiro cristão, renascido, não precisa mais buscar a verdade; em Jesus, já a encontrou.”

Tenho para mim, enquanto movido de carne, pois o mim nunca pode ser movido de outra forma, tenho para mim - vinha ele escritor dizendo - que o desconhecido do intróito pareceu estremecer todo, ao verbalizar de um tal modo, um modo pessoal, como a significar, “eita, cegos, saiam da minha frente, ignorantes, pois ele, o meu mim, conhece a Jesus, pessoalmente!” Óbvio que isso constitui um exagero perdoável àquele mim, coitado, como cego-que-guia-cego. Nem também o mim de carne do professor se livra de um reproche. Nenhum dos dois, tratando sobre a verdade, na verdade não diz a verdade; é que esta não se pode dizer com dizeres de letras que se juntem e se armem como verdadeiras verdades. Saia-se, pois, dessa linha de uma evidente e pura postura de reles pretensiosos. Sim, pretensiosos, tanto o professor, quanto o alvoroçado expectador, naquele auditório daquela palestra que se desenvolvia. Nenhum daqueles olhos viram melhor, pois persistem no ver ilusório de quem é presa amaldiçoada de mundanas ilusões. Ilusão como, por exemplo, a de um Deus conosco, como a da intimidade de um aperto de mãos, como a de um bater de porta da parte dele Jesus, e que eu vou atender e que abro a tal porta e o recebo para cearmos juntos (Apocalipse, Capítulo 3, versículo 20). O Deus conosco, se chega a uma intimidade de natureza, só mesmo como o do acréscimo prometido pelo evangelho, para a carne, mas isso como algo accidental, nunca essencial, central, estático. Logo, fica-se limitado ao imanente, que importa, porém não basta jamais para a verdade que é verdade, por não residir a verdade em carne, mas em carne, isso sim, residir o Eu, que é verdadeiro por vontade nunca do mim de uma carne, nem minha, nem tua, leitor, de uma carne de ninguém, muito menos daquele professor e, pior ainda, do estabonado daquele jovem do intróito. É muita presunção de qualquer carne pretender ser ela e dela um intimidade assim... tão íntima, tão próxima, qual uma camaradagem com Jesus, um estar à vontade com ele, gozar de liberdade, para com ele estar como quiser, quando quiser, quanto quiser, e gozar então de

uma empáfia, bater no peito movido de um orgulho, esfriar aquela linha argumentativa do professor, concordo, tão errada e desprovida de sentido. Sim, dar mais valor a uma busca da verdade do que à própria verdade fez daquele professor, coitado, como alguém que terminou apanhado com as calças nas mãos, para empregar um dito que o popular tanto gosta de usar. Portanto, não os olhos de carne deste pobre mim que ora tecla neste tablet, nem os do estranho expectador, nem os do atrapalhado professor, os olhos de carne de ninguém podem viver a vida de verdade em espírito, de espírito, por espírito. A discussão travada naquele ambiente, sobre a verdade, não passa, pois, de palavras vãs, de palavras ao vento. Não enraízam no solo do infinito e do eterno amor de Deus, cuja vontade é exclusiva, para tudo: “Não seja feita a minha, Pai, mas a tua vontade”. Será necessário clareza maior do que esta? O meu ele, então, tão pretensioso quanto o do professor, quanto o do jovem alvoroçado e, por que não, quanto o do próprio autor da obra citada, somos, sem exceção, os que se derretam de entrega nesta imanência de nossas carnes, de nossos nervos, de nossos ossos, pretensiosos de carregarem consigo um Deus conosco, conhecendo-o pessoalmente, como que lhe tocando a pele. Na verdade, e tem que ser nela (na verdade), o intangível valioso torna-nos os coitados, porque a vontade do divino é que é unicamente onde repousa a verdade, que é o próprio Cristo, mas aos olhos de espírito, em espírito, por espírito. A carne nunca terá privilégio como pensa ter aquele alvoroçado jovem. Dizer que Cristo seja uma verdade dele, pertencente a ele, apreensível por quem quer que seja faz a humildade, de húmus, derivando em homem, simplesmente se volatilizar, pois se assumiria na importância que jamais pode ser. Que se contente com a importância que pode ter, isso sim. E a tem, e vive dela, está com ela, desvia-se, inapelavelmente, da verdade verdadeira, pois a verdade que sabe e vive é aquela de sua paupérrima vontade. Ele, o digitador deste texto, agora, se entrega nesse prazer de escrever, coitado, tão coitado quanto os outros personagens aqui neste texto e contexto considerados, trazidos à baila, para tratar sobre verdade, quando suas carnes, seus músculos, seus nervos, seus ossos são raquíticos e pobres para a indimensão indizível da verdade de verdade (Cristo), a do espírito, em espírito, para o espírito, que só e somente os olhos deste (espírito) é que podem melhor e infinitamente ver.

83.

PENSANDO E SARANDO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Estou pensando em estou pensando.
Tenho muito respeito por ele.
Ele pensa assim como eu (penso).
Mas não é penso no sentido de equilíbrio.
É penso do verbo pensar.
Não queira confundir também com gente ferida.
Pois pensar também é sarar.
Ele então pensa e sara.
E eu também.
E, no meio do seu e do meu pensar,
nem eu e nem ele somos pensos.
Pois se assim fosse sararia eu
e sararia ele.
Sararíamos ambos.
Pensando e sarando.
Sarando e pensando.
Mas isso é uma coisa só?
Sim e não,
pois penso é penso e penso e penso
e saro é saro e saro:
estou sarando em estou sarando.

84.

LIBERTAÇÃO X IMPOSIÇÕES (?)

Porque eu te *libertei* do Egito - *libertação* (?)

Eu te *exijo* que cumpras os meus mandamentos - *imposição* (?)

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Jesus, porém, trouxe um novo mandamento, o mandamento do amor; amai-vos (?) uns aos outros como eu vos amei, resumindo os dez mandamentos em dois apenas: amar a Deus sobre todas as coisas, abrangendo até o quarto mandamento (?) e os demais correspondendo a um só, assim, e ao próximo como a ti mesmo (?). Portanto, Jesus não revogou a Lei; apenas resumiu, mas os dois em que resumiu abrangem todos os mandamentos. Libertação (?) - Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.

Imposições (?):

1°. Não terás outros deuses diante de mim.

2°. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima no céu, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra; não te encurvarás a elas, nem as servirás; porque eu, o Senhor, teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais sobre os filhos, até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, e faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os meus mandamentos.

3°. Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente ao que tomar o seu nome em vão.

4°. Guarda o dia de sábado, para o santificar, como te ordenou o Senhor, teu Deus. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhuma obra nele, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu boi, nem o teu jumento, nem animal algum teu, nem o estrangeiro que está dentro de tuas portas; para que o teu servo e a tua serva descansem como tu; porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão forte e braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado.

5°. *Honra a teu pai e a tua mãe, como o Senhor, teu Deus, te ordenou, para que se prolonguem os teus dias e para que te vá bem na terra que te dá o Senhor, teu Deus.*

6°. *Não matarás.*

7°. *E não adulterarás.*

8°. *E não furtarás.*

9°. *E não dirás falso testemunho contra o teu próximo.*

10°. *E não cobiçarás a mulher do teu próximo; e não desejarás a casa do teu próximo, nem o seu campo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo.*

Ou seja: primeiro Deus liberta (?), para, em consequência, exigir (?). Ele não exige de quem não pode (?), mas exige dos libertos (?); primeiro ele tirou do Egito, ou seja, da escravidão, libertou (?) e somente, a homens libertos (?), passou-lhes imposições (?).

Os Dez Mandamentos ou o Decálogo é o nome dado ao conjunto de leis que, segundo a Bíblia, teriam sido originalmente escritos por Deus em tábuas de pedra e entregues ao profeta Moisés (as Tábuas da Lei). As tábuas de pedra originais teriam sido quebradas, de modo que, segundo Êxodo 34:1, Deus teve de escrever outras. Encontramos primeiramente os Dez Mandamentos em Êxodo 20:2-17. São repetidos em Deuteronômio 5:6-21, usando palavras similares.

Decálogo significa dez palavras (Ex 34,28). Estas palavras resumem a Lei (?), dada por Deus ao povo de Israel, no contexto da Aliança, por meio de Moisés (?). Esta lei, ao apresentar os mandamentos do amor a Deus (os quatro primeiros) e ao próximo (os outros seis), traça, para o povo eleito e para cada um em particular, o caminho de uma vida liberta da escravidão do pecado (?). De acordo com o livro bíblico de Êxodo, Moisés conduziu os israelitas que haviam sido escravizados no Egito, atravessando o Mar Vermelho, dirigindo-se ao Monte Horeb, na Península do Sinai. No sopé do Monte Sinai, Moisés, ao receber as duas "Tábuas da Lei" contendo os Dez Mandamentos de Deus, estabeleceu solenemente um Pacto (ou Aliança) entre YHWH (ou JHVH) e o povo de Israel (?).

Segundo o Livro de Moisés, denominado Êxodo

Capítulo 20: 1 a 17

Os Dez Mandamentos (?)

1. Então falou Deus todas estas palavras, dizendo:

2. Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.

A - Até o versículo 2, refere-se à libertação

.....

B - A partir do versículo 3, estão todas as imposições (?), como consequência da libertação (?)

3. Não terás outros deuses diante de mim.

4. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.

B1 - versículos do homem em relação a Deus

Os versículos 3 e 4 integram o 1º Mandamento

.....

5. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam.

6. E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.

Os versículos 5 e 6 constituem o 2º Mandamento

.....

7. Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.

O versículo 7 constitui o 3º Mandamento

.....

8. Lembra-te do dia do sábado, para o santificar.

9. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra.

10. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas.

11. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou.

Os versículos 8, 9, 10 e 11 constituem o 4º Mandamento

.....

B2 - versículos do homem em relação ao homem

12. Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.

O versículo 12 constitui o 5º Mandamento

.....

13. Não matarás.

O versículo 13 constitui o 6º Mandamento

.....

14. Não adulterarás.

O versículo 14 constitui o 7º Mandamento

.....

15. Não furtarás.

O versículo 15 constitui o 8º Mandamento

.....
16. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

O versículo 16 constitui o 9º Mandamento

.....
17. Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo."

O versículo 17 constitui o 10º Mandamento

.....
Os dez mandamentos repetem-se em Dt 5:1-21.

Torá

Os Dez Mandamentos foram entregues no Monte Sinai ao povo hebreu, por Deus, através de Moisés, separadamente do restante da Torá (ensinamentos). De acordo com a Bíblia, os Mandamentos escritos nas duas tábuas da Lei foram escritas pelo dedo do próprio Deus, sendo que os demais foram ditados e escritos em pergaminhos por Moisés e ambos falados diretamente ao povo. Em hebraico (língua original dos Mandamentos), o número de letras dos Dez Mandamentos é equivalente a 613, o número total dos mandamentos da Torá.

Divisão dos mandamentos

Os versículos 2 a 17 são a divisão natural dos Dez Mandamentos. Flávio Josefo separa o versículo 3 como o primeiro Mandamento, os versículos 4 a 6 como o segundo mandamento, o versículo 7 é o terceiro mandamento, os versículos 8 a 11 são o quarto mandamento (o mais longo), e os versículos 12 a 17 são o quinto ao décimo mandamento (um versículo para cada mandamento) (Antiguidades Judaicas, Vol. 3, Cap. 5 § 5).

Outros, inclusive Agostinho, consideravam os versículos 3 a 6 como 1 só mandamento, ignorando o versículo 4, mas dividiam o versículo 17 em dois mandamentos, o nono a respeito da cobiça da mulher alheia e o décimo contra cobiçar os seus pertences. A divisão de Agostinho foi adotada pela Igreja Católica Romana.

Cristianismo

Os cristãos reconhecem no Decálogo uma importância e um significado basilares. Algumas igrejas ordenam a sua completa observância. Outros enfatizam a importância de seguir seus princípios, pois creem que Cristo resumiu todos os mandamentos no amor a Deus e ao próximo.

Jesus interpreta a Lei do Amor da seguinte maneira: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento." E o

segundo, semelhante a este, é: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." É importante ressaltar que esse verso é uma citação de Jesus, referindo-se ao Capítulo 6 versículo 5 de Deuteronômio.

Catolicismo

Os Dez Mandamentos (ou Decálogo) é a síntese da Antiga Lei de Deus . A Nova Lei ou Lei de Cristo exposta no Sermão da Montanha é a base fundamental da moral católica. A Igreja Católica exige dos seus fiéis o cumprimento obrigatório destas regras.

1º. Segundo as próprias palavras de Jesus, quem ouve os seus mandamentos e os coloca em prática "tem a vida eterna" (Mt 19,16-21); Quem ama Cristo guarda os seus mandamentos e o maior de todos é o Amor: "o povo mostrar a sua pertença a Deus e responder com gratidão à sua iniciativa de amor" : "Amái-vos uns aos outros assim como eu vos Amei; nisto reconhecerão que sois meus discípulos se vos amardes uns aos outros".

2º. Além dos novos mandamentos da Lei de Cristo, existem também os mandamentos da Igreja Católica Romana; estes mandamentos encontram-se no Catecismo da Igreja Católica e foram inspirados nos 10 Mandamentos e "enunciam deveres fundamentais do homem para com Deus e para com o próximo e para com a Igreja", e que, ao todo, são dez:

1º - Amar a Deus sobre todas as coisas.

2º - Não usar o Santo Nome de Deus em vão.

3º - Lembra-te do dia de Domingo para o santificar.

4º - Honrar pai e mãe (e os outros legítimos superiores).

5º - Não matarás.

6º - Guardar castidade nas palavras e nas obras.

7º - Não roubar. (nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo).

8º - Não levantar falsos testemunhos.

9º - Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos.

10º - Não cobiçar as coisas do próximo.

Segundo o judaísmo, a transgressão de apenas um dos 613 mandamentos da Lei infringe toda a Lei, porque é um "conjunto orgânico e indissociável", e a pessoa que o infringiu cometeu pecado, como está escrito em Tiago capítulo 2, versículo 10: "Qualquer que guardar toda a Lei mas tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos".

Por isso, a diferença dos dois pactos: na Antiga Aliança firmada na Lei não havia perdão da culpa e na Nova Aliança através do Sangue de Cristo temos o perdão dos

pecados através da graça de Cristo que resgata o pecador da maldição da Lei.

Sem, porém, autorizar o descumprimento de um sequer dos mandamentos, Jesus disse:

Mateus, Capítulo 22:

35 E um deles, doutor da lei, interrogou-o para o experimentar, dizendo:

36 Mestre, qual é o grande mandamento na lei?

37 E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

38 Este é o primeiro e grande mandamento.

39 E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

40 Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas.

Marcos, Capítulo 12:

28 Aproximou-se dele um dos escribas que os tinha ouvido disputar, e sabendo que lhes tinha respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o primeiro de todos os mandamentos?

29 E Jesus respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.

30 Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento.

31 E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes.

32 E o escriba lhe disse: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que há um só Deus, e que não há outro além dele;

33 E que amá-lo de todo o coração, e de todo o entendimento, e de toda a alma, e de todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo, é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios.

34 E, Jesus, vendo que havia respondido sabiamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E já ninguém ousava perguntar-lhe mais nada.

Romanos, Capítulo 13:

8 A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros: porque quem ama aos outros cumpriu a lei.

9 Com efeito: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não cobiçarás; e se há algum

outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.

10 O amor não faz mal ao próximo. De sorte que o cumprimento da lei é o amor

Mateus, 5:

1. E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos;

2. E, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo:

3. Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus;

4. Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados;

5. Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra;

6. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;

7. Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia;

8. Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus;

9. Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus;

10. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus;

11. Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa.

12. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.

13. Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que se há-de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens.

14. Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte;

15. Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa.

16. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.

17. Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim revogar, mas cumprir.

18. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido.

19. Qualquer pois que violar um destes mais pequenos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus.

20. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.

Ezequiel, Capítulo 36:

25. Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei.

26. E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne.

27. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis.

Ufa!!!

Ufa!!!

Ufa!!!

Ufaaaaaaaa!!!

Vi, hoje, os meus olhos de carne vendo um religioso dizer que as bem-aventuranças, para poderem ser alcançadas pelo homem-carne, só mesmo com um milagre. E citou esse milagre como sendo a passagem de Ezequiel, Capítulo 36, versículos 25 a 27. Mas, ainda, por nossa conta, e não na do citado religioso, cita-se, também, para tanto, a passagem de Ezequiel, Capítulo 37, versículos 1 a 10. E, em cima do que os meus olhos de carne viram, em espírito, acho que ele, o religioso, estava simplesmente tomado de carne, ao se expressar daquela maneira. É que, enquanto carne, nem mesmo por milagre tal se pode dar. As bem-aventuranças, só em espírito, elas, por si mesmas, valem, hoje e sempre, sem dependerem de vontade humana nenhuma; nesta ou por esta vontade, pois, nem com milagre, para, enfim, terminar amparada a carne. O que Ezequiel diz nas mencionadas passagens bíblicas, manifesta-se em espírito, puramente em espírito e, não, em carne. E todos quantos se manifestam em espírito, aí sim, é porque se viram, em espírito, cumpridos, pelo divino, a lei e os profetas, os mandamentos, que se resumem no amar Deus sobre todas as coisas, leia-se sobre toda a carne, e o Eu para outro Eu próximo, como àquele Eu amado. Assim, ser pobre em espírito faz, em espírito, a mansidão; faz, também, em espírito, o pacificador pacífico; faz, igualmente, em espírito, com que não resista o Eu ao mau; faz a construção (espiritual) sobre a rocha (Jesus); faz, em espírito, entregar a capa; faz, em espírito, caminhar mais do que se pede; faz, em espírito, dar a outra face. A pregação de religiosos, em geral, é simplesmente indicadora de uma direção humana, quando, por certo, deveria ser puramente espiritual, no sentido de se abster o humano, e o provimento do amor se manifestar, em espírito, nunca em carne. É claro que o comer e o vestir não devem ser motivo de preocupação, pois quem, em espírito, nasce de novo, tem todas estas coisas (comer e vestir) por acréscimo, eis que o Eu, nele residido, atendeu a todo um discurso de um sermão espiritual. Mas, nunca, evidentemente, como dimensão da carne, o que engana por demais e tem feito da maioria dos homens-carne, de todos os tempos, de todos os credos, de todas as raças, os puramente pretensiosos, os tais “anáis” ou “caifaz” ou os tais “herodes” ou “pilatos”. Ou os “pedros”, que negam ou os “judas”, que traem. “Não seja feita a minha, Pai, mas a tua vontade”, clímax de uma verdade, em espírito, no Getsêmani do espírito. Então, que libertação é

uma que tanto se proclama, se dela decorrem imposições, cujos cumprimentos não devem estar na vontade (possibilidade) do homem-carne? Há, nisso, uma contradição, algo que se não encaixa. Vejo o sermão do monte, um discurso maravilhoso, sim, mas a sua valia extrapolaria, porventura, por uma vontade meramente humana, até a transcendência? Jamais. Jamais. O que prevalece é a vontade do divino. Portanto, aspirações humanas, só e somente só sob perspectivas enganadas e enganosas, que deixam os homens anestesiados por anseios de eles mesmos, por vias próprias, suas, assumirem mando, e nem tanto comando! E, assim, enxergarem-se assumidos, apenas, quais verdadeiros “anás” ou “caifaz”, ante panorama no qual se proclamam religiosos, como aprisionadores, portanto, do divino, como dominantes ou como dominados, ou, então, como verdadeiros “herodes” ou “pilatos”, também como dominantes ou dominados, com armas, em tempos de guerras ou, nos tempos ditos de paz, com aquilo que é posto a contragosto e que tem o salgado nome de imposto. Ou ainda como os “pedros”, que negam, ou ainda como os “judas”, que traem. Logo, o sistema moral e ético de libertação e de imposições, sintetizado, pelo espírito, em espírito, por espírito, residido na carne de um nazareno, não comanda verdadeira e direta forma de agir (possibilidade) humana, mas verdadeira forma de agir divina, que tudo pode, que tudo quer. Pois para o homem, não para o divino, as circunstâncias do querer, do quando quiser, do como quiser, do para quem quiser, do quanto quiser etc. limitam, naturalmente, àquele, nunca a este, eterno, infinito. Portanto, todo o discurso de libertação e de imposição, em espírito, por espírito, se exhibe como efetivamente assaltado, pela grande parte dos homens, religiosos, não-religiosos, políticos, não-políticos etc., pois, em verdade, se suas vontades são de carne, ficam perdidas no imanente, sem força nenhuma de transcendência, esta que é domínio único do Senhor, do divino, cuja vontade unicamente prevalece, sem depender disto ou daquilo, eis que quem disto ou daquilo depende é o homem. Assim, é em vão qualquer iniciativa sua, nem que agisse andando nos trilhos de um sermão santo, como tão bem evidenciam desperdícios os *Kirie Eleisom* dos seus lábios, cantados ou falados nos templos do mundo. Pois nem estes deveriam ter direção para a carne. É preciso dizer que as manifestações divinas cuidam de um reino que não é deste mundo. E se você, leitor, ainda não percebeu bem o motivo do lançamento, no longo intróito produzido neste escrito, de tantos sinais interrogativos, entre parênteses, isto tem o propósito de demonstrar e denunciar que o sistema religioso julga os homens com um poder próprio descomunal de poderem se salvar a si próprios, enquanto realidades de carne, de nervos, de músculos, de ossos, razão por que se os deve enxergar, por assim se auto-direcionarem, como verdadeiros “anás” ou “caifaz” ou mesmo verdadeiros “herodes” ou verdadeiros “pilatos” ou verdadeiros “pedros”, que negam ou verdadeiros “judas”, que traem. Não nego, mas há, em espírito, os que não negam, nem traem, nem se igualam a “anás” ou “caifaz”, nem se igualam a “herodes” ou a “pilatos”, mas, insiste-se em dizer e reafirmar, em espírito, de espírito, por espírito. São os Eus muito bem resididos em carnes que dão de graça no mesmo grau de graças que recebem, em espírito. Essas carnes não querem saber de proveitos, mesmo que os acréscimos do vestir e do comer sejam inevitáveis, no mundo e para o mundo. Alimentam-se em espírito, no Eu, e por bem saciados se dão esses Eus. Numa guerra que se pode dizer cósmica, muitos desses Eus têm logrado permissão de Deus e as carnes em que residentes e habitados revelam humanidade plena, como no exemplo maior da carne de um nazareno tão famoso. Sim, porque Deus é essencialmente bom, contudo, de sua bondade mesmo é que se prevaleceu um anjo de luz que o assistia, no Céu, Lúcifer, e este terminou travando batalha com o Filho Unigênito, em Espírito, portanto, e perdeu aquele anjo, no sentido de permanecer, ante o seu combatente, preso e, portanto, impossibilitado de ações más, até a consumação do século. Foi quando um quando teve eclosão, por meio de “fiats”, com lugar para um-princípio-de-criação, neste compreendendo o homem, como criatura, na inocência de uma vida paradisíaca, num jardim chamado Éden. Mas aquele anjo perdedor, embora preso ante o Filho Unigênito, teve a permissão, por amor de Deus (só pode ter sido) e foi precipitado para a Terra do mundo da criação, e, aqui,

travestido em falante-serpente, enganou o homem, aquele homem feito de barro, tornando-o, destarte, um desobediente a Deus. Mas Deus, logo em seguida, decretou uma inimidade valiosa até a consumação do século, mediante a qual ficou estabelecido que a mulher, conivente que fora com a serpente, ela e sua descendência pudessem, como podem, ferir a cabeça daquele anjo, enquanto este, o máximo que pode fazer, diante do Filho Unigênito, é lhe ferir o calcanhar. Os opostos, pois, cabeça e calcanhares ou calcanhares e cabeça, conduzem-se a cenário em que esta, a cabeça, termina dominada, enquanto que aqueles não passam de alvos de meros arranhões. Aquele fatal ferimento, em cabeça, então, torna o anjo preso, sem poder de mal, até a consumação do século, isto, efetivamente, para o Eu, na plena vontade divina, que o prendeu. Mas, é deveras importante que sugestivos nomes, como cabeça e calcanhares, sejam alijados do sentido denotativo que se lhes imprime, naturalmente, pois Deus e o Unigênito Filho, em Espírito, prevalecem no conotativo de suas inexpressíveis indimensões infinitas e eternas e, nestas, não se há de deter em apreciações limitadas a quaisquer partes, quais sejam calcanhares e cabeça. É, pois, nesse sentido conotativo, que a libertação verdadeira e a imposição verdadeira acontecem, obviamente, por vontade do divino, sem nenhuma participação humana, senão reflexivamente, em doses de humanidade. Pois, plena de humanidade, por vontade divina, foi a carne residida do Eu, em Jesus: “ Não seja feita a minha, Pai, mas a tua vontade”. E bobos e tolos são os tantos homens, que se entregam a possibilidades de, por eles mesmos, poderem ser os libertos, na carne, assim recuperando, destarte, a liberdade, tomada pela serpente, e, num estado de felicidade de um sermão do monte, sentirem retomada a liberdade perdida. Que iludidos! Só Deus, em espírito e em verdade, adorado em monte santo, pode tudo e dele exclusivamente é que há de surtir o agir em espírito no Eu residido em tantas carnes, em somatório indefinido de Eus, que são eles próprios o próprio Deus.

85.

***IMORTAIS RAPOSAS
OU ENIGMAS DO TEMPO***

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Que mal faziam as coitadas raposas, a animais ou a homens, para que trezentas delas, presas por Sansão, em pares, tochas acesas entre seus rabos, fossem soltas e espantadas e se espalhassem na plantação de trigo dos filisteus, para causar, como causaram, danos a estes, com o incêndio inevitável, mas danos, enfim, causados, também, a elas mesmas, às coitadas raposas, incendiárias sem querer? (Juízes, Capítulo 15, versículos 4 e 5). Pois, naquele tempo, não havia lei de proteção aos animais. E essa proteção, hoje, mostra a face de crime e de criminoso a quem faça maldade dessa natureza. Um paralelo, então, que reproduza o evento como real, no dia de hoje, é dificultoso, com as agressões ambientais, até mesmo se poder reunir cinquenta, quanto mais trezentas raposas! Contudo, conquanto tão antiga, a Bíblia, de cujo livro dos Juízes se extrai a “lição” de um homem que comandou uma nação, por anos, como um arauto de Deus, contudo e conquanto tão antiga a Bíblia - vínhamos dizendo - tem ela aplicação como de um periódico de todos e de cada um dos dias, dos meses, dos anos, dos centenários e dos milênios que vão passando, que vão passando, que vão passando, e nós com eles! Mas nós e as raposas vamos ficando, como fica a mensagem do estratagema escolhido, serventia com que se tem por agradável a Deus e se é de aplicação irrepreensível contra inimigos; Filisteus, infíeis, que a natureza contemplou com viçosos trigais, fartura de viver bem, mas o trigo não podia resistir, não propriamente àquelas raposas, mas ao fogo que carregavam em seus rabos. De que valeu, se hoje não se tem tantas raposas, e o trigo do bem é sempre trigo, mas os filisteus e Sansão e os que o ajudaram na artilosa tarefa estão sob o registro perpétuo de raposas incendiárias sem querer? Vinha querendo dizer que os irracionais, símbolo da esperteza, animais selvagens, devem ter dado um trabalho enorme, pois não o Sansão, sozinho, aquele que matou mil filisteus com a mandíbula de um jumento (Juízes, Capítulo 15, versículo 15), mas uma equipe de alguns homens bem treinados, para, primeiro, erguerem armadilhas, depois reservarem um espaço seguro para manterem presas as raposas; e, como se tudo isso ainda não bastasse, o exercício de muita destreza para dominar cada um daqueles animais, em pares, colocar a tocha, acendê-la e, ao mesmo tempo, soltá-las e espantá-las com vista a obter o pretendido resultado. Sem dúvida, não se poderia ficar sabendo de todos esses pormenores, não fosse a raposa-rebelde que tomou a direção de minha casa, que ficou com certo dano, chamuscada, pois a tal raposa, já um tanto idosa e cheia de filhotes, achou de se queixar a mim, como se fosse eu algum oficial de repressão. Mas, que loucura, o fogo no rabo pode ter derretido o juízo daquele coitado animal. Isso me deixou reflexivo, perguntando a Sansão, desde aquele remoto tempo de um juízo que perdura até esses meus dias e esses dias teus, também, leitor, se Deus estaria em Sansão, nas raposas ou nos rabos delas, ou Deus estaria só e somente nele mesmo? O aparente ontem que é hoje, é nada?, nada sim, como carne, que aproveita, só nada aproveita (João, Capítulo 6, versículo 63, parte final), inclusive às raposas, com rabos felpudos e tochas fumegantes, já bem fumegantes os seus rabos, tão sedosos e felpudos. Sansão deveria ter reparado nisso. Mas há sempre um tempo de recuperação. Esse é sempre um tempo de raposa, desde que haja seus rabos e as tochas e o fogo (devorador) sem consumir-se, tal como a sarça ardente, no alto do monte santo. E, quem tem raposa de astúcia, astuto o é, sim, Senhor!

Diz-lhes este livro, caro leitor, prudentíssima leitora:

Quando, um dia, num momento, ainda que seja um só momento, vocês, que suas mãos me sustentam, tiverem o alcance da minha essência, com certeza essas suas mãos sentir-me-ão como uma brasa viva e, logo, vocês cuidarão de me repassar adiante, a outrem.

PARA ANOTAÇÕES

PARA ANOTAÇÕES